

"ELA ESCREVE MELHOR DO QUE AGATHA"

— The New York Times Book Review —

1938

INGAIO MARSH



OS ARTISTAS DO CRIME

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ngaio Marsh
Os Artistas do Crime

Tradução de Luiz Corção

1984 Editor: Victor Civita

Título original:

"Artists in Crime" ©Copyright by Ngaio Marsh, 1938

©Copyright desta edição, Abril S.A. Cultural, São Paulo, 1984.

Publicado sob licença do Espólio de Ngaio Marsh, através de

Hughes Massie Ltd., Londres, e

Editora Artenova Ltda., Rio de Janeiro.

Tradução publicada sob licença da Editora Artenova Ltda., Rio de Janeiro.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação

Câmara Brasileira do Livro, SP

Marsh, Ngaio, 1899—

M327a Os artistas do crime / Ngaio Marsh ; tradução de Luiz

Corção. — São

Paulo: Abril Cultural, 1984.

(Série mistério e suspense)

1. Ficção policial e de mistério (Literatura inglesa)

2. Romance inglês I. Título.

84-0006

CDD-823.0872

-823.91

índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Século 20: Literatura inglesa 823.91

2. Romances policiais: Literatura inglesa 823.0872
3. Século 20: Romances: Literatura inglesa 823.91

Da capa do livro: OS ARTISTAS DO CRIME - Ngaio Marsh

Um encontro casual num navio apresenta Roderick Alleyn, da Scotland Yard, à pintora-retratista Agatha Troy. Mas a intriga começa, na verdade, com o assassinato da modelo de Troy durante uma pose e qualquer um de seus alunos pode ser o criminoso. Uma trama repleta de ódio, chantagem e inveja.

Das abas do livro:

Edith Ngaio Marsh (1899-1982) nasceu em Christchurch (Nova Zelândia), descendente de uma família inglesa de colonizadores.

Ngaio, nome com o qual assinou seus livros, é uma palavra maori que pode significar árvore, reflexo de luz na água ou, então, inteligência e habilidade. Miss Marsh queria dedicar-se à pintura, mas começou sua carreira escrevendo um texto teatral; trabalhou como atriz, diretora e produtora de espetáculos teatrais no grupo English Shakespeare Company e em algumas companhias amadoras. Em 1928 foi para a Inglaterra, obtendo sucesso como decoradora, mas faliu durante a Depressão. Toda sua vida foi repartida entre a Inglaterra e seu país, entre o teatro e os romances. Tornou-se conhecida mundialmente como criadora do detetive Roderick Alleyn, superintendente da Scotland Yard, que aparece na sua primeira história *A man lay dead* (O Jogo do Assassino), de 1934. Outras novelas seguiram-se, firmando seu prestígio entre as maiores romancistas inglesas como Agatha Christie e Dorothy Sayers, entre outras. Juntamente com essas duas escritoras e mais Margery Allingham, foram conhecidas como as quatro originais “Rainhas do Crime” – escritoras britânicas que dominaram o gênero durante as décadas de 30 e 40 do século XX.

O público dessas mulheres maravilhosas e seus crimes arrepiantes é extremamente fiel e apaixonado porque juntamente

com a intriga bem montada, em ambientes sugestivos, há sempre a figura de um arguto detetive que conduz o leitor pela trama e pela dedução das histórias. Roderick Alleyn, criação de Miss Marsh, aparece em mais de vinte livros e, coisa curiosa, seu método se aperfeiçoa e sua vida particular cresce a cada nova investigação, envolvendo enormemente os leitores. A lista de personagens secundárias também contribui para o encanto dos aficionados como Troy, a pintora, e Fox, o inspetor e colega de Alleyn. Ngaio Marsh é uma escritora séria e acompanha seus crimes com um time de profissionais do ramo como datiloscopistas, médicos legistas etc., criando narrativas mais verossímeis. Em 1966 ela recebeu da Rainha da Inglaterra o título de Dame Commander of the Order of the British Empire.

Para

Phyllis e John

Personagens da história:

Detetive-Inspetor-Chefe Roderick Alleyn, C.I.D. (Criminal Investigation Department)

Miss Van Maes.....A Rainha do Navio

Agatha Troy, R. A.....De Tatler's End House Bossicote, Bucks. Pintora

Katti Bostock.....Conhecida pintora de trabalhadores e músicos negros

Nigel Bathgate.....Jornalista

Lady Alleyn.....De Danes Lodge, Bossicote, Bucks. Mãe do Detetive-Inspetor-Chefe Alleyn

Cedric Malmsley.....Um estudante barbudo

Garcia.....Um Escultor

Sônia Gluck.....Modelo

Francis Ormerin.....Estudante de Paris

Phillida Lee.....Estudante de Slade

Watt Hatchett.....Estudante da Austrália

Honorável Basil Pilgrim.....Estudante nobre

Valmai Seacliff.....Estudante com sex-appeal

Superintendente Blackman.....Da polícia de Buckingham

Detetive-Inspetor Fox, C.I.D.

Detetive-Sargento Bailey, C.I.D.....Datiloscopista

Detetive-Sargento Thompson, C.I.D.....Fotógrafo

Dr. Amphill.....Médico da polícia em Bossicote, Bucks

P. C. Sligo.....Da polícia de
Bossicote
Uma empregada
Bobbie O'Dawne.....Uma dama do coro
Um Corretor
Ted McCully.....Encarregado do
depósito de automóveis
Dr. Curtis, C.I.D.....Médico da polícia
Capitão Pascoe.....De Boxover
Seu empregado

Capítulo I

Prólogo no mar

Alleyn debruçou-se na amurada, olhando lá embaixo o cais molhado e sujo e os rostos das pessoas que olhavam para cima. Dentro de um minuto ou dois todos eles iriam afastar-se, perdendo significado e tornando-se apenas uma vaga lembrança. "Paramos em Suva." Deu-lhe, de repente, um desejo de traçar um círculo mental em torno da cena lá embaixo, de isolá-la para que pudesse guardá-la claramente em seu espírito para o resto da vida.

Despreocupadamente de início, e depois com uma concentração absurda, começou a memorizar a partir de um detalhe. Um nativo alto com cabelos pintados em carmesim-vivo contra o verde-claro de um monte de bananas.

Depois o rosto escuro com meios-tons líquidos azuis do reflexo da água, o corpo escuro e lustroso, o saiote branco e as pernas fortes. O desenho feito pelos pés nas pranchas molhadas. Aquilo tornou-se um páreo. Quanto conseguiria ele reter na lembrança antes que o navio saísse? Era preciso guardar o som também. As passadas firmes nas pranchas molhadas, o lânguido murmúrio de vozes e os pedaços de canções que vinham de um grupo de moças da terra perto dos blocos de coral brilhantes. Era preciso ainda não esquecer os cheiros de óleo de coco, de pranchas molhadas, de jasmim... Foi ampliando o seu círculo para incluir outras figuras, como a indiana de sari vermelho sentada ao lado das bananas verdes; os telhados molhados na doca e as estradas cheias de lama que se enfiavam pelos pântanos e pela montanha escura. E havia as montanhas arroxeadas nas bases e perdendo-se entre nuvens contra um céu sombrio, nuvens que eram azuladas nas bordas e pesadas com a chuva que ainda não caía. Tudo era escuro, mas havia a violência da cor. Era uma

combinação de marrom-molhado, verde-ácido, magenta e índigo. As vozes retumbantes dos nativos, altas e profundas, como se falassem através de tubos, atravessavam o ar úmido e tornavam-se vibrantes.

Tudo começava a afastar-se um pouco. O navio já soltara as amarras. Já o quadro tornava-se distante e os sons em breve teriam desaparecido. Alleyn fechou os olhos para encontrar toda aquela impressão ainda vivida por baixo das pálpebras. Quando tornou a abri-los a distância era bem maior. Já não queria mais ver o cais e voltou-se.

A Rainha do Navio estava no meio de um grupo de rapazes rememorando o que fizera em terra, e todos eles riam sem esconder a adoração.

Um deles quis provocá-la dizendo que em Honolulu ia ser ainda muito mais quente.

— Pode ser que seja, mas não será tão excitante.

— Honolulu é fogo!

Ela deu uma risadinha e ensaiou uma dança havaiana com os quadris.

— Vocês vão ver só. — Olhou para Alleyn e gritou. — Olhem só quem está aqui! Venha para cá juntar-se à nossa festa.

Alleyn caminhou para onde estavam. Desde que tinham saído de Auckland ele vinha notando as manobras dela apesar de todos aqueles rapazes que a perseguiam. Ele não sabia o que fazer, embora a achasse encantadora e não fosse de todo desagradável a possibilidade de um namoro para amenizar a pasmaceira da viagem. Aquilo era um desafio à virilidade dos seus quarenta anos.

— Olhem só para ele! Não é a coisa mais linda que já se viu? Essa história do inglês tranqüilo sempre me bole com os nervos. E vejam como ele nem liga! Meninos, vou ser bem franca com vocês. Ouçam esta. Mr.

Alleyn é o meu grande fracasso. Eu nada sou para ele!

Alleyn pensou consigo mesmo que ela era bem chata, mas tinha que dizer alguma coisa.

— Miss Van Mães, então não reconhece um covarde?

— Como?

— Bem... eu não sei...

— Oba, pessoal, vamos passar a barreira — disse um dos rapazes.

Correram todos para a amurada. O mar corria preguiçosamente pelas rochas numa marola contínua. Por cima da ilha as nuvens de chuva ainda estavam suspensas. As ilhas no horizonte eram iluminadas por fugazes réstias de sol que faziam sobressair as cores. O navio atravessou a barreira.

Alleyn aproveitou para escapular e subiu para o convés, onde não havia ninguém, já que os passageiros estavam ainda todos no convés de baixo.

Encheu pensativamente o seu cachimbo enquanto olhava a ilha ao longe.

Estava agradável ali. Uma grande tranqüilidade.

— Diabo, diabo, diabo! Que raio! — exclamou uma voz de mulher.

Alleyn assustou-se e olhou para cima. Sentada na cobertura de lona de um dos botes estava uma mulher. Parecia estar pintando alguma coisa. Ela levantou-se e ele viu que estava com umas calças de flanela bem surradas e por cima tinha um avental cinzento. Na mão um pincel de cabo longo. O rosto estava manchado de tinta verde e os cabelos curtos estavam desarrumados como se tivesse cocado a cabeça. Era esbelta e morena. Alleyn conseguiu ver o que estava fazendo. Tinha uma caixa de tintas aberta, e apoiada na sua tampa estava uma pequena tela. Alleyn levou um susto. Foi como se as suas lembranças de Suva tivessem se materializado ali na sua frente. O esboço era uma expressão fiel de tudo o que guardara daquela cena no cais. Estava pintada com pinceladas diretas e

nervosas. As cores afinavam-se como se fossem sílabas formando uma frase perfeita. Era de uma simplicidade extrema, mas para Alleyn era profundamente satisfatória, era a expressão de uma emoção e não apenas o registro de uma impressão visual.

A pintora tinha um cigarro apagado na boca e olhava desanimada o seu trabalho. Procurou nos bolsos, mas só encontrou um lenço já sujo de tinta, e tornou a passar a mão pelos cabelos.

— Que raio! — repetiu e tirou o cigarro da boca.

— Quer um fósforo?

Ela levou um susto e perdeu o equilíbrio, sentando-se então.

— Desde quando está aqui? — Na sua voz havia uma certa irritação.

— Cheguei neste instante. Não estava espionando. Quer um fósforo?

— Obrigada. Pode me jogar a caixa, sim?

Acendeu o cigarro olhando para ele por cima de suas mãos longas e delicadas e depois voltou-se para o quadro.

— Está muito bom mesmo, não está? — disse Alleyn. Ela resmungou alguma coisa, encolheu um ombro e voltou ao trabalho. Apanhou a paleta e começou a misturar umas cores com a espátula.

— A senhora não vai modificar nada aí, vai? Ela voltou o rosto e encarou-o.

— E por que não?

— Porque está perfeito. Vai prejudicar tudo. Bem... desculpe-me a impertinência...

— Ora, não seja ridículo — disse ela, impaciente. Apertou os olhos e ficou examinando a tela.

— Eu apenas pensei...

— E eu que tinha imaginado que se me enfiasse aqui em cima estaria livre de intrusos e poderia trabalhar em paz.

— Desculpe-me mais uma vez — disse ele inclinando-se para o seu perfil. Nunca na sua vida havia sido tão francamente

repreendido por alguém assim totalmente estranho. Isso só lhe acontecia com as pessoas que ele era obrigado a interrogar no desempenho de suas obrigações como policial da Scotland Yard. Só que em tais ocasiões ele persistia, ao passo que ali a única coisa a fazer seria bater em retirada. Foi até o topo da escada que descia para o convés inferior, onde parou por um instante, olhando para ela.

— Mas se fizer mais alguma coisa estará cometendo um crime. A tela está perfeita. Até mesmo eu posso ver isso, embora não...

— Embora não entenda nada do assunto. Mas eu sei o que quero e do que gosto — respondeu ela, desabrida.

— Bem, eu não teria usado particularmente este brometo...

Pela primeira vez desde que ele começou a falar, ela lhe deu toda a atenção. Um sorriso encantador aflorou-lhe nos lábios.

— Muito bem. Fiz uma coisa que não devia. É a minha vez de pedir desculpas. Pensei que era um desses chatos que aparecem sempre para dar palpite.

— Que Deus me perdoe!

— Eu não ia alterar muita coisa... — Ela já estava até um pouco tímida.

— É apenas esta figura aqui no primeiro plano... Deixei para depois.

Trabalhei durante uma hora antes de zarparmos. Devia haver uma repetição do azul-cinza ali, mas já não me lembro... — Fez uma pausa mostrando-se preocupada.

— Mas havia mesmo! Era o reflexo da água pelo lado de dentro das pernas. Pois então não se lembra?

— Puxa vida... é mesmo. Espere um pouco, aqui... Apanhou um pincel fino, hesitou um pouco e depois acrescentou delicadamente um pequeno toque na tela. — É isso?

— É isso mesmo! Agora está ótimo. Não falta mais nada e pode parar.

— Está bem, está bem. Como é que ia adivinhar que o senhor também tem a mesma mania, que também é pintor?

— Mas não sou, não. Sou apenas pretensioso demais. Ela começou a arrumar suas coisas.

— Pois posso lhe dizer que é muito observador para um leigo. Tem boa memória.

— Não é um dom natural.

— Quer dizer que treina a sua visão?

— Sou obrigado a fazer isso...

— Por quê?

— É parte de minha profissão. Deixe-me carregar a sua caixa.

— Oh, muito obrigada. Cuidado com a tampa, que está suja de tinta.

Será uma pena estragar umas calças tão bonitas. Quer segurar a tela?

— Quer que lhe dê a mão para descer?

— Não, obrigada, eu salto sozinha.

Alleyn encostou a tela contra a amurada e ficou olhando, e ela veio postar-se ao seu lado também olhando o quadro com desinteresse.

Alleyn de repente exclamou: — Ora, ora! A senhora deve ser Agatha Troy.

— Sou eu mesma.

— Deus do céu! Que pretensioso fui!

— Por quê? Até que estava com a razão e ajudou-me.

— Muito obrigado. Eu fui ver a sua exposição individual em Londres no ano passado.

— Foi mesmo? — Ela não mostrava grande interesse.

— Eu devia ter desconfiado logo. Não acha que há uma certa afinidade entre esta tela e *No estádio*?

Ela arqueou as sobrancelhas. — É mesmo. A composição é quase a mesma. O mesmo sentimento... Bem, é melhor eu ir andando para

minha cabina, para abrir as malas. , — Embarcou em Suva?

— Isso mesmo. Quando estava lá em cima reparei naquela figura no cais. As coisas acontecem assim, às vezes. Larguei minhas malas, mudei de roupa e vim para cá.

Pendurou a caixa no ombro e apanhou a tela.

— Quer que eu... ?

— Não, obrigada.

Ela ficou por um momento olhando para a ilha que se afastava, com as mãos segurando as alças da caixa. A brisa sacudia seus cabelos curtos e escuros para trás, deixando ver o contorno da cabeça e o rosto delicado, os olhos azuis muito fundos e expressivos. O sol mostrava a sua pele morena com algumas manchas de tinta verde. Voltou-se antes que ele tivesse tempo de desviar os olhos, e seus olhares cruzaram-se.

Alleyn percebeu imediatamente que suas emoções estavam mais claras.

Ela estava ali diante dele, ligeiramente corada devido ao seu olhar, mas parecia-lhe estranhamente familiar. Sentiu que sabia qual seria seu próximo movimento e também a inflexão de sua voz clara mas um tanto fria. Era como se ele já tivesse pensado muito nela sem jamais tê-la encontrado até então. Aquilo tudo deixou-o um pouco tonto, sem saber por quanto tempo, até que percebeu que a estava fitando com uma insistência inconveniente.

Ela ficou ainda mais corada e ia retirar-se.

— Desculpe-me. Acho que estava olhando para as manchas verdes no seu rosto...

Ela esfregou-se com a manga do avental, apanhou a tela e saiu.

Ele afastou-se para deixá-la passar e reparou então que estava cheirando a tintas e terebintina.

— Bem... boa noite então... Alleyn deu um risinho.

— Boa noite, minha senhora.

Ela começou a descer de lado com a tela ainda fresca. Ele voltou-se e acendeu um cigarro. De repente ouviu uma enorme algazarra lá embaixo.

Percebeu o cheiro de jasmim e a voz da Rainha do Navio.

— Oh, desculpe-me. Pode descer. Abram passagem, rapazes. Estava pintando, hein? Deixa eu dar uma olhadinha? Eu sou louca por pintura.

Olhem só, rapazes. Que lindeza. É o cais! Que pena que não teve tempo de acabar, não é? Ia ficar uma beleza. Olhem só, é o cais. Precisamos tomar cuidado já que há uma artista a bordo. Vamos ficar nos conhecendo. Eu sou Virgínia Van Mães...

— Meu nome é Troy — disse uma voz que Alleyn não reconheceu.

Seguiram-se as outras apresentações.

— Pois é, Miss Troy, Caley Burt pintou o meu retrato em Nova York. Já ouviu falar nele? É o mais famoso pintor de retratos nos Estados Unidos. Ele estava louco para fazer o meu retrato...

Era uma história bem comprida e Agatha Troy ficou calada o tempo todo.

— Bem, acho que preciso ir ao meu camarote. Peço que me desculpem...

— Ora essa! Claro. Vamos nos encontrar outra vez. Será que viu por aí o tal Alleyn?

— Acho que não sei...

— É aquele alto e magro bonitão. E inglês de verdade. Estou louca por ele. Já apostei aqui com os rapazes que vou pegá-lo...

— E eu até já me despedi do meu dinheiro — disse um deles.

— Nós pensamos que ele tinha vindo para cá...

— Ele subiu para o convés superior...

— Oh! É aquele? Então ele está lá em cima, sim — disse Miss Troy.

— Que diabo! — disse Alleyn baixinho, mas quando percebeu, Miss Van Mães já estava lhe mostrando como tinha feito um verdadeiro *lei* de Honolulu com jasmims de Suva e insistindo para que fosse tomar uns drinques com a turma.

— Muito obrigado, mas acontece que não posso beber agora. Ordens do médico.

— Ora, não seja engraçadinho!

— Estou falando sério.

— Ele está pensando na pintora... — disse um dos rapazes.

— O quê? Aquela? Com a cara toda suja de tinta? Ele ainda não está maluco. Virgem Maria! Acho que a mulher não tem amor-próprio quando se apresenta em público dessa forma. Vocês viram o seu avental? E o quadro?

Eu fui obrigada a ser delicada achando aquilo bonito. É pena que não tivesse terminado. E dei sorte também adivinhando que era o cais de Suva... Vamos lá, Sr. Detetive-Casmurro, acabe com a minha agonia e confesse que ela nada significa para você.

— Miss Van Mães, sabe que você faz com que eu me sinta já meio velho e tonto? Não faço a menor idéia de qual possa ser a resposta certa para qualquer de suas perguntas.

— Quem sabe eu poderia lhe ensinar. Quem sabe eu poderia lhe ensinar muitas coisas boas, meu amor.

— É muita bondade sua, mas o fato é que já passei da idade de aprender.

Ela arregalou os olhos enormes. Tinha uma beleza que não era humana.

Uma beleza de estrela de cinema. Devia estar mesmo um pouco "alta". *

— Pois bem, a minha aposta ainda está de pé: que você me beijará antes de chegarmos a Honolulu. Pago dois por um para quem quiser pegar.

— Seria para mim uma honra...

— Seria mesmo, hein? Pois é o que vamos ver.

Ela ficou olhando para ele e o seu rosto lindo e geralmente sem expressão mostrava agora uma sombra de dúvida.

— Escute aqui... Não vai me dizer que está amarrado naquela mulher?

— Não sei o que significa "amarrado", mas posso lhe garantir que não sinto nada por Miss Troy e posso lhe garantir que ela também nada sente por mim.

Capítulo II

Cinco cartas

De Agatha Troy para sua amiga Katti Bostock, a conhecida pintora de operários, mineiros e músicos negros:

"S. S. Niagara 1.º de agosto Querida Katti,

Vou interromper a viagem em Quebec e portanto você vai receber esta carta uns quinze dias antes de eu voltar. Estou satisfeita por ter tudo acertado para o próximo período. É uma coisa de alguma forma cacete a obrigação de ensinar, mas agora que atingi as alturas de poder escolher já não acho tão desagradável. Foi grande camaradagem sua arrumar tudo para mim. Se for possível, veja se consegue que os empregados voltem para casa em 1.º de setembro, pois eu devo chegar no dia 3 e será bom termos tudo pronto para o dia 10, quando começarem as aulas. Sua carta aérea chegou a Suva no dia em que zarpamos. Está certo, contrate Sônia Gluck para modelo. É um animalzinho lindo que sabe como posar, contanto que saiba também comportar-se. Você mesmo poderá fazer um grande nu para a exposição do Grupo no dia 16 mais ou menos. Você pinta bem os nus e não deve ficar amarrada aos seus mineiros. Acabará ficando limitada sem perceber. Acho que ainda não lhe disse quem estará aí no próximo período. Aqui vai a lista!

1) Francis Ormerin. Está agora pintando em Paris, mas diz que todos viraram surrealistas e ele não quer saber disso. Diz que se sente deprimido com seu trabalho ou coisa parecida.

2) Valmai Seacliff. Foi a moça que fez aqueles posters para a Câmara de Comércio. Diz que está querendo trabalhar como modelo, mas o que eu acho é que ela quer pegar alguém.

3) Basil Pilgrim. *Se não me engano ele tem qualquer coisa com Valmai.*

Seu pai, Lorde Pilgrim, já está bem próximo do túmulo. Foi ele, o lorde, que se tornou metodista primitivo uns anos atrás. Lembra-se? Os jornais fizeram um carnaval. Ele ainda surge de vez em quando com ameaças de fogo do inferno para o controle de natalidade. Basil tem seis irmãs mais velhas e Lady Pilgrim morreu quando ele nasceu. Duvido muito que o velho aprove Valmai. Ele já quase ficou louco com as pinturas de Basil, acho eu.

4) Watt Hatchett. *Este é sangue novo. É um moço australiano que encontrei trabalhando em Suva. Muito promissor. É um camarada decidido que estava quase passando fome aqui quando o encontrei. Tem uma voz antipática e nada mais conta para ele senão o seu trabalho, seus entusiasmos e suas ojerizas. É possível que ele crie problemas com os outros e que fique na defensiva, mas o seu trabalho é bom.*

5) Cedric Malmsley. *Tem uma encomenda de ilustrar edições de luxo de romances medievais e quer cuidar disso com um modelo ao seu alcance.*

Acho que vai dar certo. Disse-lhe que falasse com você. Já me disseram que deixou crescer uma barba loura repartida ao meio e que está usando sandálias.

6) Wolf Garcia. *Recebi uma carta dele. Está sem dinheiro, mas tem uma encomenda para fazer as figuras da Comédia e da Tragédia em mármore para um novo cinema em Westminster, e pede-me então que lhe dê licença para ficar comigo e fazer o modelo em barro. Não selou a carta, que estava escrita em papel higiênico. Com certeza vai aparecer por aí antes de você receber esta carta. Pode deixá-lo usar o estúdio, mas muita atenção se Sônia estiver por aí. Ele diz que alguém lhe emprestou um estúdio em Londres para depois do dia 20, de forma que não ficará aí por muito tempo. Bem, não se zangue comigo, Katti. Você sabe que o coitado é realmente um gênio e os*

outros pagam-me muito bem, portanto posso dar-me ao luxo de sustentar um ou dois pesos mortos. É isso mesmo, você acertou: Hatchett é o outro.

7) Phillida Lee. Acaba de sair de Slade. Pai rico. Ela me enviou uns trabalhos seus junto com um pedido para trabalhar sob minha direção, "porque sempre foi esse o seu mais ardente desejo etc. etc". Respondi pedindo um preço absurdo e ela topou logo.

8) E então temos você, minha querida. Já falei com os outros todos para se entenderem com você. Malmsley, Ormerin e Pilgrim podem ficar no dormitório; Garcia num dos sótãos e Hatchett no outro. Você fica no quarto amarelo como sempre e as outras duas ficam no azul. O principal é segregar Garcia. Você sabe como ele é e eu não tolero essas coisas. Pensando bem, talvez seja melhor colocá-lo no estúdio e o modelo ficaria então no sótão. Eu acho que eles já estavam vivendo juntos em Londres. Mais uma coisa ainda, vou fazer um retrato de Valmai. Poderá servir para Burlington House e para o salão. Ela será um bom modelo para o que tenho em vista.

Estou escrevendo esta na sala de leitura no primeiro dia depois de nossa partida de Suva. Pintei uma coisinha pequena no cais antes de sairmos. Saiu bem boa. Fui interrompida por um homem que pensei ser algum tolo e que acabou sendo bem inteligente, e eu fiquei sendo a tola. Temos uma ex-estrela de cinema dos Estados Unidos solta no navio e fazendo misérias.

Parece uma daquelas que a gente vê nas capas de revista, mas comporta-se como se fosse a fúria dos deuses. O homem parece que é propriedade dela, de forma que, afinal, ele acaba sendo mesmo um tolo.

Se acontecer qualquer coisa, eu acrescentarei. Foi tudo muito interessante até aqui e estou contente por haver tirado estas férias. Suas cartas são sempre ótimas. Estou aflita para ver os seus trabalhos. Pense em um nu para o Grupo, senão você vai ficar sendo conhecida como a Rainha dos Mineiros.

Mais tarde. Vamos chegar a Vancouver amanhã. Foi uma viagem muito tranqüila depois que saímos de Honolulu, onde a Rainha do Navio desembarcou. Antes disso foi um verdadeiro inferno. Ainda por azar, ela conseguiu um exemplar de *A Paleta*, onde havia um suplemento especial sobre minha exposição e convenceu-se então de que eu era mesmo artista de verdade. Quando viu a reprodução do retrato da família real, não me deixou mais em paz. Queria a viva força que fizesse o seu retrato antes de chegarmos a Honolulu. O papai iria adorar. Mudava de roupas seis vezes por dia e sempre que podia fazia poses para me impressionar. Tive que alegar uma artrite na mão, mas foi um azar, porque havia outro passageiro que eu estava querendo pintar, só a cabeça. Só consegui tratar disso depois de sairmos de Honolulu. Ele é um detetive que mais parece um grande de Espanha. E também se comporta como se o fosse, todo cheio de atenções e medidas. Que diabo! Isso parece um achincalhe gratuito, mas não foi essa a minha intenção. Eu estou numa espécie de defensiva contra ele, de forma que me mostrei bem grosseira, mas ele recebeu tudo com muita linha e, no fim, fui eu quem ficou parecendo uma desclassificada. Foi muito chato. A cabeça está ficando uma beleza.

Muito bem, minha querida, vamos nos ver no dia 3. Irei direto para Tatler's End. Saudades e um beijo de sua Troy.

P.S. — Talvez seja melhor você fechar Garcia no estúdio. Vamos esperar que saia mesmo no dia 20.

De Katti Bostock para Agatha Troy: "Tatler's End House, Bossicote, Bucks.

14 de agosto

Querida Troy,

Você há de ser sempre trouxa fazendo coleção de sanguessugas. Claro que eu sei que Garcia é muito bom em escultura, mas também é um animalzinho que não presta, e que pensa somente em si. Só Deus sabe o

quanto já conseguiu extorquir de você. Está bem. Vou trancá-lo no estúdio, mas se ele estiver atrás de Sônia ou de qualquer outra, pode ter a certeza de que fugirá pelo ventilador. E está muito enganada se pensa que vai se ver livre dele no dia 20. E quem é esse tal australiano, afinal de contas? Claro que é você quem lhe paga a passagem. Aliás, eu mesma não posso falar muito, pois você me emprestou sua casa durante os últimos doze meses. Foi uma maravilha que me caiu do céu e onde fiz os meus melhores trabalhos.

Estou trabalhando agora uma tela de dois saxofonistas negros em fundo cilíndrico. Acho que não está mau. Já acabei. Comecei uma coisa grande usando o diabinho de Sônia Gluck. É uma pose de pé e ninguém pode com ela! No entanto, ela já concordou em vir para o próximo período, com o seu preço exorbitante, logo que soube que Garcia e Pilgrim estariam na classe.

Malmsley chegou hoje, com barba e tudo. Só fala na encomenda das ilustrações e mostrou-me algumas realmente muito boas. Já conheço bem Pilgrim e gosto de seu trabalho. Dizem que Seacliff não o larga, e deve estar querendo o título. É uma verdadeira ninfomaníaca mesmo! É engraçado essa história de sexo. Eu nunca inspirei nenhum pensamento que não fosse respeitável e, no entanto, dou-me bem com os homens de um modo geral. Já você é diferente. Ficariam logo apaixonados se você lhes desse trela, mas nunca sabem onde estão em vista de sua atitude neutra, e acabam por se conformar com o que você realmente vale. Seacliff e Pilgrim chegam amanhã. Já me encontrei com Phillida Lee. É uma figura! Virá no dia 9, assim como Ormerin, que me escreve de Paris e parece muito deprimido.

Cara simpático. Não sei se você já reparou que classe estranha vamos ter neste período. Vai ser impossível manter Sônia em seu lugar, seja lá qual for o lugar de um modelo. Garcia, se estiver aqui, ou estará correndo atrás dela, o que será desagradável, ou então estará fugindo dela, o que ainda será pior.

Valmai naturalmente vai esperar que todos os homens estejam correndo atrás dela, e se isso acontecer Sônia é quem vai pagar o pato. É possível que com Basil fígado Valmai se comporte melhor, mas duvido muito. Bem, você conhece isso tudo melhor do que eu, mas com certeza vai se manter dentro do velho figurino de não tomar conhecimento. Você é aristocrata demais e a

sua capacidade para ignorar as coisas desagradáveis é um pouco irritante para uma simples plebéia como eu. Tudo vai bem com os criados. Temos os dois Hipkins e Sadie Welsh, da aldeia. Eles só me toleram e estão aflitos pela sua volta. E aliás eu também estou. Quero o seu conselho sobre o trabalho grande com Sônia e estou louca para ver o que andou fazendo.

Conforme seu pedido, não vou escrever mais. Suas alusões ao detetive são bastante incompreensíveis, mas se ele interrompeu o seu trabalho você tinha todo o direito de dar a bronca. O que é que há, afinal? Bem, até o dia 3.

Katti.

P.S. — Garcia acaba de enviar uma caixa de barro e uma quantidade de material, frete a pagar, naturalmente, de modo que estou esperando ser honrada com a sua presença a qualquer hora. Com certeza vamos receber também a conta do barro.

P.P.S. — Rainha dos Mineiros é você.

P.P.P.S. — Chegou a conta do material de Garcia.

Do Detetive-Inspetor-Chefe Roderick Alleyn, C.I.D., para Nigel Bathgate, jornalista: "S. S. Niagara 6 de agosto Meu caro Bathgate,

Como vai Benedict, o nosso homem casado? Senti muito não estar presente ao casamento e pensei em vocês dois lá no meio das montanhas da Nova Zelândia. Aquilo seria o lugar perfeito para uma lua-de-mel. Mas suponho que você e sua Angela foram procurar algo mais sofisticado como a Riviera ou coisa parecida. Você é mesmo um cara de muita sorte e desejo aos dois todas as felicidades do mundo. Agrada-me saber que Angela gostou de meu presente.

Estamos quase chegando a Vancouver e devemos sair no mesmo dia. Eu vou interromper minha viagem em Quebec, pois sempre desejei muito conhecer essa cidade. Isso ainda me dará uns quinze dias na Inglaterra antes de começar a dar duro. Minha mãe está querendo que eu vá passar uns quinze dias com ela, e se puder talvez chegue para ver vocês no dia 21.

Os passageiros do navio são como todos os passageiros em todos os navios. Temos a costumeira Rainha do Navio, que é uma moça do cinema dos Estados Unidos tremendamente bela e atrevida, que me traz constantemente alarmado e cuja beleza chega ao grau mais perto da irrealidade. Temos os globe-trotters de sempre, os aventureiros e as mulheres ávidas. A pessoa mais interessante mesmo é Agatha Troy, a pintora. Lembra-se de sua exposição individual? Fez uma pequena tela maravilhosa no cais de Suva. Estou louco para saber quanto vai querer por ela, mas não posso perguntar porque parece que ela não vai muito com a minha cara. Fica toda eriçada quando me aproximo e não consigo descobrir a razão disso. Talvez seja antipatia natural, mas eu já não penso da mesma forma. Achei portanto estranho quando me perguntou de um modo muito superior se eu concordaria que me pintasse a cabeça. Nunca senti uma sensação igual antes em toda a minha vida. E quando chega então a vez dos olhos ela fica me contemplando de uma forma tão impessoal que eu fico sem saber o que fazer. Até mesmo chega bem pertinho para me olhar bem as pupilas, e sinto-me humilhado. Tento retribuir o olhar impessoal, mas não sei se consigo. O quadro parece que vai ser brilhante, mas também vai ser alarmante.

Fox me escreve com regularidade. Saiu-se muito bem mesmo naquele caso do incendiário. Eu chego a ter medo de voltar, mas acho que não vai ser assim tão ruim. Espero que não me encontre logo às voltas com alguma coisa grande — se Angela resolver colocar veneno de rato no seu Ovomaltine, peça-lhe para fazê-lo fora de meu distrito.

Espero ver vocês dois muito breve, meu caro Bathgate, e aqui vão os meus cumprimentos afetuosos, Sempre seu, Roderick Alleyn.”

Do Detetive-Inspetor-Chefe Alleyn para Lady Alleyn, Danes Lodge, Bossicote, Bucks: "15 de agosto

Minha querida mamãe, A sua carta veio encontrar-me em Vancouver. Claro que quero ir logo para junto de você. Vamos chegar a Liverpool no dia 7 e eu sigo direto para Bucks pelo meio mais rápido que houver. Pelo que vejo, o jardim deve estar mesmo bonito, mas não exagere, sim? Não,

senhora, não deixei meu coração nos antípodas. Você gostaria de receber uma das escuras damas da ilha de Suva? Quase encontrei uma lá, mas o que me deteve foi o cheiro particular delas, de que você certamente não iria gostar. Por falar em Suva, você conhece um lugar chamado Tatler's End House, perto de Bossicote? Agatha Troy, que pintou aquele quadro de que nós gostamos tanto, mora ali. Ela embarcou em Suva e pintou uma pequena maravilha do cais. Escute aqui, mamãe, se algum dia uma tal Virgínia van Mães escrever pedindo para recebê-la, você tem que estar fora viajando ou então de cama com catapora.

É uma beleza dos Estados Unidos que anda perseguindo gente com título. E por falar em títulos, como vai o tal baronete? Ela também queria sair atrás dele, queria saber se era meu irmão. E foi aí que ameaçou vir para a Inglaterra, e já acha que você deve ser a mãe mais adorável do Velho Mundo. Ela é capaz de fazer chantagem intitulado-se a minha mais querida amiga. Portanto, tome todo o cuidado. Eu lhe disse que você era uma megera, mas acho que ela não se importa. Quando receber esta carta você terá sessenta e cinco anos. Dentro de trinta anos eu já terei dez anos mais do que você tem agora, mas você há de querer me controlar. Você se lembra de como eu descobri a sua idade quando você fez trinta e cinco anos? Foi a minha primeira investigação e eu era então bem pequenino. Muito bem, mamãe, não namore o vigário e não se esqueça de preparar tudo para o dia 7.

Seu filho muito dedicado, Roderick.

P.S. — Agatha Troy fez um esboço de seu filho e ele vai tentar comprá-lo para seu presente de aniversário, desde que não seja muito caro."

De Lady Alleyn, Danes Lodge, Bossicote, para o Detetive-Inspetor-Chefe Alleyn, Château Frontenac, Quebec:

"Meu querido Roderick, Sua cartinha chegou bem no dia de meus anos, e foi um presente delicioso. Muito obrigada, querido. Será para mim uma grande alegria tê-lo aqui comigo durante quinze dias. Será um grande prazer ter aqui uma versão Troy de você, desde que não seja muito cara, mas

se for, eu contribuiria de bom grado, meu querido, embora saiba que você prefere arruinar-se, mentindo-me quanto ao preço. Vou fazer uma visita a Miss Troy não somente porque você obviamente deseja que eu faça isso como também porque admiro muito o trabalho dela e gostaria de conhecê-la em pessoa.

George está com a família na Escócia. Anda falando em candidatar-se ao Parlamento, mas receio que apenas vá procurar sarna para se cocar. É uma pena que ele não tenha o seu cérebro. Comprei um tear manual e agora estou criando cães alsacianos. Espero que a cadela não se vire contra você. Ela chama-se Tunbridge Tessa e é muito boazinha. Eu sempre acho, querido, que você não devia ter abandonado a diplomacia, mas, ao mesmo tempo, acho também que as pessoas devem fazer o que gostam e eu adoro ouvir falar dos seus casos.

Até o dia 7, meu filho, sua Mãe.

P.S. — Acabo de descobrir onde fica a casa de Miss Troy. Tatler's End fica a apenas uns três quilômetros de distância de Bossicote e é muito bonita.

Parece que ela recebe estudantes lá. Meus espões informam que Miss Bostock ficou morando lá durante a ausência dela. Vai voltar no dia 3.

Quantos anos tem ela?"

Capítulo III

Reunião da classe

No dia 10 de setembro, às dez horas da manhã, Agatha Troy abriu a porta de casa e saiu para o jardim. Era uma manhã ensolarada com laivos de outono, uma manhã suave. Em alguma parte do jardim haviam acendido uma fogueira e o cheiro de mato queimado impregnava o ar. Não havia a menor brisa.

— Outono! De volta ao trabalho. Que diabo, estou ficando velha.

Parou um instante para acender um cigarro e depois encaminhou-se para o estúdio, onde antes ficava a quadra de tênis. Troy o construía quando herdara Tatler's End House por morte de seu pai. Era uma construção quadrada e sólida, de pedra, com luz vinda de cima e uma única janela de face sul numa estreita alameda. Era um pouco mais baixa do que a casa e a um minuto de distância, estando agradavelmente oculta pelos carvalhos e moitas de lilases.

Troy passou pelos lilases e abriu a porta do estúdio. De longe já ouvia as vozes do pessoal na aula. Já não tinha muita paciência com a classe. Estivera afastada por muito tempo. Ela sabia exatamente como cada um deles se apresentaria e como iriam progredindo seus trabalhos, como o estúdio estaria impregnado dos cheiros de costume, como Sônia, o modelo, estaria reclamando do calor, das correntes de ar, da pose, do frio e novamente do calor. Katti estaria diante de seu cavalete, recuando e avançando para examinar seu trabalho e provavelmente com um dos sapatos rangendo.

Ormerin estaria suspirando, Valmai estaria fazendo poses e Garcia, lutando com a argila junto da janela, estaria assobiando entre os dentes.

Troy deu um suspiro e entrou.

Tudo como imaginara. O estrado (conhecido como o trono do modelo) junto à parede esquerda, os cavaletes com telas novas e virgens, o aquecedor de gás roncando, e a turma. Tinham todos vindo para o estúdio depois do café e, com exceção de Malmsley e Garcia, estavam esperando por ela para arrumar a pose do modelo. Malmsley já estava trabalhando com os desenhos espalhados em cima da mesa. Verificou contrariada que estava vestido com um avental verde-mar e pensou que aquilo devia ser para combinar com a barba. Garcia estava na janela sul contemplando desanimado o seu esboço das figuras da Comédia e da Tragédia. Sônia estava ao seu lado enrolada num quimono branco. Katti Bostock, plantada bem no meio da sala diante de uma imensa tela em branco, largou sua enorme paleta. O resto da turma, Ormerin, Phillida, Hatchett e Pilgrim, estava em volta de Valmai.

Troy foi até a mesa de Malmsley e olhou os desenhos por cima dos ombros dele.

— O que é isso?

— É aquilo que eu estava dizendo — explicou Malmsley numa voz fina e lamurienta. — É a terceira história da série. A mulher foi assassinada pela esposa do amante. Ela está deitada num banco de madeira com um punhal espetado nas costas. A esposa enfiou a adaga por baixo do banco, e quando o amante apertou-a para baixo... está vendo? A faca está escondida pelo manto. A mim parece um tanto exagerado. É claro que seria notado. O raio do editor insiste que quer assim.

— Não será notado se o manto ficar suspenso apenas um pouquinho — disse Troy. — Lá de trás do banco, por exemplo. Aí, quando ela cair, arrastará o manto com ela. De qualquer forma, você nada tem a ver com as probabilidades...

— Não consigo a pose que quero — disse Malsmsley languidamente.
— Quero tratar isso com muito cuidado.

— Bem, você não pode cuidar dos detalhes e minúcias até que tenha o modelo em carne e osso. Acho que essa pose serve tão bem como outra qualquer. É melhor fazer um esboço separado para estudo.

— É isso mesmo que tenho de fazer. Muito obrigado. Valmai estava falando para a sua platéia.

— Eu fiz um sucesso louco na Itália. Os italianos ficam desatinados quando vêem uma loura muito boa. Quando eu passava pelas ruas só ouvia, de todos os lados, "Bella!" e "Bellissima". Foi muito divertido.

— Muito bem, vou arrumar a pose — falou Troy em voz bem alta.

Todos voltaram-se para ela. Troy subiu ao trono que estava montado sobre rodas, como de costume, e começou a arrumar o lugar para o modelo.

Atirou lá uma almofada cereja e foi a uma mala junto da parede de onde tirou um longo pedaço de seda azul. Uma ponta da fazenda ela prendeu na almofada e a outra arrepanhou nas mãos, puxou para um lado e depois prendeu no piso do tablado.

— Agora, Sônia, fique mais ou menos assim.

Mantendo-se longe do pano, Troy ajoelhou-se e depois deixou-se cair de lado numa pose reclinada. O quadril do lado direito estava levantado e o esquerdo agüentava todo o peso da pose. O torso estava meio voltado para cima de forma que ambas as espáduas tocavam o estrado. Sônia fez uma careta de contrariedade quando viu que tinha que ficar torcida.

— Vamos lá agora — disse Troy levantando-se. — Só que você deita-se em cima do pano com a cabeça na almofada. Deite-se do lado esquerdo primeiro.

Sônia deixou cair o quimono. Era uma linda criaturinha de pernas longas com um corpo muito bem proporcionado e seios rijos. Os cabelos negros estavam amarrados para trás deixando ver uma testa suave. A estrutura óssea do rosto era nitidamente definida deixando ver uma espécie de máscara eslava.

— Mas que diabinha! Andou tomando banhos de sol! Olhem só para essas marcas!

— Bem, é que eles ainda não gostam de nudismo em Bournemouth.

Deitou-se como Troy tinha mandado, mas ela ainda empurrou a espádua direita até tocar no tablado. O pano foi preso nas espáduas e escorregou em dobras desiguais pelo corpo abaixo.

— Aí tem você a sua pose, Malmsley. Tente pegar daí mesmo onde está.

Troy fez a volta ao estúdio olhando o modelo de todos os ângulos.

— Está muito bem de todos os lados. Podem começar todos. Você tem que agüentar aí quarenta minutos, Sônia.

— É uma pose terrível, Miss Troy. Toda torcida deste jeito — reclamou.

— Deixe de tolices...

A turma começou a trabalhar. Já que todos os componentes da pequena comunidade de Troy iriam representar algum papel na tragédia que se daria dez dias mais tarde, talvez fosse aconselhável um exame mais acurado de cada um.

O trabalho de Katti Bostock é bem conhecido de todos os que se interessam pela pintura moderna. Na ocasião que estamos descrevendo ela pintava grandes composições de figuras e geralmente escolhia operários para seus modelos. O seu quadro Capataz tinha sido a obra do ano na Academia Real e o sucesso fora considerável. Era uma moça baixa e um pouco gorda, cabelos escuros e muito eficiente. Era muito dedicada a Troy apesar de estar sempre reclamando, morava o tempo todo em Tatler's End, mas não fazia parte da classe.

Valmai Seacliff era magra, loura e muito bonita. Seus pais eram abastados e seu trabalho era bom. Já ouvimos Katti chamá-la de ninfomaníaca e podemos tirar nossas conclusões sobre o acerto da classificação.

Phillida Lee tinha dezoito anos, gorduchinha e muito alegre. Os dois anos da austeridade de Slade não tinham conseguido abafar seus entusiasmos, nem sua franqueza.

Watt Hatchett, o protegido australiano de Troy, era baixo e muito moreno, parecendo os italianos das fitas norte-americanas. Vinha de uma das bocas de Sydney, era muito simples, seguro de si mesmo, egoísta e entusiasmado. Não parecia ter percepção estética de espécie alguma, de forma que o seu talento indiscutível parecia ser uma espécie de parasita desabrochando surpreendentemente num velho pedaço de pau.

Já falamos de Cedric Malmsley, e nada mais temos a acrescentar nessa altura da narrativa.

O Honorável Basil Pilgrim, filho do incrível lorde metodista primitivo, era um rapaz de aspecto agradável, com vinte e três anos, cujo trabalho era sincero, capaz, mas ainda um tanto indeciso. Seu pai considerava todas as escolas de arte antros de vício e depravação, mas tinha consentido no seu ingresso como aluno de Troy porque os pais dela eram da aristocracia rural e conhecidos dele, e também

porque Troy já pintara um quadro mostrando uma reunião de seu credo religioso. A ironia com que ela retratara o acontecimento não tinha sido percebida por ele, que era um velho bem estúpido.

Francis Ormerin era um francês magrinho e delicado que trabalhava em carvão e aquarelas. Os seus desenhos de nus eram notáveis pela beleza das linhas. Era uma criatura nervosa e sobremaneira sensível, dado a acessos de profunda depressão que, na opinião de Troy, eram devidos à sua digestão.

E por fim Garcia, cujo nome de batismo era Wolf (Lobo), mas que ninguém conhecia. Estava sempre com uma barba de dez dias que nunca chegava a ser uma barba cheia; tinha apenas umas calças cinzentas já bem sujas e uma velha camisa, além de uma incrível capa impermeável. O cabelo escuro estava sempre em desalinho, os olhos eram impertinentes e as mãos, lindas. Era completamente despido de qualquer escrúpulo. Dois anos antes apresentara-se uma certa manhã na porta do estúdio de Troy em Londres levando nos braços o seu próprio retrato em argila envolto em panos velhos, sujos e molhados. Entrou no estúdio passando por ela e descobriu a cabeça que trazia. Ficaram os dois olhando-a em silêncio. Depois ela perguntou-lhe o nome e o que desejava. Ele dera-lhe o nome dizendo que queria continuar a fazer escultura, mas não tinha dinheiro. Troy falou-lhe a respeito da cabeça, deu-lhe vinte libras, e nunca mais conseguiu ver-se livre dele.

Aparecia de repente, algumas vezes de forma inconveniente, mas sempre com alguma coisa para lhe mostrar. Só era bom mesmo com a argila. No resto era um fracasso. Parecia só ter sido dotado com aquela forma de expressão que, aliás, era sempre extremamente eloqüente. O seu único interesse era o seu trabalho. Troy ajudou-o, e aos poucos ele foi ficando conhecido. Começou então a trabalhar em pedra. Foi convidado a participar de uma exposição com o Novo Grupo Fênix e de quando em quando recebia algumas encomendas. Nunca tinha dinheiro e, para a maioria das pessoas, era inteiramente

desprovido de atrativos, mas havia mulheres que o julgavam irresistível, e ele aproveitava-se disso ao máximo.

Depois de haver arrumado o modelo, Troy foi até onde estava Garcia. Os outros todos trataram de assumir suas posições conforme os ângulos escolhidos. Troy deu uma olhada no trabalho de Garcia para o novo cinema de Westminster e que ele havia colocado num pedestal alto junto da janela sul. Estava modelado numa pequena plataforma de madeira com quatro rodas e as duas figuras erguiam-se de uma base cilíndrica. A Comédia estava nua, mas a Tragédia trazia um manto drapeado. Acima das cabeças estavam as máscaras convencionais. A composição geral dava uma idéia de chamas com uma forma muito simplificada. O rosto da Comédia, por baixo da máscara risonha, era grave, mas no rosto da Tragédia Garcia conseguira imprimir um sorriso disfarçado.

Ele ficou de pé, de cara amarrada, enquanto Troy examinava seu trabalho.

— Está bom...

— Eu pensei em... — Parou de repente e com o polegar fez um sinal para colocar o pano em cima dos pés da Comédia.

— Eu não faria isso, sabe? Vai interromper a linha. Aliás já lhe disse que não entendo disso. Sou pintora. Por que veio você plantar-se aqui?

— Pensei que não se importaria. Darei o fora dentro de uns quinze dias.

Só queria um lugar para poder trabalhar. — Sua voz era abafada e com um ligeiro sotaque cockney.

— Foi o que você me disse no seu extraordinário bilhete. Está duro?

— Completamente.

— E para onde vai daqui a quinze dias?

— Para Londres. Tenho lá um lugar para trabalhar.

— Onde é?

— Lá para os lados do East End, creio eu. É um velho armazém.

Conheço um cara que me arranjou isso. Vai me mandar o endereço certo.

Antes de começar em Londres eu vou tirar uma semana de férias. Depois faço o molde lá e começo a esculpir.

— E quem vai pagar a pedra?

— Vão me adiantar o dinheiro para isso.

— Pois está indo muito bem. Agora preste atenção, Garcia. Enquanto estiver aqui, trate de comportar-se bem. Já sabe o que quero dizer, não é?

— Não sei, não.

— Sabe, sim. Nada de trapalhadas com mulheres. Você está muito íntimo de Sônia. Estão morando juntos?

— É, você sabe que quando a gente tem fome a gente come.

— Bem, mas isso aqui não é um restaurante, e por favor não se esqueça disso. Está compreendendo? Já reparei ontem quando você estava se engraçando com Valmai. Isso também não pode ser. Não quero nada de boêmia e amor livre por aqui em Tatler's End. Escandaliza os empregados.

Compreende?

— OK!

— O modelo mudou de posição — disse Katti do meio da sala.

— Mudou mesmo — disse Hatchett. Os outros olharam friamente para ele. O seu sotaque australiano era tão forte que chegava a ser cômico. Até parecia que fazia de propósito. Não era costume nas aulas de Troy que alguém tomasse a iniciativa de falar sem que fosse interrogado. Hatchett não sabia disso e Troy, que não gostava de brigas, não sabia o que fazer. Ele era a própria imagem da inocência. Troy foi até o cavalete de Katti e olhou o que ela estava fazendo. Depois foi até o trono e empurrou o ombro direito de Sônia para baixo.

— Fique com ele encostado.

— É uma pose horrorosa, Miss Troy.

— Pois agüente mais um pouco.

Troy começou a correr os trabalhos começando com Ormerin, na extremidade esquerda.

Depois de um minuto de silêncio, disse-lhe que não estava gostando.

— Ela não fica quieta. Está sempre se mexendo. Assim é impossível trabalhar, impossível mesmo.

— Comece outra vez. A pose agora está correta. Reproduza-a diretamente. Você sabe fazer isso.

— Meu trabalho vem sendo abominável desde os últimos três meses.

Todo aquele surrealismo de Malaquin. Não consigo sentir daquela maneira, mas também não consigo deixar de tentar quando estou lá. É por isso que volto para aqui. Não sei o que fazer.

— Tente estudar alguma coisa comum. Não se preocupe com estilo. Isso vem depois. Pegue uma tela nova e comece outra vez com uma coisa simples.

Foi até onde estava Valmai e olhou para as linhas graciosas que fluíam com facilidade. Valmai afastou-se e achou jeito para encostar-se em Ormerin, que parou o que estava fazendo e disse-lhe alguma coisa ao ouvido.

— Eu entendo francês, Ormerin — disse Troy casualmente, ainda contemplando a tela de Seacliff. — Você está indo bem, Valmai. Quero crer que as pernas muito longas são propositais?

— São, sim. É como eu a estou vendo. Alongada e escorregadia.

Foi até Katti, que se afastou da tela com um dos sapatos realmente rangendo. Troy discutiu a posição da figura e foi ver Hatchett, que já tinha começado a usar tinta e estava enchendo sua tela de cores puras.

— Você nem sempre começa assim, não é?

— Não mesmo. Só que pensei em tentar.

— Será porque você viu Katti trabalhando assim? É melhor você ficar com seus próprios hábitos por enquanto. Não se esqueça de que é um simples principiante. Não tente adquirir peculiaridades até que tenha mais método. E este pé aí, está muito grande ou muito pequeno?

— Muito pequeno.

— Acha que esse espaço deve ser mais largo ou mais longo?

— Mais longo.

— Pois então faça assim.

— Está bem, Miss Troy. Acha que esta cor está certa?

— A cor está perfeita, mas não carregue demais na tinta. Aperfeiçoe o desenho...

— Eu sei, mas ela está sempre se mexendo. Olhe onde já está o ombro.

Troy virou-se para a classe em geral e perguntou se o modelo tinha mudado de posição.

— Não!! — gritou Sônia imitando exageradamente o sotaque do australiano.

— Pois mudou mesmo, posso apostar o que quiserem... — insistiu Hatchett, agressivo.

— Espere um pouco — disse Troy.

— Moveu mesmo — afirmou Katti. Troy suspirou.

— Descanso!... Não, não! Esperem um pouco.

Tirou um pedaço de giz do bolso do avental e foi até onde estava o modelo, marcando todos os pontos em que o corpo encostava na madeira, com o pano azul por baixo.

— Agora pode levantar-se.

Sônia sentou-se numa exagerada demonstração de desconforto, pegou o quimono e enfiou-se nele. Troy esticou o pano azul desde a almofada até o chão.

— Terá que ser levado até embaixo pelo corpo todas as vezes...

— Como acontece naquele romance — resmungou Malmsley.

— É isso mesmo. Pode ser feito — disse Valmai. — Nós poderíamos tentar. Lá no armário há uma faca chinesa. Posso ir buscá-la, Miss Troy?

— Se quiser...

— Qual, não vale a pena — disse Malmsley languidamente, levantando-se.

— Onde é que está? — perguntou Hatchett com interesse.

— Na prateleira de cima.

Ele foi a um enorme armário que estava perto da janela e logo depois voltou com uma faca longa de lâmina fina. Foi até a mesa de Malmsley e olhou por cima de seu ombro o que estava escrito, mas Malmsley afastou-se ostensivamente.

— Sim, já estou vendo como é. Que bacana! Que bela maneira para se assassinar alguém, hein? — Passou o dedo na língua e virou a página.

— Eu tenho muito cuidado para manter meus papéis sempre bem limpos...

— Não seja tão enjoado, Malmsley. Dê-me essa faca, Hatchett, e não mexa mais com as coisas dos outros aqui no estúdio. Não fica bem.

— Está bem, Miss Troy.

Pilgrim, Ormerin, Hatchett e Valmai começaram a discutir a possibilidade de usar a faca na forma descrita na ilustração de Malmsley.

Phillida juntou-se ao grupo.

— E onde é que a faca entraria no corpo? — quis saber Valmai.

— Bem aqui — disse Pilgrim, colocando a mão nas costas dela. — Bem por trás do coração, Valmai.

Ela voltou a cabeça e olhou-o com os olhos semicerrados.

Hatchett ficou olhando para ela, Malmsley sorriu curiosamente. Pilgrim tinha ficado pálido.

— Você o está sentindo bater — perguntou ela baixinho.

— Se eu puser a mão aqui...

— Ora, vamos deixar disso — disse o modelo, e indo até onde estava Garcia perguntou-lhe: — Então você acha que poderiam matar alguém assim?

Garcia resmungou alguma coisa que ninguém entendeu e também estava de olhos fitos em Valmai.

— Mas como se iria saber onde colocar a faca?

— Será que não podemos experimentar? — perguntou Hatchett.

— Se quiserem, marquem bem o lugar do trono antes de tirá-lo do lugar — disse Troy.

Pilgrim marcou com giz a posição do trono e depois, junto com Ormerin, o empurraram enquanto o resto dos alunos olhava com interesse. Pelas linhas de giz que marcavam a posição do corpo, num instante encontraram o lugar certo onde seria o coração, e o ponto correspondente por baixo do estrado..

— Agora vocês já podem ver como será possível enfiar a faca por baixo...

— Poderá ser empurrada pela fresta entre as duas tábuas — disse Garcia lá da janela.

— Mas como? Cairá na certa quando fizerem força com o corpo.

— Não me quebrem a faca nem o trono — disse Troy.

— Já vi como é — disse Hatchett já entusiasmado. — A faca é mais larga embaixo. As tábuas a apertam. Talvez seja preciso martelar. Olhem aqui, aposto como se pode fazer.

— Isso não me interessa — disse Malmsley.

— Vamos experimentar — disse Pilgrim. — Você deixa, Troy?

— Oh! Vamos mesmo — gritou Phillida. — Eu adoro uma sangueira!

— Por baixo do trono está uma sujeira — reclamou Malmsley.

— Que pena se você sujar suas calcinhas verdes tão bonitinhas — ironizou Sônia.

Valmai riu-se.

— Eu não vou me meter nisso. Garcia pode fazer se quiser.

— Vamos lá. Aposto cinco pratas como vai funcionar.

— Pelo amor de Deus... — disse Malmsley.

Sônia deu uma risadinha, e Hatchett perguntou-lhe agressivamente se não gostava de australianos.

— Nem um bocadinho, sabe?

— Pois vou lhe dizer uma coisa. Os modelos da escola que eu freqüentava em Sydney ficavam bem quietinhos durante mais de dez minutos.

— Mas pelo que vejo de seus desenhos, você não aproveitou muito lá.

- E também não eram malcriados com os estudantes.
- Talvez porque nem todos eram como você.
- Sônia, já chega. Se vocês querem fazer a experiência, é melhor andar depressa. Vamos recomeçar em cinco minutos.

Entre as tábuas do trono encontraram uma brecha bem no lugar certo.

Hatchett enfiou a lâmina da faca de baixo para cima e empurrou, forçando a lâmina a sair para fora. Depois desviraram o tablado. A lâmina estava ali, ameaçadora, saindo na cruz marcada pelo giz que mostrava o lugar do coração de Sônia. Pilgrim pegou no pano e passou-o por cima da almofada e depois esticou-o por cima do tablado, prendendo-o lá embaixo.

— Vocês estão vendo que a ponta da faca fica a uma altura menor do que a da almofada. Não se vê nada por baixo da seda azul.

— O que foi que eu lhe disse? Garcia veio juntar-se ao grupo.

— Assuma a sua posição, Sônia — disse Hatchett, rindo. Sônia teve um estremezimento.

— Estou imaginando se a ponta apareceria por baixo do seio esquerdo — murmurou Malmsley. — Seria divertido mostrar isso no desenho. Com uma sombra e um filete de sangue. Tudo em preto e branco, exceto o filete vermelho. Afinal de contas trata-se de um melodrama.

— Evidentemente — resmungou Garcia.

— O ponto de suspensão do pano teria que ser um pouco mais alto — disse Troy. — Teria que ser mais alto do que a ponta da faca. Se a sua história fosse algum romance policial moderno, Malmsley, você poderia pintar a faca como está ali.

Malmsley sorriu e começou a desenhar alguma coisa, e Valmai inclinou-se sobre ele com as mãos nos seus ombros. Hatchett e Ormerin ficaram em volta dele, e Pilgrim estava com um braço no seu ombro. Phillida ficou andando em volta. Troy olhou vagamente em torno do estúdio e pensou que tudo quanto imaginara de ruim ia acontecer. Hatchett já estava às turras com Malmsley e com o modelo. Valmai estava bancando a Cleópatra enquanto Sônia estava num canto com Garcia. Alguma coisa nos rostos dos dois chamou a atenção de Troy. Que diabo estariam eles planejando? Garcia olhava o grupo em torno de Malmsley com um estranho sorriso no canto da boca e Sônia olhava para ele com a mesma expressão.

— Você precisa arrancar isso agora, Hatchett.

Não foi fácil, mas afinal arrancaram a faca, empurraram o trono de volta para o antigo lugar, e Sônia, depois de muito reclamar, reassumiu sua pose.

— Encoste mais um pouco o ombro direito — disse Katti. Troy empurrou o ombro para o lugar certo e o pano caiu em dobras sobre a figura reclinada.

— Ai! — gritou Sônia.

— Deixe isso para quando a faca entrar — disse Malmsley.

— Não amole. Já estou me enchendo. Garcia deu uma risadinha.

— Bem entre as costelas e saindo um pouco abaixo do seio esquerdo — murmurou Malmsley.

— Chega!

— Como uma franguinha no espeto... Sônia levantou a cabeça.

— Deixe de ser engraçadinho, Mr. Malmsley. Onde é que você vai buscar suas idéias? Nos livros ou em quadros?

O pincel de Malsley escapou-lhe da mão e caiu em cima do papel deixando uma marca de tinta. Ele olhou firme para Sônia e depois começou a passar uma esponja no desenho. Sônia deu uma gargalhada.

— Já é hora de trabalharmos, vamos parar com isso. A exposição do Grupo Fênix vai abrir no dia 16. Acho que vocês vão querer ir a Londres. Eu vou dar folga aos empregados no fim de semana e começaremos outra vez na segunda-feira.

— Creio que vocês todos vão querer ir ver os trabalhos do Grupo, hein?

— Eu não — disse Garcia. — Estarei saindo para minhas férias nessa ocasião.

— E nós dois? — perguntou Valmai a Pilgrim.

— Você é que sabe, querida...

— Nós dois? Querida? O que quer dizer isso? — perguntou Troy.

— O melhor mesmo é contarmos tudo, Basil. Não quero ninguém desmaiando. Ficamos noivos na noite passada.

Capítulo IV

Um caso para Alleyn

Lady Alleyn levantou-se e olhou para o filho.

— Acho que já chega de jardinagem por hoje, meu filho. Leve esse carrinho para o depósito e depois vamos entrar para beber alguma coisa e conversar. Já ganhamos o dia.

O Detetive-Inspetor-Chefe obedeceu direitinho, enxugou o rosto e entrou para tomar um banho. Meia hora depois foi encontrar sua mãe na sala.

— Chegue-se para junto do fogo, meu filho. Aqui está o conhaque. É

uma garrafa do melhor, para nossa última noite.

— Mamãe, você é a perfeição em pessoa.

— Nada disso, apenas uma boa mãe, e tenho muito orgulho disso. Você está ótimo neste *smoking*, Roderick. Que pena o seu irmão não ter um pouco de sua linha...

— Mas eu gosto de George...

— E eu também, ora essa.

— Que pena ser esta a nossa última noite. Vou passar três dias com Bathgate e a mulher e depois volto para minha mesa, meu telefone, o cheiro da Scotland Yard e para o velho e sorridente Fox. Aliás, estou certo de que vou gostar de voltar.

— E por que você não vem comigo até Tatler's End, Roderick?

— Simplesmente porque não gostam de mim lá, mamãe.

— Como é que sabe?

— Sei que Troy não gosta de mim.

— Que tolice! Ela é uma moça muito inteligente. No dia em que fui lá convidei-a para jantar conosco enquanto você estava por aqui, e ela aceitou.

- Mas quando chegou o dia, não pôde vir.
- E apresentou uma desculpa perfeita, meu filho.
- Claro, pois, como você mesma disse, ela é uma moça muito inteligente.

Lady Alleyn olhou para o retrato que estava pendurado por cima da lareira.

— Ela não pode detestar você tanto assim, meu filho. Aquela cabeça ali desmente isso.

— A apreciação estética de um objeto retratável nada tem a ver com preferências pessoais.

— Ora essa, não diga tolices.

— Você devia ficar zangada com a moça e não comigo.

— Eu não estou zangada, Roderick. Beba mais um drinque.

— De qualquer forma, estou satisfeito de que você tenha gostado do retrato.

— E vocês saíram juntos em Quebec?

— Muito pouco, mamãe. Trocávamos cumprimentos e algumas palavras.

Na última noite levei-a ao teatro.

— E aí?

— Naturalmente trocamos amabilidades...

— Ahnn...

— Mamãe, não se esqueça de que sou detetive. Você fica linda quando cora.

— Bem, Roderick. Não posso negar que gostaria muito de ver você casado.

— Ela nunca sonharia em ter-me como marido. Tire essa idéia da cabeça, mamãe. Duvido muito que venha a ter qualquer outra conversa com Agatha Troy.

O mordomo entrou.

— Uma chamada de Londres para Mr. Roderick...

— De Londres?! Que maçada! Por que você não disse que eu tinha morrido, Clibborn?

Ele mostrou o sorriso tolerante de um bom empregado e abriu a porta.

— Desculpe, mamãe...

Logo que pegou no fone Alleyn sentiu aquele palpito que tão freqüentemente acompanha uma inesperada chamada telefônica interurbana.

Já sentia a Scotland Yard na sua trilha. E não foi surpresa quando ouviu uma voz bem conhecida.

— Mr. Alleyn?

— Sim, sou eu, Watkins. O que há?

— É um prazer tornar a ouvir a sua voz. O comissário assistente quer falar com o senhor.

— Está bem.

— Alô, Alleyn?

— Sim, senhor.

— Você pode ir, Watkins. — Uma pausa. — E como vai você, Rory?

— Estou ótimo, senhor.

— Pronto para dar duro?

— Naturalmente, senhor.

— Muito bem. Olhe aqui. O que acha de reassumir três dias antes de terminarem suas férias? Temos um caso que aconteceu aí perto de onde você está e a polícia local apelou para nós. Seria mais rápido se você pudesse ajudar-nos.

— Claro, senhor — respondeu ele com o coração pequenino. — Quando?

— Agora mesmo. É um caso de homicídio. Anote os detalhes. Endereço, Tatler's End House...

— *Como é mesmo?* Desculpe-me, senhor. Pode dizer.

— Uma mulher foi apunhalada. Você sabe onde é, por acaso? A casa pertence à artista Agatha Troy.

— Eu sei. — Alleyn notou que tinha as mãos suadas.

— O superintendente local lhe dará todos os detalhes. É Blackman, e ele está lá agora. A mulher morreu e parece ser um crime. A vítima é um modelo que posava para os artistas. Vou mandar Fox junto com a sua turma.

Muito obrigado. Desculpe-me arrancá-lo de casa antes do tempo.

— Não há problema, senhor.

— Esplêndido. Fico esperando seu relatório. É um prazer tê-lo de volta.

Até breve.

— Até breve, senhor.

Alleyn voltou para a sala. Sua mãe ia falar alguma coisa quando olhou para ele e logo correu para o seu lado. — Qual é o problema, meu filho?

— Não é nada, mamãe. Querem que eu tome conta de um caso perto daqui. É em Tatler's End.

— Mas o que foi?

— Parece ter sido assassinato.

— Roderick!

— Não, não. Eu também pensei logo, mas foi o modelo. Preciso ir lá.

Posso ir no seu carro?

— Claro, meu filho. — Chamou Clibborn e mandou que trouxesse o sobretudo e mandasse o motorista encostar o carro. Quando o criado saiu, ela pousou a mão nas costas do filho. — Diga a Miss Troy para vir ficar aqui, se quiser...

— Sim, mamãe. Primeiro preciso saber do que se trata.

— Bem, não vai me dizer que irá incluir Agatha Troy entre os suspeitos, hein?

— Se tiver que fazer isso, eu me demitirei. Boa noite. Não espere por mim. Talvez volte muito tarde.

Clibborn entrou com o sobretudo.

— Tome o resto do seu conhaque, Roderick — ordenou sua mãe.
— E passe pelo meu quarto quando voltar, mesmo que seja tarde.

Ele deu-lhe um beijo e saiu para pegar o carro.

Estava uma noite fria com alguma probabilidade de neve. Alleyn dispensou o motorista e saiu ele mesmo dirigindo em alta velocidade.

Enquanto ia viajando, três quadros muito vivos apresentavam-se em seu espírito, um atrás do outro. O cais em Suva. Agatha Troy com o avental sujo de tinta olhando para o mar enquanto o vento lhe atirava os cabelos para trás.

Agatha Troy despedindo-se dele uma noite na margem do Saint Lawrence.

Os faróis iluminaram as plantas do jardim e um portão fechado com um policial de guarda. Uma lanterna elétrica iluminou o rosto de Alleyn.

— Desculpe, senhor.

— Está bem. Sou o Detetive-Inspetor-Chefe Alleyn...

O homem fez uma saudação. — Estão à sua espera, senhor.

Abriu o portão e, para Alleyn, o caminho até a porta iluminada pareceu mais longo do que realmente era. Um outro policial veio ao seu encontro fazendo-o entrar num *hall* agradável onde crepitava uma lareira.

— Vou avisar ao superintendente que o senhor já chegou. — Mas isso não foi preciso pois abriu-se uma porta e entrou um homem grande com rosto vermelho.

— Alô, alô. Que surpresa agradável. Há anos que não nos vemos.

Blackman já estava em Bossicote como superintendente há cerca de seis anos e era um velho amigo de Alleyn.

— Espero que não tenha demorado...

— Qual nada, chegou até bem depressa, Mr. Alleyn. Só falamos com a Yard uma meia hora atrás e disseram-me que o senhor estava em casa da senhora sua mãe. Quer dar uma chegada até aqui?

Acompanhou-o até uma pequena sala muito bonita com paredes cinza-claras e cortinas verdes com listras cereja.

— O que foi que lhe contaram pelo telefone?

— Somente me disseram que o modelo tinha sido encontrado com uma faca...

— Isso mesmo. Uma coisa bem esquisita. Eu bem gostaria de me ocupar do caso, mas estamos cheios de serviço com um caso de roubo muito grande e o pessoal está muito reduzido. Sente-se, por favor, e depois vou lhe contar toda a história antes de irmos ver o corpo. Está bem assim?

— Ótimo.

Blackman abriu o seu caderno e começou a explicar. Esta casa pertence a Miss Agatha Troy, que mora aqui e voltou de uma viagem de um ano no exterior, tendo chegado no dia 3 de setembro. Durante sua ausência a casa foi ocupada por Katti Bostock, que também é pintora. Miss Troy combinou por meio de uma troca de cartas aceitar oito alunos residentes de setembro a dezembro, e todos eles já estavam aqui quando ela chegou. Havia também Sônia Gluck, solteira, vinte e dois anos, modelo contratado por Katti Bostock para todo o período. As aulas começaram oficialmente no dia 10, mas eles todos já estavam trabalhando juntos desde o dia 3. Desde o dia 10 até a sexta-feira, dia 16, eles trabalharam com o modelo todas as manhãs no estúdio. No dia 16, três dias atrás, a classe toda dispersou-se para o fim de semana, para que os alunos pudessem ir a Londres ver uma exposição. Os criados tiveram folga na sexta-feira de noite e foram ao cinema. No estúdio ficou só um aluno, Wolf Garcia, que não tem endereço certo. A casa ficou fechada. Supunha-se que Garcia sairia no sábado, 17, anteontem. Miss Troy voltou sábado ao meio-dia e verificou que Garcia tinha ido embora. Os outros voltaram domingo,

ontem, de automóvel e pelo ônibus da noite. Hoje de manhã, dia 19, a classe tornou a reunir-se no estúdio, que é um prédio afastado da casa cerca de uns cem metros. Aqui está uma planta da casa e do estúdio e uma outra do interior do estúdio.

— Esplêndido — disse Alleyn abrindo tudo na mesa à sua frente.

— Às dez horas a classe estava pronta para começar os trabalhos, e somente Garcia estava ausente. Miss Troy tinha deixado ordens para começarem sem ela. Ela faz isso sempre, a não ser que seja preciso fixar uma outra pose. O modelo deitou-se para reassumir a mesma pose de antes, a mesma até o dia 10. Era uma posição em que ficava reclinada de costas.

Deitava-se parte sobre um pano de seda, parte sobre as tábuas. O modelo estava despido e primeiro reclinou-se do lado direito. Uma das alunas, Valmai Seacliff, Partington Mews, 8, WC4, aproximou-se de Sônia, colocou as mãos em seus ombros e empurrou-a com força para baixo do lado esquerdo. Era o que geralmente se fazia. Sônia gritou "não!" como se sentisse alguma dor, mas como ela sempre reclamava, Miss Seacliff não lhe deu atenção e com as duas mãos empurrou com toda a força o seu peito.

Sônia emitiu um outro som que pareceu a Miss Seacliff um gemido, teve um estremecimento e depois relaxou-se. Miss Seacliff pensou que ela estava fazendo fita e ia levantar-se quando notou alguma coisa anormal, e chamou todos os outros. Vieram todos, Katti Bostock, Watt Hatchett, o australiano, e Francis Ormerin, francês, e aproximaram-se do trono. Hatchett disse: "Ela desmaiou". Miss Bostock afastou-os todos e examinou o corpo. Diz que as pálpebras bateram e as pernas tremeram ligeiramente. Ela tentou levantar o corpo e colocando a mão nas suas costas deu um arrancão. Houve alguma resistência, mas logo depois ela conseguiu levantar o corpo. Miss Seacliff deu um grito dizendo que havia sangue no pano de seda azul e Ormerin exclamou: "*Mon Dieu, a faca!*"

Blackman limpou a garganta, virou a página e continuou.

— Foi então que se viu uma fina lâmina triangular saindo através do pano. Parecia ser a lâmina de alguma espécie de faca que tivesse sido enfiada de baixo para cima através de uma fresta do estrado. Não foi retirada. Parece que mais tarde, quando Miss Troy chegou, ela impediu que se tocasse no estrado depois de ver o que tinha acontecido. Quando examinamos Sônia, descobrimos um ferimento nas costas, na altura da quarta costela, e a uns seis centímetros de distância da espinha. Havia muito sangue, inclusive na faca. Katti Bostock tentou estancar o sangue com compressas. Nesse momento chegou Miss Troy, que mandou o aluno Pilgrim telefonar para o médico. O Dr. Amphill chegou dez minutos depois e constatou não haver mais vida. Miss Troy diz que Sônia morreu poucos minutos depois de ela haver chegado ao estúdio. Sônia não disse nada antes de morrer.

Blackman fechou o caderno, que, modestamente, deixou em cima da mesa.

— Isso são apenas anotações. Ainda terei que colocar tudo em forma de relatório.

— Está bem claro, contudo. Poderia servir para um tribunal.

O superintendente gostou do cumprimento: — Bem, não tivemos muito tempo e é um caso bem curioso. Já temos os depoimentos deles todos, com exceção, naturalmente, do tal Garcia, que sumiu e de quem nada sabemos.

Tudo parece meio estranho pois ele disse que iria fazer uma espécie de excursão no sábado de manhã e deverá estar em algum lugar em Londres dentro de uma semana. Deixou a sua bagagem para ser remetida a um endereço em Londres e tudo já tinha ido quando Miss Troy voltou sábado, cerca das três horas. Estamos procurando encontrar a transportadora que levou as coisas, mas ainda não conseguimos. Tudo estava no estúdio. Parece que ele dormia no estúdio e tinha lá tudo que era seu. Já me comuniquei com os postos policiais num raio de oitenta quilômetros para

procurarem encontrar Garcia. Aqui estão os seus traços: altura, um metro e sessenta e cinco, pálido, olhos escuros, bem magro. Cabelos escuros espessos e um tanto longos. Veste-se geralmente com calças cinzentas de flanela, velhas e amarfanhadas, usa impermeável mas não chapéu. Provavelmente terá uma mochila com material de pintura. Parece que pinta também, além de ser escultor. Tivemos essas informações pelos diversos depoimentos dos outros.

Quer ver os depoimentos antes de falar com qualquer deles?

Alleyn pensou um pouco: — Vou falar com Miss Troy. Conhecia anteriormente.

— Sim, compreendo. Já que a mãe do senhor é vizinha dela...

— O nosso conhecimento é muito superficial. E o que dizem os médicos?

— Prometi avisar Amphill logo que o senhor chegasse.

— Muito bem, Blackman, fale com ele enquanto eu vou conversar com Miss Troy... Fox e os companheiros vão chegar já e então iremos visitar a cena do acidente.

— Muito bem. Vou telefonar para o médico e depois encontrar-me lá com o senhor. O resto da classe está na sala de jantar com um policial de guarda. É um grupo bem esquisito. Ali está a porta da biblioteca...

Alleyn chegou até lá, bateu e entrou.

Era uma sala grande com uma lareira na extremidade e a luz fazia sombras estranhas nas estantes cheias de livros. Ele tinha saído da sala bem-iluminada e ficou um instante sem poder distinguir claramente onde estava.

Das sombras lá no fundo veio uma voz nervosa: — Sim: Quem é? Quer falar comigo?

Uma silhueta esbelta levantou-se à luz trêmula da lareira: — Sou eu, Roderick Alleyn.

— O senhor!?

— Peço-lhe perdão por entrar assim sem ser anunciado. Pensei que a senhora talvez...

— Sim, sim. Entre, por favor — e estendeu-lhe a mão.

— É que não estou enxergando bem...

— Oh! Desculpe. — Acendeu um abajur que estava ali perto e ele viu-a então claramente. Pareceu-lhe mais alta do que se lembrava e o rosto estava pálido por baixo dos cabelos escuros. Alleyn apertou-lhe a mão retendo-a por um instante e depois aproximou-se do fogo.

— É muita gentileza sua vir...

— Infelizmente não é uma gentileza. Estou aqui em serviço.

Ela imediatamente ficou rígida.

— Desculpe-me. Que estupidez a minha.

— Acho que mesmo não sendo da polícia, eu teria vindo da mesma forma — disse Alleyn. — Então a senhora poderia ter repetido a mesma coisa de nosso primeiro encontro e me dizer que fosse tratar de minha vida.

— Precisa estar sempre a fazer-me lembrar de minhas grosserias?

— Não foi essa a minha intenção. Para mim nunca houve grosseria.

Vamos nos sentar, sim?

Sentaram-se os dois diante da lareira.

— Muito bem. Pode pegar o seu caderno de anotações. Alleyn levou a mão ao bolso de dentro do *smoking*.

— Ainda está aqui. A última vez que o usei foi na Nova Zelândia. Muito bem, então vamos lá. Por falar nisso, já jantou?

— E o que tem uma coisa a ver com outra?

— Ora, ora. Não se transforme numa testemunha hostil, quando ainda não há nada que justifique hostilidades...

— Ora, deixe de gracinhas... Mas que raio! Já estou sendo grosseira outra vez. Já jantei, obrigada. Comi um pedaço de uma galinha bem dura.

— Muito bem. Um cálice de vinho-do-porto lhe fará bem. Por favor, não me ofereça. Não devo beber quando estou de serviço, a não ser que seja com propósitos sinistros. Estou certo de que ficou bem abalada com tudo o que aconteceu, não é?

Ela esperou um momento antes de responder.

— Tenho um medo horroroso de gente morta.

— Eu sei como é. Eu também era assim. Antes da guerra. Até agora não consegui acostumar-me.

— Ela era uma criaturinha impossível. Era mais como se fosse um belo animal do que alguém razoavelmente humano. Mas vê-la assim... de repente... tudo acabado. Estava com um ar espantado.

— E, sim. Isso muitas vezes acontece. Espantada como se soubesse.

Sabe se tem parentes para serem avisados?

— Não faço a menor idéia. Ela vivia só... oficialmente.

— Teremos que procurar descobrir.

— O que deseja que eu faça agora?

— Eu quero que me traga a moça de volta à vida para eu ver como era ela. Já sei das circunstâncias imediatas que cercaram sua morte. Logo que chegar meu pessoal de Londres vamos dar uma olhada no estúdio. Enquanto isso gostaria de saber se já lhe ocorreu qualquer explicação possível para o que aconteceu. Devo agradecer-lhe por haver conservado o lugar como estava. Não são todas as pessoas que se lembram disso nessas ocasiões.

— Não encontro explicações razoáveis nem fantásticas, mas há uma coisa que o senhor deve saber imediatamente. Eu disse aos alunos que não falassem à polícia. Sabia que iriam exagerar e achei que seria melhor que me ouvissem primeiro. Vou portanto prestar o meu depoimento oficial agora.

— Depoimento oficial?

— Como o senhor quiser. Quando tirarem o trono do lugar vão achar lá uma faca espetada de baixo para cima por entre as tábuas...

— Vamos mesmo?

—...e vou explicar-lhe como foi. No dia 10, na primeira manhã em que fixei a pose, arrumei tudo para parecer que a pessoa tinha sido assassinada exatamente assim. Cedric Malsley, um dos alunos, estava fazendo ilustrações para um livro sobre um incidente parecido. — Fez uma pausa e ficou olhando para o fogo. — Quando chegou a hora do descanso, começaram todos a discutir a possibilidade de o crime ser cometido daquela maneira. Hatchett, um outro aluno, arranjou uma faca no meio dos guardados e empurrou-a de baixo para cima, no que foi ajudado por Ormerin. O trono foi feito para mim na aldeia e seu acabamento é grosseiro, com as tábuas mal juntadas. A lâmina é mais fina na ponta do que no cabo.

A ponta entrou bem, mas quando chegou perto do cabo foi preciso martelar para entrar até o fim. O senhor vai ver tudo quando examinar.

Alleyn escreveu alguma coisa e ficou esperando.

— O pano foi arrumado para esconder a faca e tudo ficou bem direitinho. Sônia ficou... apavorada. Hatchett tirou a faca com algum esforço e arrumamos tudo nos lugares certos outra vez.

— E o que aconteceu com a faca?

— Espere aí, deixe-me pensar. Acho que Hatchett guardou-a outra vez.

— De um ponto de vista prático, como é que vocês podiam ter certeza de que a faca entraria no lugar certinho para fazer o que fez?

— A posição do modelo estava marcada com giz no estrado. Quando se deitou para a pose, Sônia colocou o quadril direito e a perna dentro das marcas de giz e depois deixou-se cair de lado em cima do estrado. Um dos alunos a colocaria no lugar exato. Se quiser posso desenhar como foi.

Alleyn abriu seu caderno e tirou uma página em branco que entregou a ela junto com o lápis. Troy riscou uns traços e devolveu o

papel.

— Que maravilha a gente poder fazer uma coisa assim com tanta facilidade!

— Dificilmente vou esquecer essa posição.

— E o pano? Não encobre as marcas do giz?

— Somente em alguns lugares. Ele cai de um ponto de suspensão na almofada até o chão. Ela o levava junto quando se deitava. As dobras naturais eram mais interessantes do que se fossem preparadas. Quando os alunos fizeram aquela brincadeira encontraram o lugar certo do coração com muita facilidade dentro dos traços no estrado. A brecha entre as tábuas passava por ali. Hatchett atravessou um lápis e marcaram a posição exata pelo lado de baixo.

— Haverá alguma possibilidade de que tenham repetido a brincadeira na sexta-feira, esquecendo de retirar a faca?

— Eu, naturalmente, logo pensei nisso e perguntei a todos eles. Implorei que me dissessem a verdade... não conseguia convencer-me de que algum deles fizesse isso de propósito... não vejo razão. Nem posso pensar em tal coisa. É como se alguma coisa feia e suja estivesse em algum espírito e saísse dali de repente para cometer essa brutalidade.

Ela acompanhava a exposição com gestos de suas longas mãos e quando terminou respirou fundo e voltou a cabeça.

Alleyn deixou escapar uma exclamação baixinho.

Troy mostrou-se impaciente: — Não se preocupe comigo. Eu estou bem.

Vamos voltar à sexta-feira: tivemos a aula da manhã na forma do costume com aquela pose, das dez até meio-dia e trinta. Almoçamos à uma hora, e depois seguimos para Londres. A exposição era à noite e todos tinham alguma coisa a fazer antes. Valmai Seaclyff e Basil Pilgrim, que estão noivos, saíram logo depois do almoço no carro esporte de dois lugares.

Nenhum dos dois ia ver a exposição. Iam à casa dos pais dele para dar a notícia do noivado, creio eu. Katti e eu saímos no meu carro às duas e meia, mais ou menos. Hatchett, Phillida e Ormerin seguiram no ônibus das três.

Malmsley queria ainda trabalhar e ficou, seguindo somente no ônibus das seis e quinze para encontrar-nos na exposição. Creio que Phillida e Hatchett jantaram juntos e depois foram a um cinema. Acho que ela levou-o para passar o fim de semana na casa de sua avó em Londres.

— E o modelo?

— Pegou o ônibus de duas e trinta. Não sei aonde foi nem o que fez.

Voltou no ônibus da noite de ontem junto com Malmsley, Ormerin, Katti, Hatchett e Phillida.

— Quando terminou a aula na sexta-feira, saíram todos juntos do estúdio e vieram para casa?

— Eu... espere um pouco, deixe-me lembrar... Não, não consigo lembrar-me, mas nós geralmente saímos em grupos. Alguns continuam trabalhando e depois ficam limpando pincéis e paletas... Espere aí... Katti e eu viemos juntas antes dos outros. É tudo o que posso lhe dizer.

— E o estúdio estava fechado a chave antes de irem para Londres?

— Não. — E aí Troy o encarou.

— E por que não?

— Por causa de Garcia.

— Blackman já me falou de Garcia. Ele ficou, não foi?

— Ficou, sim.

— Sozinho?

— Isso mesmo. Completamente só. — E Troy tinha um ar infeliz quando disse isso.

Bateram na porta e logo depois Blackman entrou.

— O médico está aqui, Alleyn, e creio que estou ouvindo um carro chegar. Deve ser o pessoal de Londres.

— Está bem. Já vou.

Blackman saiu e Alleyn levantou-se, olhando para Troy, que ficara na poltrona.

— Gostaria de vê-la ainda antes de sair...

— Eu estarei aqui ou então com os outros na sala de jantar. É bastante deprimente ficar lá sentada e vigiada pelo policial da aldeia.

— Espero que isso não demore muito. Troy, de repente, estendeu-lhe a mão.

— Estou muito contente que seja o senhor, sabe? Ele segurou-lhe a mão.

— Vou procurar, tanto quanto possível, ser inofensivo. Até breve.

Capítulo V

Rotina

Quando Alleyn chegou, o *hall* já estava cheio de gente, e com a chegada do pessoal da Scotland Yard o caso assumia outro aspecto. Passara um ano fora da Inglaterra, o que não bastou para que esquecesse de todos aqueles seus auxiliares sempre acompanhados de seus equipamentos, e ali, num sorriso aberto para ele, estava o velho Fox, o símbolo do bom senso.

— É um prazer muito grande termos o senhor aqui de volta.

— Fox, seu velho matreiro, como vai tudo com você?

E por trás deles estavam os outros velhos camaradas, todos sorridentes, os sargentos-detetives Bailey e Thompson repetindo os cumprimentos de Fox.

Blackman ficou de lado esperando terminar a explosão de alegria para apresentar um velhinho calvo que estava com ele.

— Inspetor Alleyn, este é o Dr. Amphill, o nosso médico. Depois da troca de cumprimentos entre os dois, Alleyn convidou todo mundo para ir até o estúdio onde tudo tinha acontecido.

Blackman saiu na frente, abrindo a porta que dava para o jardim que teriam de atravessar. Estava muito escuro.

— Eu vou na frente para mostrar o caminho. — Blackman acendeu sua lanterna e todos seguiram em fila indiana. As árvores surgiam de dentro da escuridão e alguns ramos batiam no rosto de Alleyn até que chegaram a um retângulo que parecia ainda mais escuro.

— Você está aí, Sligo?

— Sim, senhor. Estou aqui.

Ouviu-se um barulho de chaves e a porta foi aberta.

— Esperem até eu encontrar o interruptor de luz. Aqui está ele.

Ficou tudo iluminado e foram todos entrando no estúdio.

A primeira impressão de Alleyn foi de cheiro de tinta e de terebintina junto com um foco de luz muito intenso. Troy mandara instalar uma lâmpada forte bem em cima do trono, mas de tal maneira que só se concentrava ali, deixando o resto da sala mais na sombra. Era como se fosse uma mesa de cirurgia com a luz concentrada em cima do paciente. Blackman só tinha ligado um interruptor e o resto do estúdio permanecia na penumbra. O efeito, no momento, era perfeitamente teatral. O pano de seda azul espalhado em cima do trono estava tão brilhante que fazia doer a vista. No meio, estupidamente irrelevante, estava um espeto que projetava sua sombra delgada irregularmente sobre as dobras do pano azul.

— Ninguém tocou no pano nem na faca depois da morte da vítima.

Naturalmente desarranjaram um pouco quando levantaram o corpo.

— Claro. — Alleyn foi até o trono e examinou a lâmina da faca. Mais parecia uma grande agulha das que são usadas para embalagens, muito afiada, principalmente na ponta. Estava manchada duma ferrugem escura que atingia igualmente a base, onde perfurara o pano. Nas dobras havia pequenas quantidades de sangue que tinham atravessado a fazenda e depois secado. Alleyn olhou para o Dr. Ampthill.

— Suponho que o sangue jorrou quando levantaram o corpo, não?

— Sim, sim. Creio que a hemorragia continuaria até a morte. Pelo que sei, depois que retiraram a faca não mexeram mais com ela. Quando cheguei, o corpo estava ali mesmo onde está agora.

Dizendo isso, voltou-se para o que estava ali coberto por um lençol branco e perguntou a Alleyn se podia descobrir.

— Sim, por favor, descubra.

Troy tinha cruzado as mãos de Sônia em cima de seu peito nu. A sombra a cortava na altura dos punhos, de forma que não se via a parte de baixo do torso. Os ombros, mãos e cabeça ficaram violentamente iluminados. Os lábios estavam entreabertos, mostrando os dentes. Os olhos estavam semicerrados e as sobrancelhas depiladas estavam arqueadas numa demonstração de espanto.

— O *rigor mortis* já tomou conta. Ela era aparentemente uma mulher cheia de saúde e o lugar aqui é muito aquecido. O aquecedor de gás foi desligado muito tempo depois da morte. Faz onze horas que está morta.

— Já examinou o ferimento, doutor?

— Superficialmente apenas. A lâmina não estava perfeitamente vertical.

Passou entre duas costelas, a quarta e a quinta, e sem dúvida penetrou no coração.

— Vamos dar uma olhada no ferimento.

Alleyn enfiou as mãos por baixo do corpo rígido, virando-o de lado. As marcas do banho de sol eram nítidas. Cerca de uns seis centímetros para a esquerda da espinha havia um furo escuro que parecia muito pequeno e bem-feito, a despeito das manchas de sangue em volta.

— Sim, sim. Já estou vendo. Bailey, é melhor bater uma chapa disto aqui. Procure impressões no corpo. Verifique tudo. O pano, a faca e o estrado. Não creio que adiante alguma coisa, mas sempre é bom.

Enquanto os outros faziam o que ele tinha mandado, Alleyn começou a focalizar as lâmpadas do estúdio em torno da sala, e Fox juntou-se a ele.

— Um caso bem engraçado, senhor. Romântico, não é?

— Bom Deus, Fox. Suas idéias acerca de romance são bem macabras.

— Bem, sensacional, então — emendou Fox. — Os jornais vão fazer um carnaval. Chegarão em hordas ainda esta noite.

— Isso me lembra que preciso telegrafar a Bathgate. Tenho de estar lá amanhã. Mãos à obra, Fox. Aqui temos o estúdio como ele estava quando a classe se reuniu aqui hoje de manhã. As paletas já estão com tintas, as telas estão nos cavaletes. Temos então sete versões da pose.

— Isso é bem bom, já que a gente pode escolher os melhores, ou pelo menos os que parecerem mais humanos. Este que está aí ao seu lado mais parece um monte de vermes do que uma mulher nua. Creio que a intenção era retratar a morta, não era?

— Acho que era mesmo. O artista deve ser surrealista ou coisa parecida.

Aqui está o nome dele na caixa de tintas. É Phillida Lee. Este outro aqui parece mais dentro de nossa linha, Fox. — E mostrou a enorme tela de Katti.

Fox colocou os óculos para olhar a tela, e encaminharam-se para a mesa de Malmsley.

— Esta aqui deve ser a do rapaz que está fazendo as ilustrações. É isso mesmo. Aqui está o desenho da história.

Fox mostrou-se escandalizado.

— Meu Deus! Ele fez o quadro da moça depois de morta.

— Não, não. Essa era a idéia original da pose. Ele apenas acrescentou a faca e a expressão. Aqui está a pasta com todos os desenhos. Tudo cheio de volúpia. Oba! Este aqui está esquisito — resmungou Alleyn olhando uma aquarela muito delicada, com três figuras medievais cuidando de um campo muito bonito, vendo-se ao fundo umas medas de feno, uns chorões e um palácio com torreões.

— O que é que há, Mr. Alleyn?

— Isso está me parecendo coisa conhecida. Talvez seja uma metade do cérebro funcionando um pouquinho adiante da outra.

Deixe pra lá. Olhe aqui, Fox, antes de irmos mais além será melhor eu lhe contar tudo o que sei sobre o caso.

Alleyn repetiu para ele um resumo do relatório de Blackman e mais o que Troy lhe tinha contado. — Isto que você está vendo aqui é a ilustração da história que prova que é possível assassinar alguém dessa maneira conforme as experiências feitas dez dias atrás.

— Pois agora já provaram bem que isso pode ser feito.

— E assim ficou literalmente provado. Você pode ver que Malmsley mostrou a faca saindo embaixo do seio esquerdo. Acho que ele imaginou que isso daria um toque extra do que você chama de romance, Fox. O filete de sangue dá bastante realce, embora de forma um tanto chocante. Deus, que complicação!

— Pois aqui está um quadro que eu acho bonito. — Fox estava defronte da tela de Valmai, que mostrava uma figura exageradamente esguia num esquema de cores com uma seqüência de azuis e vermelhos. — Muito elegante — disse Fox.

— Acho elegante demais.

Na aquarela de Ormerin havia uma mancha de um azul sujo que atravessava o papel e ia terminar num borrão. O desenho estava perdido.

— Parece que teve um acidente.

— É mesmo. Você pode ver que a banquetta deste aluno está virada, Fox.

Um dos pincéis está no chão e a água entornou um pouco.

Alleyn pegou o pincel e passou-o na paleta de porcelana, que ficou manchada de um azul sujo.

— Posso ver alguém preparando-se para derramar um pouco desta cor no desenho. Toma um susto e sua mão treme riscando o papel. Dá um salto e derruba a banquetta. Larga o pincel no chão. Olhe, Fox. Há vestígios da mesma coisa em toda parte. Veja o punhado de pincéis em frente da tela grande. Deve ser de Katti. Ela deve ter largado os pincéis de repente. Os cabos estão sujos de tinta.

Olhe para aqueles tubos de tinta bem arrumados com os pincéis. Este aluno deixou cair um tubo de tinta azul e depois pisou em cima. Aqui estão os vestígios que vão até o trono. Você não acha que é de um sapato de homem? Ele andou por aí tudo deixando suas marcas. A moça moderna derramou um vidro de terebintina dentro de sua caixa de tintas. Vemos os sinais também na mesa do ilustrador. Largou um pincel molhado em cima das páginas datilografadas. Isto aqui está parecendo uma aula prática de investigação criminal.

— Só que apenas nos mostra que todos eles levaram um susto. — Fox tornou a olhar o trabalho de Valmai com uma plácida aprovação.

— Você parece estar gostando do trabalho dela, hein?

— E qual é o nome dela, senhor?

— Ela foi a única que não se assustou, e suas coisas estão todas bem arrumadinhas. Estou certo de que pertencem a Miss Seacliff porque ela estava com o modelo quando a moça morreu. Não há razão para as coisas dela estarem desarrumadas. Em um certo sentido, foi ela quem matou Sônia Gluck. Foi ela quem apertou o corpo contra a faca. Ela não deve estar muito satisfeita agora, a não ser que seja a assassina. É isso mesmo. Este quadro aqui é dela.

— Bem pensado, chefe. Nossa! Isto aqui está uma bagunça.

Fox debruçou-se sobre a caixa aberta de Hatchett, que estava cheia de tubos de tinta, muitos deles sem as tampas. Havia pontas de cigarros, fósforos, pontas de carvão, tudo misturado com fragmentos de folhas e galhos, e ainda trapos sujos.

— Isto me parece imundície crônica.

— É o australiano. Ele deve ter trazido estas folhas do outro lado do mundo. Veio no nosso navio com Miss Troy. Viajou de segunda com passagem paga por ela.

— Coisa engraçada. Então quer dizer que o senhor já conhece Miss Troy?

— Conheço, sim. Parece que até ele andou mexendo nesta paleta. Nunca faria isso em condições normais.

O fotógrafo veio dizer que já tinham terminado.

Alleyn foi até o trono. O corpo estava como antes e ele ficou olhando pensativo ao mesmo tempo que se lembrava do que lhe dissera Troy, que "sempre tinha medo de gente morta".

— Ela era muito bonita mesmo — disse Alleyn. — Podemos levá-la agora. Creio que o senhor poderá fazer a autópsia amanhã, não é, Dr.

Ampthill?

— Logo cedo. O rabeção já está lá fora. Acho que seria melhor abriremos aquela janela que dá para fora e encostarmos o rabeção embaixo dela para passar o corpo.

— Aquela ali? — Alleyn foi até a janela e abaixou-se para olhar o chão.

— Era aqui que trabalhava Garcia. Há vestígio de barro por toda parte.

Ora, esperem um momento...

Projetou a luz de sua lanterna ao longo do peitoril, que estava bem arranhado.

— Alguém mais teve a mesma idéia, doutor. — Tirou do bolso do sobretudo umas luvas, calçou-as e abriu então a janela. A luz do estúdio projetava-se no rabeção branco que estava lá fora. O ar estava frio e úmido.

Alleyn projetou sua lanterna sobre o terreno bem embaixo da janela, onde se viam claramente marcas deixadas por pneus de automóvel no terreno macio.

— Olhe aqui, Blackman.

— É isso mesmo. Alguém encostou um carro aqui embaixo da janela.

Miss Troy diz que a transportadora deve ter vindo buscar as coisas de Garcia no sábado de manhã. As empregadas dizem que ninguém veio até a casa.

Parece que Garcia deu instruções para que viessem diretamente junto à janela. Ele ajudaria então a passar as suas coisas pela janela e iria depois embora.

— Bem, eu acho melhor nós tirarmos o corpo pela porta. Blackman saiu para dar as ordens e logo depois o corpo de Sônia desapareceu na escuridão da noite. O médico e Blackman despediram-se e saíram.

Alleyn voltou-se para a sua turma satisfeito de estarem novamente todos juntos.

— Bem, agora vamos levantar o estrado. Tudo está bem marcado e será fácil tornar a colocar as coisas em seus lugares. Vou dar uma última olhada no pano. Você está vendo, Fox, ele saía bem esticado desde a almofada até o chão além do local da faca. Creio que ninguém pensaria em modificá-lo.

Logo que Miss Seacliff apertou o modelo, o pano desceu junto com ele, arrancando os percevejos que o prendiam. Vamos virar o trono.

Voltaram o estrado de lado e a luz filtrou-se pelas frestas das tábuas, sendo que da maior delas projetava-se o cabo da faca, muito forte e redondo e protegido por uma cruzeta. A lâmina triangular estava bem enfiada entre as tábuas, e a ponta do cabo era brilhante.

— Foi forçada a martelo para ficar no ângulo certo. Foi um serviço sujo mas muito engenhoso. Vejam se há impressões e batam uma fotografia.

Examinem bem a parte de baixo, embora eu tenha certeza de que não vão encontrar coisa alguma.

Enquanto os outros trabalhavam, Alleyn continuou a examinar a sala.

Arrancou a coberta do diva e viu por baixo uma cama ainda desfeita. Devia ser uma prova do desleixo de Garcia. Havia telas encostadas nas paredes e entre elas descobriu uma que devia ser de Katti. Mostrava uma artista no trapézio vestida de malha vermelha.

O rosto redondo era o que ele tinha visto morto alguns minutos antes. Virou uma outra tela grande e soltou uma exclamação.

— O que é, senhor?

— Olhe aqui, Fox.

Era o retrato de uma moça numa roupa de veludo verde. Ela estava de pé, muito despenhada, contra uma parede branca. A roupa descia-lhe até os pés em dobras austeras. Era feito com simplicidade. As mãos pareciam ter sido desenhadas com algumas pinceladas rápidas. O corpo da moça podia ser percebido em toda a sua beleza por baixo do vestido pesado. Tudo fora pintado de forma muito tranqüila e bem imaginada.

Mas na cabeça, onde a tinta ainda estava fresca, alguém havia esfregado um pano e pintado com tinta vermelha a figura idiota de um rosto com bigode.

— Puxa...! Será que isso também é alguma coisa moderna, senhor?

— Não creio que seja, Fox. Santo Deus! Foi um perfeito sacrilégio. Veja o que fez o vândalo. Se você olhar bem para os traços, notará a violência.

Parece coisa feita por uma criança num acesso de raiva. Uma criança estúpida.

— Quem teria pintado o quadro, senhor? Se a moça for Sônia, parece que alguém estava com muita raiva dela. Puxa vida! Seria estranho se tivesse sido feito pelo assassino.

— Não creio que seja Sônia. Ainda restou um pouco de cabelos louros e ela tinha cabelos escuros. Quanto ao pintor... Acho que não pode haver dúvida de que foi Agatha Troy.

— O senhor sabe distinguir pelo estilo, não é?

— Mais ou menos, Fox.

Com um rápido movimento Alleyn virou o quadro para a parede. Depois acendeu um cigarro e agachou-se.

— Vamos então fazer um exame geral do caso. Dentro em pouco vamos começar a interrogar o pessoal, mas antes gostaria que vocês tivessem uma idéia clara do que conhecemos. Até este momento não temos ainda coisa alguma que sequer se aproxime de um motivo. Oito alunos, o modelo e Miss Troy vêm usando este estúdio todas as manhãs desde sábado, dia 10, até sexta-feira, dia 16. Na sexta-feira eles estiveram aqui até as doze e trinta e foram saindo aos poucos, almoçaram na casa e depois, a pequenos intervalos, saíram todos, com exceção de Wolf Garcia, um cara que modela e esculpe. Ele ficou, dizendo que quando voltassem no domingo já teria ido embora. O estúdio não ficou fechado a chave em tempo algum, exceto quando Garcia dormia aqui. Tornaram a abrir hoje de manhã quando aconteceu esta tragédia. Garcia e seus pertences já foram embora. E isso é tudo. Conseguiu algumas impressões, Bailey?

— Há muitas em azul nas beiradas, mas a madeira é grosseira por baixo e não podemos fazer muito. Parece que alguém andou esfregando por aí com um pano sujo de tinta.

— Ali está um trapo no chão muito sujo de tinta. Será melhor examiná-lo.

Alleyn começou a procurar em volta do trono e na parte de trás.

— Oba! Aqui temos mais lenha para a fogueira. Aqui está uma escora de cavalete toda amassada. Foi o que usaram como martelo. Cuide disso também, Bailey. Vamos agora procurar um cavalete onde falte uma escora.

É o cavalete de Hatchett, e portanto ele é o assassino, C.Q.D. O homem é muito esperto. Muito bem, é melhor começarmos logo com os depoimentos.

E você, Bailey? O que encontrou?

— Este trapo sujo de tinta andou sendo usado para limpeza. Temos as manchas da mesma cor no trono. Vou examiná-lo melhor, senhor.

— Muito bem, agora verifique a escora.

Bailey examinou bem e nada encontrou. Estava limpa.

— Muito bem, vamos deixar o estúdio com os dois, Fox. Procure conseguir o máximo de impressões, Bailey. Examine tudo muito bem. Quero também fotografias da área por fora da janela e as impressões deixadas pelos pneus. Tire moldes de tudo o que achar conveniente. Se encontrar chaves, veja se têm impressões. Quando acabarem, tranquem tudo a chave.

Fox e Alleyn voltaram para a casa.

— Muito bem, Fox, quais são as novidades?

— A Yard está sempre no mesmo lugar, senhor. Muito trabalho ultimamente.

— Acho que vou ouvir Miss Valmai Seacliff em primeiro lugar. Parece-me a testemunha mais importante do que aconteceu.

— E Miss Troy, senhor?

— Já falei com ela antes de você chegar, Fox.

— E como é ela?

— Eu gosto dela. Olhe aí, cuidado com o degrau. Aqui está a porta lateral. Acho que podemos entrar por aqui. Opa! Olhe aqui, Fox.

Ele parou com a mão segurando o braço de Fox. Estavam junto de uma janela, cujas cortinas mal-corridas permitiam que se visse o interior. Alleyn olhou para dentro da sala e Fox veio ficar ao seu lado. Viram uma longa mesa de refeitório onde estavam sentadas oito pessoas, e lá ao fundo, na sombra, via-se o vulto de um policial. Sete das pessoas sentadas estavam ouvindo a oitava, que era Agatha Troy. A luz dava em cheio no seu rosto. Os lábios moviam-se rápidos e incisivos e ela olhava para cada um dos que a ouviam atentamente. A sua voz não chegava até onde eles estavam, mas percebia-se que ela falava com muita insistência. Parou de repente e olhou em torno como se esperasse uma resposta. Sete rostos voltaram-se para um rapaz magro, de olhar lânguido e barba loura. Ele pareceu dizer apenas uma frase e logo uma mulher baixa e de

cabelos negros deu um soco na mesa, levantou-se e respondeu zangada. Troy falou outra vez. Depois ninguém mais se mexeu e ficaram todos olhando para a mesa.

Alleyn abriu a porta lateral e passou por um corredor até uma outra porta à esquerda, onde bateu. O policial abriu.

Ele entrou seguido por Fox e pelo policial e os oito rostos voltaram-se para ele como se fossem autômatos.

— Desculpem-me se entro aqui desta maneira — Alleyn falou dirigindo-se a Troy.

— Não há de quê. Esta aqui é a minha classe e nós estávamos falando de Sônia. — Parou, olhou em torno da mesa e fez a apresentação: — Este é Mr. Roderick Alleyn.

— Boa noite para todos. Por favor, não se levantem. Se nos dão licença, acho melhor que o Inspetor Fox e eu nos sentemos aqui junto com todos durante alguns momentos. Terei que fazer as perguntas de costume e o melhor é acabar logo com isso. Será que podem me dar duas cadeiras?

Basil Pilgrim saltou logo e trouxe uma cadeira para a cabeceira da mesa.

— Não se preocupe comigo, senhor. Eu me sentarei aqui mesmo — disse Fox.

Alleyn sentou-se à cabeceira e colocou o caderno de anotações ao seu lado.

— Geralmente interrogamos as pessoas separadamente, mas acho que vou abandonar essa rotina para ver se conseguimos alguma coisa todos juntos. Tenho aqui os nomes de todos, mas ainda não os ligo às pessoas, e então, se me dão licença, vou fazer uma espécie de chamada geral.

Começou então a chamar cada um pelo nome.

— Muito bem — disse, quando acabou —, então já conheço todos.

Antes, porém, de começarmos, devo dizer-lhes que é quase certo que Miss Sônia Gluck foi assassinada premeditadamente.

Todos ficaram muito quietos.

— Como já perceberam, ela foi morta precisamente da forma que vocês todos discutiram e demonstraram aqui dez dias atrás. Aqui vai agora a minha primeira pergunta para todos. Algum dos presentes discutiu o assunto e a experiência com a faca fora desta classe? Quero que pensem cuidadosamente. Vocês estiveram em lugares diferentes durante o fim de semana e é possível, ou mesmo provável, que tenham falado sobre a pose, o modelo e a experiência com a faca. Isso é extremamente importante e peço-lhes que me dêem uma resposta bem firme. Esperou cerca de um minuto.

— Devo, portanto, concluir que ninguém falou sobre o assunto.

Cedric Malmsley, recostado na cadeira, falou: — Um momento... Não sei bem se isso *tem* qualquer interesse, mas Garcia e eu discutimos o assunto na tarde de sexta-feira.

— Depois dos outros terem partido para Londres?

— Isso mesmo. Depois do almoço eu fui até o estúdio, onde trabalhei um pouco. Garcia estava lá com suas coisas. Ele geralmente é fechado quando está trabalhando, mas na sexta-feira estava tagarela como um papagaio.

— E falava sobre quê?

— Ora... mulheres e outras coisas. Ele é tarado por mulheres, como todos sabem. Chega a ser chato. Vocês todos sabiam que ele e Sônia estavam vivendo juntos em Londres?

— Eu sempre disse que estavam... — falou Valmai.

— Pois então, minha querida, você estava com a razão.

— Eu também disse a você, não foi, Valmai? Então não se lembra? — perguntou Phillida, nervosa.

— Lembro, sim. Mas eu sabia muito antes.

— E vocês só falaram sobre isso? — perguntou Alleyn.

— Não, não. Falamos de você, Valmai.

— De mim?
— Sim. Discutimos seu noivado, suas virtudes e coisas mais.
— Muito fino da parte de vocês — intercalou Pilgrim, zangado.
— Ora essa! Nós concordamos em que você era um cara de sorte
etc, etc.

Garcia parecia saber de tudo e disse...

Pilgrim interrompeu-o e dirigiu-se a Alleyn.

— Será que isso é necessário?

— Não. No momento não acho que seja. E como foi que discutiram a experiência da faca, Mr. Malmsley?

— Bem, isso foi quando falamos a respeito de Sônia. Garcia veio olhar o meu trabalho e então perguntou-me se eu alguma vez me sentira disposto a matar minha amante simplesmente pelo horror que isso poderia representar.

Capítulo VI

Detalhes sobre Sônia

— E foi só isso? — perguntou Alleyn depois de uma pausa.

Malmsley acendeu um cigarro.

— Sim, foi só isso. Achei que seria melhor contar.

— Muito obrigado. Acho que fez bem. E ele disse mais alguma coisa que pudesse ter qualquer ligação com nosso caso?

— Não. Acho que não. Bem, ele disse que Sônia queria que ele se casasse com ela. Depois começou a falar de Valmai.

— Dois caras bem sujos... — resmungou Katti inesperadamente.

— Ora, ora. Nada disso — respondeu Malmsley com uma cara de inocente. — Valmai adora que a gente fale dela. Não é assim, meu anjo? Ela sabe que tem muito charme.

— Não se torne ofensivo, por favor, Malmsley — disse Pilgrim em tom de ameaça.

— Puxa vida! Por que ficar zangado? Pensei que você gostaria de saber como nós gostamos dela.

— Já chega, Malmsley — disse Troy, incisiva.

— E quando saiu do estúdio na tarde de sexta-feira, Mr. Malmsley?

— Eram cinco horas. Estava de olho no relógio porque ainda tinha que tomar banho e mudar de roupa para pegar o ônibus das seis horas.

— Quando saiu, Garcia ainda estava trabalhando?

— Estava, sim. Disse que queria empacotar a miniatura para enviá-la a Londres na manhã seguinte.

— Não começou a acondicioná-la enquanto você estava ali?

— Bem, ele me pediu para ajudá-lo a tirar um caixote forrado de zinco que estava no depósito. Disse que aquilo servia muito bem.

— Claro que servia — disse Troy. — Paguei quinze xelins por ele.

— E como é que tinha de fazer? Deve ser uma coisa difícil de embalar, um modelo em barro.

— É preciso encher de panos molhados em volta — explicou Troy.

— E para levantar? Não fica muito pesado? Malmsley bocejou desmesuradamente. — Ora essa! Ele pensou em tudo. Nós colocamos a caixa numa banquetta ao lado da banquetta que ele usava para trabalhar e que era uma plataforma sobre rodas. Foi fácil transferir para a outra caixa...

— E como é que iam colocar no caminhão?

— Puxa vida! Isso está ficando bem chato...

— Muito mesmo. Mas uma resposta concisa ajudará a passarmos para uma narrativa mais interessante.

Troy deu uma risadinha sarcástica.

— E então, Mr. Malmsley?

— Garcia disse que o caminhão encostaria de marcha a ré na janela e então seria fácil empurrar a caixa para dentro dele, já que o peitoril é quase da mesma altura da banquetta.

— E ele falou como tinha conseguido o caminhão?

— Perguntou-me se havia alguém na aldeia e eu dei-lhe o nome de Burridge — informou Troy.

O policial na porta pigarreou e Alleyn voltou-se para ele perguntando o que era.

— O superintendente já indagou sobre Burridge, senhor. Ele diz que não fez o transporte.

— Muito obrigado. Agora, Mr. Malmsley, tem alguma idéia de quando Garcia pretendia colocar a caixa no caminhão?

— Ele disse que seria na manhã seguinte. No sábado.

— E não se falou mais de Sônia, da pose ou dos planos futuros de Garcia?

— Não.

— Ele não lhe disse para onde ia mandar o modelo de argila?

— Não. Ele apenas me disse que lhe haviam emprestado um velho armazém em Londres.

— Ele me disse que ia vagabundear durante uma semana fazendo esboços antes de começar a trabalhar outra vez — disse Valmai.

Francis Ormerin inclinou-se, olhando nervoso para Alleyn.

— Ele também me disse a mesma coisa. Tinha vontade de fazer algumas paisagens antes de dar início ao seu trabalho de vulto.

— Ele também pinta?

— Pinta, sim — disse Troy. — Sempre quis fazer escultura, mas pintava e gravava bem.

— Coisas bem interessantes — disse Katti.

— Devem concordar que era tudo monotonamente figurativo...
— murmurou Malmsley.

— Pois eu não acho — interferiu Ormerin.

— Mas Deus do céu! Nós não estamos aqui para discutir estética — exclamou Pilgrim.

Alleyn interrompeu com firmeza. — O que eu quero saber é se alguém aqui pode me dizer quem emprestou o armazém a Garcia, onde fica, quando ele pretendia ir para lá e qual direção tomou quando saiu.

Silêncio completo.

— Ele é talvez a pessoa menos comunicativa que existe na Inglaterra — disse Troy de repente.

— É o que parece mesmo — disse Alleyn.

Troy continuou a falar: — Ele me disse o nome da pessoa que lhe fez a encomenda das figuras da Comédia e da Tragédia. Foi Charlston, e eu acho que ele é o secretário da diretoria do New Palace Theatre em Westminster.

Será que isso ajuda?

— Pode ajudar muito, minha senhora.

— O senhor pensa que Garcia matou Sônia? Devo lhe dizer que eu não acho — disse Malmsley.

Alleyn, no entanto, continuou como se Malmsley não tivesse falado. — O que desejo a seguir é saber a ordem exata em que todos saíram do estúdio na sexta-feira ao meio-dia. Acho que Miss Troy e Miss Bostock saíram juntas logo que o modelo deixou o trono. Alguém tem alguma objeção?

Então quem saiu depois?

— Acho que fui eu — disse Phillida. — E também acho que devo lhes contar uma coisa *extraordinária* que eu ouvi Garcia dizer para Sônia um dia...

— Muito obrigado, Miss Lee. Depois ouviremos isso. Agora queremos saber a ordem em que todos saíram na sexta-feira. A senhora saiu logo depois, não foi? Tem certeza disso?

— Sim. Sei que fui eu porque estava absolutamente *exausta*. É assim que eu fico sempre quando pinto. Fico completamente sem

energias e até esqueço de *respirar*.

— Isso deve ser mesmo muito desagradável. Então a senhora saiu para respirar, não foi?

— Sim. Eu senti que precisava sair. Então larguei os pincéis e saí. Miss Troy e Miss Bostock estavam bem na minha frente.

— E veio direto para a casa?

— Acho que vim, sim. Isso mesmo, vim.

— É, foi assim mesmo — exclamou Hatchett bem alto. — Você veio direto para cá e eu vim logo atrás. Eu vi você pela janela da sala de jantar.

Esta janela aqui, Mr. Alleyn. Foi assim mesmo. Você foi até o aparador e começou a comer alguma coisa.

— Eu... eu não me lembro disso — exclamou ela numa voz muito estridente, lançando um olhar de ódio para Hatchett.

— Muito bem. E depois quem foi que veio?

— O resto veio todo junto, com exceção de Garcia e Sônia, que ainda não estava vestida — disse Valmai. — Lembro-me que fui ao depósito e lavei os pincéis na torneira. Ormerin, Malmsley e Basil foram lá comigo.

Ela falava com uma ligeira hesitação e gaguejava de forma quase imperceptível. Tinha um jeito todo especial de pronunciar as últimas palavras de uma frase inspirando forte. Alleyn sentiu que tudo o que ela fazia era resultado de uma deliberação cuidadosamente disfarçada. O que ela estava querendo mostrar agora era que os homens andavam sempre correndo atrás dela para onde quer que fosse.

— Eles estavam me atrapalhando e eu lhes disse para irem embora.

Depois acabei de limpar os pincéis e vim para a casa.

— E Garcia também estava lá no depósito — disse Ormerin.

— Estava, sim — disse Valmai baixinho. — Ele apareceu logo depois que vocês saíram. Tinha que aparecer. Sônia estava olhando

furiosa lá da porta, naturalmente... Aí então eu também vim para a casa com os três.

— Foi isso mesmo...

— E deixou Garcia e Sônia no estúdio?

— Acho que sim...

— Deixou, sim — disse Pilgrim.

— E a senhora diz que Sônia estava furiosa? Por que seria?

— Ora essa, porque Garcia estava se engraçando comigo no depósito.

Nada sério. Ele não se contém, Garcia...

— Sim, compreendo. E será que algum de vocês voltou ao estúdio antes de seguir para Londres?

— Eu voltei — disse Ormerin.

— A que horas?

— Logo depois do almoço. Queria dar uma olhada no meu trabalho.

Estava muito preocupado com ele. Tudo estava tão difícil. O modelo...

— Sim?

— Sônia não ficava quieta um segundo. Era impossível. Impossível mesmo. Acho que fazia de propósito...

— Ela está morta agora, pobre Soninha...

— Poupe-nos esse toque de *nil nisi*, pelo amor de Deus — implorou Malmsley.

— E vocês todos também notaram que o modelo estava irrequieto?

— Se estava! — exclamou Hatchett. — Sônia era bem atrevida. Pensava que era muito importante. Sempre falando mal dos outros...

— Ora, pare com essa choradeira... e com esse sotaque...

— Olhe aqui, Malmsley, é melhor falar com este sotaque bem australiano do que como se tivesse algum osso espetado na garganta. Eu fico com o australiano. Se você algum dia aparecesse lá nas

nossas praias com essa espécie de feno maduro plantado nos queixos, pode estar certo de que ia direto para o zoológico...

— Hatchett! Pare com isso! — disse Troy.

— Está bem, Miss Troy.

— Pelo que vejo, ninguém gostava do modelo...

— Quem? Eu? Claro que não gostava. Sinto que a pobrezinha tenha esticado a canela, mas eu não gostava dela mesmo. Um dia cheguei a perguntar-lhe se eram as pulgas que a faziam mexer-se o tempo todo. Ela ficou uma fera! — E Hatchett deu uma gargalhada que fez Malsmsley estremecer.

— Muito obrigado, Mr. Hatchett. Agora eu quero saber se houve alguma briga séria dela com algum de vocês.

Alleyn olhou em volta da mesa sentindo a tensão no ambiente. Depois de algum silêncio, Katti falou devagar: — Acho que a gente poderia dizer que houve bastantes cenas.

— E você mesmo teve uma, não foi? — disse Malsmsley.

— Tive, sim.

— Sobre quê?

— Sempre a mesma coisa. Não parava quieta. Eu estava fazendo uma tela grande que queria aprontar a tempo para a exposição do Grupo. A que inaugurou sexta-feira. Ela ia posar para mim algumas horas fora das aulas.

Parecia estar com o diabo no corpo. Não parava. Sempre reclamando.

Deixava-me maluca. Afinal, não aprontei o trabalho.

— Era aquela tela com a artista no trapézio? Katti amarrou a cara.

— Não gosto que olhem meus trabalhos antes de terminados.

— Peço desculpas. Sei que fiz mal, mas são os ossos do ofício. Estamos sempre metendo o nariz nas coisas dos outros.

— Bem, eu sei como é... — Deu uma risadinha. — Agora não vou mais acabá-lo.

Phillida interferiu.

— Você não acabaria mesmo, não é? Ouvi quando você disse que a odiava e quando a mandou para o diabo.

— Como pode ser isso? Você não estava lá nesse dia., — Eu ia chegando à porta e quando ouvi aquela briga saí de mansinho...

Katti estava vermelha de raiva. — Você não tinha nada que estar ouvindo atrás das portas...

— Não adianta começar a gritar *comigo*, sabe? Não fiquei ouvindo atrás da porta. Eu simplesmente ia entrando e você não podia me ver porque eu estava por trás do biombo. Aliás, com a raiva que estava, você não veria nem mesmo o próprio anjo Gabriel...

— Pelo amor de Deus, vamos manter um certo sentido de proporções. A pobrezinha era realmente terrível e todos nós chegamos a perder a paciência com ela de quando em quando. — Troy olhou para Alleyn. — Realmente, o senhor poderia até dizer que todos nós já havíamos sentido vontade de estrangulá-la em diversas ocasiões.

— Sim, Miss Troy — disse Phillida, ainda olhando firme para Katti. — Mas nenhum de nós disse isso em voz alta...

— Essa agora, meu Deus!...

— Katti, por favor.

— Mas ela está praticamente sugerindo que eu, Miss Troy...

— Não, não! — disse Ormerin. — Vamos fazer o que Troy aconselhou, mantendo um sentido de proporção. Se o desespero ou raiva pudessem matar essa moça, qualquer um de nós poderia ser o criminoso, mas qualquer um daqui que tenha feito isso...

— Não vejo por que deverá ser algum de nós — objetou placidamente Valmai.

— Nem eu. A cozinheira pode ter ficado com raiva e pode ter vindo até o estúdio com a morte na alma — falou Malmsley.

— Será que isso é para rir?

Ormerin tomou a palavra, falando em voz alta: — Todos nós podemos ver claramente qual é a opinião da polícia. Este senhor

aqui, Mr. Alleyn, tão calmo e delicado, espera em silêncio ouvindo as tolices que dizemos. Ele sabe que todos nós sinceramente acreditamos que o assassino da moça estava presente no estúdio na manhã em que fizemos a experiência com a faca. Isso é claro. Não existe ainda um motivo que salte aos olhos e, enquanto isso, Mr. Alleyn fica aqui ouvindo muito e falando pouco. E somos nós que falamos.

— Mr. Ormerin, acaba de desmascarar toda a minha técnica e por isso não posso mais ficar silencioso.

Ormerin deu uma vasta gargalhada sacudindo a cabeça e os ombros e tornando a cair na cadeira.

— A respeito desse assassinato, trata-se sem dúvida de um *crime passionnal*. Podem estar bem certos. A moça era um vulcão de sexo...

— Mas isso não implica necessariamente homicídio — respondeu Alleyn com um sorriso.

Ormerin continuou:

— Ela era ciumenta. Era de um ciúme doentio. Cada vez que Garcia olhava para Valmai era um sofrimento atroz para ela. E quando Pilgrim anunciou o noivado, ela sentiu como se fosse um punhal atravessando seu coração.

— Isso tudo é uma besteira muito grande — exclamou Pilgrim com violência. — Ormerin não sabe o que está dizendo.

— Não sei, hein? Ela era faminta de homens, a pequena.

— Santo Deus! Isso está me parecendo Montmartre — murmurou Malmsley.

— Ela era mesmo fogo! — acrescentou Hatchett.

— Estava na cara. E quando uma mulher mais perturbadora entrou em cena ela perdeu a cabeça. Porque Valmai...

— Você quer deixar Valmai fora disso? — gritou Pilgrim.

— Basil, meu querido. Como você é divino! Eu sei que ela sentia ciúmes de mim. Todos nós sabemos disso. E ela estava mesmo gamada por você, meu amor.

Troy resolveu interferir.

— Toda essa conversa parece coisa de loucos. Tudo isso, supondo que fosse verdade, só poderia significar que Sônia estava disposta a matar Valmai, Garcia ou Pilgrim, mas por que iria alguém matar Sônia?

— Muito bom raciocínio — murmurou Alleyn, e Troy olhou desconfiada para ele.

Mas Ormerin insistiu.

— É ou não verdade que o senhor suspeita de um de nós?

— Ou de Garcia — disse Katti.

— É isso mesmo. Precisamos não esquecer dele.

— Também temos os empregados — murmurou Malmsley.

Ormerin continuou dirigindo-se a Alleyn.

— Muito bem. O senhor suspeita de um de nós, de Garcia, ou ainda dos empregados.

— Sim, é isso mesmo, mas ainda acho muito cedo. Os meus instintos de suspeitas não conhecem limites. Por enquanto vou apertar um pouco as coisas aqui em torno desta mesa. — Olhou direto para Hatchett. — Desde quando você vem trabalhando sem uma escora no cavalete? O outro levou um susto.

— Como? O quê? Ah, sim. Agora me lembro que retirei uma para servir de martelo para espetar a faca no trono.

Phillida deu um grito.

— O quê? Sim, sim, compreendo.

— Foi no dia da experiência?

— Isso mesmo.

— E anda por aí jogado desde então?

— Acho que sim. Bem, eu trabalhei no cavalete na sexta-feira depois do almoço.

— *Depois* do almoço?

— Sim, lembro-me agora. Eu fui lá depois do almoço para dar uma olhada no que estava pintando. Encontrei com você que vinha

saindo, não foi, Ormerin?

— Foi mesmo. Eu dei só uma olhada no meu trabalho, fiquei enjoado e então voltei.

— Bem, quando cheguei lá ainda andei dando umas pinceladas e ouvi quando Ormerin pegou o ônibus lá na estrada. Agora estou lembrando.

Enfiei o pincel no solvente para ele não ficar duro e depois me mandei. Mas a vasilha estava na beirada da paleta...

— E estava lá hoje de manhã?

— É isso mesmo. Não estava. E também não estava no domingo de noite...

— Domingo de noite?

— Isso mesmo. Não estava lá quando voltamos. Eu dei uma chegada ao estúdio logo depois do chá.

— Depois do chá? Mas eu pensava que você só tinha voltado às seis e trinta — disse Alleyn dando uma olhada em suas anotações.

— Está certo, Mr. Alleyn. Nós terminamos o chá por volta de oito e meia.

— E conseguiu entrar lá?

— Estava fechado, mas eu sabia que a chave estava no prego. Entrei para dar uma olhada no meu quadro. Puxa vida, Miss Troy, estava bom mesmo com a luz artificial... Você o viu à luz da lâmpada?

— Ainda não vi, não.

— Muito bem. Então você entrou no estúdio, acendeu a luz e olhou para o seu quadro. Olhou também para o trono?

— Olhei, sim. Estava pensando em pintar um pedaço do pano e vi que ele estava bem esticado. Como sempre fica para a hora da pose. Ia da almofada até o chão. Se tivesse um lápis aqui eu lhe mostraria.

— Muito obrigado, mas acho que não é preciso.

— Pois é. Então eu pensei em arrumá-lo como se o modelo estivesse deitado. Achei que, se me deitasse ali, o pano ficaria como eu queria. Nossa!

— exclamou Hatchett. — Se tivesse feito aquilo teria me enfiado a faca, hein? Puxa vida, Mr. Alleyn! O senhor acha que a faca já estava ali embaixo do pano no domingo à noite?

— É possível. Mas afinal você não se deitou. Por quê?

— Bem, porque Miss Troy não quer que a gente toque no trono sem sua permissão, e eu fiquei com medo da bronca.

— É mesmo? — perguntou Alleyn sorrindo para Troy.

— É, sim. É o regulamento do estúdio, pois do contrário todo mundo mexeria e as marcas de giz se apagariam.

— Mas agora estou me lembrando de uma coisa, Mr. Alleyn. Acho que é importante mesmo. Quando eu fui ao estúdio antes de pegarmos o ônibus na sexta-feira, o pano estava todo amassado para baixo, como se o modelo tivesse se levantado naquela hora...

— Tem certeza disso?

— Tenho certeza. Posso até jurar.

— Você também reparou no pano na sua breve visita depois do almoço, Ormerin?

— Reparei, sim. Agora estou me lembrando. Eu olhei para o meu quadro e depois automaticamente olhei para o trono como se o modelo ainda estivesse lá. Até senti aquele choquezinho que a gente sente quando vê uma coisa inesperada. Depois olhei para o que pintara do pano comparando com o que estava ali. Era mesmo como Hatchett disse. Estava amassado como se ela tivesse acabado de sair dali.

Hatchett ficou muito excitado. — Estão vendo? Isso...

— Concordo que é muito significativo, Mr. Hatchett. — Alleyn olhou para as anotações e continuou: — Pelo que sei, Miss Troy e Miss Bostock saíram de automóvel. Miss Seacliff e Mr. Pilgrim

também. Depois saíram os outros de ônibus às três horas. Miss Lee, Ormerin, Hatchett e o modelo.

Parece então que até alguns minutos antes das três, quando Hatchett saiu para pegar o ônibus, o pano ainda estava amarrotado em cima do estrado. — Fez uma pausa olhando para Malsley. — E o que fez você depois que os outros saíram?

Malsley acendeu o cigarro e levou algum tempo antes de responder.

— Ora, eu fui até o estúdio...

— Quando?

— Logo depois do almoço.

— E olhou para o pano no trono?

— Acho que olhei.

— E como estava ele?

— Acho que estava bem. Como um manto num trono.

— Mr. Malsley, aconselho-o a deixar de lado suas piadas. Eu estou investigando um assassinato. O pano ainda estava no fundo do estrado?

— Estava.

— Quanto tempo permaneceu no estúdio?

— Já lhe disse. Até as cinco.

— Só com Garcia?

— Já lhe disse. Só com Garcia.

— E algum dos dois saiu do estúdio na parte da tarde?

— Sim.

— Quem foi?

— Garcia.

— Sabe por quê?

— Talvez tenha ido visitar os lugares de costume.

— Quanto tempo ficou fora?

— Não sei direito, ora essa. Talvez uns oito ou dez minutos.

— Ele ficava de frente para a janela quando trabalhava?

- Acho que sim.
- De costas para a sala?
- Naturalmente.
- Olhou para o pano antes de sair?
- Acho que não.
- Tocou o pano, Mr. Malmsley?
- Não.
- Quem foi que fez aquilo no quadro de Miss Troy, o da moça de verde?

Houve um silêncio penoso que foi quebrado por Troy.

— Se está se referindo ao retrato de Valmai, foi Sônia quem fez aquilo.

- Foi ela!
- Claro que foi. Eu já disse que nós todos tínhamos vontade de matá-la.

Pois esse era o meu motivo, Mr. Alleyn.

Capítulo VII

Álibi para Troy

Alleyn levantou o braço como se fosse protestar. Conteve-se, no entanto, e logo depois continuou com o mesmo ar de delicadeza imparcial.

— Então ela arruinou o seu quadro. Por que faria uma coisa assim?

— Porque ela não me suportava — disse Valmai. — Era um quadro maravilhoso que Troy ia expor. Sônia morria de raiva. Além disso, Basil queria comprá-lo...

— E quando foi que ela cometeu esse... vandalismo?

— Foi na semana passada. Valmai posou pela última vez na segunda-feira de manhã. Toda a classe veio ao estúdio para ver. Sônia também veio.

Ela já andava furiosa desde alguns dias. É a pura verdade o que os outros disseram. Ela era mesmo uma espécie de animal, e como Ormerin já lhe disse, era muito ciumenta. Todo mundo falou do retrato, mas deixaram-na de fora. Então Pilgrim perguntou-me se eu queria vendê-lo. Devo, aliás, lhe dizer que também pintei um retrato de Sônia que não encontrou comprador.

Ela considerou isso uma afronta à sua beleza. É difícil acreditar, mas foi o que aconteceu. Ela parecia acreditar que eu tinha pintado Valmai porque já não apreciava seus encantos como modelo. E depois que todo mundo elogiou e Basil quis comprá-lo, ela ficou ainda mais perturbada. Muita gente aqui disse na frente dela que aquele era o melhor retrato que eu fizera até então.

— Foi um inferno para ela — disse Ormerin.

Troy continuou: — Então nós todos saímos e ela ficou lá sozinha.

Quando voltei ao estúdio horas depois encontrei... aquilo que o senhor viu.

— E chegou a falar com ela?

— Não logo. Fiquei nauseada, sabe? O pintor tem uma só ocasião em sua vida em que faz alguma coisa boa mesmo...

— É, eu sei...

— Alguma coisa que ele nem acredita ter conseguido fazer. Foi o que aconteceu com a cabeça de Valmai naquele retrato. Por isso fiquei nauseada...

— A nojentinha!...

— À noite interpelei-a e ela confessou. Começou a falar mal de todo mundo, parecia uma fera...

— Mas não a despediu?

— Eu quis fazer isso, mas não podia. Como o senhor viu, todos os outros já tinham começado com ela, e o trabalho de Katti era

importante. Acho que ela lamentou sinceramente o que fizera. Realmente, gostava muito de mim.

Era dessas criaturas que atravessam a vida fazendo a primeira coisa que lhes vem à cabeça. Aquilo foi um acesso de fúria contra Valmai. Só depois pensou em mim. Tentou remediar com ataques histéricos e depois ofereceu-se para trabalhar de graça o resto de sua vida. Ela era esquisita mesmo — disse Troy com um sorriso.

— Basil e eu ficamos muito contrariados, não foi, Basil?

— disse Valmai.

Alleyn prestou atenção para ver como Pilgrim aceitaria o comentário.

Imaginou por um momento que havia nele uma expressão de surpresa contrariada.

— Mas claro que ficamos, meu amor. — A sua expressão deixava aparecer o profundo reflexo de sua beleza e ele ficou olhando para ela com a preocupação solene de alguém muito apaixonado.

— E houve alguma coisa depois disso?

— Não exatamente. Ela pareceu arrependida e os outros não esconderam o que pensavam...

— Eu fiquei furioso e disse-lhe bem claro o que pensava dela...

— Chega, Hatchett.

— Está bem, Miss Troy.

— Nós todos ficamos furiosos — disse Katti, inflamada.

— Eu cheguei a sentir vontade de... bem, o senhor está vendo, não é? Eu poderia tê-la estrangulado, mas não o fiz. Ela sabia como eu estava e vingava-se quando posava para mim.

— Foi um sacrilégio — gemeu Phillida. — Aquela coisa tão linda... com aquele obsceno...

— Cale-se, Lee, pelo amor de Deus — disse Katti.

— Por mais estranho que pareça — murmurou Malmsley —, Garcia também ficou tão chocado quanto os outros. Talvez até mais.

Sabe que ele chegou a vomitar, Miss Troy? Fui encontrá-lo no jardim em petição de miséria.

— Que coisa extraordinária! Sempre pensei que ele fosse completamente destituído de emoção. Sim, mas naturalmente...

— Naturalmente o quê? — perguntou Alleyn.

— Bem, era o meu retrato, não era? Ele sentia-se tremendamente atraído por mim no sentido físico. Acho que foi por isso que ficou nauseado.

— Pode algum de vocês me dizer como estavam as relações de Sônia com Garcia durante a última semana?

Foi Malmsley quem respondeu.

— Bem, eu já lhe disse que ela era sua amante. Ele mesmo me disse isso na sexta-feira.

— Espero que não tenha sido enquanto estavam aqui. Eu lhe disse que não toleraria isso aqui.

— É, ele me contou. Ficou muito sentido com a sua atitude.

Phillida entrou na conversa com ar triunfante.

— Bem, eu sabia que havia alguma coisa. Esperei até agora para contar ao superintendente, mas vocês todos estavam falando tanto que eu nem tive oportunidade. Eu sabia que Sônia andava querendo que ele se casasse com ela.

— Como assim, Miss Lee?

— Bem, eles estavam sempre de cochichos e eu fui ao estúdio um dia, na semana passada, creio eu, e eles só falavam nisso.

— Você parece que tinha sorte quando chegava perto do estúdio — disse Katti. — O que foi que ouviu dessa vez?

— Você não precisa ser tão azeda. Afinal, pode ser que tenha sido bom eu ter ouvido. O senhor não acha, superintendente?

— Eu ainda não fui promovido a isso, Miss Lee. Mas diga-me, por favor, o que ouviu.

— Aliás, não foi muita coisa, mas foi excitante. Garcia disse: "Muito bem, na sexta-feira de noite, então". E Sônia respondeu: "Sim,

desde que seja possível". Depois houve uma longa pausa e ela disse: "Eu não vou permitir brincadeiras com ela, ouviu?" E Garcia disse: "Quem?" e ela então disse, com sua licença, Mr. Alleyn, mas ela disse: "A cadela da Seacliff, naturalmente". Desculpe, Mr. Alleyn...

— Miss Seacliff compreende bem a situação...

— Ora, ora. Já me contaram tudo isso. Claro que eu sabia onde ela queria chegar. — E dizendo isso, Valmai tirou um batom e começou a concentrar toda a sua atenção na pintura de seus lindos lábios.

— E por que não me contou que aquele nojento estava perseguindo você? — perguntou Pilgrim.

— Ora, meu querido. Eu podia controlar Garcia muito bem.

— Há mais alguma coisa, Miss Lee?

— Sim, sim. Sônia começou a chorar dizendo que Garcia tinha que casar com ela. Ele não respondeu. Ela falou outra vez de sexta-feira à noite e que se ele faltasse outra vez ela iria contar tudo a Miss Troy. Garcia só resmungou alguma coisa, Mr. Alleyn, mas eu fiquei com medo, sinceramente. E ela não disse mais nada. Acho que estava apavorada.

— Mas afinal a senhora não contou o que ele disse.

— Bem, ele disse: "Se você não calar essa boca para me deixar trabalhar, eu vou fazer você se calar para sempre. Faça o que estou mandando. Dê o fora!". Viu? — perguntou Phillida, triunfante.

— E já conversou sobre isso com alguém?

— Eu contei a Valmai em confiança...

— E eu lhe disse que considerasse aquilo um assunto deles.

— Bem, eu achei que alguém tinha que saber.

— E eu disse que se ela estava assim tão aflita seria melhor contar a Miss Troy.

— E a senhora aceitou esse excelente conselho, Miss Lee?

— Não, não aceitei, porque... bem, eu... quer dizer...

— O caso é que eu não tolero mexericos, e muito menos gente que escuta às portas. Talvez ela tenha compreendido isso. — Troy olhou friamente para Phillida, que ficou muito vermelha.

— E como terminou o incidente?

— Bem, eu fiz barulho com a porta para mostrar que estava ali e eles logo pararam. Eu não bisbilhotei, Miss Troy. Pode acreditar. Apenas fiquei ali estarecida de horror. Tudo parecia tão sinistro. E aí está agora o que aconteceu!

Troy olhou para Alleyn e de repente esboçou um sorriso que repercutiu no peito de Alleyn. "Deus meu!", pensou ele. "O que vou fazer agora? Eu não queria envolver meus sentimentos..." E desviou o olhar.

— Será que algum de vocês tem mais alguma coisa para contar que possa ter qualquer relação com a tragédia?

Ninguém respondeu.

— Então vou pedir a todos que fiquem aqui mais algum tempo. Quero interrogá-los separadamente antes de terminarmos por hoje. Miss Troy, será que poderia nos dar um aposento qualquer para isso? Sinto muito estar lhe dando tanto trabalho...

— Mas claro, vou mostrar-lhe...

Saiu acompanhada por Alleyn e Fox somente. Depois de a porta se fechar, Alleyn dirigiu-se a Fox: — Comunique-se com a Yard. Temos que dar um alarma geral a respeito de Garcia. Não deve estar longe em três dias, se realmente saiu a pé. Vou ver se consigo algum retrato seu. Não deixe ninguém ouvir quando telefonar.

Precisamos descobrir o tal armazém. Depois converse com as criadas e veja se elas sabem de alguma coisa do que aconteceu no estúdio na noite de sexta-feira e na manhã de sábado. Quando acabar venha para o salão.

Fox saiu e Alleyn foi ao encontro de Troy, que esperava na porta da biblioteca.

— Podem ficar aqui...

— Muito obrigado.

Ela ia saindo quando ele pediu.

— Pode me dar um momento?

Afastou-se para lhe dar passagem e voltaram para junto do fogo.

Troy apanhou umas achas, mas Alleyn adiantou-se.

— Deixe que eu faço isso...

— Não se incomode...

Atirou as achas no fogo e sacudiu as mãos.

— Os cigarros estão em cima da mesa, Mr. Alleyn. Pode servir-se.

Ele acendeu o dela e depois o seu e sentaram-se.

— E agora?

— Quero que me conte exatamente tudo o que fez desde a hora em que saiu do estúdio na tarde de sexta-feira até a reunião da classe hoje de manhã.

— É um alibi?

— Isso mesmo.

— Então pensa, por um momento, que eu tenha matado a moça?

— perguntou Troy muito calma.

— Nem por um momento...

— Acho que não deveria ter dito isso. Desculpe. Quer que comece com a hora em que cheguei a casa?

— Sim, por favor.

Ele pensou que ela estava sentida com ele por não haver retribuído o sorriso amigável e não lhe ocorreu que aquilo havia despertado todas as defesas dela. Percebia o que se passava, mas não podia compreender a atitude de Troy para com ele, toda aquela teimosa agressividade. Mais tarde ele diria a Nigel Bathgate que não conseguia ligar Troy ao caso. Para Troy ele parecia tratar o assunto com uma atitude de despreendimento oficial que ignorava qualquer conhecimento ou amizade anteriores. Ela imaginou intimamente, com um sentimento de vergonha, que provavelmente ele pensava que ela havia corrido atrás dele no navio. Havia consentido em

posar para ela com a secreta convicção de que aquilo levaria a um namoro, ou talvez mesmo ele imaginasse que ela estava promovendo uma venda.

Agora, na primeira noite em Tatler's End os dois davam mostras de uma fria cortesia. Troy procurou acalmar-se e começou a relatar suas atividades daquele fim de semana.

— Eu voltei para casa, tomei banho e mudei de roupa para depois almoçar. Depois disso, pelo que me lembro, fiquei sentada com Katti conversando e fumando aqui. Depois fomos à garagem, apanhei meu carro e seguimos para nosso clube em Londres. É o United Arts. Chegamos lá por volta das quatro horas, tomamos chá com algumas pessoas que encontramos no clube, saímos para fazer compras durante uma hora e voltamos ao clube mais ou menos às seis. Tomei um banho e encontrei-me com Katti no salão.

Tomamos um coquetel e depois fomos jantar com Arthur Jaynes e a mulher.

Éramos seis ao todo. Ele é o presidente do Grupo Fênix. De lá fomos todos à exposição. Jantamos no Hungaria com os Jaynes e eu voltei ao clube por volta de duas horas. No sábado fui fazer o cabelo no Cattcherly, na Bond Street. Katti e eu fomos novamente dar uma olhada na exposição e eu almocei no Ritz com um homem chamado John Bellasca. Depois fui buscar Katti e voltamos mais ou menos às três horas.

— E foi até o estúdio?

— Fui, sim, para pegar minha caixa de esboços. Queria ver o que tinha, pois pretendia pintar ao ar livre no domingo. Trouxe a caixa para cá e passei o resto da tarde arrumando umas coisas. Depois disso fomos, Katti e eu, procurar alguma coisa para pintar. Jantamos fora e, quando voltei, perguntei se Garcia tinha ido embora, mas as empregadas só souberam me dizer que ele não tinha aparecido para o café nem para o almoço, e eu pensei então que ele tinha ido embora na sexta-feira à noite. Ele dormia no estúdio, como já lhe

disse, porque eu não queria que ficasse aqui em casa por causa de sua atitude com as mulheres.

— Hum, compreendo. E no sábado, quanto tempo ficou no estúdio?

— Só o tempo de apanhar minha caixa.

— Alguém foi com você?

— Não.

— Reparou no pano?

Troy inclinou-se para a frente com a cabeça entre os punhos cerrados.

— É nisso que venho pensando, tentando lembrar desde que Hatchett disse que ele estava esticado no domingo. Espere um momento. Eu fui direto ao armário atrás da porta e apanhei minhas coisas. Olhei na caixa e verifiquei que não havia terebintina e então fui ao depósito para encher o vidro. Depois voltei ao estúdio e... sim, sim!

— Lembrou alguma coisa?

— Sim. Eu... eu devo confessar que ainda não tinha tido coragem para tornar a olhar para o "retrato de Valmai depois do que Sônia fizera com ele.

Simplesmente deixei-o virado para a parede por trás do trono. Bem, quando ia saindo do depósito, olhei o quadro ali e achei que era melhor acabar com aquilo de uma vez, e caminhei então na sua direção. Cheguei até junto do trono e agora lembro-me claramente que contornei o pano para não desmanchar a sua posição, pois reparei, sem prestar muita atenção, que ele estava certinho e bem esticado desde a almofada até o chão do estrado. O senhor deve ter reparado que ele estava preso à almofada por um alfinete de fraldas para não escapar quando o modelo se deitasse. Estava preso no chão com um percevejo que escapulia logo que o modelo se apoiasse, e isso era feito com a idéia de termos as dobras do pano mais naturais em torno do modelo. Estava bem esticado quando eu o vi.

— Não creio que seja necessário lhe dizer o que isso significa. Tem plena certeza de que o pano estava esticado?

— Poderia jurar.

— E afinal olhou para o retrato de Valmai? Troy desviou o olhar.

— Não, não olhei. Não tive coragem. Acho que fiz mal, não foi?
— Deu uma risadinha amarga.

Alleyne teve um movimento rápido, mas logo se controlou.

— Não, acho que não. Sabe se alguém foi ao estúdio a qualquer hora ontem?

— Não sei. Acho que não foi ninguém. Eu não fui e Katti tampouco, porque estava escrevendo um artigo para uma revista e ficou ocupada na biblioteca. Acho melhor perguntar a ela.

— Mas, voltando às suas atividades, a senhora foi ao jardim para pintar?

— Fui, sim. Às onze horas. O relógio da igreja tinha acabado de bater.

Trabalhei até as duas e entrei para almoçar. Depois limpei meus pincéis em casa sem ir ao estúdio. Katti e eu olhamos a minha tela e depois li o artigo dela e comecei a batê-lo à máquina. Fiquei sentada aqui imaginando um painel decorativo e rabiscando. Valmai e Pilgrim chegaram de carro para o chá das cinco e os outros vieram pelo ônibus das seis.

— E Sônia estava com eles? — Estava, sim.

— E passaram toda a noite juntos?

— A classe tem uma espécie de sala comum nos fundos da casa, onde era o salão de baile no tempo de meu avô. Quando meu pai perdeu a maior parte de sua fortuna, parte da casa foi fechada e essa sala estava incluída.

Guardo lá algumas coisas velhas e fica por trás da sala de jantar. Todos foram para lá depois do jantar de domingo, na noite de ontem, e eu estive algum tempo com eles.

— Estavam todos lá?

— Acho que estavam. Pilgrim e Valmai saíram para passear no jardim.

Acho que queriam aproveitar as amenidades do noivado.

Alleyn riu inesperadamente. Tinha um riso muito agradável.

— O que foi? — perguntou Troy.

— As amenidades do noivado — citou Alleyn.

— Sim, o que há de errado nisso?

— Uma ótima expressão.

Durante algum tempo ficaram ali sem constrangimento, como se fossem velhos amigos.

— Bom — disse Troy —, eles voltaram muito compenetrados e os outros fizeram uma gozação. Só Sônia não tomou parte. Ficou de cara amarrada, num tremendo mau humor. No ano passado, Sônia era a atração máxima para os alunos homens e durante as horas de descanso era como uma rainha cigana entre os seus cortesãos, a pobre idiotazinha. Depois chegou Valmai e passou-a para trás. Ela ficou desatinada. O senhor já viu como é Valmai. Não esconde seus atrativos nem sentimentos. Katti diz que ela é uma vitoriosa ninfomaníaca.

— Pilgrim parece um cara bem sincero...

— E também é muito bom.

— Acha bom o noivado?

— Nada disso. Acho que ela só quer o seu título.

— Não vai me dizer que ele é filho do lorde metodista?

— Isso mesmo, e ele está muito mal. Pode morrer a qualquer hora.

Aliás...

— Sim... ?

— Bem, não sei se tem importância...

— Por favor, diga-me tudo o que pensar.

— O senhor talvez lhe dê importância demasiada.

— Fomos ensinados a não agir assim, sabe?

— Desculpe. O fato é que eu acho que Pilgrim está preocupado com alguma coisa depois que ficou noivo.

— Tem alguma idéia do que possa ser?

— Primeiro pensei que fosse a moléstia do pai, mas acho que não pode ser isso.

— Talvez esteja arrependido da escolha...

Troy mostrava-se cada vez mais distante. — Não creio que seja isso.

Parece-me que se trata de qualquer coisa ligada a Sônia. Notava que ele não se sentia à vontade com ela. Sônia estava sempre soltando piadas a respeito de noivos. Acho que ela chateava muito Pilgrim.

— Pensa que tenha havido alguma coisa entre os dois?

— Não faço a menor idéia.

Bateram de leve na porta e logo Fox entrou.

— Consegui falar, senhor. Vão cuidar de tudo imediatamente. O pessoal já terminou no estúdio.

— Diga-lhes que esperem. Estarei lá em um minuto.

— Já terminou comigo, Mr. Alleyn?

— Sim, Miss Troy. Muito obrigado. Se puder nos dar os nomes e endereços das pessoas com quem estive em Londres, eu ficaria muito agradecido. A senhora sabe, nós somos sempre obrigados a conferir tudo.

— Compreendo muito bem... — respondeu ela friamente.

Deu os nomes e endereços, inclusive de John Bellasca, com quem almoçara — Little Belgrave Street, 44.

— O porteiro do clube poderá também lhe ser útil. Seu nome é Jackson.

Ele deve ter notado minhas idas e vindas e lembro-me que chamou táxis para mim e também lhe perguntei as horas. Toda essa espécie de coisas que as pessoas fazem quando querem estabelecer álibis, imagino.

— Mas também o fazem, às vezes, em tempos normais. Muito obrigado, Miss Troy. Não vou tomar mais o seu tempo agora. Por favor, fique com os outros até terminarmos tudo isso, sim?

— Claro. Por favor, continuem usando esta sala tanto quanto precisarem.

Boa noite, boa noite...

— Boa noite, senhorita — disse Fox. E Troy saiu em grande estilo.

Capítulo VIII

Detalhes sobre Garcia

— Creio que a senhora está um pouco nervosa... — disse Fox depois que ela saiu.

— Ela fica irritada comigo.

— Com o senhor? Pois eu sempre pensei que conseguia tudo das testemunhas do sexo frágil... O senhor é um tanto formal, mas também é muito delicado.

— Muito obrigado, Fox.

— Descobriu alguma coisa que sirva, senhor?

— Diz ela que o pano estava na posição número 2 na tarde de sábado.

— Bem esticado então?

— Isso mesmo.

— Muito bem. Se ela está falando a verdade, parece que a faca foi espetada entre a ocasião em que Malmsley saiu na tarde de sexta-feira e a vinda de Miss Troy ao estúdio no sábado. E isso se Malmsley estava falando a verdade quando disse que o pano estava esticado e amarrado na tarde de sexta-feira. Tudo está apontando na mesma direção, não está, chefe?

— Está sim, Fox. Está mesmo!

— A Yard já começou a caçar Garcia. Bailey encontrou algumas fotos do grupo e aqui está uma delas. Foi tomada no jardim.

— Aqui está o modelo, Fox. Olhe só. Ele colocou os óculos e ficou olhando.

— É ela mesmo. Parece bem alegre, não é, senhor?

— É mesmo... muito alegre, sim.

— Então este aqui é Garcia...

Alleyn tirou uma lente do bolso e examinou o retrato. Viu um rosto magro e com barba crescida, os cabelos despenteados caindo sobre a testa.

Os olhos eram um pouco juntos e as sobrancelhas emendavam em cima do nariz afilado. Os lábios eram estranhamente grossos. E ali estava Garcia olhando direto para a máquina. Alleyn passou a lente para Fox.

— Vou mandar fazer as ampliações já.

— Ele me parece um bom espécime de homem selvagem.

— Se Malmsley e Miss Troy estiverem dizendo a verdade, ele é o assassino. Claro que o motivo ainda não está muito definido até aqui.

— Bem, eu não sei, Fox. Parece que a moça estava apertando-o para casar. É possível que o legista nos ajude a esclarecer alguma coisa...

— Acha que estava grávida? Sim, é bem possível. O que foi que o senhor compreendeu do fato de Garcia haver vomitado no jardim quando viu o retrato arruinado? Não achou aquilo bem estranho?

— É, sim. Eu também acho esquisito. Você ouviu a teoria de Miss Seacliff de que Garcia estava apaixonado por ela e por isso ficara tão perturbado ao ver o seu rosto desfigurado.

— É querer ir muito longe.

— Também acho. Mas poderia ser uma explicação para o crime depois de ele descobrir que Sônia fizera aquilo, resolvendo então ver-se livre dela.

Há uma segunda possibilidade que você vai achar ainda mais remota. Para mim parece possível que o sentimento estético de Garcia tenha ficado arrasado pelo ultraje feito a uma linda obra de arte. Miss Troy disse-me que o retrato de Valmai era talvez a melhor coisa já feita por ela. Eu compreendo bem essas coisas, Fox, e talvez tivesse feito o mesmo que Garcia. Teria vomitado e assassinado.

— Não creio que o senhor chegasse tão longe, por mais indignado que ficasse.

Alleyn passeava pela sala. — O segredo da reação de Garcia está aqui por trás desta cabeça bem estranha. Eu bem que gostaria de saber mais a seu respeito. Temos que procurar a sua história, Fox. Atos de violência ou coisas parecidas. Acha que ele vai aparecer inocentemente no seu armazém de Londres para fazer a sua estátua?

— Mas isso faria de Malmsley e de Miss Troy um par de mentirosos, não acha? Devo dizer que Malmsley não me inspira muita confiança. É um bocado atrevido por trás da fachada artística.

Alleyn sorriu.

— Fox, isso foi uma magnífica descrição do cara. Admirável mesmo.

Não. A não ser que Malmsley esteja mentindo, a faca foi espetada e martelada depois que todos saíram na sexta-feira. E se Miss Troy encontrou o pano esticado na tarde de sábado, então tudo foi feito antes disso.

— Se... — disse Fox, e depois de um silêncio Alleyn também respondeu.

— Se... naturalmente.

— O senhor poderia considerar que Miss Troy tinha um motivo mais forte com respeito ao retrato...

Houve uma longa pausa.

Alleyn estava junto da lareira e lá de longe perguntou: — Você acha que ela tem cara de assassina? De assassina com grande premeditação, Fox? O negócio do quadro foi uma semana antes do crime.

— Devo dizer que não acho mesmo, senhor. Esse Garcia parece mesmo o mais provável. E o que achou do depoimento de Miss Phillida Lee? Da conversa que ela ouviu? Parece que Garcia e Sônia estavam marcando algum encontro para sexta-feira, não acha?

Vamos supor que ela tenha voltado ao estúdio na noite de sexta-feira para deitar-se com ele.

— É, sim, eu sei.

— Parece que ele chegou mesmo a ameaçá-la, se dermos crédito à moça.

— Miss Seacliff não desmentiu e devemos lembrar que Phillida contou tudo a Valmai muito antes do crime. Vamos ver as suas anotações sobre a briga.

Fox tirou o caderno do bolso e começou a ler devagar, repetindo literalmente tudo quanto Phillida dissera em seu depoimento.

— Bem, nós agora precisamos descobrir alguma coisa a respeito da sexta-feira. O estúdio tem uma janela que dá para a rua e alguém pode ter ouvido vozes naquela noite lá dentro, se é que Garcia estava lá com a moça.

— E como foi que ele retirou suas coisas na sexta-feira de noite ou na manhã de sábado? Já investigamos todas as transportadoras desta área.

— Eu sei, Fox. Eu sei. Vamos trabalhar. Temos que ver o que toda essa gente fez entre a tarde de sexta-feira e a noite de sábado. E onde está Bailey?

Preciso falar com ele primeiro.

Bailey chegou com seu ar enfezado de costume e declarou que já tinham terminado no estúdio. Tinham montes de fotografias e impressões digitais, impressões dos pneus e pegadas lá fora. Embaixo de um travesseiro havia uma garrafa vazia de uísque cheia de impressões, algumas delas com argila.

— Devem ser de Garcia, que trabalhava perto da janela. No depósito haviam encontrado uma quantidade de coisas e até mesmo uma pesada máquina que Alleyn logo declarou ser uma impressora de gravuras.

— Há algumas manchas no chão que parecem ser de ácido nítrico. São novas, mas não encontrei o ácido em lugar nenhum.

Procurei em toda parte.

E ainda mais uma coisa. — Abriu então uma sacola que trouxera e de dentro tirou uma caixinha que entregou a Alleyn.

— Oba! Aqui temos uma *bonne-bouche*, não é? — Abriu a caixinha e viu dentro dela uma bolinha achatada de um cinzento esverdeado.

— É argila. Onde encontrou?

— Nas dobras da seda que estava na plataforma...

— Olhe aqui, Fox.

Ficaram os dois olhando as impressões na parte chata da bolinha, muito nítidas.

— Se as impressões do peitoral forem de Garcia, então esta aqui também é dele.

Houve um silêncio, e finalmente Alleyn falou: — Muito bem, Bailey, parece que você encontrou a arca do tesouro.

— Eu acho que caiu do seu avental quando estava esticando o pano por cima da ponta da faca, senhor.

— É bem possível, sim.

— Ele deve ter usado luvas. Há algumas manchas que mostram vestígios de luvas. Fotografamos tudo.

— Você trabalhou muito bem, Bailey.

— Mais alguma coisa, senhor?

— Acho que ainda há, sim. Quero que você vá ao quarto da falecida e examine tudo. Uma das empregadas vai lhe mostrar onde é. Venha me contar se descobrir alguma coisa. Depois disso pode ir embora, se quiser.

Não deixe de colocar um guarda.

— Sim, senhor.

Fox estava ruminando.

— Ácido nítrico?

— É o ácido que usam para gravura. Vou perguntar a Miss Troy.

— Está parecendo que agora só falta encontrar Garcia, não é, senhor?

— Parece que sim, Fox, mas, pelo amor de Deus, é melhor não confiar muito.

— Mas aquele pedaço de argila, senhor? Não devia estar lá, não é? O que tinha ele que fazer no trono do modelo?

— Nada...

— E pelo que diz Malsmsley, o pano deve ter sido esticado quando os outros todos foram para Londres.

— É, sim, mas de qualquer forma temos que descobrir o que fizeram em Londres. Temos que cuidar disso agora, Fox. Vá até a sala de jantar e veja o que as boas fadas nos reservam em matéria de testemunhas.

Fox saiu e voltou com Katti Bostock, que parecia tranqüila. Alleyn empurrou uma cadeira e ela deixou-se cair enquanto Fox ia para a mesa preparado para registrar o que dissesse.

— Sinto muito ter que interrogá-la outra vez, mas temos ainda muitas coisas para esclarecer. Em primeiro lugar, usam ácido nítrico no estúdio?

— Para as gravuras. Por quê?

— Encontramos manchas no depósito. Onde costumam guardá-lo?

— Numa garrafa na prateleira de cima, marcada com uma cruz vermelha.

— Não conseguimos encontrá-la.

— Foi enchida na sexta-feira e colocada lá. Deve estar lá mesmo.

— Muito bem. Agora quero saber o que fizeram todos desde a hora do almoço na sexta-feira. No seu caso creio que será simples. Acho que passou a maior parte do tempo com Miss Troy em Londres, não foi? Vejo em minhas anotações que foram as duas para o clube, onde mudaram de roupa, e depois jantaram com os Jaynes em Eaton Square. Dali foram à exposição do Grupo e depois foram cear no Hungaria. Está certo?

— Sim, senhor. Certo.

— Ficaram no clube. A que horas voltaram do Hungaria na noite de sexta-feira?

— Já era sábado de madrugada. Eu saí com os Jaynes por volta de meia-noite e trinta e eles me levaram ao clube. Troy ficou com John Bellasca e ajudou a fechar a casa.

— Encontraram-se depois na hora do café?

— Isso mesmo. Depois separamo-nos na parte da manhã e só nos encontramos outra vez na exposição. Eu almocei com uns conhecidos que encontrei, Graham Barnes e a mulher. Ele é aquarelista. Depois fui encontrar-me com Troy no clube e voltamos para casa. Ela almoçou com John Bellasca.

— Está bem. Vamos ter que confirmar com Sir Arthur Jaynes, sabe como é...

— Eu sei. O senhor está querendo saber se nós tivemos tempo para voltar escondidas para cá e preparar a armadilha para Sônia, não é?

— Essa é mais ou menos a idéia. Conheço ligeiramente Sir Arthur Jaynes. Quer que eu lhe diga que a senhora perdeu seu colar de pérolas e nós estamos tentando achá-lo?

— Nossa! Nada disso. Diga-lhe exatamente o que aconteceu. Acha que eu tenho cara de quem tem pérolas para perder? E John cuidará do alibi para Troy. Provavelmente se despencará para cá a cento e cinqüenta quilômetros por hora para dizer que foi ele quem fez tudo. Tome cuidado. — Katti deu uma risada e acendeu um cigarro.

— Compreendo. — E Alleyn pensou logo na imagem de Troy sentada diante da lareira com as mãos na cabeça. Não vira nenhum anel nos seus dedos.

— Quando voltou ao clube, alguém viu quando entrou?

— O porteiro da noite abriu a porta para mim. Não me lembro de mais ninguém.

— O seu quarto era perto do de Miss Troy?

— Ao lado.

— Escutou quando ela voltou?

— Não. Ela diz que bateu na minha porta, mas eu devia estar dormindo.

A criada veio com o chá às sete horas, mas eu tinha tempo de sair, pegar o carro de Troy para vir aqui e voltar, sabe?

— Eu sei, sim. Mas veio?

— Não.

— Muito bem. Vamos então tentar descobrir. A senhora voltou aqui para o almoço, não foi? Como passou a tarde?

— Fiquei aqui escrevendo um artigo para uma revista.

— E foi ao estúdio alguma vez?

— Não.

— Miss Troy estava com você na tarde de sábado?

— Ela entrava e saía. Deixe-me ver. Passou bastante tempo às voltas com sua mesa de trabalho queimando papéis velhos. Depois arrumou seu estojo. Tomamos chá aqui. Depois fomos lá fora onde Troy estava com idéia de fazer um esboço. Fomos jantar com amigos em Bossicote, os Haworths, e voltamos às onze, mais ou menos.

— Muito obrigado. E domingo?

— Passei o dia inteiro às voltas com o meu artigo para a revista. Troy pintou de manhã e veio para cá na parte da tarde. Os outros todos voltaram para jantar.

— Ouviu Sônia falar alguma coisa de seus movimentos durante o fim de semana?

— Não... Acho que não. Creio que me disse que talvez fosse a Londres.

— Foi a senhora quem a contratou antes de Miss Troy voltar, não foi?

— Isso mesmo.

— Como conseguiu encontrá-la?

— Graham Barnes deu-me o seu endereço.

— Ainda sabe onde é?

— Meu Deus, onde era mesmo? Em Battersea, creio eu.

É isso mesmo, Battersea Bridge Gardens. É isso. Tomei nota em algum lugar. Vou ver se encontro.

— Por favor. Isso nos ajudará. Agora quero saber a respeito de Sônia e de seu quadro. Aquele da artista do trapézio. Ela ainda posou para a senhora depois da cena descrita por Phillida?

Katti mostrou-se bem zangada, e seu rosto não tentou esconder o que sentia.

— Aquela nojenta! Phillida! Eu disse a Troy que ela não prestava, pagando ou não. Tudo nela é fingido. Ela escondeu-se para ouvir. É muito suja mesmo.

— Então era verdade que havia uma diferença entre você e Sônia?

— Mesmo que houvesse, isso não significaria que eu iria matá-la.

— Sim, claro que não, mas gostaria que me respondesse.

— Ela nunca ficava quieta e eu reclamei. Ela sabia que eu queria acabar o quadro para a exposição e fez todo o possível para eu não conseguir o que queria. Já raspei aquela cabeça quatro vezes e a tela está agora imprestável.

Troy facilita muito com os modelos. Ela estraga todos eles. Censurei-a porque estava merecendo.

— E ela tornou a posar para a senhora?

— Não. Já lhe disse que a tela estava perdida.

— Como é que ela se comportava mal? Apenas mexendo-se?

Katti inclinou-se para a frente com suas mãos fortes nos joelhos, e Alleyn reparou que tremia um pouco, como se fosse um cachorrinho zangado.

— Eu já tinha esboçado toda a cabeça. Só faltava completá-la. A boca estava me dando um trabalhão. Pedi-lhe para não se mover, mas ela tinha um costume horrível de morder o beijo. Cada vez que

eu a olhava ela dava uma risadinha como se percebesse que o trabalho não estava correndo bem.

Misturei as tintas e quando ia retocar o lábio inferior ela fez uma careta. Eu soltei um palavrão e ela não respondeu. Preparei-me para dar a pincelada e ela me botou a língua de fora. Aí eu perdi a paciência e disse-lhe tudo o que vinha guardando há muito.

— Deve ter sido mesmo de endoidar. Por que acha a senhora que ela procurava fazer as coisas tão difíceis?

— Ela me provocava de propósito...

— Mas por quê?

— Simplesmente porque eu a tratava como o modelo que era. Porque queria que ela justificasse o alto salário que Troy lhe pagava. Eu a contratei e consegui controlar as coisas até a volta de Troy. Ela estava sempre dizendo que eu não mandava nada, que não era a sua chefe e por aí afora...

— E só isso?

— Sim, só isso.

— Disse que seu ordenado era muito generoso. Quanto ganhava?

— Quatro libras por semana e mais casa e comida. Contou uma história para Troy a respeito de remédios e médicos e ela, como sempre, caiu no conto. Aliás, é a maior trouxa que já vi. Eu acho imoral permitir que alguém faça isso, mas não adianta falar com Troy. Agora mesmo ela tem dois aqui nas suas costas.

— Tem mesmo? Quem são eles?

— Garcia, naturalmente, que ela já vem sustentando desde muito. O outro é esse australiano lá das selvas... Ela não tem jeito mesmo, sabe?

— Acha que esta aqui é uma boa fotografia de Garcia?

— Está bem parecida com ele. Foi tirada no ano passado durante as aulas de verão.

— Ele estava aqui como hóspede de Miss Troy?

— Claro que estava. Nunca paga nada. Não tem o menor escrúpulo em questões de dinheiro. Não tem consciência...

— Nem mesmo consciência estética?

— Bem... eu não diria tanto. O seu trabalho é a sua única demonstração de honestidade. É apaixonadamente sincero.

— Gostaria que me desse uma idéia bem clara dele. Será que pode?

— Eu não sou muito boa para essa espécie de coisa. Ele é o que está aí no retrato. Tem uma cabeça boa para pintar. O senhor acha que foi ele quem assassinou Sônia, não é?

— Eu não sei quem foi o assassino.

— Pois bem, eu acho que foi ele. É bem capaz de uma coisa assim. É completamente impiedoso e frio como um peixe. Pois não foi ele que perguntou ao Malsley se alguma vez pensara em matar sua amante?

— Pelo menos foi o que Malsley nos contou.

— E aposto como é verdade. Se Sônia atrapalhasse sua vida ou o seu trabalho, e se não tivesse outro meio para se ver livre dela, poderia ter certeza de que recorreria a esse. Ela talvez tenha se recusado a lhe dar mais dinheiro.

— Então ela lhe dava dinheiro?

— Eu creio que dava. Ormerin diz que ela o sustentava no ano passado.

Ele não teria o menor escrúpulo a tal respeito. Garcia acha que o dinheiro é uma coisa necessária, mas também acha que a gente não precisa saber de onde ele vem. Ele poderia ter um bom emprego em uma firma de monumentos fúnebres que Troy lhe conseguiu, mas quando viu as lápides com anjos e bíblias abertas, disse um palavrão e mandou-se. E estava quase morrendo de fome naquela ocasião, mas não entregava os pontos.

— Acha então que Sônia estava realmente apegada a ele? Katti tirou outro cigarro e Alleyn acendeu-o para ela.

— Eu não sei bem. Não entendo muito de paixões, mas acho que ela havia se passado para Pilgrim. Não sei se seria para fazer ciúmes a Garcia ou se estava mesmo apaixonada por ele. Claro que ela não tolerava Valmai, e além de tudo Garcia tinha começado a dar em cima dela.

— Puxa vida! Que labirinto de emoções inconfessáveis. Katti levantou-se. — Já terminou comigo, Mr. Alleyn?

— Acho que já. Vamos lhe apresentar o seu depoimento para sua assinatura. Naturalmente só queremos estabelecer seus movimentos, mas, se não quiser assinar...

— Quem disse que não quero? É só me apresentarem... Ela saiu e Fox fechou a porta.

— Moça esquisita...

— É sim, mas nos deu algumas informações sobre Garcia.

— E bem boas.

Ouviram uma batida na porta e um dos policiais entrou, para anunciar que havia um homem lá fora que queria falar em particular com Alleyn.

— Qual é o seu nome?

— Ele não quis dizer. Só falou que o senhor ia ter muito prazer em recebê-lo.

— Será algum repórter? Se for, diga-lhe que terei muito prazer em vê-lo longe daqui. Estamos muito ocupados agora...

— Ele não disse que era repórter, senhor. Só disse que o senhor ia dar gritos de alegria quando o visse.

— Vá pedir-lhe que diga o seu nome.

Fox estava excitado. Estava pensando que poderia ser o próprio Garcia com toda a sua excentricidade.

— Não, acho que estou reconhecendo o estilo. Acho, Fox, que o nosso persistente amigo chegou em primeiro lugar para a notícia...

— Certo como sempre, Mr. Alleyn... — e Nigel Bathgate entrou na sala.

Capítulo IX

Phillida Lee e Watt Hatchett

— De onde saiu você, com todos os diabos? — perguntou Alleyn a Nigel Bathgate, que caminhou para ele sorrindo.

— O céu abriu-se e eu caí. Alô, Fox!

— Boa noite, Mr. Bathgate.

— Creio que você falou com mamãe ao telefone, hein?

— Como o inspetor é vivo! Acertou logo. Foi sua mãe que me telefonou para dizer o que acontecera e certa de que você ia se esquecer de me avisar...

— E você então montou no seu carro e percorreu os trinta quilômetros em poucos minutos só para dizer como sentia a minha ausência?

— Isso mesmo. Você lê em mim como se eu fosse um livro aberto.

Angela manda lembranças. Ela também teria vindo, mas não estava muito disposta para uma viagem dessas.

Sentou-se numa das poltronas.

— Não quero interrompê-lo. Pode me contar tudo mais tarde. O que eu já sei é o bastante para as primeiras manchetes. Vou telefonar ao jornal. Sua mãe, que é a bondade em pessoa, já me convidou a ficar lá com ela.

— Ela não deve estar boa da cabeça...

— Ora, vamos lá, inspetor, eu sei que está encantado por me ver.

— Não vejo a menor desculpa que justifique sua intromissão. Sou muito capaz de mandar jogar você lá fora.

— Não faça isso. Eu ficarei quietinho lá num canto e ninguém me verá.

Tudo correrá bem.

— É bem irregular, mas você às vezes chega a propósito. Fique lá no canto.

— Estou aqui invisível, mas ouvindo a conferência.

— Vamos conversar depois. Vá buscar mais outra pessoa, Fox.

Depois de Fox sair, Nigel perguntou se Alleyn tinha gostado da Nova Zelândia.

— Engraçado você arranjar um caso lá. Foram férias com trabalho, não?

— Gostei muito. Ninguém interferiu e os repórteres se comportaram bem.

Houve um silêncio que foi afinal interrompido por Nigel.

— Você teve uma aventura com uma americana a bordo? Lady Alleyn disse-me que o retrato está milagrosamente parecido com você.

— Chega de tagarelice...

— Pois tenho uma novidade... Angela está esperando!

— Foi o que eu percebi de suas primeiras palavras, e aliás estou certo de que Fox também percebeu.

— Estou tão vidrado que poderia sair por aí gritando. Ela não está mais enjoada. Queremos que você seja o padrinho, Alleyn.

— Ficarei encantado.

— E você não quer me contar o que há com esse caso? Alguém matou a moça que era modelo, não foi?

— É bem possível.

— Como foi?

— Espetaram uma faca no trono de forma que quando ela assumiu a pose...

— Sentou-se em cima dela?

— Não seja burro. Ela deitou-se e a faca atravessou-lhe o coração, pobrezinha.

— Quem é o principal suspeito?

— Um cara chamado Garcia, que foi seu amante. Ouviram quando ele a ameaçou. Devia estar cheio dela, apesar de viver à sua custa.

— Ele está aqui?

— Não. Anda por aí, sabe Deus onde...

— E você acha que ele deu o fora?

— Eu não sei. Parece que é um sujeito incrível e desagradável, com padrões estritamente estéticos e nenhum senso moral. Parece que é um gênio. Agora cale-se que aqui vem outra aluna, uma de suas colegas.

Fox entrou trazendo Phillida Lee.

Alleyn só a tinha visto antes de longe e ficou surpreso como era pequenina. Vinha com um vestido vermelho pintado a mão propositadamente fora de moda, mas interessante. O rosto tinha sido moldado pela austeridade de Slade e parecia alheio ao que se passava. Falava com um ligeiro sotaque do interior e quando Alleyn pediu que se sentasse ficou na beirada de uma cadeira com os olhos fitos nele.

— Muito bem, Miss Lee, não vamos detê-la durante muito tempo. Só queremos ter uma idéia de seus movimentos durante o fim de semana.

— Mas que coisa horrível!

— Horrível por quê?

— Não sei. Tudo tão terrível. Sinto que nunca mais serei a mesma. O *choque!* Claro que preciso me conformar, mas é tão difícil!

— Não faça senão o que for ditado pelo bom senso...

— Mas eu sempre pensei que na polícia usavam métodos psicológicos.

— Mas, de qualquer forma, eles não se aplicariam a este caso agora. A senhorita saiu de Tatler's End na tarde de sexta-feira pelo ônibus das três horas, não foi?

— Isso mesmo.

— Com Ormerin e Hatchett?

— Isso mesmo.

— E o que fizeram ao chegarem a Londres?

— Fomos todos tomar chá juntos.

— E depois?

— Ormerin sugeriu que fôssemos a uma exposição de *posters* em Westminster. Nós fomos e encontramos muita gente conhecida.

— Os nomes, por favor.

Ela deu os nomes e alguns endereços.

— E quando saíram da exposição?

— Acho que deveriam ser umas seis horas. Ormerin tinha um encontro qualquer. Hatchett e eu fomos jantar no Lyons. Depois fomos ver um *show* no Vortex. Eu sou assinante e tinha as entradas. Estavam levando uma peça de Michael Sacha chamada *Angulo de incidência*, que é ótima e absolutamente nova. É toda sobre três trabalhadores municipais num esgoto.

— Falaram com alguém lá?

— Falamos com o próprio Sacha e com Lidnel Shand. Conheço os dois.

— Sabe os seus endereços?

Ela mostrou-se vaga a tal respeito, mas disse que por meio do Vortex qualquer comunicação chegaria a eles. Depois, sob a orientação paciente de Alleyn, explicou como tinham passado o fim de semana. Ela ficara em casa de uma tia em Fulham Road e passara com ela a maior parte do tempo.

Também saíra com Hatchett e tinham ido a um cinema juntos, na noite de sábado.

— Eu só espero que o senhor não precise ir falar com titia, inspetor, porque é ela quem paga o meu curso com Miss Troy, e se descobrisse que eu estou às voltas com a polícia iria ficar muito zangada e talvez isso fosse o fim de minha pintura, o que seria, para mim, uma tragédia.

— Vamos evitar isso, na medida do possível — prometeu Alleyn depois de anotar o endereço da tia.

— Agora, Miss Lee, vamos falar sobre aquelas conversas que escutou...

— Eu não quero ser chamada como testemunha — disse ela muito aflita.

— É possível que não seja, mas deve imaginar que, em casos sérios como este, as razões pessoais nem sempre podem prevalecer quando interferem nas investigações policiais.

— Mas eu nunca quis insinuar que a Katti fosse capaz de matar Sônia só por causa da raiva que sentiu.

— Nem eu também, aliás. Parece que a classe inteira vinha tendo esses acessos de raiva, quase sempre pela mesma razão.

— Mas eu nunca tive. Nunca me zanguei com ela. Pergunte a todos os outros. Sempre me dei bem com todos e senti muito o que aconteceu. Garcia era um animal com ela. Eu acho que ele era mau mesmo. Se tivesse ouvido o que eu ouvi!

— Eu bem que gostaria de ter ouvido...

— Quando ele disse que lhe fecharia a boca para sempre! Bem, é uma coisa que às vezes a gente diz sem querer, mas ele estava falando para valer!

Falava como se fosse fazer aquilo ali mesmo naquela hora! Fiquei apavorada! Fiquei mesmo, sabe? Foi por isso que fiz barulho na porta e fui entrando...

— E na outra conversa que ouviu, teve a impressão de que eles iam ter algum encontro na sexta-feira?

— Era o que parecia. Mas pelo jeito de Sônia falar eu pensei que a idéia era ela voltar e ir para a cama com ele, pois não havia ninguém mais aqui.

— E o que fizeram quando a senhorita apareceu?

— Garcia apenas ficou olhando para mim. Ele tem um modo horrível de olhar para a gente. Como se fôssemos animais. Fiquei

apavorada pensando que ele desconfiasse que eu tinha ouvido, mas logo vi que não. Fui entrando e falando. Perguntando se estavam namorando. Nem sei como tive coragem, mas falei. Ele deu-me as costas e foi continuar seu trabalho. Sônia apenas foi-se embora. Estava com uma aparência horrível, Mr. Alleyn. Ela sempre usava muita maquiagem, a não ser quando estávamos lhe pintando a cabeça, mas mesmo por baixo dessa maquiagem percebia-se que estava absolutamente pálida! Oh, Mr. Alleyn, acredito que foi ele mesmo!

— Você me disse que se dava muito bem com Sônia. Ela alguma vez lhe falou alguma coisa que se relacionasse com o que havia entre os dois?

Phillida ajeitou-se mais confortavelmente na cadeira. Estava começando a divertir-se.

— Bem, desde esta manhã eu venho pensando em tudo que consigo lembrar. Só comecei a conversar direito com ela depois de já estar aqui há algum tempo. Aliás, todos os outros se mostravam tão superiores que eu nunca tinha uma oportunidade para conversar com eles. É sempre difícil a gente se acostumar num ambiente novo. Foi realmente por isso que eu saí de Slade. Era um ambiente terrível tanto de parte dos professores como dos alunos. Logo no princípio isso aqui também era bem ruim, apesar de Miss Troy ser simplesmente *maravilhosa*. Malsley também esteve em Slade e ele é *típico*. Valmai ainda é pior. Aliás, ela nunca toma conhecimento das outras mulheres, ao passo que todos os homens giram em torno dela sem pensar em mais ninguém. Ficou um pouco melhor depois que ela anunciou o noivado com Pilgrim. Sônia sentia como eu e conversávamos muito a respeito de Valmai, consolando-nos mutuamente.

E a voz fininha, com um ligeiro sotaque do interior, continuou contando as suas lamúrias que não tinham fim.

Alleyn, enquanto ouvia, ficava imaginando as duas. Phillida, revoltada e solitária, e Sônia, sabe Deus quão revoltada e infeliz, consolando-se mutuamente enquanto falavam mal de Valmai.

— E vocês duas se tornaram amigas?

— Mais ou menos, sabe? Eu não sou dessas que olham de cima só porque a outra é modelo. Aliás, eu sou comunista. Sônia ficava furiosa e xingava Valmai dos piores nomes. Ela achava que alguém deveria alertar Pilgrim. Ela... ela... disse...

— Sim? O que foi que ela disse?

— Não sei se devo lhe dizer. Sabe, eu gosto muito de Pilgrim e... bem, eu quero dizer que...

— Alguma coisa que Sônia disse a respeito de Valmai?

— Não, nada disso! Eu pouco me importaria com o que alguém dissesse dela. Mas não podia acreditar que fosse verdade a respeito de Pilgrim. Não acredito que ele jamais tivesse alguma coisa com ela. Acho que Sônia inventou.

— Inventou o quê, Miss Lee? Será que ela disse ter havido algum romance entre ela e Pilgrim?

— Bem, se é que se pode chamar isso de romance! Eu quero dizer que ela disse... bem, isso foi séculos atrás, depois de uma festa, e eu acho que os homens e mulheres devem ter a liberdade para seguir seus impulsos sexuais sem nunca reprimi-los. Mas o que eu acho é que Pilgrim nunca ia fazer aquilo, porque ele não é desse tipo, mas assim mesmo não vejo por que não faria, pois, como disse Garcia, se a gente está com fome... a gente come. — Foi com muito esforço e muito vermelha que ela conseguiu terminar aquela tirada.

— É isso mesmo, mas isso não exige que se tenha uma indigestão.

— Sim, claro que não. Mas ainda não acho que Pilgrim tivesse feito aquilo.

— Sônia disse que teve relações íntimas com Pilgrim?

— Isso mesmo. Ela disse que poderia contar a Valmai uma ou duas coisas a respeito dele e que contaria mesmo, se ele não andasse direito. Mas eu não acredito que tenha havido. Não acredito mesmo. Aquilo foi só porque ela estava furiosa já que Pilgrim não lhe dava atenção.

— A senhorita voltou ontem à noite junto com ela, de ônibus, não foi?

— Sim. Voltamos junto com Hatchett, Ormerin e Malmsley.

— Notou alguma coisa diferente nela?

— Não. No princípio ela flertou com Ormerin, mas acho que depois dormiu o resto da viagem.

— E ela disse o que tinha feito em Londres?

— Creio que ela falou que tinha saído com um amigo...

— Mas não tem idéia de quem foi?

— Não, Mr. Alleyn.

— Nada a respeito de Garcia?

— Não.

— Ela falava muito dele?

— Não muito. Mas de certa maneira parecia estar segura a respeito de Garcia, apesar de ele estar cheio dela. O que eu acho é que ele já não se sentia atraído pelo corpo dela. Ela parecia segura ao mesmo tempo que se mostrava furiosa com ele. Claro que ela não andava muito bem...

— Não andava, não é?

— Isso mesmo. Tenho certeza que foi essa a razão para aquela coisa terrível que ela fez com o retrato de Valmai. Ela estava doente mesmo, mas pediu-me que não falasse a ninguém porque achava que ficaria mal para a sua posição. Uma manhã ela estava positivamente *verde!* Quando eu lhe perguntei o que tinha, ela respondeu que era a posição que a deixava enjoada. E além disso sentia tonturas.

Alleyn estava assombrado com a infantilidade daquela moça, percebendo como era artificial a sua sofisticação.

— Muito bem, senhorita, acho que não temos mais nada. Já estou aqui com o endereço de sua tia e...

— Mas não se esqueça do que lhe pedi, sim?

— Pode ficar descansada, eu inventarei alguma história para não deixá-la mal. Só quero saber se passou todo o fim de semana com ela.

— E Watt...?

— Ele também esteve lá? Ela ficou meio encabulada.

— Bem, não ficou o tempo todo. Não ficou conosco, mas veio para almoçar e para o chá. Também veio jantar no sábado e almoçar no domingo.

Eu sei que ele é grosso e não fala bem, mas eu expliquei a minha tia que todo mundo era assim lá na Austrália. De qualquer forma, eu acho que o seu trabalho é formidável.

— E onde foi que ele ficou?

— Num hotel particular perto de nossa casa. Fomos ao cinema juntos no sábado.

— Muito obrigado. Quando voltar à sala de jantar, queira ter a bondade de pedir a Mr. Hatchett que venha aqui dentro de dez minutos, sim?

— Pode deixar que eu falo. Que coisa horrorosa, não é, Mr. Alleyn?

— É mesmo, Miss Lee. Boa noite...

Ela saiu com ar muito compungido, fechando a porta com cuidado.

Alleyn foi para perto do fogo e Fox veio juntar-se a ele e Nigel.

— Uma matutazinha bem simples, hein?

— Uma bobinha, isso sim, com todas essas tolices modernas. Escute aqui, Bathgate, você, que pertence à jovem *intelliguêntsia*,

pode me explicar se essas idéias de sexo são baseadas em experiências ou nos compêndios?

— Eles estão deixando você chocado, inspetor?

— Devo confessar que me sinto confuso diante das conversas deles...

— Ora, deixe disso!

— E você, o que acha, Fox?

— Bem, senhor, devo lhe dizer que achei a conversa deles lá na sala muito livre. Toda essa história de amantes, de apetites, e outras trapalhadas.

Muito livre. Não vejo muita diferença entre o comportamento deles e aquela gente barra pesada com quem estávamos acostumados a tratar, se formos acreditar no que ouvimos. Somente as classes de criminosos são assim tão promíscuas, sem pretensões a intelectuais, se é que o senhor me compreende.

Mas, aliás, não acredito que esta turma aqui seja assim tão livre como querem fazer-nos acreditar.

Essa mocinha agora, por exemplo. Deve ser de boa gente lá da roça querendo passar por piranha...

— É isso mesmo, Fox. Uma burrinha...

— É melhor você voltar para o seu canto, Bathgate, pois aí vem Mr. Watt Hatchett.

Ele entrou com as mãos nos bolsos e Alleyn ficou olhando aquele perfeito espécime do malandro de Sydney que está querendo meter a cara no mundo. Era baixo e dava a impressão do vilão dos filmes sobre a América do Sul. Tinha um cigarro sempre preso ao lábio inferior e as mãos eram lindas.

— Quer falar comigo, inspetor?

Ele nunca abria a boca mais do que o absolutamente necessário e falava com um sotaque que procurava tornar bem carregado, e com uma voz anasalada. Havia nele, no entanto, alguma coisa de atraente, uma virilidade crua.

— Sente-se, Mr. Hatchett. Não vamos demorar. Estou certo de que o senhor avalia bem a importância do que nos disse a respeito do pano...

— Exatamente. Eu acho que isso mostra que o autor do trabalho sujo com a faca deve ter agido depois que todos foram para Londres, com exceção apenas de Garcia e do importante Mr. Malmsley.

— Exatamente. Então o senhor não vai estranhar se eu lhe pedir para me repetir o essencial da informação.

Era aquilo mesmo que ele queria, e contou tudo novamente como fora, terminando com a afirmativa categórica de que o pano estava esticadinho quando ele saiu para pegar o ônibus.

Alleyn silenciou sobre o que Troy lhe dissera quanto à condição do pano no sábado à tarde. Pediu a Hatchett que lhe contasse o que fizera durante o fim de semana.

— Nós tomamos chá e depois fomos ao teatro que eles chamam de Vortex, onde assisti à maior porcaria em matéria de peças em toda a minha vida. Três caras dentro de um esgoto falando durante duas horas, e chamam àquilo uma peça! Se aquilo é peça, então eu fico com o cinema falado de Sydney. Encontramos o cara que é o dono do lugar, uma bicha louca que se ilude pensando que é muito importante. Ninguém vai me botar dentro de um teatro outra vez. Fico mesmo com o cinema.

— Eu lhe garanto que o Vortex está para o verdadeiro teatro da mesma forma que os desenhos de Malmsley, por exemplo, estão para os retratos de Miss Troy.

— Será que é assim mesmo?

— Claro que é. Mas estamos fugindo ao nosso caso. Vocês foram ao Vortex na noite de sexta-feira e Miss Lee voltou para a casa da tia dela?

— Isso mesmo. Levei-a para casa e depois fui para meu hotel, ali pertinho.

— Alguém viu vocês chegarem?

E continuaram naquela linha. Hatchett poderia, se fosse necessário, apresentar alguma espécie de álibi, aceitável ou não. Alleyn já estava de posse de informações bastantes para conferir tudo o que ele alegava.

— Quero que me diga se alguma vez ouviu de Garcia alguma coisa que possa levar-nos a descobrir onde é o tal armazém que ele tem em Londres.

— Eu nunca fui muito com aquele cara. Acho que é bicha. Parece que nunca ouve o que a gente diz a ele. Eu lhe disse uma vez que queria dar uma olhada quando ele começasse a trabalhar no mármore, e sabe o que ele respondeu? Disse que ia tomar todas as precauções para que ninguém soubesse onde ele ia trabalhar, pois não queria ser chateado. Só disse que o tal lugar é de um cara que foi viajar. Foi o que disse Sônia também.

— E na sua viagem a Londres, sentou-se perto de Sônia?

— Nada disso. Depois daquilo que ela fez com o retrato de Miss Troy, eu não quis mais nada com ela. Sinto muito que lhe tenha acontecido isso, mas não ia com a cara dela. Estava sempre me gozando por ser australiano.

Parece que ela foi lá uma vez com alguma companhia de teatro, mas não fez grande sucesso. Ela me tratava como lixo só porque minha família não era importante. Chegou a me encher tanto que eu lhe disse uma vez: "Penso que se Miss Troy achou que eu era bom o bastante para estar aqui, mesmo que meus pais sejam apenas gente humilde, então ela também achou que eu era tão bom quanto você". Fiquei por conta com aquilo que ela fez com o retrato. Miss Troy para mim é o máximo. Sabe que ela pagou minha passagem?

— Pagou mesmo?

— Claro que pagou. Ela me viu pintando lá em Suva. Eu fui até Suva à minha custa, trabalhando, e arranjei um emprego lá. Era um bom emprego e deu para eu comprar esta roupa, mas um dia briguei com o patrão e caí fora.

Estava sempre pintando e um dia ela me viu e com certeza achou que eu tinha talento e me trouxe para cá. Sônia achava que eu estava vivendo de esmolas.

— Desde que entrou aqui na classe de Miss Troy, você fez alguma amizade especial com alguém dentre os alunos?

— Fiz, sim. Com Phillida. Ela trata a gente como seres humanos.

— E os homens?

— Malmsley me enche. Ele não passa de um frescalhote. O francês ainda não descobriu que nasceu e Garcia é bicha. Eles não gostam de mim e eu não gosto deles.

— E Pilgrim?

— Bem, ele é diferente. Ele é legal. Dou-me muito bem com ele, apesar de seu velho ser lorde.

— E ele tinha boas relações com Sônia? Hatchett fechou a cara.

— Não sei nada disso...

— Nunca ouviu um falar do outro? Nem um com o outro?

— Não.

— Então, só o que pode nos dizer a respeito de Sônia é que não gostava dela. Não gostava mesmo, hein?

Ele apertou os olhos num sorriso insolente.

— Isso não faz de mim um assassino, não é? Eu seria um bobalhão se dissesse que não a tolerava e tudo o mais, se tivesse alguma culpa no caso, não é?

— Bem, eu não sei. Você poderia ser esperto o bastante para fazer justamente isso.

O rosto escuro ficou mais pálido.

— Ora essa! O senhor não pode fazer isso comigo. Eu já disse tudo direitinho. Acho que isso aqui não está certo. Só porque eu disse que estava cheio de Sônia, o senhor quer me fazer passar por mentiroso. Acho que a tal polícia maravilhosa de Londres não é tão maravilhosa assim. O senhor só faltou me chamar de assassino.

— Meu caro Mr. Hatchett. Se o senhor pretende atravessar a sua vida procurando insultos, pode ter certeza de que vai encontrá-los em grande quantidade. Durante toda a nossa conversa eu nunca o chamei de assassino.

— Eu fui correto com o senhor...

— Não tenho tanta certeza assim. Acho que me escondeu alguma coisa propositadamente. Quero me referir a quando eu lhe perguntei se sabia alguma coisa das relações entre Sônia e Pilgrim.

Hatchett ficou calado. Sacudia a cabeça de um lado para outro, puxando o cigarro com ostentação.

— Muito bem. Acho que terminamos. Mas Hatchett não se levantou.

— Não sei onde o senhor foi buscar essa idéia.

— Não sabe mesmo? Bem, não precisamos mais do senhor. Vamos conferir o seu álibi e depois pedir-lhe para assinar o depoimento. Por enquanto é tudo.

Hatchett levantou-se com os ombros encolhidos e acendeu outro cigarro na ponta do anterior. Ainda estava bem pálido.

— Não tenho nada a dizer sobre Pilgrim. Não devo estar falando com tiras a respeito de meus amigos.

— Então prefere cercá-los de uma atmosfera duvidosa e deixar-nos chegar às nossas conclusões? Não está prestando serviço algum a Pilgrim com essas suas evasivas transparentes. Boa noite.

— Pilgrim é um cara legal. Ora, imaginem só ele fazer uma coisa dessas!

É para rir mesmo!

— Olhe aqui, meu amigo. Você vai nos contar o que sabe, vai embora ou vai me obrigar a tirá-lo daqui? Garanto-lhe que se tivermos mais alusões desabonadoras à pureza de Mr. Pilgrim, acho que vou levar os dois para o distrito.

Hatchett ficou violento.

— Mas que inferno! Pois já não disse que não era nada? E para lhe mostrar que não era nada mesmo, vou lhe contar tudo agora mesmo.

— Muito bem, pois então conte.

— É somente que Sônia ia ter um filho e que Pilgrim era o pai. E agora?

Capítulo X

Fim de semana dos noivos

O silêncio que se seguiu à revelação de Hatchett foi quebrado por um pigarro de Fox. Alleyn olhou para ele e depois para Hatchett, que tinha o olhar inflamado como se esperasse ser preso ali mesmo.

— E como é que sabe disso, Mr. Hatchett?

— Foi o que vi escrito.

— Onde?

— O negócio foi assim. Eu e Pilgrim temos aventais iguais, sabe? Logo que cheguei, gostei muito do dele, e ele me disse onde poderia comprar um igual. Foi o que fiz, e guardei-o então pendurado junto com os outros no depósito. Isso foi na última terça-feira. Na quarta-feira eu me enfiei nele e reparei que o de Pilgrim não estava lá. Ele devia ter saído com o avental.

Quando nós paramos ao meio-dia, eu enfiei a mão num dos bolsos, onde encontrei um pedaço de papel, e dei uma olhada para ver o que era. Primeiro pensei que podia ser a nota de venda da loja, sabe? Quando abri, vi que era um bilhete escrito nas costas de uma conta e que dizia mais ou menos isso, pelo que posso me lembrar: "Congratulações pelo noivado, mas o que acha que vai acontecer se eu disser a ela que vai ter um enteado? Estarei no estúdio hoje às dez horas da noite. Será melhor vir". Era mais ou menos isso.

Já não me lembro bem. Estava assinado só com um "S".

— E o que fez com ele?

— Puxa vida! Eu não sabia o que fazer. Achava que não devia ter lido.

Mas foi só por engano, afinal de contas, não foi? Voltei ao depósito e vi que ele tinha trazido de volta o outro avental, e então

enfiei o raio do bilhete no bolso dele. Naquela noite reparei que ele estava muito preocupado e logo imaginei que já tinha lido o bilhete.

"Olhe aqui, Mr. Alleyn, desculpe-me se fui grosseiro com o senhor. Eu sou assim mesmo. Faço uma grosseria e logo depois me arrependo. Mas o senhor não precisa pensar muito nessa história. Sônia era mesmo fogo.

Estava realmente pedindo isso a todo mundo. Logo que vi o bilhete, percebi que ela havia agarrado Pilgrim desprevenido e que ele se aproveitara. E agora que ele está noivo de uma moça bacana como Valmai, seria o diabo se a outra lhe entornasse o caldo. E depois tem o velho, que torna as coisas ainda piores. Pilgrim é mesmo um cara legal. Olhe aqui, Mr. Alleyn, não desejaria que ele pensasse que..."

— Está bem, está bem. Vamos ver se podemos deixar o seu nome de fora.

— Está bem, Mr. Alleyn, mas o senhor não vai...

— Ainda não vou passar as algemas nele, não...

— Sim, mas...

— Bem, é melhor agora você ir andando. E olhe aqui, não seja tão amargo com todo mundo. Espere encontrar amigos e eles aparecerão.

Desculpe-me se lhe pareço um velho tio vitoriano. Agora pode ir, sim?

— Muito obrigado. Até logo. — Saiu e bateu a porta. Alleyn encostou-se na poltrona e soltou uma gostosa gargalhada.

— Camaradilha atrevido, hein? — disse Fox. — Australiano. Já encontrei alguns assim, senhor. Sempre pensando que os outros estão olhando de cima.

— Não deixa de ser um espécime interessante — falou Nigel. — Camarada presunçoso. Até mesmo o seu *argot* é falso. É metade ianque e metade *cockney*.

— Não é de admirar que todos se virassem contra ele. É bem atrevido e revoltante quando abre a boca. É um monstro dos antípodas.

— Eu não concordo com vocês. Ele é um rapaz ainda sem jeito, mas pode vir a ser alguém. O que acha você dessa história do bilhete, Fox?

— É difícil dizer. Parece um princípio de chantagem.

— Parece mesmo, não é?

— Aliás, não seria de estranhar se descobríssemos que ela estava agindo com instruções de Garcia.

— É um caso a estudar. Bem possível.

— E depois de apanhar o dinheiro liquidou com ela...

— Você está sempre inventando coisas, Bathgate.

— Quer que chame agora Mr. Pilgrim, senhor?

— É melhor, Fox. Vamos ver se ele reforça a hipótese de Garcia.

— Aposto como vai ser assim. Ele é filho do lorde metodista?

— É esse mesmo, Bathgate. Conhece-o?

— Não conheço, mas já ouvi falar. Escrevi alguma coisa no jornal a respeito do pai. O filho é um cara agradável. Tinha um futuro promissor antes de se entregar à pintura...

— E ficou um pouco esquisito?

— Bem, não foi isso que eu disse, mas foi uma pena. De qualquer forma, não consigo vê-lo como um tipo revoltante de assassino. Pode jurar que vai aderir ao tema de Garcia.

— Isso é porque você não quer as coisas à sua moda...

— Pois então você não acha que é Garcia o seu homem?

— Com aquilo que temos, não há dúvida de que é, mas ainda é muito cedo para nos amarrarmos a uma teoria. Volte para o seu canto.

Fox entrou com Basil Pilgrim, que, como Nigel comentara, era uma figura agradável. Era alto, cabeça pequena, ombros largos e cintura fina. Seu rosto tinha traços finos. Falava voltando a cabeça

para cada um dos ouvintes, o que poderia significar uma inquietação nervosa. Tinha a boca grande e dentes magníficos. Alleyn pediu-lhe para sentar-se, ofereceu-lhe um cigarro e começou logo a estabelecer seus movimentos logo depois que saíra com Valmai na tarde de sexta-feira. Pilgrim disse que tinham ido visitar uns amigos de Valmai que moravam em Boxover, a uns vinte quilômetros de Tatler's End. Eram o Capitão Pascoe e sua senhora, e jantaram lá, ficando depois para jogar *bridge* e para dormir. No dia seguinte continuaram para Ankerton Manor, a casa de Lorde Pilgrim em Oxfordshire, onde Basil apresentou a noiva ao pai. Passaram a noite lá e voltaram para Tatler's End na tarde de domingo.

— A que horas terminou o jogo de *bridge* na noite de sexta-feira?

— Bem cedo, acho eu, senhor. Aí pelas onze. Valmai tinha uma terrível dor de cabeça e mal podia ver as cartas. Tomou três comprimidos de aspirina que eu lhe dei e foi dormir.

— E a aspirina fez efeito?

— Fez, sim. Diz ela que dormiu profundamente. Só acordou quando lhe trouxeram o chá, e já estava boa da cabeça.

— Ela é sujeita a esses ataques? Pilgrim teve uma expressão de surpresa.

— É, sim. Pelo menos ultimamente tem tido alguns, e estou preocupado.

Quero que vá ver um oculista, mas ela não gosta da idéia de usar óculos.

— Talvez não seja dos olhos.

— Deve ser. Os pintores sempre forçam muito os olhos, não é?

— E o senhor dormiu bem?

Voltou-se para Alleyn com ar de espanto. — Eu? Eu sempre durmo como um justo.

— Qual é a distância daqui até Ankerton Manor, Pilgrim?

— São uns cento e cinqüenta quilômetros, pelo meu velocímetro. Eu tomei nota.

— De modo que vocês andaram uns cento e trinta quilômetros de Boxover até lá no sábado?

— Foi isso mesmo, senhor.

— Bem. Agora, a respeito dessa infeliz moça, o senhor pode nos esclarecer alguma coisa?

— Acho que não posso. Acho que foi triste. Sinto-me arrasado.

— Por quê?

— Bem, qualquer um sentiria o mesmo, não é? Foi uma tristeza mesmo, não foi?

— Sim, eu sei que foi mesmo. O que queria dizer, no entanto, era se o senhor tinha alguma razão pessoal para sentir-se arrasado.

— Não mais do que qualquer dos outros. — Isso é verdade mesmo, Mr. Pilgrim?

Ele olhou outra vez para Alleyn e Fox, muito pálido.

— O que quer dizer com isso?

— O que eu quero dizer é se Sônia não tinha com você uma relação mais íntima do que com qualquer dos outros...

Apesar de ter estado inquieto antes, ele agora estava muito calmo, olhando para a frente com os lábios entreabertos e a testa ligeiramente franzida.

— Já vejo que tenho de ser muito franco.

— Acho que seria o mais prudente.

— Mas nada tem a ver com esta complicação, a não ser que Garcia tenha sabido e ficado furioso. Meu Deus! Não sei como o senhor descobriu isso, mas acho que será até um alívio para mim falar com alguém a tal respeito.

Venho pensando nisso desde esta manhã quando ela foi morta. Já lhes teria contado, se pudesse imaginar que isso tivesse alguma coisa a ver com o caso, mas não queria que Valmai soubesse. Aconteceu já faz três meses. Antes de eu conhecer Valmai. Estava com um pessoal em Bloomsbury e encontrei Sônia lá. Todos ficaram bem altos. Ela me pediu para levá-la de volta ao seu quarto, e quando chegamos lá

convidou-me para subir... e eu aceitei. Foi a única vez. Para mim foi uma surpresa muito desagradável quando vi que ela era o modelo daqui. Eu não lhe disse nada e ela também não me disse nada.

— E a criança?

— Meu Deus! Então ela falou com alguém!?

— Pelo menos falou com você...

— Eu não acredito que seja verdade. Não creio que o filho seja meu.

Todo mundo sabe a espécie de moça que ela era, a pobrezinha! Não quero falar mal dela agora, depois que isso aconteceu, mas já estou vendo aonde o senhor quer chegar, e isso é muito sério para mim. Se julgasse que o filho era meu, eu teria tomado as providências, mas todo mundo sabia que ela era amante de Garcia já há alguns meses. Ela sentia ciúmes de Valmai, e depois de nosso noivado ameaçou-me dizendo que ia contar a ela. Deixou um bilhete, que eu já queimei, no bolso de meu avental. Marcava um encontro comigo...

— E o senhor foi?

— Fui, sim. Encontrei-me com ela no estúdio uma noite. Foi uma cena terrível. Ela disse que estava grávida e que eu era o pai. Eu disse que não acreditava. Sabia que ela estava mentindo e disse-lhe isso claramente. Disse que eu mesmo iria contar a Valmai e também a Garcia. Ela mostrou-se apavorada. Foi só o que aconteceu.

— Tem certeza de que foi?

— Claro que tenho certeza. Aonde quer chegar?

— Ela não tentou uma chantagem? Não ameaçou ir contar a Valmai e ao seu pai?

— Ela fez toda sorte de ameaças. Estava histérica. Não me lembro de tudo o que disse. Ela não sabia o que estava dizendo.

— Mas tem certeza de que não ameaçou ir contar ao seu pai?

— Não creio que tenha feito isso. De qualquer forma, mesmo que fosse, isso não faria diferença. Ele não poderia obrigar-me a casar

com ela. Eu sei que isso pode parecer um golpe baixo, mas eu tinha certeza de que tudo era um blefe. Tudo foi tão sórdido e triste. Estava apavorado de que alguém ouvisse e fui logo saindo.

— E ela realizou alguma das ameaças?

— Não.

— Como pode saber?

— Bem, eu logo saberia se ela tivesse falado com meu pai.

— Então ela realmente ameaçou ir falar com seu pai.

— Mas que inferno! Eu já lhe disse que não me lembro do que ela me ameaçou.

— E deu-lhe algum dinheiro? Pilgrim sacudia a cabeça sem descanso.

— Será melhor responder-me, Mr. Pilgrim...

— Eu não preciso responder a coisa alguma. Poderei chamar um advogado.

— Claro que pode. Quer chamar?

Ele abriu a boca e tornou a fechá-la. Fechou o sobrolho como se estivesse pensando seriamente e afinal pareceu chegar a uma decisão. Olhou para Alleyn e para Fox e sorriu.

— Olhe aqui. Eu não matei aquela moça. Não podia tê-la matado. Os Pascoe e Valmai podem confirmar que eu passei a noite de sexta-feira com eles. Meu pai e todo mundo em Anerton sabem que eu estive lá no sábado.

Não tive oportunidade para armar aquela faca. Acho que não há razão alguma para eu evitar falar dessa história com Sônia, mas a questão é que houve um crime e tudo muda de figura.

— É isso mesmo.

— Acho que o senhor sabe como é meu pai. Ele já sofreu muita publicidade. Algum jornalista sem escrúpulos já escreveu uma porção de coisas nojentas no outro dia. O lorde metodista e tudo o mais. Todos sabem como ele é fanático por essa história de moral, e se isso transpirasse seria o fim do mundo. Só por isso eu não queria

que transpirasse. Ele tomara qualquer decisão drástica a meu respeito, e o pior é que poderia ter um enfarte, e é isso que eu estou querendo evitar a todo preço. Já vejo que fui um tolo não lhe contando tudo logo de saída.

— Muito bem, então...

— A verdade é que eu dei um cheque de cem libras para Sônia e ela prometeu-me não fazer mais cenas. Aliás, chegou até a confessar que o filho não era meu, mas ela sabia que tinha uma boa arma na mão desde que quisesse usá-la.

— E já contou tudo a sua noiva?

— Não... não contei. Pareceu-me mal contar a ela uma coisa sórdida como essa bem em cima de nosso noivado. O senhor sabe que eu levo certas coisas muito a sério... Sei que sou culpado e sinto-me nojento. Valmai é tão maravilhosa! Ela está muito acima de todas essas mesquinhas... Ela é tão bonita! Fico assombrado sem saber por que ela me escolheu... Bem, aliás, não vejo por que devemos discutir isso aqui agora.

— Também acho que não precisamos. Vou lhe pedir depois para assinar o seu depoimento...

— E esse caso de Sônia virá à tona, senhor?

— Não lhe posso prometer nada. Se não for relevante, não será usado.

Acho que seria melhor falar com Miss Seacliff, mas isso, afinal, é o senhor quem decide.

— Mas o senhor não compreende...

— Pode ser que não. Há ainda mais uma pergunta. O senhor voltou ao estúdio na sexta-feira antes de sair para Boxover?

— Não. Eu arrumei a minha mala logo depois do almoço. Hatchett veio e nós conversamos um bocadinho enquanto eu fazia a mala. Depois chamei Valmai e saímos no carro.

— Muito obrigado, Mr. Pilgrim. O senhor pode ir.

— Muito bem, senhor. Obrigado.

Fox acompanhou-o até a porta e depois voltou à lareira. Parecia estar em dúvida. Nigel tornou a aparecer.

— E então, Fox, o que você acha de tudo isso?

— Suas idéias sobre a noiva parecem um pouco exageradas depois do que vimos dela.

— Como é ela? — quis saber Nigel.

— É extraordinariamente bela. Bela o bastante para justificar mil crimes.

Mas não acredito que lhe fizesse a menor diferença o episódio de Sônia. Já liquidou todas as outras mulheres, e isso é o que realmente conta para ela.

— Claro que o pobre tolo está inteiramente enfeitiçado por ela. Não há a menor dúvida. E que tal o seu álibi?

— Se o tal lugar em Boxover está apenas a vinte quilômetros daqui, o seu álibi pouco vale, não acha, Mr. Alleyn? — disse Fox. — Eles recolheram-se cedo na sexta-feira e ele poderia facilmente vir até aqui, arrumar a faca e voltar para dormir dentro de uma hora.

— Você devia lembrar-se de que Garcia dormia no estúdio.

— Eu sei disso. Mas ele poderia não estar lá. Poderia já ter arrumado suas coisas e partido.

— Pilgrim deveria saber disso, Fox, se ele tivesse planejado voltar ao estúdio.

— Isso é. Mas eu ainda penso que Garcia seja o nosso homem. Pelo que vi de Pilgrim, acho que ele não é homem para uma empreitada dessas.

— É bem o inglês moço e decente, não é? — disse Nigel.

— Então Pilgrim não correspondeu às suas expectativas, Bathgate?

— Bem, você mesmo foi bem enérgico com ele, Alleyn.

— Porque durante toda a nossa conversa ele estava sempre tentando fugir ao assunto. Isso é sempre bem maçante. Foi somente

com minha energia com ele que consegui arrancar a confissão da chantagem.

— Ele pareceu-me um cara bem sincero... Acho que fala demais.

— Aquela sua tirada contra os jornalistas parece que foi gratuita...

— Eu nem pensava nisso, Alleyn.

— Também sou de sua opinião. Vamos chamar Seacliff, Fox.

Depois que Fox saiu Nigel reclamou que aquele canto era bem desconfortável e que estava numa corrente de ar.

— Será que não posso ficar aqui mesmo à vista? Gostaria de contemplar a tal beleza.

— Muito bem, acho que não haverá diferença. Aliás, foi você mesmo quem quis ficar escondido. Pode ficar sentado na mesa, e faça o possível para parecer um policial da Yard.

— Você mesmo não se parece muito com um, dentro desse seu *smoking* impecável. Diga-me uma coisa, Alleyn. Será que você está apaixonado por Agatha Troy?

— Não seja idiota, Bathgate. — Mas a resposta tinha um tal cunho de indignação que Nigel franziu a testa.

— Desculpe. Estava só brincando. Não quis ofender.

— Eu também sinto muito. Desculpe-me. Acho que este caso está mexendo com meus nervos.

— Não há motivo para isso ainda.

— Certo. Mas vamos supor que Garcia entre aqui com um sorriso nos lábios em resposta ao nosso apelo no rádio. Já imaginou?

A porta abriu-se e Valmai entrou acompanhada por Fox. A sua entrada parecia querer mostrar que ela nunca andava em lugar algum sem ser escoltada por um homem. Nem mesmo a aparência burguesa do Inspetor Fox era suficiente para perturbar a sua pose. Vestia umas calças compridas de seda com os cabelos amarrados em um coque na altura do pescoço. Entrou como se fosse um manequim na passarela, ondeando voluptuosamente os quadris. Quando

chegou à cadeira que Alleyn empurrara na sua direção, parou e depois deixou-se cair nela com a certeza gloriosa de uma boa artista.

Olhou languidamente para Nigel, cuja mão foi automaticamente ao nó da garganta.

— Muito bem, Mr. Alleyn.

Os três homens sentaram-se. Alleyn olhou para o seu livrinho de anotações, pensou um pouco e começou.

— Miss Seacliff/ a minha principal preocupação agora é saber os movimentos de todos durante o fim de semana. Mr. Pilgrim já me contou a respeito de sua viagem com ele a Boxover e depois a Ankerton Manor.

Gostaria que a senhora confirmasse o seu depoimento. A senhora voltou ao estúdio antes de partir?

— Não. Estava fazendo minhas malas e a criada ajudou-me levando tudo depois até o carro.

— A senhora chegou à casa do Capitão Pascoe em Boxover na tarde de sexta-feira?

— Isso mesmo.

— E passou lá toda a tarde junto com os outros?

— Passei, sim. Convidaram-me para o tênis, mas eu não estava disposta, pois detesto esse jogo. Ficamos conversando.

Alleyn notou outra vez uma gagueira quase imperceptível e um modo curioso que tinha de falar.

— E como passaram a noite?

— Jogamos um pouco de *bridge*. Tive uma tremenda dor de cabeça e fui para a cama cedo.

— Foi um azar para a senhora, não foi? Tem sempre esses ataques?

— Só ultimamente. Cerca de um mês atrás. É muito fatigante.

— Devia consultar um oculista.

— Meus olhos estão perfeitos. Aliás, um grande oculista disse-me recentemente que os olhos muito azuis como os meus raramente

causam problemas. Disse que os meus eram do mais vivido azul que ele já vira.

— É mesmo? E como então explica a dor de cabeça?

— Tenho certeza de que a da sexta-feira foi devida ao champanha e ao porto. Serviram o champanha ao jantar para comemorar meu noivado, e depois tomamos conhaque. Eu detesto conhaque, e então Basil me serviu um porto. Eu disse que ia me fazer mal, mas ele não fez caso. O café estava horrível também. Amargo e ruim. Sybil Pascoe é uma dessas mulheres simples que a gente imagina como boas donas-de-casa, mas devo dizer que não teve o menor cuidado com o café. Basil também disse que estava abominável.

— Quando foi que parou no *bridge*?

— Não faço a menor idéia, francamente. Simplesmente não conseguia continuar. Basil deu-me três aspirinas e eu fui para a cama. Os outros deitaram-se logo depois, creio eu, pois ouvi quando Basil entrou no quarto.

— Era perto do seu?

— Sim.

— E dormiu bem?

— Um sono de pedra. Só acordei quando me trouxeram o chá às nove horas.

— E já não tinha mais dor de cabeça?

— Mais nada. Ainda não me sentia muito bem, mas acho que era uma espécie de ressaca do raio do porto.

— E os quartos dos donos da casa eram perto do seu?

— Não eram muito. Havia o de Basil e o meu e depois uns dois vazios e um banheiro. Depois vinha o quarto deles. Por quê?

— Sei que parece um pouco absurdo, mas precisamos descobrir o que todos fizeram naquela noite.

— Basil não veio ao meu quarto, se é nisso que está pensando. De qualquer forma, não sou dada a isso, mesmo sem dor de cabeça. Não acredito. Cedo ou tarde a gente perde o valor. Veja Sônia.

— Muito bem. Então, tanto quanto a senhora saiba, todo mundo dormiu de sexta-feira até sábado de manhã?

— Isso mesmo. — Valmai olhava para ele como se estivesse olhando para alguém meio transtornado da cabeça.

— E no sábado foram para Ankerton Manor. A que horas saíram?

— Tomamos um cálice de xerez por volta das dez e depois fomos embora. Basil estava com pressa para não chegar atrasado para o almoço, e queria até sair mais cedo, mas eu não via razão para aquela correria.

Tínhamos muito tempo.

— E por que ele estava com tanta pressa?

— Ele só dizia que Sybil Pascoe queria sair para ir a Londres deixando Ken sozinho, mas eu lhe disse que aquilo não era razão para correr. A verdade mesmo é que o pobrezinho estava aflito quanto à impressão que eu iria causar no seu extraordinário pai. Disse-lhe que não se afligisse, pois eu sei como os velhos ficam loucos por mim. Mas Basil estava nervoso demais.

Chegamos lá cedo e o velho falou-me das jóias da família. Deu-me umas esmeraldas que vou mandar montar de novo. São espetaculares!

— Então saíram de Ankerton ontem depois do almoço?

— Isso mesmo. Basil queria por força ficar até segunda-feira, mas eu não agüentava mais. O velho me obrigou a percorrer as terras ancestrais no lombo de um animal que quase me arrancou os braços. Reparei que o senhor estava olhando para minha mão.

Com um movimento lento e belo ela estendeu o braço esquerdo, abriu a mão e chegou-a bem perto do rosto de Alleyn, que sentiu a sua fragrância e notou a palma um pouco avermelhada. Na base do dedo mínimo havia uns arranhões escarlate.

— Minhas mãos são terrivelmente macias — e dizendo isso ela aproximou-as ainda mais do rosto de Alleyn.

— Estou vendo que não é cavaleira experimentada.

— E por que diz isso?

— Bem, porque essas marcas não foram feitas pelas rédeas do cavalo.

Acho que se agarrou à sua crina, não foi?

Ela puxou depressa a mão e ficou muito vermelha.

— Não tenho pretensões a cavaleira, graças a Deus! Eu simplesmente detesto os brutos. Aliás, devo dizer também que detestei o velho. Além de tudo, não queria perder a pose da manhã. Ainda precisava trabalhar muito no que estava fazendo com Sônia. Agora acho que não vou acabar mais. Fox tossiu e Nigel olhou-a, assombrado.

— É, acho que não vai mesmo. Agora, Miss Seacliff, vamos chegar à tragédia desta manhã. Quer me contar exatamente como aconteceu? Por favor, sim?

— O senhor tem um cigarro?

Alleyn levantou-se e ofereceu-lhe a cigarreira.

— Quais são? Ah, sim, muito obrigado.

Ela tirou um, que ele acendeu. Ela olhou-o bem nos olhos com muita calma, como se aquilo fosse uma rotina já conhecida. Alleyn enfrentou o seu olhar gravemente e tornou a sentar-se.

— Esta manhã? Quer dizer, quando Sônia morreu? Foi horrível! Sentime arrasada depois de tudo acabado. Acho que foi o choque. Acho que foi mesmo uma crueldade ter sido eu... Todos sabiam que eu sempre a empurrava com força. — Ela parou um pouco e pela primeira vez deu sinais de sincera piedade. — Eu acho que Garcia planejou tudo assim mesmo. Ele odiava Sônia. Não podia nem vê-la. Ao mesmo tempo queria se vingar de mim porque nunca lhe dei atenção. Só Garcia faria uma coisa dessas. É um animal nojento e mau. Não consigo livrar-me da lembrança. Nunca mais conseguirei livrar-me dela.

— Sinto muito ter que obrigá-la a recordar tudo outra vez, mas estou certo de que me compreenderá...

— Sim, claro. E os psiquiatras sempre dizem que a gente não deve reprimir essa espécie de coisa. Não quero ficar nervosa nem perder minha calma... Afinal de contas não fui eu realmente quem a matou. Estou sempre me repetindo isso...

— A que horas foi para o estúdio?

— Pouco antes da hora da aula. Fui junto com Basil. Katti já estava lá e... deixe-me ver... sim, aquele moço horroroso, Hatchett; Lee, Ormerin e Malmsley vieram depois, creio eu.

— Todos juntos?

— Não me lembro. Não estavam lá quando cheguei.

— Muito bem, pode continuar, sim?

— Bem, nós todos armamos nossos cavaletes, preparamos as paletas e tudo o mais. Sônia veio por último e então Katti disse que podíamos começar. Sônia foi ao depósito e despiu-se. Veio de quimono e ficou por ali procurando fazer com que os homens falassem. Katti disse-lhe que fosse para o trono. Ela deitou-se dentro das marcas de giz. Ela sempre acertava o quadril direito na marca, com o pano atrás dela. Não sei se me compreende.

— Acho que sim...

E na verdade, Alleyn, de repente, viu o quadro bem vivo de como tudo tinha acontecido. Viu o modelo embrulhado no quimono branco muito fino com toda a sua beleza vital e quente atravessando a seda. Viu-o falar com os homens, olhando para eles, talvez numa patética tentativa para atrair suas atenções. Depois o quimono escorregaria para o chão e a figura nua ficaria reclinada no trono na postura costumeira.

— Ela reclamou como sempre, dizendo que já estava cheia daquilo.

Lembro-me que nos perguntou se alguém sabia onde tinha ido Garcia. Acho que ele não lhe disse. Depois deitou-se de lado. O pano ainda estava bem esticado nas suas costas. Existe geralmente, entre as várias telas, uma posição que serve de orientação, e nós sempre

olhamos para ela quando fixamos a pose. A minha tela estava nessas condições, e portanto era eu que a colocava em posição. Ela poderia cuidar de tudo sozinha, mas sempre fazia uma cena. Eu costumava pegá-la pelos ombros, empurrando-a para baixo.

Não havia outro jeito. Então inclinei-me e segurei-a. Ela começou a fazer luxo e eu lhe disse que deixasse de tolices. Katti gritou "Pelo amor de Deus, Sônia". Ou coisa parecida. Sônia disse que minhas mãos estavam frias.

"Você está me machucando!" Aí ela relaxou e eu empurrei... — Valmai levantou as mãos e apertou-as contra o rosto.

— Ela não reagiu, mas eu senti o seu corpo fazer força e depois tremer.

Não posso lhe dizer exatamente como foi. Tudo aconteceu no mesmo instante. Vi seu rosto. Ela abriu muito os olhos e franziu a testa como se estivesse espantada. Acho que tornou a dizer "Não", mas não tenho certeza.

Eu então pensei... o senhor sabe como o pensamento da gente vai longe... eu pensei que ela parecia uma tolinha ali, mas ao mesmo tempo pensei que, se ela ia ter um filho, aquela posição estava incomodando realmente. Não sei por que pensei nisso. Vi que tinha acontecido alguma coisa, mas não sabia o que era. Inclinei-me e olhei bem para ela. Acho que cheguei a dizer: "Sônia está doente". Acho que Katti disse também alguma coisa como "qual nada!"

Eu continuava a segurá-la pelos ombros. Ela estremeceu como se eu lhe tivesse feito cócegas e depois ficou muito quieta. Phillida gritou que ela tinha desmaiado. Aí vieram todos. Katti passou-lhe as mãos pelas costas para levantá-la. Disse que ela parecia estar pregada e que não conseguia levantá-la. Aí deu um puxão e eu ouvi um barulho esquisito ao mesmo tempo que Sônia era erguida. Ormerin deu um grito: "*Mon Dieu! Cest le poignard!*"

Pelo menos foi o que ele nos disse haver gritado. E o pano ficou agarrado em meus dedos. E aí o sangue começou a sair das costas

dela pelo furo do punhal. Katti procurou estancar o sangue com uns panos. Miss Troy entrou.

Mandou Basil chamar o médico. Olhou para Sônia e disse que ela não estava morta. Passou os braços em torno dela. Não sei quanto tempo passou até que Sônia teve uma espécie de tosse. Arregalou muito os olhos. Miss Troy disse que ela estava morta. Phillida começou a chorar. Ninguém falou. Basil voltou e Miss Troy disse que ninguém podia sair do estúdio. Cobriu Sônia com o pano. Todos nós começamos a falar da faca. Phillida e Hatchett disseram que aquilo era obra de Garcia. Nós todos achamos que era. O

médico chegou e depois de olhar para Sônia chamou a polícia...

A sua voz foi sumindo. Tinha começado a falar bastante calma, mas depois a ligeira gagueira tornou-se mais evidente e quando terminou suas mãos tremiam.

— Eu não sabia como estava perturbada. Um médico disse-me certa ocasião que meus nervos tinham a sensibilidade das cordas de um violino.

— Eu sei que foi uma experiência terrível para todos. Diga-me agora, Miss Seacliff, quando foi que desconfiou haver Garcia preparado essa armadilha para Sônia?

— Eu logo pensei nele. Lembrei-me do que Phillida contara da conversa que ouvira entre Garcia e Sônia. Não via como alguém mais poderia ter feito aquilo, mas mesmo assim...

— Sim?

— Mesmo assim, aquilo era bem de seu feitio. Garcia é um cara de muito sangue-frio. Ele é louco por mim, mas eu simplesmente não posso deixar que me toque. Phillida diz que ele tem muito *sex appeal*, e devia ter mesmo para Sônia, mas eu não vejo nenhum. Acho-o repulsivo. Dizem, porém, que as mulheres são loucas por ele.

— E o motivo?

— Acho que já estava cheio dela. Ela atirava-se demais. Estava sempre a espreitá-lo. Os homens odeiam isso nas mulheres... Não é

assim, Mr. Alleyn? — dizendo isso ela tinha os olhos fitos nele.

— Realmente, não sei...

— É claro que ele ficou furioso quando ela estragou o meu retrato. Ela devia odiar-me muito para fazer uma coisa daquelas. De uma certa forma chegou a ser interessante. Um ciúme sexual direto manifestando-se contra o símbolo da pessoa odiada.

Alleyn reprimiu um movimento de impaciência e resmungou qualquer coisa.

— O que acho é que ela estava grávida e tinha-o ameaçado com um processo para o sustento da criança. Acho que, de certa forma, sou responsável por isso.

— Não vejo por quê.

— Mas claro, se ele não estivesse gamado por mim, acho que nunca iria fazer isso.

— A mim parece que a senhorita está preocupada com a participação real que teve...

— O que quer dizer com isso?

A voz de Alleyn era grave ao responder: — Eu quero dizer, Miss Seacliff, por terem sido as suas mãos que a empurraram contra a faca. Diga-me uma coisa, por favor. Sentiu alguma resistência no princípio? Eu imagino que deve, pelo menos, ter havido um som qualquer, muito ligeiro, quando a ponta da faca entrou.

— Bem, eu... acho que não...

— Estamos considerando os estertores da morte de uma pessoa que está sendo assassinada. Quero ter um quadro bem claro.

Ela arregalou os olhos com uma expressão de extremo horror, olhou apavorada em torno da sala, lançou um olhar furioso a Alleyn e falou numa voz estrangulada: — Deixe-me sair. Eu preciso sair.

Fox levantou-se, consternado, mas ela deu-lhe um empurrão e correu às cegas para a porta, que bateu com estrondo.

— Deixe estar, Fox.

— O que foi que a mordeu?

- Ela fugiu! Ela vai fugir, Alleyn!
- Vai só até o banheiro, Nigel. A mulher fatal vai vomitar muito.

Capítulo XI

Os nervos de Ormerin e a correspondência de Sônia

— Francamente, Alleyn, acho que você foi bem duro com a moça! Fez tudo para perturbar seu encantador estômago.

— E como é que você sabe, Nigel, que seu estômago é encantador?

— Por simples inferência. Por que você fez isso?

— Estava cheio de sua pose de Cleópatra e dos seus nervos iguais a cordas de violino!

— Bem, mas ela é realmente formidável. É uma criatura magnífica!

— Ela não tem coração, mas, mesmo assim, consegui fazê-la botar as tripas para fora. Na primeira vez ela contou tudo sem pestanejar. Cada vez que voltávamos ao assunto ela mostrava-se menos confiante, até que afinal, quando falei nos "estertores da morte", ela entregou os pontos, ficando verde como alface.

— E não acha que é natural?

— Muito natural, mas serviu-lhe muito bem. Detesto as mulheres fatais.

Exalam a catinga da produção em massa.

— Não acho que você possa dizer que ela não tem coração. Afinal de contas, ela ficou enjoada. Ficou perturbada com toda a história.

— Mas foi somente o seu encantador estômago. Ela não sente a menor compaixão pelo animalzinho que morreu embaixo de suas mãos. Toda aquela baboseira psicológica! Com certeza andou lendo Freud e decorou algumas frases.

- Acho que é muito inteligente.
- E está certo. É também muito esperta. O que disse sobre Garcia tinha muito de verdade, para mim. E você o que acha, Fox?
- O senhor está se referindo ao que ela disse sobre o sangue-frio de Garcia, não é?
- Isso mesmo, Fox.
- Todos são da mesma opinião a seu respeito. Eu acho que nunca devemos desprezar as impressões alheias. Quando uma porção de gente diz a mesma coisa, então é porque deve ser verdade.
- Também podem haver combinado...
- Mas por quê, Nigel?
- Eu não sei...
- Nem eu tampouco.
- Bem, se esse tal de Garcia não aparecer depois de todos os avisos que fizemos pelos jornais e pelo rádio, então é porque foi ele mesmo.
- Também pode ser que tenha horror ao rádio e que não leia jornais.
- Muito provável...
- Terão que prender todos os viandantes a três dias de distância de Tatler's End. Vamos ficar cheios de caras de bermudas e mochilas.
- Se for inocente, estará com todo o seu material de pintura. E também é provável, nesse caso, que esteja curtindo alguma bebedeira bem aqui por perto. Se for mesmo inocente nós o teremos muito breve.
- E se for culpado?
- Então, ele terá arquitetado um método de assassinato como nunca vi igual. Ele sabia que ninguém iria mexer com o trono, sabia que tinha uma vantagem de dois dias antes que acontecesse a tragédia e com certeza pensava que seria muito difícil provar a sua culpa.
- Temos aqueles vestígios da argila...

— Ele talvez nem tenha pensado nisso. Devem ter caído de seu avental enquanto plantava a faca, como disse Bailey.

— Precisamos lembrar que ele teve a oferta de um bom emprego.

Estátuas de mármore são encomendas caras. Pode ser até, Fox, que mesmo culpado ele esteja tão seguro de sua posição que apareça lá no seu armazém em Londres para começar a trabalhar. Demonstraria surpresa e inocência quando fosse preso. Quanto à argila, diria que estava sempre andando por ali, passando por cima do trono, e que seria fácil caírem as migalhas de seu avental. A argila que Bailey encontrou estava endurecida, e a argila de modelos é conservada sempre meio úmida. Ele sempre teria meios para escapular às acusações sem provas.

— E o encontro que marcaram para sexta-feira?

— Mesmo isso pode ser interpretado de mil maneiras diferentes, Fox.

Phillida poderia estar enganada supondo que o que ouvira significava um encontro aqui.

— É isso mesmo. Teremos que procurar descobrir onde a falecida andou da tarde de sexta-feira até domingo.

— Conseguiu alguma coisa com as criadas a respeito do movimento de sexta-feira à noite?

— Não muito. Foram todas ao cinema e não viram nada. O casal Hipkin é gente muito decente, e ela disse que só admira que não tenha acontecido algo pior. Diz que pintar uma pessoa nua é o mesmo que viver em estado de pecado mortal, e que era o que acontecia com Sônia. O único que ainda respeitam um pouco é o Honorável Basil Pilgrim.

— São apenas uns velhos esnobes. E a refeição de Garcia na noite de sexta-feira?

— Bem, aí já conseguimos alguma coisa. A criada levou lá uma bandeja às sete e trinta e bateu na porta. Garcia respondeu lá de dentro dizendo que deixasse a bandeja ali na porta. Quando ela

voltou ao estúdio na manhã de sábado, a bandeja ainda estava lá intacta. Ela entrou no estúdio, mas não arrumou nada lá dentro.

— Garcia não estava lá na manhã de sábado?

— Não. A criada diz que ele já tinha saído, levando tudo o que era seu.

Sentiu um cheiro esquisito e abriu uma janela. Também na sexta-feira já tinha sentido o mesmo cheiro. Pensei que fosse o ácido, mas ela disse que não era, pois conhecia bem o seu cheiro.

— Olhe aqui, Fox, eu acho que seria bom ter uma palavrinha com essa criada. Dê um pulo lá para trazê-la aqui, sim?

Fox saiu e demorou um pouco. Eram dez e vinte e cinco quando entrou acompanhando a moça, que já tinha se recolhido e viera assim mesmo, de papelotes e roupa de flanela vermelha.

— Desculpe-me tirá-la da cama, sim? Não vamos demorar muito tempo com você. Chegue-se aqui perto do fogo, por favor.

Atirou mais umas achas e conseguiu que ela se sentasse na beira da cadeira.

— Faz tempo que você está aqui como empregada de Miss Troy?

— Sim, senhor. Já faz muito tempo que trabalho aqui. Já trabalhava no tempo do pai de Miss Troy, mas era muito moça. Foi Miss Bostock que me chamou agora outra vez...

— Muito bem. E você gosta do seu emprego?

— Eu gosto muito de Miss Troy, senhor. Mas como já disse a Mr. Fox, aquele Garcia era o fim. Eu já tinha reclamado com Miss Troy. Foi por isso que não gostei muito de ter que levar lá o seu jantar na sexta-feira...

— Mas afinal, você não o viu, não foi?

— Não, senhor. Ele me falou com a porta fechada e perguntou quem era.

Quando eu disse que era o seu jantar, ele me disse que eu podia comê-lo.

Depois disse para deixar ali mesmo e ir embora. Quando voltei eu disse a Hipkin que havia qualquer coisa estranha lá.

— E por que achou isso?

— Bem, senhor. Ele parecia aflito para não me deixar entrar. E depois senti também aquele cheiro esquisito.

— E já tinha sentido o mesmo cheiro antes?

— É engraçado o senhor me perguntar isso, porque eu já tinha sentido mesmo no quarto daquele barbudo...

— De Malmsley?

— Isso mesmo, senhor. É um cheiro assim meio azedo...

— Não será de uísque, por exemplo?

— Não, senhor. Só senti o perfume do uísque quando fui lá na manhã seguinte.

— Ora, ora! Mas você não me disse que tinha sentido o cheiro de uísque no sábado de manhã, mocinha...

— Então não disse, Mr. Fox? Talvez tenha me esquecido, porque o outro cheiro estava misturado com ele. Bem, não era a primeira vez, Mr. Fox, que eu sentia o cheiro de uísque no estúdio depois que Mr. Garcia tinha estado lá.

— Mas nunca sentiu o outro cheiro antes?

— Não no estúdio, senhor. Somente no quarto de Mr. Malmsley.

— E arrumou a cama na manhã de sábado? Ela ficou muito vermelha.

— Não, senhor. Eu abri a janela para arejar pensando em voltar depois.

Mr. Garcia era obrigado a fazer a sua cama...

— E no sábado de manhã o modelo de argila de Garcia, junto com suas coisas, já tinha ido embora?

— Sim, senhor. Tudo foi no sábado.

— Muito bem, acho que é só. Você pode ir. Boa noite. Fox acompanhou-a com um ar paternal até a porta.

— Muito bem, Fox, é melhor continuarmos. Chame Mr. Francis Ormerin. Por falar nisso, como vai o seu francês?

— Vai indo bem, senhor. Já leio alguma coisa e o Superintendente Bob Thompson emprestou-me uns romances que trouxe de Paris.

— Está bem, seu sabichão, vá buscar Ormerin. Pergunte também se Miss Seacliff está melhor. Que diabo, este caso está cheio de enjôos e de vômitos.

Garcia vomitou quando viu o retrato estragado, Sônia estava sempre enjoada de manhã e Miss Seacliff também saiu daqui...

Nigel levantou os olhos de seus apontamentos.

— Estou começando a compreender tudo. Você já tem certeza que foi mesmo Garcia, não tem?

— Eu ainda não disse isso, mas tenho quase certeza de ter sido ele quem preparou a armadilha, mas são simples conjeturas. Poderei estar errado.

Estou inclinado a aceitar o que disseram Miss Troy e Hatchett, e isso deixa-nos somente Garcia e Malmsley. Claro que isso não significa que o depoimento dos dois seja inviolável.

Fox voltou com Ormerin e foi repetida a mesma rotina. Ele tinha ido assistir à exposição do Grupo Fênix na noite de sexta-feira e passara o fim de semana com uma família francesa em Hampstead. Ficaram acordados até as duas da madrugada nos dois dias, pois há muito tempo não se viam, e tinham estado juntos durante o dia também.

— Já ouvi dizer que durante a viagem de ônibus, na volta de Londres, Sônia sentou-se ao seu lado...

— Foi isso mesmo. A pobrezinha tinha que estar sempre procurando um namoro...

— E você aproveitou a oportunidade?

— E por que não? Era uma viagem monótona, ela era uma moça bonita, mas depois de algum tempo eu adormeci.

— Ela lhe falou alguma coisa do que fizera em Londres?

— Falou, sim. Disse que tinha ficado com uma outra moça que trabalha no coro do Chelsea Theatre, numa peça chamada *Snappy*. Ficou no quarto dela e foi assistir à peça na noite de sexta-feira. No sábado foi a uma festa de artistas em Putney, onde tomou um porre, e foi levada para a casa no carro de um rapaz um pouco menos bêbado. *Tiens!* Agora já me lembro do nome da moça. É Bobbie O'Dawne. Contou-me tudo isso, que eu ouvi durante algum tempo de mãos dadas com ela, mas acabei adormecendo.

— E ela lhe disse alguma coisa que possa ter qualquer ligação com nosso caso?

— Não. Só falou que eu não deveria ficar muito surpreso se em pouco tempo houvesse outro noivado.

— E que noivado era esse?

— Ela não me disse. Fechou-se em copas, sabe? Eu tive a impressão, contudo, de que se tratava de Garcia.

— E ela não falou dos movimentos de Garcia na sexta-feira?

— Agora lembro-me de que falou, sim! Eu já estava quase dormindo, mas lembro que ela disse que ele iria sair a passeio no sábado de manhã, e dentro de uma semana estaria de volta a Londres para trabalhar.

— E ela disse onde era o seu lugar de trabalho em Londres?

— Ao contrário. Foi ela que me perguntou se eu sabia onde era. Depois disse que não compreendia todo aquele mistério que ele fazia, mas aí deu uma risada e disse que afinal ele era assim mesmo, e ela teria que aturá-lo.

Falava como a mulher que tem certos direitos adquiridos sobre o homem. Eu já reparei que, quando a mulher começa a perder a sua força sobre o homem, ela ainda se apega mais a esses ares de proprietária exclusiva.

— Qual era a sua opinião a respeito de Sônia, Mr. Ormerin?

Ele fez uma careta com os olhos muito vivos.

— Sônia, Mr. Alleyn? Ela era um tipo. É tudo o que posso dizer sobre Sônia. Era a *gamine* que vai às portas dos estúdios e acaba naturalmente sob a proteção de algum pintor. Tinha beleza, como o senhor viu, mas era muito difícil. Se vivesse, iria encontrar dificuldade para trabalhar quando a beleza acabasse. Enquanto ela servia aos nossos propósitos, nós todos tínhamos uma certa tolerância com seu temperamento, seus caprichos, por causa de seu lindo corpo, que só podíamos pintar quando ela ficava quieta.

— E teve muitas dificuldades com ela?

— Era intolerável. Não ficava um minuto na mesma posição. Eu comecei três desenhos de uma única pose. Não consigo pintar nessas condições. Meus nervos ficam em petição de miséria e o trabalho nada vale.

Eu já tinha resolvido procurar outro estúdio.

— Tinha mesmo?! Então a coisa estava nesse ponto?

— Estava mesmo. Se isso não tivesse acontecido, eu teria dito a Miss Troy que ia embora. Bem a contragosto, aliás, pois tenho uma grande admiração por ela. Ela estimula muito o meu trabalho. A gente se sente em casa no seu estúdio, mas eu não consigo dominar meus nervos. Voltaria depois que Katti e Pilgrim tivessem terminado seus trabalhos e que Troy se livrasse de Sônia.

— Então agora vai ficar?

— Ainda não sei. É muito penosa a lembrança dessa manhã. Eu estou *bouleversé*. Não sei o que fazer. Gosto de todos eles aqui, até desse australiano grosso. Estou bem *en rapport* com todo mundo, mas nunca mais poderei olhar para aquele trono sem lembrar-me do que vi esta manhã.

Aquela pobrezinha com ar de espanto... E depois quando a retiraram, aquela faca vermelha com o sangue escorrendo...

— Foi o primeiro que reparou na faca, não foi?

— Fui, sim. Logo que a retiraram.

— Pensei que o corpo talvez escondesse...

— Não. Eu ajoelhei-me no chão. Eu vi. É melhor não falarmos mais nisso. Já basta eu ter visto tudo.

— E o senhor esperava ver a faca?

Ormerin deu um salto com o rosto desfigurado e os lábios abertos.

Parecia um animal espantado.

— O que disse o senhor? Esperava? Como poderia esperar ver a faca?

Será que está suspeitando de mim como cúmplice nesse caso detestável?

Sua agitação foi tão violenta que até Nigel ficou assombrado, chegando a esquecer os apontamentos.

— O senhor é muito sensível, e viu nas minhas palavras uma significação que nunca pretendi dar-lhes. O que eu pensava era se a lembrança de sua experiência com a faca tinha chegado à sua mente mesmo antes de vê-la. Eu pensava que já desconfiasse de que ela fora apunhalada.

— Nunca! Nunca! Como iria pensar uma coisa tão horrível assim?

— Mas como o senhor ajudou na experiência anterior, não seria de admirar que se lembrasse.

Mas Ormerin continuava a gesticular e o seu inglês ia ficando cada vez pior à medida que sua agitação aumentava. Afinal Alleyn conseguiu acalmá-

lo e ele sentou-se outra vez.

— Peço-lhe que me perdoe essa agitação. Fiquei muito perturbado com o crime.

— E isso é muito natural. Não vou detê-lo por mais tempo. Acabei de falar da experiência anterior com a faca e, pelo que sei, o senhor e Hatchett foram os que mais trabalharam nela...

— Todo mundo estava interessado para ver se poderia ser feito. Todo mundo mesmo.

— Isso mesmo. Não obstante, foram os dois que realmente levantaram o trono e enfiaram a faca pela brecha.

— E daí? Será que isso prova que...

— Não prova coisa alguma, Mr. Ormerin. Eu ia lhe perguntar se Garcia tomou parte na experiência.

— Garcia? — Ormerin olhou bem para Alleyn e depois o seu rosto mostrou uma expressão de grande alívio. — Não... eu acho que ele não se juntou a nós. Ficou à janela junto a Sônia vendo o que nós fazíamos. Mas quero lhe dizer mais uma coisa, Mr. Alleyn. Quando tudo acabou e Sônia voltou para a sua pose, Malsmley começou a fazer brincadeiras como se a faca ainda estivesse ali, e Garcia teve um risinho, muito baixinho, mas eu reparei e pensei comigo mesmo que não era um riso muito agradável. Foi isso mesmo o que pensei.

— O senhor disse lá na sala de jantar que podíamos ter certeza de que este era um *crime passionnal*. Por que está tão certo disso?

— Mas está claro. Salta aos olhos. A moça era um tipo. Bastava olhar para ela. Estava na cara. Vidrada por homens.

— Puxa vida!

— *Pardon?*

— Nada, nada. Pode continuar, Mr. Ormerin.

— Ela não era normal. Tenho certeza de que o senhor vai verificar que ela estava *enceinte*. Eu já tinha certeza desde há muito. Mesmo bem no princípio as mulheres sempre mostram... E estava sempre olhando para Garcia, Mr. Alleyn. Eu vi quando ele correspondeu ao olhar dela, e cheguei a tremer. Não era nada agradável ver como ele olhava para ela. É um homem frio. Ele quer sempre ter mulheres, mas não sente por elas a menor ternura. É um tipo.

O desespero de Ormerin já tinha desaparecido e fora substituído por uma certa gabolice.

— Em resumo, o senhor considera-o responsável por essa tragédia?

— Claro que a gente tira as suas conclusões quando é preciso, Mr.

Alleyn. Quem mais pode ser?

— Parece que ela não se dava bem com nenhum de vocês...

— Eu sei disso, mas a gente não comete assassinatos só por desespero.

Até mesmo Malmsley...

Ormerin hesitou, fez uma careta e sacudiu a cabeça.

— O que há com Malmsley?

— Não é nada.

— Mas dizendo que não é nada, o senhor me deixa convencido de que é muito importante. O que é que havia entre Sônia e Malmsley?

— Não consegui descobrir...

— Mas acha que havia alguma coisa, hein?

— Ela ria-se dele. Na manhã de nossa experiência, quando Malmsley começou a fazer graça com ela dizendo que a faca ainda estava lá, ela disse-lhe para deixá-la em paz, e quando ele não fez caso ela disse: "Eu acho melhor não ser tão engraçado. Onde é que você descobre suas idéias? É nos livros ou nos quadros?" Ele ficou tão encabulado que deixou o pincel cair em cima do desenho. Foi só isso. Está vendo que eu tinha razão quando disse que não era nada? Já acabou, Mr. Alleyn?

— Acho que sim, muito obrigado... — Olhou vagamente para ele como se não estivesse mais ali, pareceu despertar e levantou-se. — Acho que é tudo, sim.

— Então, boa noite, Mr. Alleyn. — Boa noite, Mr. Ormerin.

Mas depois de ele sair, Alleyn ficou andando pela sala assobiando baixinho, sem dar atenção alguma a Fox ou a Nigel. Nigel levantou-se dizendo que precisava telefonar.

— Para quem?

— Para Angela...

— Mas são onze horas...

— Não tem importância. Ela disse que esperaria.

— Você está louco para telefonar para o jornal, não é?

— Bem, pensei que poderia dizer-lhes...

— Você vai dizer-lhes que houve um acidente fatal aqui e que um modelo morreu em consequência de um acidente. Pode ainda acrescentar que as autoridades estão procurando descobrir os endereços da família da vítima e estão ansiosas para se comunicar com Mr. W. Garcia, que parece estar excursionando a pé pelo país, para que ele forneça alguma indicação a respeito da família da vítima. Alguma coisa mais ou menos assim.

— E que vantagem vamos ter com isso?

— Se Garcia não for o nosso homem e ler a notícia, é possível que faça alguma coisa.

— É isso mesmo, Mr. Alleyn.

— Bem, agora, Fox, vamos ao último de nossa coleção. Vamos conversar com o lânguido Malmsley.

— Eu vou telefonar.

— Muito bem. Mas não se exceda. Pode dizer que haverá amanhã um outro capítulo da novela. Por favor, Nigel, telefone também para mamãe dizendo que vou chegar tarde.

Iam saindo quando se encontraram na porta com Bailey, que entrava com ar bem desanimado.

— Espere um momento, Fox, vamos ver o que descobriu Bailey lá no quarto da falecida.

— Não foi muito, senhor. É um quarto no sótão, bem na frente da casa.

Encontramos impressões da falecida e outras que parecem de Garcia. Fica por dentro da porta e escapou ao espanador da criada. Mas há ainda uma outra que não é de nenhum dos dois. Parece de homem, na minha opinião.

Claro que as da empregada estão em toda parte. Pouca coisa em roupas. Um bilhete de Garcia em um bolso. Estava mesmo esperando, como diz aqui.

Abriu a pasta e tirou um papel que estava entre dois vidros. — Já tirei a foto. — Alleyn pegou-o com cuidado e leu:

"Cara S. — O que quer você que eu faça? O que tenho no bolso mal dá para eu chegar até a casa de Troy. De qualquer forma, foi você quem quis.

Será que não pode arranjar alguém que dê um jeito? Não vejo por que eu iria agora agüentar mulher e filho, não acha? Tenho uma encomenda para um trabalho e, pelo amor de Deus, não me atrapalhe. Sinto muito, mas não posso fazer nada. Vamos nos ver em casa de Troy. GARCIA".

— Que cara encantador!

— Aqui está uma carta que encontrei atirada no fundo do armário. É de alguém que se chama Bobbie. Parece que é uma moça.

"Bachelors Gardens, 4

Chelsea

Segunda-feira

Querida Sônia,

Fiquei muito triste sabendo que você está encarcerada e acho que é terrível, mas também todos os homens são o fim e eu nunca fui com a cara do tal Garcia. Pedi a Dolores Duval o endereço aonde ela foi quando também ficou encarcerada, mas ela disse que a polícia pegou a dona e agora não sabe de outra. De qualquer forma, acho que a sua idéia é melhor, e se Mr. Artista Garcia quiser, muito bem; se não, você assim mesmo poderia consegui-lo dos dois jeitos, acho que é bom ser casada e ele parece ser um rapaz formidável, mas nunca se sabe, com essa espécie de gente. Eu andei às voltas com um lorde que era um pão, mas não deu em nada, graças a Deus.

Está certo, pode vir aqui na sexta-feira e eu posso pedir a Leo Cohen, mas você sabe como são os patrões hoje em dia com as moças do coro, só querem mesmo pagar o salário-mínimo, senão passe-bem-muito-obrigado.

Cheguei a chorar de tanto rir com a história do que você fez no retrato da tal Seacliff; deve ter sido bárbaro, mas assim mesmo, querida, você precisa controlar o seu gênio, senão pode acabar mal. Continue sorrindo, querida, e até sexta-feira. Espero que esta vá encontrar você bem como eu estou.

*Beijinhos de sua camarada e amiga de verdade,
Bobbie.*

P.S. — É preciso ter certeza que o seu BP não fique bravo, e diga 'muito bem, pode ir contar porque eu mesmo já contei tudo para ela e pronto, está tudo acabado!'. ”

Capítulo XII

Os prazeres de Malmsley

Quando Nigel voltou, Alleyn ainda estava rindo da carta de Bobbie, e ele quis saber o que era.

— Bailey descobriu uma jóia literária. Leia isto aqui. Acho que é a espécie de coisa que o seu jornal chama de "documento humano".

— Gosto de Dolores Duval e sua encrenca...

— Ela afinal conseguiu uma entrada com Leo Cohen para Sônia assistir ao *show*, conforme contou a Ormerin. Fox, o que acha você da parte em que ela diz que Sônia poderia consegui-lo dos dois jeitos, se Garcia quisesse?

Depois segue dizendo que deve ser bom casar e que ele parece ser um bom rapaz.

— O rapaz deve ser Pilgrim. O senhor acha que ela estava mesmo convencida de que ia pegar Pilgrim para casar?

— Não posso acreditar. Creio que estava pensando mesmo em chantagem. Acho que vou ter que conversar com essa Bobbie O'Dawne. Ela pode ser o que estamos procurando. Mais alguma coisa, Bailey?

— Bem, não sei se vale alguma coisa, mas encontrei isto aqui também.

— Tirou de sua pasta um livro azul muito estragado, que entregou para Alleyn. — Já tirei todas as impressões que estão nele, Mr. Alleyn. Há algumas da falecida e umas poucas iguais àquela que encontrei na porta.

Alguém andou tentando arrombar a caixa onde encontrei o livro.

Alleyn pegou o livro: — *As consolações de um crítico*, de Lewis Hind, 1911. Ora, ora. Boas escolhas. Estilo eduardiano. Parece ser

uma excursão à estética. Boas reproduções. Ora, ora, aqui está o que eu andava procurando sem achar.

Folheara as páginas até chegar a uma reprodução em preto e branco de um quadro com três figuras medievais lavrando um campo muito bonito, vendo-se ao fundo umas medas de feno, uns chorões e um palácio com torreões.

— Bailey, você deu sorte encontrando o segredo de Mr. Malmsley. Eu sabia que já tinha visto essas três figurinhas aqui antes. Puxa vida! Como é que fui esquecer? Isso é tirado de *Les três riches heures du Duc de Berry*, de autoria de Pol de Limburg e seus irmãos. O livro está no Musée Conde em Chantilly, e dei um duro para conseguir que o bibliotecário me deixasse retirá-lo. É uma coisa linda.

— Mas você pelo menos pode nos explicar do que está falando?
— disse Nigel, irritado.

— Fox sabe o que é. Você se lembra, não é, Fox?

— Agora eu estou compreendendo, Mr. Alleyn. Era isso que ela pensava no dia da experiência, não era?

— Vá buscá-lo, Fox. Se começar com gracinhas, vamos metê-lo em cana. Traga Cedric Malmsley.

— Você poderia pelo menos me contar, Alleyn, por que ficou tão entusiasmado assim de repente.

— Espere e já vai ver, meu caro Bathgate. Bailey, você foi o máximo.

Mais alguma coisa no quarto?

— Nada mais, Mr. Alleyn. Arrumei tudo de volta como estava, mas achei bom trazer essas coisas.

— Fez muito bem. Coloque tudo na minha pasta, por favor. Espere até que eu tenha falado com Malmsley.

Ele entrou na frente de Fox, e vinha vestido com uma camisa vermelha, gravata preta e casaco de veludo. Tinha realmente a aparência de alguém que tivesse chegado à idéia que os vitorianos

faziam dos boêmios. Parecia uma caricatura da época. Nos dedos, infelizmente muito grossos, trazia uns anéis de jade.

— Mr. Alleyn, admiro a sua atividade...

Sorrindo vagamente, Alleyn convidou-o a sentar-se. Nigel voltou para a mesa, Bailey ficou num canto perto da porta e Fox ficou junto ao fogo em completo silêncio.

— Mr. Malmsley, quero lhe pedir o favor de me contar seus movimentos desde a tarde de sexta-feira até a noite de ontem.

— Acho, Mr. Alleyn, que o meu jeito não é de fazer favores, e quanto aos meus movimentos, eu sempre me movo o menos possível, e nunca na direção certa.

— Dentro de seu ponto de vista, Londres estava na direção certa na tarde de sexta-feira...

— O senhor quer dizer que indo para Londres eu evitei todas as dúvidas de cumplicidade nesse desagradável incidente?

— Não necessariamente. No entanto o senhor já nos disse que foi para Londres no ônibus das seis horas, depois de haver passado a tarde com Garcia no estúdio.

Malmsley acendeu um cigarro.

— Eu sou absurdamente comunicativo. Isso deve ser porque, geralmente, acho a minha conversa menos maçante do que a de outras pessoas.

— Pois isso é muita sorte para o senhor. O que foi que Garcia lhe contou a respeito de Pilgrim durante a conversa que tiveram no estúdio?

— Sobre Pilgrim? Ah, sim. Ele disse que achava que Valmai iria encontrar nele um companheiro bem chato. Ele chegou a ser ridículo, e disse que ela logo se cansaria da sua cara bonita. Eu respondi que seria mais provável ela cansar-se das virtudes dele. As mulheres detestam a virtude no marido quase tanto quanto apreciam a infidelidade.

Alleyn pensou consigo mesmo que o cara estava seguindo as pegadas de Wilde e Water no fim do período vitoriano.

— E daí?

— E daí, ele disse que Pilgrim não era tão virtuoso como eu pensava, e eu lhe disse que nunca pensara em tal coisa. Disse-lhe ainda que o observador superficial era o único que chegava até a verdade. O senhor não concorda comigo, Mr. Alleyn?

— Como polícia que sou não posso concordar. E discutiram ainda sobre isso?

— Não, porque não achei graça. Garcia então convidou-me a especular quanto à possibilidade da virtude de Seacliff, dizendo que poderia me assombrar a tal respeito, se quisesse. Disse-lhe que aquilo não me interessava. Achei Garcia muito chato com referência a Seacliff. Ele tem grande atração por ela, e os homens são sempre mais divertidos quando elogiam as mulheres que detestam do que quando insultam aquelas por quem estão apaixonados. Tratei de mudar de assunto.

— Passou para Sônia Gluck?

— Isso seria brilhante de sua parte, inspetor, se eu já não houvesse dito antes que havíamos falado dela.

— Este é o único tópico de nossa conversa anterior de que eu ainda me lembro, Mr. Malmsley. Disse-nos que Garcia havia perguntado se jamais sentira desejo de matar sua amante, somente pelo horror da ação. E o que lhe respondeu?

— Eu lhe disse que nunca me ligara a mulher alguma por um tempo suficiente que lhe desse o direito de se considerar minha amante. Há alguma coisa terrivelmente permanente nessas três sílabas. Contudo, o tema era bem agradável, e nós discutimos todas as suas possibilidades. Garcia veio até minha mesa, olhou meu desenho e disse que não valeria a pena. Eu discordei. Seria um tremendo choque de horror! Ninguém ainda experimentou todas as

nuanças da luxúria nervosa até o momento de tirar uma vida. Ele começou a rir e voltou ao seu trabalho.

— Acha que ele é mesmo maluco?

— Maluco? Mas, meu caro inspetor, quem é que pode definir as fronteiras da normalidade?

— Lá isso é verdade. O senhor diria então que Garcia está longe de ser um anormal?

— Talvez não.

— Sabe se ele tem algum vício de drogas?

Malmsley inclinou-se para colocar o cigarro no cinzeiro. Olhou bem para seus anéis de jade antes de responder.

— Realmente, não faço a menor idéia.

Alleyn olhou fixamente para os olhos de Malmsley.

— E nunca reparou nos seus olhos? A gente geralmente pode ver pelos olhos.

— É mesmo?

— É, sim. As pupilas se contraem e depois, em certas ocasiões, dilatam-se. O senhor deve ter observado isso quando se olha ao espelho, não é?

— O senhor sabe de tudo, Mr. Alleyn.

— Estou lhe perguntando se sabe se Garcia contraiu tal vício. Devo informar-lhe que vamos revistar minuciosamente todas as dependências desta casa. Isso, contudo, dependerá muito de sua resposta.

Malmsley olhou furtivamente para Fox e Nigel.

— Estes senhores estão trabalhando comigo neste caso. Vamos lá, Mr. Malmsley, a não ser que o senhor prefira... O que foi mesmo que Mr. Malmsley disse a respeito de divertimento nervoso, Bathgate?

Nigel consultou suas anotações.

— ... todas as nuanças da luxúria nervosa?

— Isso mesmo. A não ser que o senhor esteja disposto a passar por todas as nuanças da luxúria nervosa que podem ser

proporcionadas pela investigação policial, eu acho que seria bom o senhor responder à minha pergunta.

— Ele não tem dinheiro para isso. Vive praticamente de esmolas.

— Será que o senhor nunca chegou a oferecer-lhe... vamos dizer, uma cachimbada de ópio?

— Recuso-me a responder a essa pergunta.

— E está perfeitamente dentro de seus direitos. Vou pedir um mandado para examinar tudo o que é seu.

Malmsley encolheu-se na cadeira.

— Isso seria bem desagradável para mim. Sou muito exigente em matéria de convidados.

— E Garcia era seu convidado?

— E mesmo que fosse... Afinal de contas, por que estou hesitando? Seus métodos são singularmente transparentes, inspetor. Está querendo saber se já me diverti explorando os prazeres do ópio. Pois a resposta é afirmativa. Um amigo deu-me de presente um magnífico jogo em jade e marfim e eu achei que não devia perder a oportunidade dos prazeres que isso prometia. Por outro lado, nunca me deixei viciar. Aliás, não cheguei a usar nem a metade do que ele me deu. Não sou viciado.

— E convidou Garcia para experimentar?

— Convidei, sim.

— Quando foi?

— Na tarde da última sexta-feira.

— Ora, até que enfim! E onde foi que fumou?

— No estúdio.

— Onde se sentia mais livre de qualquer interferência?

— Onde era mais confortável para nós.

— O senhor tinha que apanhar o ônibus das seis. É claro que não se sentiu disposto para fazer a viagem até Londres, não é?

— A verdade é que eu não fumei todo o cachimbo. Não quis. Apenas comecei um, que passei a Garcia.

- Quantas doses lhe deu?
- Apenas uma.
- Muito bem. Agora vai nos fazer o favor de contar exatamente como passou a tarde. Foi para o estúdio logo depois do almoço. Garcia já estava lá?
- Estava. Tinha acabado de chegar.
- E quanto tempo demorou antes de dar-lhe o ópio?
- Meu caro inspetor, como posso saber? Imagino que deveriam ser umas quatro horas.
- Foi depois da conversa a respeito de Sônia e o resto?
- Foi em continuação. Começamos a falar de prazeres e isso levou-nos ao ópio.
- E aí foi até a casa para buscar o seu jogo em jade e marfim?
- É... foi assim mesmo.
- Lembre-se de que no seu primeiro depoimento disse que não saíra do estúdio senão quando já estava na hora do ônibus...
- Foi mesmo? Talvez tenha dito. Com certeza imaginei que o incidente do ópio ia perturbá-lo muito.
- E quando afinal saiu do estúdio, qual era a condição de Garcia?
- Estava muito tranqüilo.
- Falou alguma coisa depois que começou a fumar?
- Falou, sim. Disse que se sentia feliz.
- E o que mais?
- Disse que sempre havia uma maneira para a gente sair de enrascadas desde que se tivesse a coragem suficiente. Acho que foi só isso.
- Levou seus apetrechos para ópio de volta para casa?
- Não.
- E por quê?
- A empregada tinha dito que ia mudar os lençóis e eu não queria encontrar-me com ela.

- E onde as deixou?
- Numa caixa embaixo da cama de Garcia.
- E quando as apanhou?
- Hoje de manhã antes da aula.
- Alguém tinha mexido nelas?
- Não faço a menor idéia.
- Tem certeza? Malmsley ficou irritado.
- Estava tudo dentro da caixa que apanhei e levei para casa.
- E quanto ópio devia ter lá?
- Não sei. Acho que o pote deve estar pela metade.
- Acha que Garcia tornou a fumar depois que o senhor saiu?
- Não faço a menor idéia. Acho que não. Nem pensei nisso.

Alleyne olhou curiosamente para Malmsley.

- Estou imaginando se percebe o que pode ter feito...
- Acho que não compreendo...
- Compreende sim, e muito bem. Tudo o que me disse a respeito de Garcia aponta alarmantemente para uma conclusão...

Malmsley teve um repentino gesto de repúdio.

— Isso é uma sugestão horrível. Já lhe disse a verdade e o senhor não tem o direito de sugerir que eu... que eu tivesse qualquer outro motivo senão...

— Acho que compreendo bem os seus motivos, Mr. Malmsley. Por exemplo, o senhor logo viu que eu acabaria descobrindo o ópio de qualquer maneira. Era só revistar seu quarto. Também viu que se Garcia fizer algum depoimento a respeito de sexta-feira, ele vai, provavelmente, falar sobre o ópio que lhe deu. É até bem possível que o senhor já soubesse que ele poderia alegar irresponsabilidade devido ao ópio, caso houvesse um processo criminal.

— Então quer me dizer que se ele for processado por assassinato eu... eu poderei ser implicado? Mas isso é monstruoso! Recuso-me a ouvir tal absurdo. O senhor deve ser um espírito muito puro, inspetor. Somente os muito puros podem raciocinar assim.

— E somente os idiotas podem assumir atitudes nas circunstâncias da tarde de sexta-feira. Vamos lá, Air. Malmsley. Esqueça-se de sua pose por um momento. Dentro de meu entendimento senil, quer me parecer que está misturando Dorian Gray com os intelectuais de segunda classe do momento.

O resultado disso é alguma coisa que não inspira muita confiança a um policial. Digo-lhe seriamente que está enrascado.

— Estão suspeitando de Garcia?

— No momento, suspeitamos de todos e de ninguém. Anotamos o que nos contou e ficamos sabendo que Garcia ficou só, no estúdio, na tarde de sexta-feira, quando supomos que a faca foi enfiada no estrado. E sabemos também que estava meio drogado e que foi o senhor quem o drogou.

— Mas foi ele mesmo que pediu!

— Foi mesmo? Será que ele vai confirmar isso? Ou será que vai dizer que foi o senhor que o induziu?

— Mas ele estava querendo mesmo. Queria experimentar e só tinha um cachimbo com muito pouca quantidade. Estaria dormindo em poucas horas.

Quando saí já estava quase adormecido.

— E quando acha que iria despertar?

— Não sei. Como posso saber? O efeito varia muito na primeira vez. É impossível dizer. De qualquer forma, ele estaria bem dentro de umas cinco horas.

— Acredita que foi ele quem preparou a armadilha para Sônia? Malmsley estava branco.

— Eu não sei. Eu não sei mesmo. Pensei que tivesse sido ele. O senhor me forçou a uma posição intolerável. Se eu disser que foi ele... mas não por causa do ópio... eu deixo de aceitar...

A sua voz estava fina e os lábios tremiam. Parecia próximo às lágrimas.

— Muito bem. Vamos tentar estabelecer os seus movimentos depois que saiu de casa. Pegou o ônibus das seis?

Malmsley deu pressurosamente uma descrição de tudo o que fizera no fim de semana. Fora à exposição, depois ao Savoy e ao apartamento de um amigo. Tinham ficado ali até as três horas. Tinha passado todo o sábado com esse amigo e tinha ido com ele à noite ao teatro. Só muito tarde foram para a cama.

Alleyn acompanhou-o até sua volta no domingo. Malmsley parecia muito abalado.

— Está tudo muito bem, até aqui. Vamos conferir tudo, naturalmente.

Estive olhando suas ilustrações, Mr. Malmsley. São encantadoras.

— O senhor me deixa desvanecido...

— Gostei mais daqueles três homens com os alfanjes... Malmsley olhou firme para ele e não disse nada.

— O senhor já esteve em Chantilly?

— Nunca.

— Então ainda não viu *Les três riches heures du Duc de Berry*?

— Nunca.

— Então talvez tenha visto algumas reproduções das ilustrações?

— Eu... é... talvez...

— Lembra-se de um livro chamado *As consolações de um crítico*?

— Eu... não me lembro... eu...

— Tem algum exemplar desse livro?

— Não... eu... eu...

Alleyn apanhou o livrinho azul e colocou-o ao alcance de Malmsley.

— E este livro aqui é seu?

— Recuso-me a responder. Isto é intolerável...

— Pois tem o seu nome na orelha.

Nigel sentiu uma tremenda pena de Malmsley. Sentia-se como culpado de alguma coisa errada. Desejava ardentemente que Alleyn

dispensasse Malsmley, que estava num emaranhado de explicações sem fim. Estava mesmo aniquilado.

— Tudo isso, aliás, é desnecessário. Não estou aqui para investigar a ética de ilustrações. O que está certo ou errado no seu procedimento é matéria para ser discutida entre o seu editor e sua consciência, se é que ela existe. Tudo o que desejo saber é como este livro foi parar nas mãos de Sônia.

— Eu não sei. Ela era nojenta e bisbilhoteira. Eu devo tê-lo deixado em algum lugar... Estava comigo no estúdio numa tarde quando eu estava só.

Alguém entrou e eu o guardei. Não é que sinta vergonha. Acho que tinha todo o direito. Há muitas coisas diferentes...

— E era a isso que ela se referia quando lhe perguntou onde ia buscar suas idéias?

— Era, sim. Claro que era.

— E pediu-lhe para devolvê-lo?

— Pedi, sim.

— E ela recusou-se?

— Foi abominável. Eu pouco me incomodava se os outros soubessem...

— E então foi ao quarto dela?

— Estava no meu direito. Era minha propriedade.

— Então tentou recuperá-lo na sexta-feira, quando ela estava fora? Antes de sair? Mas não encontrou, não foi? Onde estava o livro, Bailey?

— Estava numa mala embaixo da cama da falecida, que alguém tentou arrombar.

— E foi o senhor?

— Eu tinha todo o direito...

— Foi ou não foi o senhor?

— Fui eu, sim.

— E por que não falou com Miss Troy?

— Eu... Ela poderia não compreender... Miss Troy é por demais inglesa nesses assuntos. Confessaria com entusiasmo que o seu trabalho tem raízes na estética dos primitivos, mas quanto a alguém que tivesse coragem bastante para usar material do passado como lhe aprouvesse, ela certamente iria achar ruim. As mulheres, e especialmente as inglesas, são as mais maravilhosas hipócritas...

— Chega. Diga-me qual o motivo para Sônia ficar com este livro.

— Ela simplesmente queria ser desagradável. Queria chatear.

— Ofereceu-lhe alguma coisa pela devolução?

— Ela era impossível...

— E quanto lhe pediu?

— Eu não estou confessando que ela tenha me pedido coisa alguma.

— Muito bem. Azar seu. Permaneça nesta confusão, se quiser.

— O que devo depreender disso?

— Pense bem. Acho que não preciso mais do senhor aqui. Sinto não poder devolver-lhe o livro. Ainda preciso de suas impressões digitais. Posso tirá-las da cigarreira que apanhou aqui quando entrou, ou dos objetos de seu quarto que nós vamos vasculhar. No entanto, seria mais fácil se permitisse ao Sargento Bailey tirá-las oficialmente.

Malmsley concordou de má vontade e depois achou ruim ter ficado com os dedos sujos.

— Bailey vai lhe dar alguma coisa para limpá-los bem. Boa noite, Mr.

Malmsley. — E dirigindo-se ao sargento: — Ainda tenho mais um trabalho para você, Bailey. Teremos que examinar os quartos de todo mundo antes que se retirem. Ainda estão presos na sala de jantar, Fox?

— Estão, sim, senhor, e se aquele australiano continuar a falar acho que em breve teremos mais um cadáver nas mãos.

— Primeiro o quarto de Malmsley... — disse Bailey.

— Isso mesmo. Depois veja os dos outros homens. Logo estaremos todos lá. Não espero muita coisa, mas a gente nunca pode saber o que vai encontrar...

— Muito bem, senhor.

— E o que acha dessa história da droga, Mr. Alleyn? — disse Fox.
— Teremos que investigar a origem, não é?

— Deus do céu! É isso mesmo. Malmsley vai dizer que recebeu de um amigo, pois duvido muito que denuncie o seu fornecedor. Aliás, acredito nele quando diz que ainda não é viciado. Mas logo vi pelos seus olhos e pelo hálito. Felizmente acertei em cheio.

— Acho que isso ainda não está muito em moda por aqui... — disse Nigel.

— Felizmente não está. Aliás, é menos danoso que os outros métodos...

— E você acha que Garcia teria preparado a armadilha da faca quando estava drogado?

— Isso explicaria a sua falta de cuidado deixando cair as migalhas de argila — comentou Fox.

— É verdade, Fox. Eu não sei se quando ele despertou aí por volta das sete e meia, quando a empregada bateu à porta com o jantar, estaria em condições de preparar tudo. Teremos que procurar informações dos peritos sobre os efeitos do ópio. Sinto-me inclinado a acreditar que ele despertou com uma sede danada e levou a garrafa de uísque à boca. Ela foi usada recentemente, Bailey?

— Sim, senhor. Já disse que foi. Há algumas impressões.

— Então devemos chegar à conclusão de que, conforme as declarações da empregada, o jantar de Garcia na sexta-feira foi uma boa tragada de uísque.

— O que ainda não compreendo, senhor, é como ele tirou o seu material — disse Fox.

— Foi na sexta-feira à noite.

— Sim, mas como? Não foi uma transportadora local, porque investigamos todas elas.

— Deve ter conseguido algum veículo que ele mesmo guiou.

— Meio drogado e bastante bêbado, Mr. Bathgate?

— Talvez não estivesse tão bêbado assim. Por outro lado... Também é possível que estivesse. Vamos ver o que Bailey está conseguindo, e depois vamos dormir.

Capítulo XIII

No andar de cima

Quando Fox subiu e Nigel ficou só para escrever uma cautelosa notícia para seu jornal num dos blocos de Troy, Alleyn foi até a sala de jantar, e ali encontrou toda a classe completamente desanimada. Phillida, Ormerin e Hatchett estavam sentados à mesa com um ar de quem já cansou de discutir.

Katti estava junto da lareira olhando para o fogo. Malsley estava esparramado na única poltrona, Valmai e Pilgrim estavam sentados no chão, num dos cantos, muito abraçadinhos. Toda enrodilhada numa almofada e profundamente adormecida estava Troy. O policial continuava de sentinela na porta, mas já sentado.

Katti olhou para Alleyn e depois para Troy.

— Ela está completamente arrasada. Será que não pode deixá-la ir para a cama?

— Agora mesmo.

Alleyn atravessou a sala e parou no meio com a cabeça inclinada e os olhos em Troy.

O seu rosto era fino e havia olheiras. Ela franziu a testa, moveu as mãos, e de repente acordou.

— Eu sinto muito...

— Oh, é o senhor. Quer falar comigo?

— Por favor. É só um momento, e depois vou deixá-la em paz por esta noite.

Troy sentou-se e levou as mãos aos cabelos para afastá-los do rosto.

Levantou-se, mas perdeu o equilíbrio. Alleyn logo estendeu o braço e sustentou-a por alguns momentos.

— Minhas pernas estão dormentes... Que raio!

Ela apoiou-se no seu ombro e ele segurou-a com firmeza sem saber se era ela ou ele que estava tremendo.

— Eu estou bem agora. Muito obrigada.

Ele largou-a e dirigiu-se aos outros. — Sinto muito ter sido obrigado a conservá-los por tanto tempo aqui. Tivemos um trabalhão. Antes de cada um voltar ao seu quarto, gostaríamos de dar uma olhadela neles. Espero que não haja objeções.

— Qualquer coisa, contanto que a gente possa ir dormir — disse Katti, e ninguém mais falou.

Ele voltou-se para Troy.

— Muito bem, então, a senhora pode vir comigo?

— Naturalmente...

Quando estavam no saguão, ela perguntou: — Quer ver se encontra alguma coisa em nossos quartos?

— Não é nada específico. Acho que devemos... Detesto este meu trabalho. Pela primeira vez detesto e desprezo...

— Vamos indo...

Subiram até um patamar em que a escada se dividia em um lance para cada lado.

— Antes que me esqueça, a senhora sabe o que aconteceu com a garrafa de ácido nítrico que estava na prateleira de cima do depósito?

Ela arregalou os olhos.

— O ácido? Está lá. Encheram a garrafa na sexta-feira.

— Então Bailey não a viu, talvez. Nós vimos as manchas e achamos que era melhor verificar... São esses os quartos?

— Todos os quartos dos alunos estão lá do lado direito. Os banheiros e o meu estão do outro lado. Por aqui, por esta porta aqui no patamar, vamos para os aposentos das empregadas e para uma escadinha que vai ao quarto do sótão onde... onde Sônia dormia.

Alleyn viu luz por baixo de duas das portas dos alunos e pensou que Fox e Bailey deviam estar lá.

— Se quiser, o senhor pode ver o meu quarto... Entraram num quarto muito espaçoso e bem-proporcionado. As paredes, o tapete e a cama de solteiro eram brancos. Havia apenas um quadro e poucos ornamentos, mas em cima da lareira brilhava uma pequena árvore de Natal com fabulosas flores de vidro. Troy riscou um fósforo e acendeu a lareira.

— Vou deixá-lo trabalhar. Precisa de mais alguma coisa?

— Gostaria apenas de lhe dizer que se fosse possível eu faria uma exceção...

— E por que uma exceção? Não há razão alguma que justifique isso.

— Se a senhora, pelo menos, pudesse ver em mim um simples criado de bordo ou qualquer outro desses funcionários impessoais...

— E de que outra forma poderia eu vê-lo, Mr. Alleyn? Posso lhe afirmar que não precisa ter escrúpulos, se é que são escrúpulos mesmo...

— Eram simples tentativas de desculpas. Farei ainda uma outra pedindo-lhe que me perdoe a impertinência. Não vou me demorar.

Troy ia saindo, mas voltou-se na porta.

— Não tive a intenção de ser ofensiva nem malcriada...

— E realmente não foi. Vejo agora que fui muito presunçoso.

—...mas o senhor não poderia esperar que eu me mostrasse alegre quando o senhor está em vias de vasculhar minhas peças íntimas à procura de cartas comprometedoras. O simples fato de o senhor suspeitar...

Alleyn foi até a porta e encarou-a.

— Sua tolinha, pois então não pode ver que eu não suspeito de você mais do que de uma moça lá na lua?

Troy olhou espantada como se ele tivesse perdido a cabeça. Abriu a boca para dizer alguma coisa que não disse, girou nos calcanhares e saiu.

Alleyn ficou ali estarecido e praguejando baixinho. Ficou olhando a porta aberta por onde Troy saía e foi cuidar de seu trabalho. Havia uma cômoda com gavetas cheias de roupas iguais às que Alleyn muitas vezes tinha tido ocasião de examinar e revolver. As suas mãos finas e delicadas tiraram as peças com cuidado, levando-as até a cama para depois tornar a trazê-las, arrumando-as como estavam. Uma gavetinha onde havia miudezas e um tanto desarrumada. Uma ou duas cartas. Uma que começava "Querida Troy" e terminava "o seu loucamente dedicado John". "John Bellasca", pensou Alleyn. Ia devolver as cartas, mas pensou melhor e colocou-as em cima da cômoda. "Que trabalho sujo e degradante", pensou consigo mesmo.

Depois passou em revista as roupas no armário, casaquinhos, vestidos de noite muito bonitos, e os velhos *slacks*. Nos bolsos, sempre as mesmas coisas miúdas de uma pintora e até mesmo um lenço que servira para limpar pincéis. Um caderno de esboços enfiado num bolso muito apertado para ele.

Havia um casaco de *tweed*, azul, e ele viu-se de novo lá no cais em Quebec, com as luzes do navio de Troy refletindo-se na água escura do rio. Os sinos tocando nas igrejas cinzentas. O rebocador com seus cinco globos de luz amarela caminhando na noite, descendo o Saint Lawrence, e lá no tombadilho estava Troy com a mão levantada num gesto de adeus, usando aquele mesmo casaco de *tweed* azul. "Adeus! Muito obrigada pela festa de despedida. Adeus." Enfiou a mão no bolso e encontrou a carta de Katti. Teria que ler aquela.

"...Você é uma trouxa, fazendo coleção de sanguessugas... é um animalzinho que não presta... o diabinho da Sônia... Já você é diferente.

Ficariam logo apaixonados se você lhes desse trela, mas nunca sabem onde estão... As suas alusões ao detetive são bastante incompreensíveis, mas

se ele interrompeu o seu trabalho você tinha o direito de dar a bronca. O que é que há, afinal? Bem, até o dia 3, Katti."

O envelope era endereçado a Troy, no Château Frontenac.

Alleyn pensou consigo mesmo que, evidentemente, ele já vinha se tornando inconveniente desde o navio. Interrompendo seu trabalho. Oh, Deus!

Em um ou dois minutos ele tinha acabado. Teria sido absolutamente dispensável examinar aquele quarto. Aquela cena não teria sido necessária.

Pendurou a última peça de roupa, passou os olhos pelo quarto e olhou pela quarta ou quinta vez aquele retrato que estava em cima da cômoda. Era um homem de boa apresentação que assinara "Joh". Alleyn não conseguiu resistir a um impulso meio descabido e fez uma careta para o retrato. Voltou-se para sair do quarto e deu de cara com Troy ali na porta com uma expressão de espanto. Sentiu que o rosto lhe pegava fogo.

— Já acabou, Mr. Alleyn?

— Sim, senhora, obrigado.

Sabia que ela tinha visto e havia nos seus olhos uma expressão singular.

— Acabo de fazer uma careta para aquele retrato.

— Eu vi.

— Examinei todas as suas roupas, bisbilhotei em todos os seus bolsos e li todas as suas cartas. A senhora pode ir para a cama. Naturalmente a casa continuará sendo vigiada. Boa noite, Miss Troy.

— Boa noite, Mr. Alleyn.

Ele seguiu para o quarto de Katti, onde nada encontrou que valesse a pena. Estava muito mais desarrumado que o de Troy e levou mais tempo.

Examinou uns papéis e a única carta pessoal que encontrou foi a que Troy lhe escrevera no navio e que colocara no correio em

Vancouver. Leu-a com atenção e apreciou os pedaços em que falava dele. Depois dobrou-a direitinho e colocou-a no mesmo lugar. Acabou ali e saiu em busca de Fox e Bailey, que também tinham terminado os quartos dos homens.

Fox encontrara e confiscara o equipamento de ópio de Malmsley. Havia muito pouco ópio, mas tudo indicava que o pote estivera cheio antes.

— Isso não está de acordo com a história de Malmsley. Bailey verificou as impressões?

— Encontrou as de Garcia e Malmsley no cachimbo e no pote.

Mandou Bailey para o quarto de Phillida enquanto ele e Fox examinavam o de Valmai, cujas paredes estavam enfeitadas com retratos dela mesma: um pintado por Malmsley, outro por Ormerin, e um desenho e dois quadros a óleo feitos por Pilgrim.

Na sua mesa-de-cabeceira havia um bom trabalho a lápis de sua autoria.

O modelo era Pilgrim. O quarto estava muito bem arrumado e era muito mais feminino do que os de Troy ou Katti. O armário de roupas e chapéus continha o triplo dos das outras duas. Achou divertido que até mesmo o avental de pintar e os sacos de material tivessem um perfume de Worth. A mala do fim de semana ainda não tinha sido desfeita. Tinha uma quantidade de vestidos, sapatos, luvas, e muitas outras coisas, inclusive um vidro pelo meio com aspirina.

— Talvez seja de Pilgrim. Vamos ver agora a correspondência.

Encontraram grande quantidade em duas gavetas e em montinhos muito bem arrumados.

— Socorro! Teremos que olhar tudo isso, Fox. Pode ser que haja alguma coisa. Pegue estas aqui, Fox, devem ser de Pilgrim.

Fox colocou os óculos e, impassível, começou a ler as cartas de amor de Pilgrim.

— São de um perfeito cavalheiro...

— Pois então você não deu sorte. Eu estou com coisa mais quente. É um rapaz que a compara com uma miragem. Deus do céu! Aqui temos um soneto. — Bailey chegou, depois de terminar o quarto de Phillida sem nada encontrar, e Alleyn atirou-lhe um maço de cartas.

— Aqui há uma que o senhor talvez goste de ler. É a última do Honorável Mr. Pilgrim.

— E o que diz?

Fox pigarreou e começou a ler: — "Querida. Estou sempre sentindo que não sou bastante bom para você. Sua última carta dizendo-me que gostou de mim a princípio porque eu parecia diferente dos outros homens fez-me sentir meio estranho. Eu creio, mesmo sem me julgar muito pretensioso, que posso ser favoravelmente comparado ao pessoal que temos aqui agora, Garcia, Malmsley & Companhia. Mas isso não pode ser um cumprimento para mim.

Eu simplesmente abomino ver você nessa companhia. Homens como Garcia não têm o direito de estar numa sala junto com você, meu amor. Eu sei que todo mundo dá gargalhadas quando ouve a palavra "pura". Já passou de moda, como muitas outras. Mas a verdade, minha Valmai, é que há uma espécie de pureza em você. Se é que eu a compreendo, parece que você também viu alguma coisa parecida em mim, mas eu mesmo, minha querida, não consigo ver isso. Só porque não me embebedo e não falo obscenidades, isso não significa que eu seja o cavalheiro sem mácula..."

— E acho que isso é só, senhor.

— Encontraram cartas no quarto de Pilgrim?

— Nenhuma. Talvez as tenha levado para Ankerton.

— É isso mesmo. Bem gostaria de ver aquela em que a sua noiva exalta a sua pureza... Ela tem mesmo uma técnica de primeira, não acha, Fox?

Fisgou esse homem que em breve será lorde e que está meio abobalhado pensando que não é suficientemente bom para ela. — Alleyn parou e cocou o nariz. — Os homens ficam bem estranhos quando se apaixonam, Fox.

Ficam mesmo, sabe?

— Bem, não há aqui nestas cartas coisa alguma que possa ir de encontro à idéia que, até aqui, formamos de Garcia, não acha, senhor?

— É isso mesmo, Fox. E as roupas de Pilgrim? Também não encontramos nada. Só o que seria de esperar.

— Encontraram aspirina?

— Não, senhor.

— Acho que o seu vidro é aquele que encontramos no bolso de Miss Seacliff. Vamos então continuar.

Logo depois Bailey encontrou e entregou a Alleyn uma carta de Garcia.

Da mesma forma que a outra, dirigida a Sônia, essa estava escrita num pedaço de papel velho, e a lápis. Não tinha data nem endereço e tampouco envelope.

"Querida Valmai.

Soube que você vai para a casa de Troy. Eu também vou. Estou duro.

Não tenho nem o dinheiro para a passagem até lá e ainda preciso de outras coisas, principalmente tintas. Quero pintar um pouco. Tomei a liberdade de ir ao Gibson e comprei umas coisas em sua conta. Disse ao velho que já tinha falado com você e como ele já nos viu juntos foi fácil fazê-lo acreditar.

Acha que Basil me emprestará cinco libras? Ou quem sabe você mesma?

Ficarei melhor logo que Troy voltar, e tenho agora uma boa encomenda, portanto poderei pagar. Se não tiver uma resposta sua, vou pedir a Pilgrim.

Não vejo ninguém mais. É verdade que você vai ficar com Pilgrim? Acho que seria melhor você experimentar um pouco de amor livre comigo.

G.”

— Será que esse cara vive à custa de mulheres? — perguntou Bailey.

— Acho que ele topa qualquer parada que lhe dê dinheiro — disse Fox.

— Está bem, então, Fox. Vamos ficar com esta carta de Garcia e qualquer outra dele que aparecer. Então já acabamos, não é? Podemos ir dormir. Fox, vá dizer a todos que podem se retirar. Apresente-lhes meus cumprimentos, *etc, etc*. Miss Troy já se retirou. Vamos embora, Bathgate.

Alguns minutos depois eles estavam todos no saguão. As lareiras já tinham sido apagadas e os quartos estavam frios. Em todos os corredores o silêncio só era quebrado pelos sons furtivos que fazem todas as casas velhas à noite como se estivessem suspirando devido à iniquidade dos homens.

Alleyn deu uma última olhada e falou com o policial que iria ficar de guarda no saguão. Bailey abriu a porta e Alleyn apagou as últimas luzes. Nigel, encolhido dentro de seu sobretudo, guardou a notícia que escrevera para o jornal e acendeu um cigarro. Alleyn ficou ao pé da escada olhando para cima como se ainda estivesse ouvindo alguma coisa.

— Tudo pronto, senhor.

— Então vamos, Fox. Onde é a garagem?

— É atrás da casa, aí pelo lado direito, senhor.

— Muito obrigado. Boa noite para todos.

A noite estava fria e sem lua. O cascalho rangia sob seus pés.

— Vou dar uma olhadinha na garagem. Já tenho a chave. Não vou demorar. Dê-me minha pasta, Bailey. Você pode ir andando, Bathgate...

Acendeu sua lanterna e deu a volta à casa, até a antiga cocheira, que fora transformada em garagem. A chave servia em todas as

portas. Encontrou um Austin, um elegante carro esporte que logo imaginou ser de Pilgrim e uma pequena camioneta. Alleyn resmungou quando viu aquilo. Examinou os pneus, mediu a distância entre as rodas e a altura do chão, abriu a porta dos fundos e subiu no carro. Ligou uma luz no teto e viu que o interior estava muito bem planejado. Havia duas camas, uma mesa de dobrar e muitos armários que continham material de pintura, e uma ou duas telas. Tirou uma e viu que era de Troy. Começou a examinar com mais atenção o fundo do carro e notou duas marcas na entrada que pareciam feitas por alguma coisa pesada e sobre rodas. Havia marcas recentes no chão. Alleyn examinou com a lente e viu ainda outras marcas. Examinou o marcador de gasolina e viu que marcava somente uns oito litros. Voltou a examinar o chão com a lanterna, e afinal encontrou traços de uma substância cinza-esverdeada, que raspou e guardou. Foi à cabina do motorista procurando impressões, mas não encontrou. Atiradas ao chão da cabina estavam pontas de cigarros Players, que ele juntou e examinou com cuidado. Estava tentando descobrir impressões no chão quando uma voz profunda o interrompeu.

— Será que se lembraram de colocar a garrafa de água quente, senhor? E a que horas quer que o chamem?

— Desculpe, Fox, será que demorei muito?

— Nada disso, senhor. Bailey já está ferrado no sono, lá no nosso carro, e Mr. Bathgate já foi para a casa da senhora sua mãe. Pediu-me que lhe dissesse que vai mandar brasa pelo telefone.

— Vamos selar esta camioneta, Fox, e depois vamos mesmo para casa.

Mande Bailey de volta a Londres, e você vai ficar lá em casa. Mamãe vai adorar. Assim podemos começar bem cedo.

— É muita bondade sua, senhor. Estou muito satisfeito. Alleyn selou com fita a porta da camioneta e depois a porta da garagem e colocou a chave no bolso.

— Ninguém vai sair para passear. Vamos embora, Fox. Mas que frio!...

Falaram com Bailey, combinaram o encontro em Londres e foram então de volta para Danes Lodge.

— Vamos beber alguma coisa antes de ir para a cama. Quando iam passando pela porta do quarto de vestir de Lady Alleyn, ouviram um murmúrio de vozes lá dentro.

Alleyn empurrou a porta e soltou uma exclamação. A lareira estava acesa e Nigel sentado de pernas trançadas defronte dela no tapete, enquanto Lady Alleyn estava toda encolhida numa poltrona com um roupão azul e já pronta para a cama.

— Mamãe!...

— Alô, meu filho. Mr. Bathgate está me contando tudo acerca de seu caso. É muito interessante, e eu já encontrei três soluções diferentes para ele.

— Isso é uma vergonha. É uma cena de licenciosidade e depravação.

Quero lhe apresentar Mr. Fox e pedir que lhe dê uma cama.

— Claro. Mas isso é ótimo! Como vai, Mr. Fox?

Fox tomou-lhe a mãozinha nas suas mãos enormes e fez uma mesura.

— Como vai, minha senhora? É muita bondade sua...

— Roderick, traga umas cadeiras e sirva bebidas para todo mundo. Mr.

Bathgate já está bebendo uísque e eu estou bebendo porto. Nada tem que agradecer, Mr. Fox. Há muito tempo venho querendo conhecê-lo. Sabe que é exatamente como eu imaginava que fosse? Roderick fala tanto do senhor. Já trabalharam juntos em muitos casos, não é?

— Muitos mesmo, minha senhora. Tem sido um prazer para mim, minha senhora. Um verdadeiro prazer. Estamos todos muito contentes por ter Mr.

Alleyn de volta.

— Quer uísque e soda, Fox? Mamãe, o que vai acontecer com seus bonitos olhos se começar a beber porto à uma hora da madrugada? E você, Bathgate?

— Já estou servido, obrigado. Alleyn, sua mãe está convencida de que Garcia não é o criminoso.

— Não, eu não digo que ele não seja, mas penso que não é quem procuram.

— Isso é muito estranho de sua parte, mamãe, como é que sabe?

— Acho que alguém está querendo servir-se dele. Provavelmente o tal rapaz antipático de barba. Pelo que me conta Mr. Bathgate...

— Estou bem interessado em saber o que ele andou lhe contando.

— Não fique zangado, querido. Ele já me proporcionou uma esplêndida descrição de tudo... tão lúcido quanto Lucy Lorrimer...

— E quem é essa senhora?

— Ela é uma figura pré-histórica, Bathgate. Era a filha mais velha de Lorde Banff e nunca terminava as frases. Perdia-as sempre num cipoal de pensamentos secundários que rodeavam as suas mais simples observações, de forma que todos costumavam citá-la como exemplo de lucidez. Não, mas realmente, Roderick, Mr. Bathgate explicou tudo com grande clareza. Eu estou absolutamente *au fait* e também estou convencida de que Garcia está sendo o bode expiatório. O pobre coitado parece tão despido de atrativos...

— Os homicidas geralmente são despídos de atrativos, querida.

— E que tal Mr. Smith? George Joseph? Não se pode dizer isso dele com todas aquelas mulheres. O que me faz ficar zangada com Smith é a sua monotonia. Sempre no banheiro e sempre com meio quilo de tomates, mesmo que não seja tempo deles.

— Se formos considerar Mr. Malsmley, minha senhora, o seu único motivo até agora só pode ser a vaidade.

— Que, aliás, também é um motivo muito bom, Fox. Mr. Bathgate já me disse que ele é um rapaz muito afetado e convencido.

Sem dúvida a pobrezinha ameaçou denunciá-lo fazendo dele uma figura ridícula quando contasse que estava falsificando a ilustração de Pol de Limburg. Devo, aliás, dizer, Roderick, que ele mostrou muito gosto. É um quadro extremamente encantador. Você se lembra de quando o vimos em Chantilly?

— Lembro-me, sim, mas devo confessar envergonhado que não me lembrei logo de saída.

— Admiro isso em você, meu querido. É uma coisa tão linda, que é difícil encontrar palavras para descrever. Muito bem, Mr. Fox, vamos supor que esse Malmsley tenha retardado de propósito sua partida na sexta-feira.

Deu ópio a Garcia e incitou-o a preparar a armadilha, e depois foi embora esperando que Garcia levasse a cabo o plano. Que tal acham?

— A senhora mostra tudo com muita clareza mesmo. Por favor, dê-me seu copo. — Fox falava muito sério, como se aprovasse aquilo tudo.

— Muito obrigado, Mr. Fox. Muito bem, Roderick, e o que há com Basil Pilgrim?

— O que é que há com ele, mamãe?

— Claro que é bem possível que ele seja meio "desbalanceado". Seu pai é doido varrido, e acho que aquela infeliz que foi mulher dele era também sua prima, e aí tem você. E ela então começou a dar duro, tendo uma filha depois da outra. Só vinham meninas para a pobrezinha, até que veio Basil e ela morreu de pura exaustão. E aí o pai virou metodista primitivo, querendo fuçar a vida privada de todo mundo. Lembro muito bem de quando o rapaz nasceu, Roderick. Seu pai dizia que os métodos do velho eram mesmo primitivos demais para a mulher. Você acha que o menino teve alguma coisa a ver com essa trapalhada?

— E Bathgate já lhe contou o depoimento dele?

— Estava bem no meio quando vocês chegaram. Que espécie de rapaz acabou ele sendo? Espero que não tenha saído ao pai.

— Não muito. Está perdidamente apaixonado. Por essa Valmai.

— Que espécie de moça é ela, Roderick? Moderna e dura? Mr. Bathgate me disse que é linda.

— É linda, mas é também uma caçadora...

— E acha que é dessas que matam?

— Eu não sei, mamãe. Já imaginou que devia estar na cama e que meteu Bathgate numa encrenca por dar com a língua nos dentes?

— Ele sabe que eu sou um túmulo, não é assim, Mr. Bathgate?

— Estou tão apaixonado pela senhora, Lady Alleyn, que nem ligaria se me pusesse no fogo. Ainda assim lhe abriria o meu coração.

— Está vendo só, Roderick, como ele é encantador? Acho que vou mesmo para a cama.

Dez minutos depois Alleyn entrou novamente no quarto de sua mãe, indo encontrá-la sentada na cama com um livro na mão e os óculos no nariz.

— Você está igualzinha a uma miniatura de coruja, mamãe.

— Já estão todos acomodados?

— E estão também loucos de adoração por você.

— Você acha que eu me exhibi demais? Gostei muito de Mr. Fox, Roderick. É como está ela?

— Ela quem, mamãe?

— Não seja fingido, Roderick.

— Já tivemos duas brigas pequenas e uma grande. Perdi a compostura.

— Você não deve fazer isso, meu filho. Entretanto, não sei. Talvez dê certo. Quem acha você que é o autor desse crime horroroso, Roderick?

— Garcia.

- Só porque estava drogado?
 - Não sei. Você não vai falar...
 - Ora essa, Roderick!
 - Bem, eu sei que você não o faria.
 - E deu-lhe o meu convite?
 - Infelizmente nossas relações não estavam para isso. Tenho que levantar muito cedo, mamãe.
 - Dê-me um beijo, Roderick. Que Deus o abençoe, meu querido.
- Boa noite.
- Boa noite, mamãe.

Capítulo XIV

A prova num raminho

Às sete horas da manhã, ainda bem frio, já Alleyn e Fox estavam de volta a Tatler's End. De uma das chaminés saía um rolo de fumaça. O chão estava duro e as árvores nuas e adormecidas estendiam para o céu escuro seus galhos. O ar estava frio e cheirava a chuva. Os dois foram diretamente ao estúdio, onde encontraram um policial todo enrolado no seu sobretudo e muito alegre com a chegada deles.

— Desde quando você está aqui?

— Desde as dez da noite passada, senhor. Vou ser substituído quando forem oito horas e se der sorte.

— Pode sair agora. Nós ficaremos aqui até o seu substituto chegar. Diga ao superintendente que fui eu quem mandou.

— Muito obrigado, senhor. Acho que vou direto para casa, a não ser que...

— Pode dizer.

— Bem, senhor. Se vão trabalhar aqui, eu gostaria de ficar vendo... se isso não é muita audácia minha...

— Nada disso. Fique, se quiser. Qual é o seu nome?

— Sligo, senhor.

— Está bem. Bico calado sobre o que fizemos. Não preciso recomendar... Pode vir conosco.

Alleyn levou-os até a janela do estúdio e abriu-a. O peitoril do lado de fora ainda estava cheio de neve.

— Na noite passada eu reparei em certas marcas no peitoril. Olhe primeiro para a banquetta aqui. Está vendo?

— Sim, senhor. Arranhões.

— Pois vamos medi-los.

Alleyn tirou uma fita métrica do bolso e começou a medição enquanto ia anotando.

— Agora vamos ao peitoril. Está vendo estas marcas? Alleyn marcou a distância entre os arranhões e verificou que conferiam com as outras. Eram iguais às da banqueta.

— Garcia tinha o seu modelo montado numa plataforma com rodinhas.

Malmsley disse-nos que Garcia pretendia colocar o modelo na caixa e depois levá-lo para a condução que viesse buscá-la. Creio que mudou de idéia e colocou a caixa vazia no veículo, trouxe a banqueta até o peitoril e empurrou o modelo sobre rodas para dentro da caixa, que já estava dentro da camioneta que tinha entrado de ré até a janela.

— Na camioneta, senhor? Então foi uma camioneta?

— Feche tudo aqui e venha para fora saltando pela janela, mas não estrague essas marcas. Salte sem pisar as marcas dos pneus.

Lá fora Alleyn mostrou-lhes as marcas deixadas pelas rodas e que já estavam congeladas.

— Bailey já tirou moldes daqui, mas quero que vocês olhem bem. Vão logo notar que o motorista da camioneta fez muitas manobras. Se houvesse pegadas perto da janela, elas teriam sido apagadas. Mais adiante estão as marcas do rabeção, infelizmente, mas se olharem com cuidado podem ver quais foram as últimas marcas. As outras mostram o esforço feito para chegar bem junto à janela. Que raio! Está começando a chover. Vamos aproveitar rápido. Veja bem os rastros, Sligo. Vou medir a distância entre as rodas e a largura do pneu. Aí estão as manchas de óleo. Deram marcha à ré e frearam de repente, mas assim mesmo ainda bateram na parede. Está ali a marca. As rodas da frente foram viradas depois de o carro parar. Ali estão as marcas. Com elas podemos fazer uma idéia do comprimento do carro.

Agora, olhem para os ramos daquele olmo. Atravessam a rua até quase o nosso lado e são muito baixos. Repararam que um ou dois raminhos foram quebrados recentemente? Vejam aqui!

Abaixou-se e apanhou um raminho quebrado.

— Ainda está verde. Há diversos. Um bem perto da parede do estúdio e outro lá do lado oposto da rua. Parece que foram quebrados por um carro, e isso nos proporciona uma boa idéia da altura do veículo. Certo?

— Isso mesmo, senhor.

— Vocês naturalmente já sabem como é tudo isso. Agora vamos até a garagem.

Alleyn abriu as portas da garagem e desfez o selo da polícia. Havia começado a chover bastante.

— Eu já tirei as medidas ontem, mas sempre seria bom verificar. Quer fazer isso, Sligo?

No auge da alegria, Sligo começou a medir, verificando que tudo conferia, e também que o carro tinha entrado em marcha à ré.

— Muito bem, Sligo. Assim é que é. Espere um pouco que quero ver se há impressões. — Apanhou a aparelhagem e verificou que não havia impressões na porta nem na maçaneta. Examinou bem os três degraus que estavam gastos e sujos. — Não toquem nisso — disse, abrindo a porta da camioneta. — Agora, Sligo.

— É isso mesmo, senhor. São as mesmas marcas, certinho.

— Acho que são mesmo. Veja bem para ter certeza.

— São mesmo, senhor. Tenho certeza.

— Agora dê uma olhada no teto. Trephe ali no banco, que não há perigo.

Cuidado, pois nunca se sabe quando vamos estragar uma ótima impressão onde menos se espera que ela esteja.

Sligo subiu no banco e olhou o teto da camioneta.

— Puxa vida, Mr. Alleyn. Há uma quantidade de arranhões, e aqui está mesmo, Mr. Alleyn, um raminho quebrado enfiado entre o

teto e a carroçaria. Está bem enfiado na brecha. É um pedaço dele mesmo, não é, senhor?

— Claro que é. Você pode alcançá-lo? Então pegue esta pinça e tire-o com todo o cuidado. Assim. Agora já pode descer. Vamos guardar bem este raminho, Sligo. Coloque num envelope com o nome. Qual é a distância daqui até Londres?

— Exatamente trinta quilômetros, senhor.

Alleyn pegou sua pasta e foi com Fox e Sligo examinar o quintal e a passagem para a rua.

— Aqui as marcas estão bem claras. Temos aqui todas as provas para mostrar que esta camioneta saiu da garagem e foi de marcha à ré até a janela para ser carregada. De quem é essa camioneta?

— Creio que é de Miss Troy. Fox não mostrou muito interesse.

— É mesmo?

— Já vamos saber. Sele novamente a garagem, Fox. Que raio de tempo.

Acho que é melhor darmos uma olhada no carro de Pilgrim.

Era um carro esporte muito potente cuja forração exalava o perfume de Valmai. No porta-luvas havia uma coleção de coisas para maquiagem que Alleyn classificou como "reparos para estragos". Abriram a mala e encontraram uma capa de chuva bem velha que devia ser de Pilgrim e que Alleyn classificou do mesmo jeito.

— Essa moça usa um perfume muito forte, Fox. Olhe você agora esta capa, Sligo. É ideal para fins de demonstração. Numa coisa assim Holmes ou Thorndyke leriam como num livro aberto. Você sabe quem foram esses dois, Sligo? Não? Vamos então ouvir seu comentário sobre uma velha capa de chuva. Afinal de contas você é um detetive da Yard. Pode começar, que eu vou tomando nota.

— É uma capa impermeável de homem, feita por Burberry. Dentro da gola está marcado "B. Pilgrim". Está amarrotada e manchada. Por dentro a gola está suja de graxa, e também tem

manchas brancas. Em uma das mangas, graxa de automóvel. Também na frente. Bolsos: lado direito, um par de velhas luvas que parecem ter sido usadas para trocar pneus. Há outras marcas também. Acho que andou mexendo com baterias. A luva da mão esquerda tem uma mancha escura pelo lado de dentro, na palma, junto ao dedo mínimo. Bolso esquerdo: pedaço de pano sujo. Uma caixa de fósforos.

Não vejo mais nada, senhor. Só um furo na manga direita, que parece feito por cigarro.

— Esse é o método, Sligo. Puxa vida, já são oito horas. É melhor você voltar para o estúdio, senão o seu substituto vai pensar mal de você.

— Muito obrigado, senhor. Foi uma experiência. Deixando Fox na garagem, Alleyn fez a volta à casa e tocou a campainha da frente, sendo atendido por um policial.

— Bom dia. Sabe se Miss Troy já se levantou?

— Ela está na biblioteca, senhor.

— Pergunte-lhe se pode me atender por um momento. O homem voltou dizendo que ela estava à sua espera e ele foi para lá. Troy estava de calça e pulôver, tão parecida com aquela manhã lá em Suva que Alleyn chegou a pensar que nada tinha acontecido desde então. Só depois reparou que tinha a aparência de alguém que não dormiu.

— Acordou cedo...

— Sinto muito vir incomodá-la logo de manhã tão cedo, mas preciso saber se a camioneta que está na garagem é sua.

— É, sim, por quê?

— Quando a usou pela última vez, por favor?

— Já faz uns quinze dias. Todos nós fomos a Kattswood para um piquenique e para pintar.

— Sabe quanta gasolina tinha no tanque quando voltou?

— Devia estar acima do meio. Enchi quando saímos, e são somente uns sessenta quilômetros ida e volta.

— Qual a capacidade do tanque?

— Trinta litros.

— Pois está só com pouco mais de um quarto agora de manhã.

— Então deve estar vazando. Eu não podia ter gasto tanto no outro dia...

não é possível.

— Não há vazamento, porque eu verifiquei.

— Olhe aqui, diga logo o que há.

— Tem certeza de que ninguém mais a usou?

— Claro que tenho. Pelo menos com minha permissão... — Tinha a expressão preocupada e intrigada. De repente arregalou os olhos.

— Garcia!

Então acha que Garcia saiu com o carro?

— E por que pensa isso?

— Ora essa! Eu também tenho estado intrigada sobre como ele conseguiu tirar suas coisas daqui. Claro que foi ele. É como sempre faz.

Pode estar certo de que não iria pagar uma transportadora se pudesse levar suas coisas de graça.

— Ele sabe dirigir?

— Eu realmente não sei. Nunca me pareceu que soubesse, mas pelo jeito deve saber. Estou vendo que o senhor pensa que ele foi no meu carro.

— Isso mesmo.

— Deve tê-lo trazido de volta naquela noite. Ele não sabia quando eu voltaria. Não se teria arriscado. Além disso, qualquer pessoa poderia tê-lo visto. Se esse tal armazém é em Londres, ele poderia facilmente ter feito isso de noite, não acha?

— É isso mesmo. Deixe-me fazer uns cálculos. Qual é a velocidade da camioneta?

— Uns sessenta... forçando um pouco, até oitenta...

— É uma pena que ele não tivesse dito onde era...

— Mas ele disse! Pelo menos Valmai disse agora de manhã que se lembrava de ele haver dito que era perto de Holloway.

— Puxa vida! E por que ela não me disse isso ontem? Como foi que vieram a falar sobre isso? O que fez com que ela se lembrasse de Holloway?

— Foi na hora do café, que, aliás, não foi muito alegre hoje de manhã.

Phillida só falava de assassinatos e Hatchett estava impossível. Então Phillida disse que as mulheres condenadas à morte eram enforcadas em Holloway, e aí Valmai deu um salto dizendo que era onde Garcia lhe falara que era o tal armazém.

— Ela tem certeza?

— Acho que tem. Quer que vá chamá-la?

— Por favor, sim?

Troy tocou a campainha e disse à criada que atendeu que fosse chamar Miss Seacliff.

Valmai entrou vestida com calças pretas e um suéter magenta. Estava encantadora.

Alleyn cumprimentou-a alegremente.

— Bom dia, Miss Seacliff. Já ficou boa?

Troy ficou admirada.

— Por quê? O que houve com você? Valmai olhou cheia de raiva para Alleyn.

— Ela estava indisposta na noite passada...

— O que tinha?

— Nervos, Troy. Eram meus nervos.

— Foi você que vomitou no banheiro de baixo? A empregada ficou furiosa por ter que limpar aquilo tudo. Ela disse...

— Será preciso falarmos nisso? Eu estou realmente muito perturbada.

— E devia estar mesmo. Só acho que você deveria ter limpado. A empregada disse...

— Troy!

— Está bem. Está bem. Quer ficar só, Mr. Alleyn?

— Não, não. Queria só perguntar a respeito dessa história de Holloway...

— Está falando do lugar onde Garcia vai trabalhar?

— Isso mesmo. Ele lhe falou que era perto de Holloway?

— Falou, sim. Eu é que esqueci. Acho que deve estar furioso comigo, não é? — O seu sorriso para Alleyn só faltava dizer que o achava bonito.

— Gostaria de saber exatamente o que ele disse, se a senhora conseguir lembrar-se.

— Acho que posso lembrar bastante, se quiser. Foi durante uma de suas tentativas periódicas para me agarrar. Perguntou-me se eu iria vê-lo quando estivesse trabalhando. Já não me lembro o que disse. Acho que falei que era muito longe e ele então disse que era perto de Holloway. Eu disse que não ia me arriscar a passar uma tarde com ele num estúdio deserto, mas talvez pudesse convencer Basil a me levar até lá, e ele ficou branco de raiva.

Mesmo assim me disse como chegar lá, e fez um mapa, mas creio que o perdi. Aliás, eu até gostaria de ir ver. E você também não gostaria, Troy?

Mas como ele ainda não está preso nem condenado, acho que nós vamos acabar vendo seu trabalho quando for instalado. Eu disse a Garcia que ele tinha se rebaixado aceitando encomenda para um cinema. Ele ficou uma fera, e disse que tudo seria bom. Claro que não tem o menor senso de humor.

— E ele disse exatamente onde era?

— Disse, sim, e até fez um mapa, mas só consigo lembrar que é Holloway.

— Não deu nem mesmo o nome da rua?

— Acho que não deu. Com certeza falou ou marcou no mapa, mas eu devo ter esquecido...

— Então acho que é só, e obrigado.

Ela levantou-se, franziu o rosto e fechou os olhos. Troy perguntou-lhe se estava sentindo alguma coisa.

— Estou com uma daquelas dores de cabeça terríveis.

— Deve ser um resto da ressaca.

— Nada disso. Estou tendo muito isso ultimamente.

— Você está mesmo bastante pálida. Por que não deita um pouco? Quer uma aspirina?

— Basil deu-me seu vidro ontem, obrigada. — Tirou o espelho da bolsa e ficou a contemplar-se muito concentrada.

— Estou horrorosa! — E saiu da sala.

— Ela é sempre assim?

— Quase sempre. É muito mimada. Teria sido muito mais fácil a gente aturá-la se não fosse a sua beleza. Ela é mesmo linda, não acha?

— E, sim. Magnífica — concordou Alleyn meio ausente. Ele estava contemplando o rosto fino de Troy e a beleza de seus olhos verdes.

— Está muito cansada? — perguntou carinhoso.

— Quem, eu? Estou bem. Só que não consigo tirar tudo isso da cabeça.

— Sentou-se diante do fogo e esticou as mãos para esquentá-las.

Alleyn pensou consigo mesmo que ela estava bem mais amável naquela manhã.

— E não é de admirar...

— O que é estranho, no entanto, é que não é tanto Sônia que está me preocupando. Tenho pena dela, coitadinha, mas é Garcia que não me sai da cabeça. O senhor não precisa ser misterioso nem taciturno. Sei bem que desconfia dele depois de tudo o que lhe disseram Phillida e Malmsley ontem.

Garcia é uma espécie de protegido meu. Ele veio a mim quando estava quase morrendo de fome, e eu venho tentando olhar por ele um pouco. Sei que não tem consciência alguma de um modo geral, sendo o que nós chamamos de amoral. Mas sei que ele é um gênio, e eu não emprego muito essa palavra.

Ele nunca faria nada desleixado com argila. Espere um pouco.

Saiu da sala e quando voltou alguns minutos depois trazia na mão uma pequena cabeça em bronze de uma velha, quase em tamanho natural.

Colocou a peça em cima de uma mesinha baixa e abriu mais as cortinas. A luz inundou o bronze. A cabeça tinha uma aparência muito tranqüila e pura, e suas linhas simples mostravam grande dignidade.

— "Exausto de paixão..." — disse Alleyn depois de contemplá-la durante algum tempo.

— É isso mesmo. Garcia deu-me isto de presente — e dizendo isso ela passava seus dedos finos pelo bronze.

— Não seria por demais pernóstico se eu dissesse que isso parece feito por algum santo inspirado...

— Pois não foi mesmo. Foi feito por um sujeitinho sujo, lascivo e ladrão que é também um magnífico artesão. Mas... prender e enforcar o homem que fez isto...

— Meu Deus! É, eu sei... eu sei. — Ele levantou-se, deu a volta à sala e virou-se para ela. — Oh, Troy! Não chore...

— E que diabo tem isso a ver com você?

— Nada, nada, nada. E estou farto de saber disso!

— É melhor continuar com o seu trabalho.

Troy mais parecia um rapazinho com o rosto virado de vergonha. Enfiou a mão no bolso da calça e tirou um lenço que infelizmente estava todo sujo de tinta. Atirou-o com raiva na cesta de papéis e soltou uma praga.

— Fique com o meu.

— Muito obrigada.

Alleyn deu-lhe as costas e apoiou os braços na lareira. Troy assoou-se com estrondo.

— Minha mãe está tão feliz com o presente do meu retrato — disse Alleyn ainda virado para o fogo. — Ela disse que nunca recebeu nada melhor. Perdoe-me a implicação, mas ela disse que a senhora deve conhecer bem o modelo. Acho que essa é a observação de um leigo que mais irrita o artista, para quem o modelo é apenas um conjunto de formas sem nada de individual.

— Bobagem! — respondeu ela por trás do lenço.

— Será que é? Fico sempre apavorado quando falo de pintura. Há aqueles que dizem que os olhos acompanham a gente para qualquer canto da sala. Seria de admirar se não o fizessem, não acha? Falei com mamãe sobre a tela que pintou em Suva. Ela também gosta muito de quadros. Respeita muito o seu senso estético, sabe? Imagine que chegou a lembrar-se daquele trabalho de Pol de Limburg que Malmsley roubou para uma de suas ilustrações...

— O quêêê!?

— Então a senhora não desconfiou, hem? Assim o escore está um a zero para a família Alleyn, não é? Aquele desenho dos três lavradores medievais na frente do castelo. Aliás, é a Sainte-Chapelle, creio. Lembra-se?

— Puxa vida! Acho que está com a razão. — Troy ainda deu um suspiro fundo e assoou outra vez o nariz. — Será que há cigarros aí em cima da lareira?

Alleyn deu-lhe um e o acendeu. Quando olhou para seu rosto ainda marcado de lágrimas, precisou de muito esforço para resistir à tentação de beijá-la.

— Que viborazinha!

— Quem? Malmsley?

— Claro que é. Com aquela sua barba e seu preciosismo. E o senhor desmascarou-o?

— Mas naturalmente. Ele ficou mais vermelho que uma rosa.

Ela deu uma risada.

— Que vergonha para Cedric!

— Mas eu devo prosseguir em meu trabalho odioso. Posso usar o seu telefone?

— Mas claro. Vai haver um inquérito, não é?

— Acho que amanhã. Não vai ser muito ruim. Até logo.

— Até logo.

Quando chegou à porta, ele voltou-se e falou como se fosse um mordomo: — Com os cumprimentos de Lady Alleyn para Miss Troy, e se Miss Troy quiser partilhar do sossego de Danes Lodge, Lady Alleyn terá muito prazer em recebê-la...

— Sua mãe é muito gentil, mas acho melhor não ir lá. Queira apresentar-lhe meus agradecimentos, sim? Por favor, diga-lhe que agradeço muito mesmo, sim?

Alleyn inclinou-se.

— E agradeço-lhe também... — completou Troy.

— Será mesmo? Olhe que pode ser perigoso. Até logo.

Capítulo XV

A dama do coro

Antes de sair de Tatler's End, Alleyn telefonou para Blackman a fim de saber se havia notícias de Garcia. Não havia. A busca estava sendo intensificada com a cooperação da BBC.

— Está parecendo que ele não quer ser encontrado, Mr. Alleyn. O tempo tem estado muito bom e ele não pode ter ido longe em dois dias, se é que queria mesmo pintar. Acho que o passarinho fugiu.

— Está me parecendo que sim. Também pode ser que ele tenha mudado de idéia, tomando um trem ou ônibus. Temos que investigar as estradas de ferro. Muito obrigado, Mr. Blackman. Avisarei se houver novidade. O inquérito é amanhã?

— Não. Será na quinta-feira.

— Muito bem. Vou telefonar hoje para o seu chefe antes de seguir para Londres. E o que há com a autópsia?

— Eu já ia lhe dizer. Estava grávida de um mês, diz o médico.

— É o que eu pensava. Olhe aqui, tenho que ir direto para Londres.

Apresente meus cumprimentos ao seu chefe, sim? Quero conversar com uma amiga de Sônia e não quero perdê-la.

— Está bem. Então até quinta-feira.

Alleyn encontrou Fox conversando com os criados de Troy, e voltaram para Danes Lodge debaixo de chuva.

— Tive uma conversa com Ethel, a criada que mora na aldeia. Deu-nos boas informações.

— Pela sua cara, Fox, já vejo que temos coisa boa.

— Bem, senhor. Parece que essa Ethel e seu namorado saíram para passear pela alameda na noite de sexta-feira. Quando voltaram do cinema, cerca de onze e trinta, passaram em frente ao estúdio e

viram que estava iluminado mas com as janelas fechadas. Quando chegaram logo adiante eles pararam embaixo de uma árvore para namorar. Ethel não sabe ao certo o tempo que ficaram ali, sabe como é, mas quando voltaram à realidade viram que havia alguém do lado de fora da janela.

Não conseguia ver bem quem era, mas sabia que era um homem que parecia estar com uma capa de chuva e uma espécie de gorro. Estava de pé bem junto à janela, mas o rosto estava na sombra. Parecia que estava com a gola da capa virada e acha que tinha as mãos nos bolsos.

— Qual era a sua altura?

— Mediana, diz Ethel, mas o senhor sabe como elas são vagas. Ela disse que achou melhor irem andando. Diz que o homem virou-se e desapareceu na sombra, mas eles ouviram seus passos. Eu fui até a alameda para ver se encontrava pegadas, mas o senhor já esteve lá e sabe que não há muita coisa.

Olhei com todo o cuidado mas nada encontrei. Agora esta chuva vai limpar tudo.

— É isso mesmo.

— Bem, tive ontem uma boa descrição de Garcia, mas para maior certeza pedi às empregadas para confirmarem e todas me contaram a mesma história. Ele anda sempre de capa de chuva, com qualquer tempo, e todas acham que é porque não tem casaco. Miss Troy deu-lhe um suéter cinza que ele usa com umas velhas calças de flanela. Já o viram também com um gorro. Ethel diz que tem certeza de que foi ele quem ela viu na outra noite.

Mas também pode ser que esteja inventando. O senhor sabe como é...

— Claro que sei. E a pessoa que estava lá fora tinha alguma coisa nas costas que se parecesse com uma mochila?

— Dizem que não, mas se fosse Garcia ele talvez ainda não tivesse apanhado suas coisas. Eu acho que ele poderia ter passado

pela janela para ir até a garagem e poderia ter ficado ali examinando o trono pela última vez.

— Pela fresta da janela, Fox? Acho isso um tanto sinistro. E os outros não teriam ouvido quando ele abriu a janela? Faz muito barulho, não é?

— Lá isso faz mesmo. O que vai fazer, senhor?

Alleyn tinha parado o carro e começava a fazer a volta.

— Desculpe, Fox. Vamos voltar para dar uma olhada naquela fresta da janela.

Voltaram para o estúdio. Alleyn mediu a distância do peitoril até a fresta e também a altura das lâmpadas ao chão. Trepou nos ombros de Fox e amarrou um fio do lado direito, bem perto da janela. Esticou o fio até a fresta. Fox ficou lá fora na chuva que caía. Alleyn levantou a janela, passou o fio através da fresta para Fox, que o segurou na altura de seu diafragma.

— Está vendo, Fox?

— Estou, sim. Tenho um metro e oitenta descalço, e está dando na altura do meu esterno.

— Está bem, mas vamos ver isso à noite. Agora vamos tomar o café.

Alguns minutos depois reuniam-se a Bathgate para o café.

— Vocês bem que podiam ter-me dito que iam sair cedo.

— Eu nunca teria coragem de interromper o seu sono. Onde está mamãe?

— Acabou de tomar seu café há poucos minutos. Pediu-me que lhe dissesse que estava no seu quarto de trabalho. Ela vai me fazer um casaco esporte.

— Ela é formidável, não é? O que foi que você escreveu para seu jornal?

— Já vou lhe mostrar. Deixei completamente de fora o nome de Miss Troy. Falo apenas de um grupo de artistas numa encantadora casa antiga em Buckinghamshire.

— Está bem. Vou tentar ser um bom padrinho.
— Posso publicar o retrato de Sônia?
— Pode, sim, desde que descubra algum. Eu posso dar-lhe um de Garcia.

Diga somente a respeito dele que é um jovem escultor muito brilhante, fale da encomenda para o cinema, se quiser, e procure dar a impressão de que nós suspeitamos que o crime seja de autoria de algum tarado que descobriu como era a pose do modelo. Você pode até mesmo dizer que estamos com medo de algum atentado contra Garcia. Faça tudo, menos lançar a suspeita sobre ele, Bathgate. Será que é assim tão difícil?

— Não, acho que vai ser possível, com o que já escrevi. Não há nada ainda nos jornais da manhã. Até parece milagre.

— A caçada vai começar a qualquer momento. Mostre-me o que escreveu. Vamos sair para Londres dentro de vinte minutos.

— Posso ir com você? Já telefonei para a redação, e vou ser bem recebido com esta história.

Alleyn reviu o que ele tinha escrito, fazendo algumas alterações, apesar de suas reclamações mais ou menos *pro forma*. Foi até o telefone para falar com a redação e com Angela. Alleyn deixou Fox lendo os jornais da manhã e foi ter com sua mãe. Entrou numa sala muito grande, que ela chamava o seu seguro contra a velhice e onde um enorme tear manual estava instalado bem no centro. Na janela havia a bancada para a encadernação de livros.

Numa das paredes estava pendurada uma linda tapeçaria feita por ela num de seus entusiasmos pela arte antes de começar também a esculpir em madeira.

No momento estava sentada diante do tear com algumas bobinas coloridas. Tinha um ar muito solene e a seus pés estava a cadela alsaciana Tunbridge Tessa.

— Alô, querido. Você acha que Mr. Bathgate poderá usar verde e vermelho? Seus olhos são cinza, naturalmente. Talvez fique melhor

cinza e púrpura. Não seja tolo, Roderick, eu lhe prometi. O seu já está acabado. Está ali em cima da cômoda. Vá lá e veja se gosta.

— Mas... e Tessa?

— Não vai fazer nada. Acho que já gosta de você.

— Acha mesmo? Pois ela não tira os olhos de mim. Sempre seguido pela cadela, ele foi apanhar o suéter.

— Mas está uma beleza, mamãe! Estou encantado!

— Está mesmo?

— Claro que estou.

— É que seus olhos são tão azuis. Mr. Bathgate já me contou que a mulher dele está esperando. Tivemos uma grande conversa. E como se saiu você lá em Tatler's End, Roderick?

— Vai indo melhor, obrigado. Vamos embora agora, mamãe. Acho que vou passar o resto da manhã no apartamento de uma corista em Chelsea.

— Vai mesmo? Por quê?

— Rotina.

— Pois parece que leva você a lugares bem estranhos. Vou descer para me despedir de vocês. Pode levar o carro, Roderick.

— Nem sonhando, mamãe.

— Pois eu já disse ao motorista para levar vocês. Tenho algumas encomendas para ele em Londres.

Quando já estavam no meio da escada, ela perguntou-lhe: — Roderick, você quer que eu telefone para ela?

— Quero sim, mamãe.

Chamaram Fox e Nigel, que deixaram seus nomes no livro de Lady Alleyn.

— Apareçam outra vez sempre que quiserem.

— Receio que seja muito breve...

— Nunca será breve demais. E Mr. Fox?

— Para mim foi um prazer, minha senhora. Sempre me lembrarei disso.

Bem diferente de minha rotina de costume. Sentime como se estivesse em casa, minha senhora...

Alleyn o interrompeu.

— Como você pode ver, mamãe, nós temos cortesãos lá na Yard.

— Acho que bem mais que isso; adeus, meu filho.

No carro, Alleyn e Fox examinaram as anotações, trocando comentários.

Nigel ia na frente com o motorista, gozando antecipadamente a recepção que ia ter na redação. Foram diretos a Chelsea, num beco sem saída por trás da Smith Street.

— Aqui estamos em Bachelors Gardens e ali está o número 4. Pode deixar-me aqui. Se eu não voltar dentro de cinco minutos, leve Mr. Fox à Yard e Mr. Bathgate à redação. Até logo, Bathgate. Até já, Fox.

Acenou com a mão e atravessou a rua em direção ao número 4. Alleyn olhou os cartões amarelos na portaria e viu que o apartamento dela era lá em cima no segundo andar. Passou pela inevitável faxineira com seu balde e pano de esfregar o chão e perguntou-lhe se Miss O'Dawne estava em casa.

— Com certeza ainda está na cama — respondeu ela com seu sotaque *cockney*.

Alleyn bateu três vezes antes que uma voz abafada respondesse lá de dentro, e depois de ruídos de cadeiras arrastadas a voz chegou mais perto para perguntar o que havia, e quem era.

— Eu queria falar com Miss O'Dawne. Tenho um recado muito importante para ela.

— Para mim? Espere um pouco, por favor.

Ficou esperando enquanto a faxineira continuava a esfregar o corredor.

A porta finalmente abriu-se, deixando passar uns cabelos louros muito crespos e um rosto bem bonito.

— Oh, desculpe-me, acho que...

— Peço desculpas por vir incomodá-la tão cedo, mas muito lhe agradeceria se me desse uns minutos de atenção.

— Eu não quero comprar nada...

— Nem estou vendendo... — respondeu Alleyn, sorrindo.

— Desculpe-me. Mas a gente nunca sabe, não é?

— Quero falar-lhe a respeito de Sônia Gluck...

— Você é amigo dela? Por que não disse logo? Espere um minutinho e já me visto.

— Não tenha pressa, temos toda a manhã.

Bateu a porta e Alleyn acendeu um cigarro. A faxineira desceu mais três degraus de costas, como se fosse um sapo.

— Está bem fria a manhã — disse ele de repente.

— Fria mesmo, não é?

— Você é do teatro?

— Não, não. Nada tão interessante assim...

— Nem mesmo um viajante?

— Não, nem mesmo um viajante...

— O senhor me parece gente bem. Fui empregada em boas casas durante dez anos... A última era uma dona chamada Wells, que morreu de diabetes.

Era muito melhor. A gente tinha mais conforto e comia bem...

— O frio é uma coisa horrorosa...

— Se é...

Alleyn procurou nos bolsos e ela ficou de olho nele. Lá dentro Miss O'Dawne começou a assobiar. No outro andar uma porta bateu e saiu um rapaz que desceu as escadas cantando. Encarou Alleyn e cumprimentou a faxineira com uma piada.

— Bom dia, Mr. Chumley...

— Cuidado. Não quero entornar o seu balde. — Saltou por cima e continuou cantando ainda mais alto.

Ela havia deixado a pá do lixo no degrau. Alleyn inclinou-se deixando cair as luvas e quando se abaixou para apanhá-las deixou

duas moedas de meia coroa embaixo da pá. Pensava que tinha feito tudo com muita perfeição, mas ela viu.

— Deixou cair o seu dinheiro, senhor.

— É para você — e para seu alívio a porta abriu-se.

— Fique no seu lugar na fila e não empurre os outros — disse Miss O'Dawne, e Alleyn entrou.

Era um apartamento muito pequeno e muito bem arrumadinho. Ela também estava muito bem arrumadinha. Via-se que estava acostumada a trocar de roupa às pressas.

— Sente-se e fique à vontade. Isso aqui não é um palácio, mas sempre serve. Já assistiu ao nosso espetáculo?

— Ainda não.

— Eu tenho três linhas no último ato e um beijo de Mr. Henry Molineaux. Seu hálito é uma mistura de uísque e cebola, mas é uma grande coisa ser atriz. Bem, e como vão as coisas?

— Não vão muito bem — respondeu Alleyn procurando adaptar-se à linguagem.

— Anime-se, que em pouco estará morto. Eu ia fazer um cafezinho, que tal a idéia?

— A mim parece ótima.

— Bem, nós sempre procuramos agradar. É o serviço com um sorriso.

Não se cobra nada e as perguntas são todas respondidas pelo correio.

Ela acendeu o fogão e colocou uma panela com água.

— Por falar nisso, você ainda não me disse quem é.

— Meu nome é Roderick Alleyn e eu...

— É um bonito nome. Também é dos nossos?

— Não...

— Bem, para ser franca, o senhor me parece mais grã-fino do que os amigos de Sônia. É artista?

— Não. Sou da polícia.

— Ora, não me venha com essa agora. Não me faça rir.

— Mas sinceramente...

— Um policial? E onde está o seu disfarce? Você está me gozando...

— Miss O'Dawne, eu sou funcionário da Scotland Yard. Só então ela ficou séria.

— O que está havendo?

— Miss Gluck era muito sua amiga?

— *Era?! O que quer dizer? Aconteceu alguma coisa com Sônia?*

— Sinto muito, mas aconteceu...

— Meu Deus! Ela está?!...

— Está sim...

A água do café começou a ferver e ela automaticamente diminuiu o gás.

Seu rostinho brejeiro estava pálido por baixo da maquiagem.

— O que foi que ela fez?

— Ela não fez coisa alguma. Eu sei o que quer dizer. Ela estava grávida.

— Eu já sabia. E o que aconteceu?

Alleyn contou-lhe com cuidado o que tinha acontecido. Enquanto ouvia, ela ia fazendo o café, e o seu desespero foi tão sincero que ele ficou com pena dela.

— Mas eu nem posso acreditar. Assassinada! Não parece real, não acha?

Pois ainda no domingo ela esteve aí mesmo sentada contando-me todas as suas fofocas...

— Vocês eram muito amigas?

— Bem, o senhor sabe como é. A gente tinha afinado bem. Ela não era tão minha amiga como Dolores Duval ou Maudie Lavine, mas éramos muito amigas. Aqui está o seu café. Veja quanto açúcar quer. Meu Deus! Ainda não posso acreditar. Assassinada!

Mexeu bem o café e ficou olhando para Alleyn. De repente apontou para ele com a colher.

— Garcia!

Alleyn ficou esperando.

— Foi Garcia quem fez isso. Pode acreditar em mim. Nunca gostei dele.

Ela veio aqui com ele uma ou duas vezes e eu lhe disse que tivesse cuidado com ele. Disse que na minha opinião ele não prestava, e que não me importava se ele me ouvisse. Pois era ela quem o sustentava! E quando aparece a encrenca é só "muito obrigado, foi bom enquanto durou e adeusinho!" Sabe se ela chegou a fazer aquilo com a criança?

— Acho que não fez, não.

Alleyn tirou a carta do bolso e explicou-lhe que por isso estava ali. Ela olhou-o muito séria.

— E daí?

— A senhora há de compreender que estamos querendo conseguir todas as informações que possam ajudar a prender o criminoso...

— Claro que posso compreender, sim...

— Pois esta carta mostra-nos que talvez a senhora possa nos dar mais informações a respeito das relações entre os dois.

— Eu sei de tudo o que havia para se saber. Ela ia ter o seu filho e ele estava cheio dela.

— E não há mais nada além disso?

— Como assim?

— Posso desde já dizer-lhe que sabemos que ela conseguiu cem libras com Basil Pilgrim...

— Foi ele que lhe disse?

— Foi, sim. Era esse o plano a que a senhora se referia em sua carta?

— Já que está me perguntando, Sr. Sabidão, era mesmo. Pilgrim tinha se divertido com ela e Sônia não via por que não devesse pagar.

— Mas o filho não era de Pilgrim?

— Claro que não era, mas ele não sabia...

— Sim, já entendi. Ela disse que iria a seu pai se ele não pagasse, não foi?

— Era essa a idéia. Ou então à sua namorada. Sônia me disse que esse tal de Basil é meio bobo. Sabe como é. Pelo que ela me disse, ele deve ter a cuca fundida com a tal história de pureza. Sônia disse que era gozado porque a fulana é muito sabida. De qualquer forma, ele ficou afobado e deu-lhe o cheque.

— E o que fez ela com o cheque?

— Ora, ora. Recebeu no banco e deu o dinheiro a Garcia. Já viu uma coisa assim? Eu lhe disse que estava louca. Quando ela veio aqui no sábado, perguntei-lhe se tudo tinha corrido bem e ela contou-me que tinha dado o dinheiro a Garcia para que eles se casassem logo. E Garcia disse que cem libras não eram o bastante para casar.

— E ela não tirou nada de Malmsley?

— Mas diga-me, Mr. Blake. O senhor é maravilhoso mesmo. Como foi que descobriu isso?

Alleyn cruzou os braços, fez uma cara compenetrada e disse muito sério: — Eu tenho caos meus métodos.

— Puxa vida! Você é mesmo o máximo.

— Conte-me por favor o que aconteceu quando ela propôs que Malmsley comprasse o livro que já era dele.

— Ele só queria dar cinco libras, e ela ficou firme em vinte. Afinal, o que são cinco libras para uma garota nas condições dela? Então ela lhe disse que teria a semana toda para pensar. Podia esperar. Não era como se ela não tivesse... — Aí ela parou de repente, olhou bem para Alleyn e acendeu um cigarro.

— Como se ela não tivesse o quê, Miss O’Dawne?

— Olhe aqui... Você está aqui me perguntando uma porção de coisas, não é? Está sempre esquecendo que é um tira com todos os seus ares de grandeza. O que há de mal para uma moça como Sônia defender-se para poder viver?

— Bem, era chantagem, não era?

— Será que era mesmo? Pois eu não acho. Quer um pouco mais de café?

— Muito obrigado. Está muito bom.

— Pois é como eu digo. Aqui estamos nós a bater papo, mas quando penso em Sônia... fico bem inquieta, sabe? Tudo é uma sujeira. Olhe aqui o açúcar. Eu fico realmente perturbada, sabe?

— Eu sei que fica mesmo.

— Olhe aqui, Roddy. Você não se incomoda de ser chamado assim, não é?

— Eu até gosto...

— Muito bem, então. Se aquilo que Sônia fez foi chantagem, eu não quero que falem mal dela depois de morta, sabe? Você já tem a sua história de Garcia-Pilgrim-Malmsley. Muito bem, foi sorte sua ou pode ter sido talento, mas eu fico de fora, sabe?

— Sim, já sei. Mas também não quer que o seu assassino escape, não é?

— Eu tenho cara disso?

— Muito bem, então. Essa história da chantagem vai aparecer no inquérito. Ninguém pode impedir isso. E você, mesmo assim, não quer nos ajudar. Não quer me dizer o que mais existe, pois eu sei que existe mesmo.

— Você quer se referir à brincadeira com o retrato da namorada de Pilgrim?

— Não. Não é isso.

— Muito bem, e então?

— Há mais alguma coisa com Pilgrim? Ela ameaçou mais alguma coisa?

Seus olhos muito vivos ficaram fitos em Alleyn antes de responder.

— Não, não havia mais nada com Pilgrim. Ela não queria mais nada dele.

— Então o que era? Teria Garcia outras surpresas escondidas?

A moça ficou trançando os dedos em silêncio e Alleyn viu que ela estava com medo de alguma coisa.

— Se sabe mais alguma coisa de Garcia, eu lhe imploro que me conte.

— É mesmo? E pegar um lugar permanente lá onde Sônia está agora?

Nada disso, meu caro. Não topo.

— Eu lhe prometo que nada lhe acontecerá...

— Não, meu caro. Nada feito. Não sei de nada que você já não tenha descoberto.

— Garcia estava seguindo um caminho diferente?

— Saia atrás de Garcia. É tudo o que vou dizer. Vá atrás de Garcia. Já o prenderam?

— Ainda não. Ele anda por aí passeando.

— Ora, ora, essa é boa mesmo. Perdoe-me a franqueza...

Capítulo XVI

De volta à Yard

Alleyn estava inconsolável por haver usado a expressão "chantagem".

Bobbie O'Dawne recusara-se terminantemente a fornecer-lhe qualquer outra informação que estivesse incluída naquela classe. Se

Sônia realmente praticara chantagem, Bobbie não iria denunciá-la, agora que já estava morta.

Tinha, porém, lhe informado com toda a boa vontade como Sônia passara o fim de semana, e assim provara que ela não teria podido ir a Tatler's End entre a sexta e a segunda-feira. Alleyn teria que contentar-se com aquilo.

Agradeceu à moça e prometeu que iria ver seu *show*.

— Isso mesmo, querido. Venha vê-lo. É bonito, embora eu participe pouco. Não me queira mal porque não lhe quero dar outras informações a respeito de Sônia.

— Bem, mas se prendermos uma pessoa inocente e se você souber que pode salvá-la, o que fará então?

— Garcia não é inocente, querido. Você vai ver.

— Mas pode não ser Garcia...

— Ora essa! Você sabe que Garcia disse à pobrezinha que acabaria com ela se dissesse a alguém que o filho era dele, não sabe? Pois ela contou-me, e estava com medo de que eu me esquecesse e deixasse escapar alguma coisa.

Então fez-me jurar. Disse que ele liquidaria nós duas... Acha que isso não chega?

— É bastante alarmante, sim. Muito bem, eu vou andando. Peço-lhe, no entanto, que pense bem no que eu lhe pedi. Não há só uma lealdade, sabe?

— Eu não lhe teria dito nada de minha amiga se não soubesse que você acabaria descobrindo. De qualquer forma, isso são coisas que acontecem com a gente. Mas não vou falar mais nada para vê-la depois achincalhada nos jornais, e portanto não adianta pedir. Passe muito bem, até outro dia.

— E se eu lhe enviar um repórter, você estaria disposta a dar-lhe uma entrevista?

— Puxa vida! Acha que eu deixaria passar essa oportunidade de uma publicidade gratuita? Uma história assim mais ou menos como

"A Sônia Gluck que eu conheci"?

— Isso mesmo...

— E talvez com a minha fotografia junto à dela? Eu tenho uma boa fotografia dela. Está bem. Desde que não falem mal dela eu não me importaria, querido.

— Eu ainda vou aparecer aqui, se me der licença, sim?

— Mas será um prazer. Até a vista, então.

Alleyn voltou pensativo à Scotland Yard e conferenciou com seu chefe sobre o caso. Depois foi para o seu gabinete. Estivera fora um ano, lá no outro lado do mundo, e tudo lhe parecia ao mesmo tempo estranho e conhecido. Todo o velho mobiliário estava ali esperando por ele depois daquele período de ausência. Sentou-se e começou a trabalhar, e logo depois Fox entrou, e foi aí que Alleyn verificou que já tinha de novo se encaixado dentro da engrenagem da Scotland Yard. A Nova Zelândia, o cais de Suva, a noite no Saint Lawrence, tudo já fazia parte do passado. Ele estava de volta a seu posto.

Contou a Fox um resumo de sua entrevista com Bonnie, e perguntou-lhe se tinha novidades.

— O pessoal está todo trabalhando na história do armazém. Vai ser um trabalhão, sabe? Pelo que diz Miss Troy, nós temos que considerar uns noventa quilômetros, não é?

— Isso mesmo.

— Então temos que supor que Garcia não estava mentindo quando dizia que o armazém era em Londres. Se considerarmos que ele deve ter escolhido o caminho mais curto, temos então um raio de quinze quilômetros.

— Certo.

— Pelo que ele disse, deve ser perto da prisão de Holloway, mas o distrito é muito grande. Mesmo assim, seguindo o seu conselho, estamos concentrando nossos esforços em torno de Holloway e principalmente os armazéns.

— É isso mesmo o que temos que fazer, Fox.

— Por outro lado, como o senhor, aliás, já falou quando vínhamos para cá, Garcia poderia ter mentido quanto à localização do armazém, pois é bem possível que já tivesse planejado tudo quando falou com Miss Seacliff, e certamente iria usar o lugar como esconderijo.

— Não me parece que seja assim, Fox. Ele tentou convencer Miss Seacliff a visitá-lo. Chegou a fazer um mapa para ela. Claro que ela perdeu o mapa.

— Muito bem. Ela queria que Pilgrim a levasse lá. Será que, por acaso, ela não teria dado a ele o mapa para mostrar-lhe onde era?

— Pode ser, apesar de ele não nos ter dito nada em seu depoimento, nem quando perguntei a todos se sabiam onde era o tal armazém. Toda essa história do armazém me parece estranha. Vamos supor que ele tenha planejado o crime a sangue-frio. Teria então que desistir de executar a encomenda das figuras em mármore, a não ser que quisesse desafiar todo mundo e voltar a trabalhar. Se foi assim, de nada serviriam suas mentiras a respeito do lugar, não acha? Vamos supor, por outro lado, que ele quisesse desaparecer. Nunca iria mencionar seu esconderijo, se tivesse a intenção de se meter lá.

— Tudo isso está certo, senhor. Mas, e se ele planejou o crime quando estava dopado?

— Isso para mim é o mais provável. Malmsley deixou tudo com ele, embaixo de sua cama. Havia impressões dos dois no cachimbo e no pote. Há menos ópio do que Malmsley acha que deveria haver. É bem possível que ele tivesse enchido outro cachimbo depois que Malmsley saiu. Também pode ter bebido uísque. Pode até mesmo ter preparado a armadilha ainda sob a influência do ópio ou do uísque. Isso tudo são simples conjeturas, Fox, mas não me parecem muito fantásticas. O caráter macabro do crime está bem de acordo com o que seria de se esperar de um homem como Garcia nas condições em que estava. Até aqui tudo está muito bem, mas seria possível a ele

pegar a camioneta e fazer todo aquele movimento, nas condições em que estava? E mais ainda, meu caro Fox, teria ele a coragem de trazer toda a sua tralha para o tal armazém e depois voltar com a camioneta para lá, para então sair na sua excursão? Não seria mais lógico que caísse num sono drogado e dormisse até sábado de manhã? E, quando acordasse já lúcido, não iria ele então desmanchar a armadilha que fizera?

— Mas se ele queria mesmo liquidá-la?

— Eu sei, eu sei. Mas se ia fugir, ele só teria a perder. A sua primeira encomenda importante, já imaginou?

— Bem, é possível que ele apareça para enfrentar tudo. Não sabe que temos a bolinha de argila com suas impressões. Não sabe que Phillida ouviu sua conversa com Sônia. Não sabe que Sônia contou que estava grávida.

Sempre imaginará que não há motivo aparente.

— Mas ele sabe que a autópsia constatará a gravidez. O que me preocupa é o duplo aspecto do crime, se Garcia é o criminoso. Não temos razões para supor que Malmsley tivesse mentido quando disse ter dado ópio a Garcia.

Ao contrário, faria tudo para escondê-lo. Muito bem. Então o planejamento do crime e a construção da armadilha podem ter sido feitos sob a influência do ópio. O movimento da camioneta, contudo, parece ser trabalho de alguém com a cabeça muito fresca.

— Acha que há alguém mais?

— Quem?

— Só Deus sabe, senhor.

— E enquanto isso Garcia está sumido.

— Acha que ele pode ter saído do país?

— Não sei. Ele tinha as cem libras.

— Como o senhor soube disso, chefe?

— Foi Bobbie quem contou. Sônia deu-lhe as cem libras que extorquiou de Pilgrim.

— Já tomei todas as providências com os portos. Ele não conseguirá escapular. Mas pode ter saído antes, e é isso que me preocupa.

— Se ele saiu de Tatler's End a pé nas primeiras horas de sábado, nós vamos encontrá-lo, Fox. É o raio da psicologia do monstro que me atrapalha — disse Alleyn com uma violência que não lhe era habitual. — Nós já temos um bom retrato de Garcia fornecido por todo mundo. São unânimes em declarar que ele vive apenas para seu trabalho, pelo qual tudo sacrificará, e que esse trabalho é notavelmente bom. Não consigo compreender um homem desse tipo cometendo um crime a sangue-frio que irá forçá-lo a abandonar a maior encomenda que já teve.

— Mas se a culpa for do ópio, ou do uísque?

— Se o caso for esse, não acredito que ele tenha saído com a camioneta.

Ele ficaria dormindo no estúdio ou então sairia andando sem rumo, não se preocupando em esconder sua pista. E então já o teríamos encontrado.

— Então o senhor acha que uma outra pessoa o levou para Londres e o escondeu no desgraçado do armazém? E o homem que Ethel e o namorado viram fora do estúdio? Mesmo que não fosse Garcia. Poderia ter encontrado Garcia dopado, oferecendo-se para levá-lo para Londres junto com seu material? E depois trouxe de volta o carro?

— Deixando a faca onde estava, Fox? Bem, claro que é possível. Talvez não tenha reparado na faca. Por outro lado...

E ali ficaram os dois olhando um para o outro sem falar. Finalmente Fox rompeu o silêncio.

— Logo que cheguei aqui de manhã procurei Mr. Charleson, do novo cinema em Westminster. Dei sorte em encontrá-lo lá e ele atendeu ao telefone. Vem aqui às onze e trinta, mas apenas confirmou a encomenda.

Não sabe de mais nada. Garcia ia encomendar o mármore e começar a trabalhar na segunda-feira próxima. Ofereceram-lhe duzentas libras e iam pagar o mármore que escolhesse. Diz que nunca ofereceram um preço tão baixo para alguém tão bom como Garcia. Mas não fazem a menor idéia de onde vai ser feito o trabalho.

— Muito bem, Fox. É melhor tocarmos em frente. Vamos conferir hoje todos os álibis. Eu fico com Miss Troy e Katti. Você cuide dos outros.

— E o senhor vai falar com John Bellasca, o amigo de Miss Troy?
E

depois, senhor?

— Se tivermos tempo, iremos hoje até Boxover falar com o casal com quem Pilgrim e Valmai passaram a noite de sexta-feira.

Abriu a gaveta e apanhou a fotografia do grupo tirada na casa de Troy.

— Qual é a altura de Garcia? Deve ter quase um e oitenta, pelo que disse Blackman. Por aqui podemos ver a altura de todos eles. Pilgrim é o mais alto. Muito pouco sabemos a respeito deles todos, Fox. Interrogamos a todos dentro de condições extraordinárias esperando conseguir uma opinião normal de seus caracteres. Fizemos perguntas alarmantes e tentamos chegar a conclusões pelas respostas. Como podemos esperar descobrir o que são, se todos devem estar com medo de que suas mais inocentes respostas possam incriminá-los? Como nos comportaríamos eu ou você em tais condições?

Num caso de homicídio? Bem, deixe pra lá e vamos trabalhar.

O telefone tocou. Era Nigel querendo vir falar com ele. Estava ali perto e chegaria logo.

— É Bathgate. Vou mandá-lo a uma entrevista exclusiva com Bobbie O'Dawne. Pode ser que ela deixe escapar alguma coisa, ofuscada pela publicidade. Tenho certeza de que está escondendo

alguma coisa sobre possíveis chantagens. É bonitinha e muito viva. Fechou-se em copas quando falei em chantagem. Está apavorada com Garcia. Tem certeza de que foi ele quem matou Sônia e acredita que ele a pegará também se deixar escapular alguma coisa que possa incriminá-lo. Sinto que há alguma coisa faltando.

— Claro que há. É Garcia.

— Nada disso. Não é Garcia, mas nós temos que pegá-lo. Era alguma coisa que Bobbie tinha na ponta da língua...

O telefone tocou dizendo que Bathgate estava embaixo. Alleyn ordenou que o deixassem subir. Falou-lhe então que teria que ir entrevistar a moça.

— Você é mesmo legal, Alleyn...

— Nada disso. Você vai apenas como nosso instrumento. E não se esqueça disso. Agora escute bem: vou lhe dizer a linha que deve seguir.

Você deve fazê-la ter confiança. Se pensar que você vai publicar tudo o que disser, ela não vai dizer o que eu quero. Se possível, escreva a entrevista lá mesmo e depois leia para ela. Garanta-lhe que nada será publicado sem sua autorização. Fotografe-a de todos os ângulos possíveis. Depois conquiste sua amizade. Você pode dizer que tem ordens da Yard para publicar tudo sobre as chantagens de Sônia a não ser que chegue ao nosso conhecimento particular quais foram elas exatamente. Poderá dizer que vamos publicar um apelo pelos jornais a todas as suas vítimas para que venham contar quanto pagaram. Esperamos que isso nos leve à prisão de Garcia. Martele bem nessa tecla. Nós queremos Garcia, mas não podemos pegá-lo sem o auxílio das pessoas que foram chantageadas por Sônia. Estamos pensando que Sônia não quis mais lhe dar o dinheiro de suas chantagens e por isso ele a matou. É

uma história ridícula, mas se você tiver astúcia ela poderá acreditar. Acho que vai contar sobre Pilgrim e Malmsley porque sabe que já é do nosso conhecimento. Se ela pensar que pode ajudar a

salvar o nome de Sônia com mais alguma informação, é possível que chegue até lá. Está compreendendo como é? Se você não conseguir nada, não ficaremos em situação pior do que já estamos. Vá andando.

Vendo que Nigel ainda hesitava com a mão no bolso, perguntou-lhe o que havia.

— Lembra-se da lista que eu fiz no último caso que acompanhei junto com você? Pois bem, acho que consegui outra vez.

— Pois então deixe-me ver.

Nigel tirou do bolso uma folha de papel que colocou na frente de Alleyn com um sorriso ansioso.

— Muito bem. Agora pode ir, e leve o fotógrafo com você. Alleyn ficou olhando para o papel.

— Eu também gostaria de fazer uma coisa assim, Fox. Vamos ver o que ele encontrou.

Fox ficou olhando por cima de seu ombro enquanto ele lia a lista que Nigel intitulara: "Assassinato de um modelo. Possíveis suspeitos".

1) GARCIA

Oportunidade. Estava no estúdio na sexta-feira depois de todos saírem.

Conhecia a regra do estúdio que não permitia a ninguém tocar no trono.

Motivo. Sônia estava grávida. Provavelmente dele. Já estava cheio dela e andava atrás de Valmai Seacliff (depoimento de Valmai). Tinham brigado (depoimento de Phillida) e ele ameaçara matá-la se não o deixasse em paz. É possível que o tenha ameaçado com um processo para sustento da criança.

Pode tê-la levado a chantagear Pilgrim para ficar com o dinheiro. Nesse caso ela poderia haver ameaçado denunciá-lo a Troy. Tomou ópio às quatro horas da tarde. Quanto tempo seria preciso para

passar o efeito de modo a poder guiar um carro até Londres e depois voltar?

2) AGATHA TROY

Oportunidade. Poderia ter cometido o crime no sábado ou no domingo, depois de voltar de Londres. Só temos a sua palavra quanto à condição do pano quando ela foi ao estúdio na tarde de sábado.

Motivo. Sônia havia arruinado totalmente o retrato que ela pintara de Valmai Seaclyff. Ela mesma reconheceu ser a sua melhor obra.

3) KATTI BOSTOCK

As mesmas oportunidades que Troy. *Motivo.* Estava alucinada pelo comportamento de Sônia nas sessões, prejudicando sua grande obra.

4) VALMAI SEACLIFF

Oportunidade. Duvidosa, mas poderia ter voltado de Boxover depois de todos se retirarem. A dor de cabeça poderia ser uma desculpa.

Motivo. Não há outro a não ser o que Sônia fez com seu retrato. Poderia ter ficado furiosa se tivesse sabido do caso de Sônia com Pilgrim, mas dificilmente isso a levaria a matar. Aliás, ela já tinha suplantado Sônia.

5) BASIL PILGRIM

Oportunidade. As mesmas que Valmai. Talvez melhores. Se ela houvesse tomado aspirina, teria dormido bem, e não havia mais ninguém perto do quarto. Ele poderia ter saído depois de todos recolhidos, e voltado ao estúdio para arrumar a faca.

Motivo. Sônia tinha feito chantagem com ele, e dizia que o filho era seu.

Ele parece que tem uma mania de pureza ligada a Valmai. De um modo geral, muitos motivos.

Nota. Se o crime foi cometido por Valmai ou Pilgrim, então, ou Garcia não estava no estúdio ou é cúmplice. Se ele não estava no estúdio, quem levou a camioneta com seu material? Poderia ele ter feito isso antes da chegada de Pilgrim para deixar o campo livre?

6) CEDRIC MALMSLEY

Oportunidade. Poderia ter arrumado a faca depois de dopar Garcia com o ópio.

Motivo. Sônia estava fazendo chantagem com ele a respeito de uma ilustração. É o tipo que detesta um desmascaramento assim.

7) FRANCIS ORMERIN

Oportunidade. Se Hatchett está certo quando diz que o pano ainda estava amarrotado na tarde de sexta-feira, depois que Ormerin saiu, e se Troy está certa quando diz que estava esticado no sábado antes de ele voltar, parece não ter havido oportunidade.

Motivo. Somente a persistente recusa do modelo em ficar imóvel (o que é pouco provável).

8) PHILLIDA LEE

Oportunidade. Nenhuma, em vista dos depoimentos acima.
Motivo.

Nenhum.

9) WATT HATCHETT

Oportunidade. Pelos depoimentos de Malmsley e de Troy, nenhuma.

Motivo. Parecia detestar Sônia e estava sempre brigando por causa da pose. Sônia perseguia-o, ridicularizando a Austrália (muito fraco).

'Nota. Parece-me haver pouca dúvida quanto à culpa de Garcia. Provavelmente dopado pelo ópio. Se ele não atender aos chamados, ainda será mais suspeito.

Sugestão. Encontrar o armazém.

Alleyn apontou com o dedo a última sugestão de Nigel.

- Aqui está a brilhante idéia do dia.
- Parece muito simples assim no papel.
- E é mesmo bem simples, Fox.
- E também acho, senhor, que ele está na trilha certa.
- Garcia?
- Isso mesmo. E o senhor também não?
- Meu Deus, Fox. Você já ouviu o meu problema. Não vejo como ter certeza.
- Pois então não há aquele pedacinho de argila no pano, fora de lugar?

E com a sua impressão?

- E se foi colocado lá? Devia haver muitos por ali.
- Aperte Bailey para que nos traga seu relatório. Vamos ver então.

Logo depois Bailey apareceu com a papelada e muitas fotos.

- Alguma coisa nova?
- Sim, senhor. De uma certa forma, aliás.
- Vamos ver, então.
- Aqui estão as da garrafa de uísque vazia embaixo da cama de Garcia.

Encontramos as mesmas em muitos lugares diferentes. Há uma boa do polegar no interruptor de luz perto da cama. Estas aqui são

de pedaços de argila espalhados pelo chão. Há algumas muito boas. São as mesmas do primeiro lote e eu as marquei "Garcia".

— Acho que podemos aceitar que sejam dele.

— Bem, senhor. Aqui temos as do pote e do cachimbo de ópio. Quatro delas eu identifiquei como de Malsmley. As outras são de Garcia. Aqui está a foto da bolinha de argila que encontramos no pano. Garcia também. Há muitas do trono. Há de Hatchett, de Pilgrim e do francês. Pareciam estar com os dedos sujos de tinta azul, e isso ajudou. Mas aqui estão algumas de Garcia, também, que achei por cima das outras. Havia vestígios de argila, e isso também ajudou.

Alleyn e Fox ficaram examinando tudo sem dizer nada. Bailey mostrou outra foto.

— Tirei essa do pano. Foi difícil. Aqui está uma ampliação.

— De Garcia — exclamaram Alleyn e Fox ao mesmo tempo.

— Acho que são. Nunca teríamos conseguido se não fosse a argila. Não encontrei impressões na faca, e por isso penso que ele usou um pano ou então limpou-a bem, depois. Deve ter sido um pano sujo de tinta, pois há vestígios de tinta azul na faca. Devem lembrar que havia as mesmas manchas azuis no trono e no calço do cavalete que foi usado para martelar a faca. Esta impressão aqui nós tiramos do pano sujo que deve ter sido usado para limpar a faca. Confere com as manchas azuis na faca. São de Garcia.

— Isso liquida a questão, Mr. Alleyn...

— Que foi Garcia quem armou a faca? Eu concordo.

— Precisamos arranjar mais gente. Vai ser difícil agarrá-lo, senhor. Não acha melhor deixarmos os álibis por hoje, senhor?

— Eu acho que é melhor nós acabarmos com eles, Fox. Mas vou requisitar mais um homem e deixo isso com os dois. Não quero colher os frutos, Fox.

— Eu sei que o senhor nunca fez isso. Pode deixar conosco. Gostana de ver o que o pessoal está fazendo lá em Holloway.

- E eu acho que vou até Brixton...
- Isso é piada, senhor? Brixton? Por que Brixton?
- Sente-se um pouco que já lhe conto.

Capítulo XVII

O homem na mesa

Às quatro horas da tarde seguinte, quarta-feira, dia 21 de setembro, Alleyn entrou meio desanimado no último escritório de corretores de imóveis que lhe faltava em Brixton. Um rapaz louro veio ao seu encontro.

— Sim, senhor. O que podemos fazer pelo senhor?

— Creio que não vai ser muito agradável. Se quiser e se puder, gostaria que me desse uma lista dos armazéns vazios neste distrito que tenham sido alugados para artistas. Alguém que tenha se ausentado para o estrangeiro e que tenha alugado para um escultor. Como provavelmente já desconfiou, sou funcionário da Scotland Yard, e aqui está o meu cartão. Importa-se se eu me sentar?

— Mas claro que não, por favor... — o rapaz estava surpreso.

— Tem que ser um lugar bem claro. É melhor eu lhe mostrar a lista dos lugares que já visitei, uma lista bem longa.

O rapaz correu os olhos pela lista, resmungando alguma coisa e olhando para o homem bem-vestido à sua frente. Deu depois uma olhada ao jornal que tinha em cima de sua mesa.

— Creio... creio que isso deve ter alguma ligação com a tal pessoa desaparecida de Bucks.

— E tem mesmo.

— Um tal Garcia?

— Isso mesmo. Achamos que ele perdeu a memória e saiu caminhando nesta direção, o pobre coitado.

— Mas que coisa!...

— É mesmo, sabe? Ele está um pouco... cuca fundida, sabe? Tem valor, mas está fora de si... Será que pode ajudar-nos?

— Bem, deixe-me ver. Esta lista é bem completa... Não sei se...

Pensou um pouco, mordeu o dedo e abriu um livro grande. Alleyn fechou os olhos.

— Bem, vamos ver. Não é bem na nossa linha, sabe? Qualquer um desses grandes armazéns por aqui poderia ter uma sala para alugar sem nós sabermos. Vamos ver... Temos Solly e Perkins. Muito grande. Dizem que vão mal... E temos ainda a fábrica de camisas, o depósito de carros usados...

É perto do cais. Do outro lado da prisão. É bem dentro de sua linha, inspetor...

E deu uma risada.

— É bem engraçado, sim...

— O encarregado do depósito de carros esteve aqui no outro dia. Disse que lá é muito grande, quer ir dar uma olhada?

— Vou tentar. Quer me dar o nome do homem?

— É McCully. Grande amigo meu. Fale em meu nome. Sou James. Olhe aqui, eu posso ir com o senhor, se quiser...

— Nunca me atreveria a lhe dar esse trabalho. Muito obrigado mesmo.

Até logo.

Saiu às pressas antes que o outro insistisse. Tinha começado a chover e já estava escurecendo. Alleyn levantou a gola da capa, abaixou o chapéu e saiu na direção da prisão de Brixton. Chegou ao depósito e verificou que era um ferro-velho onde também se negociavam carros usados.

Alleyn perguntou por McCully e logo um gigante risonho todo sujo de graxa veio ao seu encontro limpando as mãos num pedaço de estopa.

— Estou procurando um espaço vazio com luz bastante para servir de estúdio de pintura. Quem me mandou aqui foi James.

— Bert James, hein? Está querendo defender sua comissão, como sempre.

— Tem alguma coisa vazia por aqui que sirva para um estúdio de pintura?

— Não, aqui não tenho, mas é engraçado o senhor perguntar...

— E por quê?

— Bem, é uma coincidência. O mundo é mesmo pequeno, sabe? Ora, veja esta coincidência. Aposto como já andou por aí procurando e então dá de cara com James, que o manda aqui. E posso jurar que James também não sabe de nada. Isso torna a coincidência ainda maior.

— Como assim?

— Pois é o que eu ia lhe dizer. Nós não temos o que o senhor quer, mas sei que aqui pertinho tem o que lhe serve direitinho. Tem clarabóia, aquecimento, luz elétrica. Muito espaço. Serve-lhe direitinho mesmo.

— Então eu posso...

— Espere aí. Está alugado. Está sendo usado de uma certa forma... É engraçado, foi alugado por um artista como o senhor. Um cara chamado Gregory. Ele vinha sempre por aqui...

— E será que está lá agora?

— Já não vem por aqui faz uns três meses. Está em Hong-Kong. Está tirando retratos de chineses...

— Sabe se ele sublocaria?

— Mesmo que quisesse não o poderia, porque já prometeu a outra pessoa.

— E essa pessoa já está usando...

— Pois aí é que está a graça. Não está. Nunca apareceu por aqui. Aliás, ainda ontem eu perguntei ao vigia se podia levar uma mobília minha para lá por algum tempo...

— E sabe qual é o nome dessa outra pessoa?

— Eu sabia, sim... é um nome esquisito que me faz lembrar outra coisa, nome de criado, sabe?...

— Será Garbage?

— Não é não, mas é quase isso...

— Será então Garcia?

— Pois é isso mesmo. Garcia! É esse cara mesmo. E McCully deu uma gargalhada, satisfeito.

— Será que eu não podia dar uma olhada lá? Só para ver como é, caso me sirva...

— Bem, acho que não pode haver mal nisso...

Deu um grito lá para dentro avisando que ia sair, colocou nos ombros uma lona e foi seguindo na frente falando sem parar.

A chuva tinha aumentado e o beco tinha um cheiro de lixo e de esgoto.

Chegaram finalmente diante de uma porta dupla fechada com corrente e cadeado.

Enquanto ele tentava acertar a chave, Alleyn examinou o beco, que lhe pareceu um cenário para um filme da moderna escola realista. Um cenário de Dostoiévski. McCully conseguiu finalmente abrir a porta.

— Está um pouco escuro. Espere que vou acender a luz. Não sei bem onde fica o raio do interruptor...

Alleyn ficou parado na porta enquanto ele procurava, até que finalmente encontrou, ficou tudo claro e Alleyn entrou.

O lugar parecia vazio. Havia algumas telas de encontro à parede, um grande cavalete e lá ao longe uma caixa de madeira com algumas cadeiras em torno. Mais no fundo escuro ele distinguiu uma mesa. Havia no ar um cheiro acre. McCully caminhou para a escuridão.

— Está muito abandonado isso aqui... E que cheiro! Havia aqui umas baterias. Talvez alguém tenha quebrado uma.

— Espere um momento... — mas o outro não ouviu.

— Há uma outra luz por aqui. Está muito escuro, não é? Nossa! Que catanga horrorosa! Até parece que...

— O que houve?

O outro não respondeu.

— McCully! Fique onde está!

— Quem é aquele? — gritou McCully, histérico.

— Onde? Onde está você?

— Estou aqui! Quem é... Meu Deus! Alleyn atravessou o estúdio correndo.

— Fique onde está. McCully falou baixinho.

— Tem alguém sentado ali na mesa... — sussurrou McCully.

Alleyn chegou até onde ele estava e segurou-o pelo braço. O homem tremia como vara verde.

— Olhe... Olhe ali!

Lá no escuro, na sombra formada pela caixa, Alleyn viu a mesa. O homem sentado debruçava-se sobre ela e os olhava fixamente. O queixo parecia encostar na mesa. Os braços estavam tão distendidos que as mãos chegavam à outra extremidade. Era uma postura estranha. Parecia um espantalho. Viam vagamente seu rosto e seus olhos arregalados. Alleyn tirou a lanterna do bolso ao mesmo tempo que com a outra mão segurava o braço de McCully, que praguejava baixinho sem parar.

O feixe de luz bateu em cima da mesa e finalmente no rosto do homem, que parecia uma carranca fantástica. Os olhos saltavam das órbitas e a língua estava de fora, amarela como enxofre. O rosto estava amarelo e azul.

McCully libertou-se de Alleyn e cobriu os olhos com os braços.

Alleyn caminhou devagar até a mesa. A lanterna iluminou de mais perto uma xícara virada e uma garrafa. McCully não se conteve mais.

— Meu Deus! Oh, meu Deus!

— Volte para seu escritório. Telefone para a Scotland Yard... — Mas logo viu que não adiantava. O homem estava transtornado mesmo. — Veja se você consegue se dominar... ou quer que eu vá

com você? Sou da polícia, estávamos procurando este homem, vamos lá, veja se pode me ajudar...

McCully passou a mão na boca.

— Ele está morto...

— Claro que está morto. Veja se pode levar o meu recado. Veja se pode reagir.

— Espere um momento só, sim?

— Está bem... Espere um minuto. Fique aqui.

Foi até lá fora, na chuva, e olhou para a rua. Viu a uns cem metros um policial de ronda e o chamou. Deu-se a conhecer e o enviou com o recado.

Depois voltou para McCully: — Está bem, McCully. Já encontrei um policial. Sente-se aqui. — Tirou um frasco do bolso e deu-lhe de beber um gole. — Desculpe se meti você nesta enrascada. Agora fique aqui e não deixe entrar ninguém. Quando eu ligar a luz lá dos fundos, você pode fechar a porta sem olhar para lá.

— Se não lhe faz diferença, eu prefiro esperar aqui fora mesmo.

— Está bem. Não fale com ninguém que não seja da polícia.

Conseguiu encontrar o interruptor, que ligou, e ouviu McCully fechando a porta.

A lâmpada lá do fundo da sala era bem mais forte e deu para Alleyn examinar bem o homem. O corpo estava flácido. O homem estava vestido com uma velha capa de chuva e calças velhas. As mãos estavam abertas, mas a posição sugeria que tinham antes se agarrado à beira da mesa. Os dedos estavam sujos de tinta azul. Nas costas das mãos viam-se manchas cor de enxofre. Bem a contragosto examinou o rosto horrendo. Havia manchas amarelas no rosto, em meio à barba bem crescida. A boca estava retorcida e as unhas das mãos mostravam por quê. No queixo, na mesa e no chão, Alleyn encontrou ainda outras provas terríveis do que lhe acontecera antes de morrer.

Com seu lenço de seda, Alleyn cobriu-lhe o rosto.

Olhou então para a xícara virada e para a garrafa que mostrava claramente um rótulo com uma cruz vermelha. Estava quase vazia e junto do gargalo ainda se via uma mancha corroída. Em torno da xícara, sobre a mesa, havia as mesmas marcas. A mesa estava coberta de poeira quando o homem sentara-se ali. Seus braços tinham varrido violentamente a superfície. O chão estava cheio de pedaços de louça quebrada e curiosas ferramentas de madeira que pareciam varas de laranjeira. Os sapatos eram velhos e sujos, mas sem lama. Um pé estava enroscado no pé da cadeira e o outro estava de encontro à perna da mesa. Toda a postura mostrava uma incrível tortura.

Alleyn voltou-se para a caixa de madeira quadrada com metro e meio de lado. Um dos lados tinha uma dobradiça, mas não estava trancada. Abriu-a com muito cuidado depois de calçar as luvas. Dentro dela, numa plataforma com rodas, estava um objeto de forma irregular todo enrolado em panos ainda molhados. Ali estava a *Comédia e Tragédia*. Começou a examinar o chão. Ligou outra vez a lanterna, mas só via as pegadas ainda molhadas de McCully. Tudo estava cheio de poeira. Num dos cantos estava encostada uma vassoura que Alleyn examinou com cuidado. Sacudiu a sua poeira em cima de uma folha de papel e guardou-a em um envelope. Voltou para junto da mesa e examinou detidamente o chão em volta. Deixou onde estavam todos os pedaços de louça e as ferramentas, mas afinal encontrou uns fios de cabelo castanho que enfiou num envelope. Depois tornou a olhar para a cabeça do homem morto. Ouviu vozes e portas batendo. Lá fora, na chuva que continuava a cair, estavam um rabeção e o carro da polícia. Fox e Bailey estavam na porta junto de McCully, e Alleyn correu ao encontro deles.

- Alô, Fox...
- Alô, senhor. O que está havendo?
- Vá entrando. Curtis está aqui?
- Está, sim. Pode vir, doutor.

O homem saiu correndo de dentro do carro e entrou.

— Que diabo encontrou você aqui, Alleyn?

— Garcia.

— Aqui? Morto?

— Bem mortinho. — Alleyn segurou Fox pelo braço. — Espere um pouco. McCully, você pode ficar dentro do carro da polícia. Não vamos demorar.

Um policial e outro que estava na ronda ficaram na porta.

— Acho que antes de verem o corpo devo avisá-los de que não é nada agradável.

Fox pareceu surpreso.

— Avisar a nós?

— Sim, eu sei que vocês estão calejados, mas eu nunca vi uma coisa tão horrorosa como essa. Nem mesmo em Flandres. Creio que ele tomou ácido nítrico.

— Deus do céu — exclamou o Dr. Curtis.

— Podem entrar.

Levou-os até onde estava o homem com o lenço no rosto. Os outros todos ficaram olhando para o corpo.

— E o que é este fedor horrórico?

— Será ácido nítrico?

— Junto com vômitos — disse Curtis.

— Vocês todos podem fumar se quiserem. Curtis esticou o braço e retirou o lenço.

— Deus meu! — exclamou Bailey.

— Vamos com isso. Bailey, quero primeiro as impressões digitais. É claro que é Garcia. Depois compare com qualquer coisa que conseguir da garrafa e da xícara. Tire uma foto antes de tocar na garrafa. Onde está Thompson?

Ele estava no carro e veio com a máquina. Começou então a rotina de sempre. Thompson tirou seis fotos e depois cobriram o corpo. Alleyn tomou a palavra.

— É melhor que vocês ouçam o que eu acho disto aqui em face das outras informações que já temos. Bailey, continue trabalhando enquanto eu falo. Examine tudo, mas tudo mesmo! Quero amostras dessa nojeira que está espalhada no chão. Eu mesmo vou apanhar...

— Pode deixar que eu apanho, senhor. Não tenho o que fazer e queremos ouvir a sua reconstrução.

— Será melhor vocês protegerem o nariz e a boca. As exalações do ácido nítrico são bem desagradáveis e perigosas, não são, doutor?

— Sempre é bom ter cuidado...

As portas foram abertas e entrou o policial que estava de guarda.

— Há um cavalheiro que quer falar com o senhor...

— Seu nome é Bathgate? Diga-lhe que espere. Não, espere aí. Mande-o entrar.

Quando Nigel apareceu, ele lhe perguntou zangado como descobrira.

— Eu estava chegando lá na Yard quando vi Fox sair com o pessoal todo e até o rabeção. Acompanhei-os num táxi. O que há por aqui? Que fedor é este?

— Eu só deixei você entrar para que não vá mandar notícias tolas para o seu jornal ordinário. Sente-se lá longe no canto e fique quieto.

— Está bem, está bem.

— Vamos lá. Não toque no corpo ainda, Curtis.

— Está bem. Fale então, Alleyn. Vai nos contar que este cara ingeriu ácido nítrico?

— Acho que foi...

— Que raio de maneira para suicidar-se...

— Só que ele não sabia que era ácido nítrico.

— Acidente?

— Não. Homicídio.

Capítulo XVIII

Um dos cinco

— Acho que é melhor começarmos com a caixa. — Alleyn caminhou para ela e iluminou o seu interior. — Creio que deve ser o modelo do trabalho de Garcia para o cinema. Teremos que dar uma olhada nele depois que Bailey tiver terminado. O ponto que deve merecer nossa atenção agora é como foi que isso chegou até aqui.

— Terá sido na camioneta? — perguntou Fox com um lenço amarrado no nariz e apanhando as amostras da imundície no chão.

— Parece que foi, sim, Fox. Já temos quase todas as provas disso na marca da parede, no raminho e no consumo de gasolina. Tudo estava muito bem enquanto supúnhamos que o próprio Garcia tinha levado o carro de volta, mas agora já temos uma história diferente. Alguém trouxe o carro de volta e não disse nada a respeito.

— Será possível ele ter levado o carro de volta e depois ter vindo para cá?

— Acho difícil, Fox. Na noite de sexta-feira Garcia estava se restabelecendo de um consumo de ópio e talvez também de uísque. Não estava em condições de colocar seu material dentro do carro, dirigir cinqüenta quilômetros, abrir este armazém, trazer a camioneta para dentro, descarregar tudo, levá-la de volta a Tatler's End e depois vir para Londres de ônibus ou trem. Vamos porém supor que alguém chegou ao estúdio na noite de sexta-feira e encontrou Garcia lá ainda bombardeado. Vamos supor que esse alguém se ofereceu para levar Garcia a Londres e depois devolver a camioneta. Será que isso vai de encontro a qualquer coisa que já encontramos? Eu acho que não. Acho mesmo que podemos encontrar aqui qualquer apoio a essa teoria. A parte da frente do assoalho aqui foi bem varrida. Por que diabo iria Garcia varrer à

meia-noite, nas condições em que acreditamos que estava? Bailey, você já examinou a garrafa que está em cima da mesa?

— Já, sim, senhor. Encontramos uma boa impressão do polegar, do indicador e do segundo dedo do falecido.

— Muito bem. Agora olhem para suas mãos. O *rigor mortis* já desapareceu e seu corpo está flácido, mas reparem na diferença entre a mão direita e a esquerda. Os dedos da direita estão ligeiramente curvados. Com a luz da lanterna embaixo do tampo da mesa, podemos ver as impressões deixadas pelos dedos quando se agarraram a ela. À medida que o *rigor mortis* afrouxou, os dedos foram largando. Agora, olhem para a outra mão, completamente relaxada e com os dedos esticados. Por baixo do tampo da mesa estão quatro marcas feitas pelos dedos. Estão agora um tanto apagadas, mas antes estavam bem fortes devido à grande pressão. Reparem que não foram apagadas pelo relaxamento dos dedos e sim por haverem eles escorregado. Reparem que a atual posição da mão não tem relação com as impressões. Estão afastadas dela. Você encontrou impressões da mão esquerda em cima da mesa, Bailey?

— Não, senhor.

— Agora, levando em consideração a natureza e direção das impressões e tudo o mais, minha opinião é que essa mão foi puxada à força, talvez nos espasmos da morte. Não vejo nada que contradiga isso. Agora vamos olhar a xícara. Ela contém vestígios de uma coisa que parece ser ácido nítrico e está em cima de uma mancha feita pelo mesmo ácido. Está do lado direito do corpo. Encontramos nela quatro impressões da mão esquerda, sendo uma do polegar. Há uma boa impressão. Agora reparem nessas marcas riscando a mesa que estava bem coberta de poeira quando este homem se sentou, como podemos ver pela manga de seu casaco. Ele deve ter movido os braços como se varresse a mesa. Aqui no chão estão as coisas que ele atirou fora.

Ferramentas para modelagem. Um prato quebrado em quatro. Dois outros que sem dúvida eram de banhos para gravuras. Pela poeira em volta vê-se que já estão aqui há uns dois dias. Não estão muito empoeirados. Concordam que ele varreu tudo isso?

— Certamente que varreu — disse Fox.

— Muito bem. Agora olhem outra vez para a mesa. Esta garrafa que continha o ácido e esta xícara em que ele foi derramado estão bem no meio da área que ele varreu com o braço no violento espasmo logo depois de beber. Por que então não foram elas atiradas ao chão junto com o prato e com os instrumentos?

— Porque foram colocadas aí depois, está claro...

— Isso mesmo. E então, por que a xícara que ele tinha na mão esquerda foi colocada no lado direito com as impressões no outro lado? Para colocar a xícara onde nós a encontramos, ele teria que ter ficado de pé onde eu estou agora... Então vamos dizer que ele bebeu quando estava nessa posição.

Depois de beber ele colocou a xícara nesta ponta da mesa e a garrafa ao seu lado. Sentou-se então na cadeira, varreu tudo nos estertores da morte, mas tornou a colocar a garrafa e a xícara.

— O que é absurdo — disse Thompson solenemente.

— Isso mesmo. Agora diga-me, doutor, o que foi que aconteceu quando ele bebeu o ácido nítrico puro.

— Deve ter sido rápido e horrível. Ficaria impossibilitado de qualquer reação racional. O choque inicial deve ser terrível, e logo seguido de intensos espasmos. Seria completamente impossível ele colocar de volta a garrafa e a xícara. Só poderia ter feito os movimentos a que se referiu. Mas não consigo acreditar, Alleyn, que alguém, em seu juízo perfeito, poderia tomar ácido nítrico sem saber o que estava fazendo.

— E se ele não estivesse em seu juízo perfeito? Se estivesse dopado com ópio e com uma sede violenta? E se então pedisse o que beber e o ácido fosse posto ao seu alcance?

— Isso já seria mais provável, mas mesmo assim...

— E se ele estivesse dormindo na cadeira com a boca aberta e alguém viesse e lhe derramasse na boca?

— Bem... isso talvez explicasse tudo...

— Talvez seja essa a explicação. O ácido respingou em seu rosto. Agora olhem para a parte de trás de sua cabeça. Como vêem, ele usava cabelos compridos. Agora vejam aqui. Estão vendo esses pedaços de cabelo mais curtos? Parece que foram arrancados, não acham? No chão, por trás da cadeira, eu encontrei fios de cabelo e alguns ainda com raízes. Isso não lhes diz que alguém o segurou pelos cabelos? Estão vendo agora estas manchas de ácido no chão e no seu rosto? Reparem bem. Acham que alguém iria beber nessa posição? Não estão vendo alguém por trás de sua cadeira segurando-lhe a cabeça pelos cabelos e derramando o líquido pela boca? Ele engasga-se com espasmos, e esparrama o ácido em volta, enquanto o outro continua a lhe derramar o ácido pela boca. Deus do céu. Cubram outra vez o seu corpo. Vamos lá para fora.

Caminharam em silêncio e foram encontrar Nigel lá fora ainda bem esverdeado. Alleyn encheu o cachimbo e o acendeu.

— Resumindo, então, temos que não há possibilidade de ter sido suicídio. Por outro lado, não vejo nada que contrarie a minha teoria de que o ácido lhe foi derramado boca abaixo à força, e que o criminoso depois imprimiu na garrafa e na xícara as impressões do morto. Acho que vai ser difícil provar, mas tudo aponta mais para um crime do que para suicídio. Sei que... Diga-me, Curtis, quanto tempo levaria ele para morrer?

— Tudo depende da quantidade que ingeriu. Sendo pouco, poderia levar umas quinze horas, mas se fosse muito poderiam ser minutos ou até mesmo instantaneamente, por asfixia. Só a autópsia dirá. Será melhor levarmos o corpo.

Já estava escuro quando chegaram de volta à Scotland Yard, e Alleyn foi direto para seu gabinete, seguido por um soturno Fox e

por Nigel completamente silencioso. Alleyn deixou-se cair numa poltrona e Fox acendeu a luz.

— O senhor precisa tomar um trago...

— Todos nós precisamos, Fox. Bathgate, não sei que diabo você está fazendo aqui; se vai vomitar, seria melhor sair. Já vimos o bastante disso hoje.

— Eu já estou bem agora. O que devo fazer de tudo isto? A última edição...

— Para o inferno com a sua edição... Está bem, pode dizer que ele foi encontrado e onde. Diga que parece suicídio. E só. É melhor ir andando.

Nigel saiu logo para redigir a notícia.

— Pelo amor de Deus, Fox, por que fica você aí me olhando com essa cara de benevolência? Será que meu rosto está sujo?

— Não, senhor. Está um tanto pálido, isso sim. É melhor tomar um gole, Mr. Alleyn. Tenho aqui o meu frasco de emergência.

— O meu foi todo pela goela do McCully, Fox. Muito bem então.

Obrigado. Tome você um também. Vamos nós dois encher a cara. Agora diga-me: onde estamos? Você ficou muito silencioso lá naquela câmara de horrores. Será que concorda com a minha teoria?

— Claro que concordo, senhor. Tenho pensado muito, e não vejo como possa haver outra. Pelos respingos que vimos, ele deve ter-se debatido muito, mas o outro segurava-o fortemente.

— É o que eu acho.

— Agora, como o senhor sabe muito bem, uma coisa é a gente ter muitas provas circunstanciais, e outra muito diferente é ter o necessário para condenar alguém. Dentro do fator tempo, nós podemos enquadrar qualquer um, não acha? Em algum momento da noite de sexta-feira ou da manhã de sábado, é o máximo a que podemos chegar quanto à hora de Garcia sair de Tatler's End. Quanto à devolução da camioneta, o mais provável é que tenha sido às primeiras horas de sábado. Agora, diga-me quem, dentre todos

eles, poderia ter-se ausentado pelo menos durante duas horas? Duas horas entre as sete e meia de sexta-feira à noite, quando a empregada ouviu a voz de Garcia, e a madrugada de sábado, antes de alguém levantar-se? Acha que alguém, dentre os que foram a Londres, poderia tê-lo encontrado aqui?

— Liquidando-o, levando o carro de volta e voltando para cá? Mas como?

— Isso é verdade.

— E eu repito, Fox, que não posso acreditar como um homem nas condições de Garcia pudesse fazer tudo isso. Nem mesmo sabemos ainda se ele sabia guiar, e não me admiraria se a resposta fosse negativa. Para fazer tudo isso teria que ser um bom motorista. Se foi algum dos que estavam em Londres, ele chegou ao estúdio de uma forma que não sabemos, trouxe Garcia até aqui, assassinou-o, levou de volta o carro e veio para cá por meios que não conhecemos. Já vimos todos os seus álibis e não consigo descobrir ali nada que se enquadre, não acha?

— Parece que é isso mesmo.

— Com exceção talvez de Malmsley. Será que ele ficou para trás e não pegou o ônibus das seis? Onde está o material referente a ele? Quero dar uma olhada.

Fox pegou uma pasta da escrivania e folheou-a.

— Aqui está, senhor. Falei com o motorista do ônibus das seis. Ele diz que quatro pessoas entraram na esquina de Bossicote na sexta-feira à noite.

Uma mulher e três homens. É um camarada meio bronco. Perguntei-lhe se algum deles tinha barba e ele não conseguiu lembrar-se. Mas acha que um tinha um chapelão e um cachecol que bem poderia esconder uma barba. Nós vimos um chapéu grande nas coisas de Malmsley, mas não creio que isso seja o suficiente.

— É sim. Mas se foi Malmsley, o que acontece com o seu jantar no Savoy e a sua noitada com o amigo? Eu acredito que ele poderia

ter saído com a camioneta, matado Garcia e deixado o corpo aqui entre as sete e as oito e meia, voltando depois de o amigo ir dormir para então fazer o resto.

Mas, com todos os diabos, como conseguiu ele voltar para Londres depois de devolver o carro?

— Lá isso é... — Fox molhou o dedo na língua e virou a página.
— Agora temos aqui Miss Troy e Miss Bostock, cujos álibis são os únicos que talvez conseguiríamos derrubar. Conferimos tudo bem e foram vistas pelo porteiro quando chegaram. Estive com o amigo de Miss Troy, John Bellasca, que disse tê-la levado de volta ao clube mais ou menos às duas e vinte.

— E ele parece ser de confiança?

— Acho que é, senhor. Está muito preocupado com Miss Troy. Tem telefonado muito, mas ela não quis que ele fosse lá. É um rapaz bem sincero, ao que parece, mas queixa-se de que ela o trata como se fosse um colegial.

Mas a hora no clube está certinha, pelo que diz o porteiro. Ele se lembra porque ela se espantou com a hora. Garante que nenhuma das duas tornou a sair, mas pode ter cochilado no seu cubículo. A garagem está aberta a noite inteira. O carro delas estava perto da porta e o garagista confessa que deu uma saidinha para um café aí por volta das três horas. — Fox levantou os olhos das anotações, olhou fixo para o rosto pálido de Alleyn e depois pigarreou. — Não que eu queira dizer que haja alguma coisa...

— Vamos ver o que é.

— Bem, senhor. Ainda temos que reconhecer que há possibilidades nos casos das duas moças e de Malmsley. Pelas provas que temos aqui eu diria que temos apenas um campo bem reduzido: Honorável Basil Pilgrim, Miss Seacliff, Miss Troy, Miss Bostock e Malmsley.

— É isso mesmo. Puxa vida, Fox! Esqueci-me de perguntar a Bathgate o que conseguiu com Bobbie. Acho que estou em plena

senilidade. É melhor eu ir contar ao chefe o que fizemos hoje. Depois vou fazer meu relatório e então vamos todos pensar no caso.

Alleyn teve uma longa conferência com seu chefe, com quem, aliás, dava-se muito bem, fez o seu relatório e depois levou Fox para jantar com ele em seu apartamento; em seguida sentaram-se junto à lareira para passar os fatos em revista.

Às onze horas, quando ainda discutiam o caso, apareceu Nigel.

— Foi bom você ter vindo, porque preciso lhe falar.

— Foi o que pensei — respondeu ele, complacente.

— Arrume aí um drinque para você. Como foi que se saiu com Bobbie?

Vejo que o seu extraordinário jornal traz um risonho retrato dela.

— Está bom, não acha? Ela gostou muito de mim...

— E conseguiu alguma coisa?

— Não creio que, do seu ponto de vista, a visita tenha sido um sucesso retumbante. Ela disse que não queria ver o nome de Sônia na lama e colocou-a na lua. Saímos juntos para almoçar, com champanha, e espero que a Yard me reembolse a despesa. Desatei-lhe um pouco a língua, mas não consegui coisa de importância. Disse-lhe que sabia das travessuras de Sônia com Pilgrim e Malmsley, mas ela apenas achou graça. Perguntei-lhe se Sônia tinha feito a mesma coisa com mais alguém, mas ela riu e disse-me para me meter com minha vida. Enchi seu copo e ela tornou-se mais loquaz.

Disse que Garcia descobrira que ela lhe havia contado o que fizera com Pilgrim e ficara absolutamente transtornado, dizendo que liquidaria com ela se não aprendesse a conter a língua. Claro que Sônia disse tudo a Bobbie, depois de fazê-la jurar sobre a Bíblia e um rosário que nunca revelaria a mais ninguém. Foi nessa altura, Alleyn, que Bobbie virou mais uma taça e então disse exatamente isto: "Então você está vendo, meu querido, que, com um juramento desses na consciência, eu nunca poderia falar sobre a sexta-feira à

noite, não acha?" Eu perguntei-lhe o que queria dizer com aquilo e ela respondeu: "Deixa pra lá, querido. Ela não devia ter contado para mim.

Agora eu estou apavorada. Se ele souber que ela me disse, tenho certeza que me liquidará. Tão certo como Deus estar lá em cima". E depois, como não havia mais champanha, a festa acabou.

— Muito bem, eu lhe pagarei o champanha. Que raio de garota, Fox!

Chega a me cansar. Estou positivamente certo de que ela sabe quem tinha um encontro marcado com Garcia na noite de sexta-feira. Ela mesma já provou que não era com Sônia, pois passaram juntas o fim de semana. Então quem era?

O telefone tocou e Alleyn atendeu.

— Alô? Sim, Bailey? Entendo. Ele tem certeza? Sim, sim, já entendi.

Obrigado.

Largou o telefone e olhou para Fox.

— O furo na manga da capa de Pilgrim foi feito com ácido, provavelmente nítrico.

— Foi mesmo? — Fox levantou-se devagar.

— Pois então aí está a sua resposta, Alleyn. Não vejo como você possa fugir a ela. Tem o motivo e a oportunidade. Tem a prova do homem que estava do lado de fora do estúdio embaixo da janela. Bem poderia ter sido Malsmley, mas posso jurar que era Pilgrim.

— Neste caso vamos fazer uma visita ao Capitão Pascoe e sua mulher, em Boxover, onde Pilgrim passou a noite junto com Valmai. Vá andando, Bathgate. Quero falar com o Inspetor Fox. Muito obrigado pelo seu serviço com Bobbie, e fique descansado que não vou contar a sua mulher que você anda dando champanha a coristas. Passe bem.

Capítulo XIX

A peregrinação de Alleyn

O inquérito sobre a morte de Sônia Gluck realizou-se em Bossicote na manhã de quinta-feira, dia 22 de setembro. A sala, como seria de esperar, estava repleta, mas, a não ser por isso, o acontecimento não teria tido a menor repercussão. O promotor era um cavalheiro com um ar de incredulidade irritada que olhou as testemunhas e as provas e, por um passe de mágica, reduziu tudo a uma simples norma rotineira que levava a crer que modelos espetados em pontas de punhais eram coisas que aconteciam todos os dias. Só uma vez ele pareceu despertar de sua indiferença, e foi quando Cedric Malmsley se levantou para depor. O promotor ficou olhando para a barba de Malmsley como se imaginasse que poderia retirá-la; de repente mudou de óculos e não tirou mais os olhos indignados de cima da testemunha. Alleyn prestou um depoimento formal sobre o encontro do corpo de Garcia e o tribunal pareceu ficar impregnado de uma inferência subentendida de que se tratava de um caso de assassinato e suicídio. Alleyn solicitou um adiamento e tudo estava terminado às onze horas.

Quando chegou ao corredor, Alleyn segurou Fox pelo braço.

— Vamos, Fox. Vamos a Boxover. É a primeira escala de nossa peregrinação. Estou com o carro de minha mãe para parecer menos oficial.

Está ali. Espere por mim, sim?

Ficou olhando Fox sair e foi então até um caminho lateral onde Troy estava sentada em seu carro esporte. Alleyn veio por trás e ela não o viu, pois estava olhando em frente com uma expressão perdida. Ele ficou ali de pé, com o chapéu na mão, esperando que ela

se voltasse. Quando afinal despertou de sua meditação e o viu, arregalou um pouco os olhos. Olhou-o muito séria e depois sorriu.

— Alô. É o senhor? Estou esperando por Katti.

— Eu tinha que lhe falar...

— Sobre o quê?

— Não sei. Qualquer coisa. Está bem?

— Estou, sim, obrigada.

— Sinto muito que esteja sendo difícil para a senhora manter toda essa gente lá em sua casa. O segundo caso tornou isso necessário. Não podemos deixar sair todo mundo.

— Mas não há dúvida. Estamos trabalhando ao ar livre quando o tempo permite. Já transformei tudo no estúdio e consegui um homem da aldeia para posar. Katti está fazendo um trabalho em tamanho natural do policial que está no portão da entrada. Às vezes torna-se um pouco difícil, mas parece que estão todos convencidos de que foi mesmo Garcia...

— O último acontecimento... com Garcia deve ter sido um choque muito grande para a senhora, não foi?

— De uma certa maneira foi mesmo. Muita bondade sua enviar-me o telegrama.

— Bondade! Bem, eu apenas quis dar-lhe a notícia. A senhora não sentia por ele nada mais senão o interesse particular de seu trabalho, não era?

— Era isso mesmo. O seu trabalho. Aquele grupo em argila era realmente bom. Acho que ia ser o seu melhor trabalho. Acho que alguém vai passar aquilo para o mármore. Eu fiquei horrorizada, sabe? — Ela disse isso em voz baixa e com os olhos fitos em Alleyn.

— Eu sei...

— Ácido nítrico! Ultrapassa qualquer imaginação que alguém pudesse fazer uma coisa dessas. Por favor, pelo que ouvi aqui eles parecem acreditar que foi o próprio Garcia... Eu *preciso* saber. Então ele a matou e depois matou-se? Eu não posso acreditar. Ele nunca

faria aquilo. A primeira coisa, aquela história com a faca, eu ainda *posso* acreditar que ele tivesse feito, numa decisão repentina de liquidar Sônia daquela maneira. De alguma forma fantástica, aquilo talvez tivesse atrativos para sua imaginação, mas é justamente por causa de sua imaginação tão brilhante que eu não acredito que ele se mataria de forma tão horrível. Ora essa, Ormerin uma vez derramou um pouco de ácido na mão e Garcia estava lá. Ficou sabendo como era. Viu a queimadura.

— Ele estava drogado quando morreu. Tinha tomado ópio.

— Garcia?! Mas... Está bem, deixe estar. Não está certo que eu lhe faça perguntas...

— Eu sinto muito, mas acho que já estamos quase no fim. Talvez amanhã já esteja tudo esclarecido.

— Não fique com essa cara tão preocupada... — disse Troy de repente.

— Fico pensando se você já imaginou que somente concentrando-me em meu trabalho devido a um esforço extraordinário é que posso pensar em minha obrigação e não em você.

Ela ficou olhando para ele sem falar.

— Bem, e o que você diz disso, Troy?

— Nada. Desculpe-me. É melhor eu ir andando.

— A mulher, realmente, nunca se preocupa quando um homem pensa nela dessa maneira, não é? Pelo menos enquanto sabe comportar-se.

— É isso mesmo...

— A não ser que ela o ligue a alguma coisa especialmente desagradável.

Como deve acontecer comigo agora. Puxa vida, que espécie de homem sou eu para estar mostrando atenções a uma senhora no meio de uma trapalhada como esta?

— Já está falando demais. Será melhor parar.

— Sinto imensamente. Está com toda a razão. Foi imperdoável mesmo.

Adeus.

Ele afastou-se e Troy fez um movimento em sua direção com os braços estendidos.

— Não assuma essa atitude senhorial. É bem verdade que a mulher não se incomoda...

— Troy!

— Agora quem está falando demais sou eu. É a vaidade feminina. Mesmo quando misturada com horrores como estes, ela sempre gosta.

— Nós formamos um casal estranho. Eu não faço a mínima idéia do que você pensa a meu respeito. Isso mesmo, não faço a menor idéia. Mas mesmo no meio de uma investigação policial parece que nossos pensamentos se completam. Troy, você alguma vez pensou em mim quando está sozinha?

— Naturalmente...

— Tem alguma aversão por mim?

— Não.

— Isto chega, no momento. Bom dia.

Ainda com o chapéu na mão ele voltou-se e caminhou rápido para o carro.

— Vamos embora, Fox. Oba! Oba! Ganhamos o dia. Entrou no carro e saiu a toda pela estrada, que felizmente estava vazia. Fox pigarreou.

— O que há, meu velho? — perguntou Alleyn alegremente.

— Eu não disse nada, Mr. Alleyn. Será que estamos com pressa?

— Não especialmente. É que, de repente, senti necessidade de correr.

— Estou vendo...

E Alleyn começou a cantar:

"Au clair de la lune Mon ami Pierrot..."

As árvores e cercas voavam meio embaçadas. Do banco de trás veio uma voz abafada, como se cantasse:

"Pensei que o Inspetor Alleyn estava procurando provas, Olhei outra vez e vi que já está com idéias novas... Deus meu! Acho que vou acabar entrando em sovas".

Alleyn tirou o pé do acelerador e Fox torceu-se para olhar atrás. Do meio de mantas e tapetes surgiu a cabeça de Nigel.

— Não estou achando graça nenhuma. Quando foi que conseguiu esconder-se aí no carro de minha mãe?

— O promotor ainda não tinha acabado de falar e eu já estava aqui. Para onde vamos?

— Não vou lhe contar. E aí vamos nós outra vez!

— Mr. Fox, o que foi que aconteceu com o seu chefe? Está louco, está bêbado ou está amando?

— Não responda, Fox. Ele que arrebente de curiosidade. Fique sentado aí atrás.

Chegaram a Boxover e estacionaram junto de uma encantadora casa georgiana na periferia da aldeia.

— Vinte minutos — disse Alleyn olhando para o relógio e o velocímetro. — São dezesseis quilômetros de Bossicote até aqui. E mais quatro do estúdio a Bossicote. Vinte quilômetros e numa estrada bem reta.

Perdemos alguns minutos por causa de Bathgate e quando paramos para perguntar o caminho. Durante a noite será fácil fazer a viagem em quinze minutos ou menos. Agora precisamos de um certo cuidado, mas não muito.

Vamos, Fox.

— Eu posso ir também?

— Você?! Você, Bathgate, tem muito topete e é o sujeito mais descarado que já vi. Esconder-se aí! Bem, bem. Pode vir. Você fica sendo da Yard.

Fiquem aí junto do carro até eu fazer um sinal.

Foi até a porta assobiando alegremente e tocou a campainha.

— O que é que ele tem hoje?

— Sei lá, Mr. Bathgate. Ele vem se mostrando tão preocupado com este caso desde que encontramos Garcia que eu cheguei a pensar que nunca mais iria ouvir uma piada sua. E então sai de lá do inquérito, atravessa a estrada para conversar com Miss Troy e volta nesse estado de euforia.

— Ora, ora! Então você acha, Fox? Puxa vida, Fox... A porta foi aberta por um empregado e Alleyn entregou o seu cartão. O homem afastou-se para ele passar e Alleyn voltou a cabeça fazendo uma careta. Entrou, deixando a porta aberta.

— Vamos, Mr. Bathgate. Ele está nos chamando. Foram encontrar Alleyn num pequeno saguão um pouco entulhado de chifres, máscaras e couros de animais.

— O valente capitão vem aí. Sua mulher está fora.

O Capitão Pascoe era baixo e gordo com uma fisionomia indefinida.

Tinha olhos azuis e rosto muito corado. Cheirava a uísque. Olhou desconfiado para os três.

— Sinto muito incomodá-lo, Capitão Pascoe...

— Está bem. Vocês são da Scotland Yard, não são? Deve ser essa história de Bossicote, hein?

— É isso mesmo. Estamos investigando os movimentos de todas as pessoas naquela noite. O senhor sabe que isso tem de ser feito, não é?

— Sim, sim. Rotina.

— Exatamente. O Inspetor Fox e Mr. Bathgate estão comigo.

— Pois não. Muito prazer. Querem beber alguma coisa?

— Não, senhor, obrigado. Vamos direto ao trabalho.

— Sim, eu sei. Deve ser sobre Valmai e Pilgrim, não é? Eu venho acompanhando o caso. Bem engraçado, não é? Eles estão certos. Passaram a noite de sexta-feira aqui conosco. Dormiram aqui e na manhã seguinte foram para a casa do velho Pilgrim.

— Foi o que nos contaram. Nós só queremos conferir o tempo. Será rápido.

Alleyn acompanhou-os pelo fim de semana desde o momento em que chegaram até quando sentaram-se para jantar. O dono da casa confirmou tudo o que eles haviam dito. Alleyn cumprimentou-o pelas suas respostas precisas, que estavam bem longe disso, e o velho ficou cheio de si.

— Agora, nós vamos chegar ao período importante entre dez da noite de sexta-feira e as cinco da manhã seguinte. O senhor é soldado e compreende bem isso. Temos que ser discretos...

— É isso mesmo, lembro-me bem de um cara de nosso regimento que quase foi à corte marcial...

— Exatamente. E é isso justamente o que queremos evitar. É preciso que eles expliquem todos os minutos, o que evitará uma porção de contrariedades... Eu sei, por exemplo, que Miss Seaclyff queixou-se de dor de cabeça durante o jantar...

— Não, não. Foi só depois do jantar. É coisa sem importância, inspetor, mas devemos ser precisos.

— Certamente, senhor. Foi estupidez minha. Foi na hora do café que ela se queixou a primeira vez?

— Não. Espere um pouco, aí. Só para lhe mostrar a minha faculdade para tabular detalhes... Lembro que Miss Seaclyff fez uma careta para o café.

Tomou um gole e teve um estremeção dizendo que o café estava amargo... Então Pilgrim ficou um pouco desapontado e perguntei se o dele também estava amargo. Ele disse que estava. Engraçado. O meu estava bom.

Minha idéia, porém, era que Valmai já não estava se sentindo bem e ele apenas concordou para não a afligir mais. Na minha opinião, ela sofre do fígado. Pilgrim insistiu para ela tomar um porto depois do champanha, apesar de ela dizer que aquilo iria lhe fazer mal. Foi uma maçada. Ela é encantadora. Tem umas mãos lindas. Monta muito bem. É uma ótima amazona. Olhe isto aqui — remexeu numa gaveta e tirou uma fotografia de Valmai publicada em algum jornal onde ela aparecia magnífica em cima dum cavalo numa caçada. O capitão apreciou a foto e depois entregou-a a Alleyn, deixando-se cair sentado. Parecia estar lembrando alguma coisa. — Só para lhe mostrar como a gente consegue lembrar pequeninas coisas. Foi só depois do jantar que ela se sentiu mal. Aliás, foi no momento exato em que eu lhe retirei a taça vazia. No momento preciso. Estão vendo? — deu um riso triunfante.

— Esplêndido, senhor. Seria bom se todos fossem assim. Lembrome de um caso em que tudo girava em torno de um incidente parecido. Era questão de sabermos quem tinha posto o açúcar numa xícara, e não houve quem se lembrasse! Só uma testemunha em cem lembra uma coisa assim.

— Será mesmo? Pois eu aposto dez libras com o senhor que posso lhe contar tudo direitinho a respeito do café da sexta-feira. Só por uma questão de demonstração.

— Eu nunca aposto, senhor. Ele deu uma gargalhada.

— Pois muito bem. Minha mulher serviu nosso café naquela mesa ali.

Pilgrim distribuiu as xícaras para ela. Ele colocou a de Valmai ao lado da dela e junto da sua, e disse-lhe que já tinha posto açúcar. Voltou à mesa para ir buscar o meu. Aí tem o senhor, inspetor. Valmai reclamou que seu café estava amargo. Ela perguntou a Pilgrim se o dele estava com gosto ruim e ele disse que estava, e aí... — parou de estalo com os olhos esbugalhados. — Puxa vida! Da forma como estou falando, alguém poderia pensar que nesse caso

alguém andou pondo alguma coisa no café. Deus meu, inspetor! Espero que não...

— Não se apoquente com isso, senhor. Estamos apenas falando em tese, e eu congratulo-me com o senhor. Não é sempre que temos informações tão lúcidas, não é mesmo, Fox?

— Muito boa, realmente, senhor — respondeu Fox sacudindo a cabeça.

— E depois então eu acho que jogaram *bridge*, não foi?

— Foi isso mesmo. Mas aí Valmai já estava com uma cara muito ruim dizendo que estava estalando de dor de cabeça, de modo que logo depois paramos e minha mulher foi levá-la ao seu quarto.

— Deu-lhe por acaso alguma aspirina?

— Nada disso. Pilgrim correu logo e foi buscar um vidro para ela.

Tomava tanta conta dela que até parecia uma galinha com pintos. Noivos, sabe como é! Ela subiu com o vidro. Minha mulher colocou-a na cama e foi dormir também. Pilgrim disse que estava com sono. É um cara meio parado.

Não creio que esteja à altura de Valmai. Então tomamos um uísque com soda e fomos para a cama. Eram dez e meia. Dei corda nos relógios e fomos dar uma espiada em Valmai, que já estava na cama. Ela é mesmo linda. A tolinha não tinha tomado a aspirina, dizendo que não consegue engolir bem e tinha medo de vomitar. Então Pilgrim dissolveu três comprimidos em água e ela prometeu que tomaria. Minha mulher deu uma espiada mais tarde e encontrou-a num sono profundo. Às onze estávamos todos na cama. Agora, deixe-me pensar... Logo de manhã...

E passou a descrever a manhã seguinte com tantos detalhes que até mesmo Alleyn passou a olhá-lo com respeito. Tornou a oferecer bebidas, e como ninguém aceitasse ele ainda tomou duas doses. Alleyn pediu para ver os quartos de dormir.

Pascoe preparou para ele mesmo a terceira dose e saiu um tanto ruidosamente para mostrar-lhes a casa. Os quartos de hóspedes eram bem no alto da escada.

— Valmai estava neste aqui e o rapaz naquele outro ao lado. Puxa vida, bem juntinhos. — Aqui o capitão soltou uma boa gargalhada, mas logo se conteve. — Não que Valmai seja dessas, sabe? É moça muito séria. Na manhã seguinte levei-a para ver as rosas no jardim. Estava linda. Um chapeuzinho vermelho e luvas da mesma cor. Linda mesmo. Em ar de brincadeira eu caçoei com ela por estar usando luvas vermelhas, e então apertei muito de leve a sua mão. Puramente platônico, sabe? Ela deu um pulo como se eu a tivesse mordido e arrancou a mão. Ora, ora...

Sentou-se na beira da cama de Valmai e acabou o seu copo. Ficou olhando em torno do quarto chupando o lábio de cima.

De repente soltou uma exclamação de contrariedade.

— Olhe só para isto. É uma vergonha. A criadagem aqui é abominável.

A patroa está fora e as empregadas também. Estou só com um criado que cuida de mim. Como no clube. Ele não tem nada a fazer e, no entanto, olhe para isto aqui, ninguém limpou a poeira.

Voltou a vista para a mesa-de-cabeceira em cima da qual estava uma pilha de livros, e em cima dela um guardanapo sujo. O capitão pegou-o e por baixo estava um copo com uns três dedos de um líquido leitoso.

— Sabem o que é isto? Está aqui desde a noite de sexta-feira. — Encaminhou-se para a mesinha, mas Alleyn passou na frente dele.

— É de enlouquecer mesmo, capitão. Será que podemos ver o quarto de Pilgrim?

— Com os demônios! Nós vamos passar em revista a casa inteira. Quero pegá-los todos em flagrante!

Depois dessa explosão ele virou-se para a porta de saída. Alleyn acompanhou-o e por cima do ombro deu uma olhada para Fox.

— Espere aqui, Mr. Bathgate. Já volto. — Fox saiu do quarto e voltou logo depois. — Fique de guarda aqui na porta, senhor.

Fox entrou com surpreendente rapidez, tirou um vidro do bolso, despejou o líquido do copo dentro dele, fechou-o e depois enrolou o copo com o lenço.

— Agora, senhor, por favor, leve isto para o carro bem depressa.

Quando voltou, Nigel já encontrou o capitão de volta, berrando pelo empregado. Fox chegou e o capitão deixou-se cair numa poltrona, parecendo haver perdido qualquer interesse pelos visitantes. Alleyn dirigiu-se ao empregado.

— Nós somos da polícia e estamos investigando o crime de Bossicote.

Por favor, mostre-nos a garagem.

— Muito bem, senhor.

— Aliás, posso lhe garantir que nada tem a ver com o seu patrão.

O homem pareceu desapontado, mas saiu pela porta da frente.

— A garagem fica um pouco abaixo do nível da rua, senhor.

— Vocês acordam cedo aqui? A que horas se levantam de manhã?

— O café só é servido às dez, senhor. As empregadas devem levantar-se às sete, mas sempre levantam às sete e meia. O capitão e a senhora tomam o café no quarto. Os hóspedes também.

— Mr. Pilgrim e Mr. Seaclyff tomaram café nos quartos?

— Sim, senhor. Ali está a garagem.

Mostrou-lhes uma garagem dupla a uns duzentos metros de distância da rua. O carrinho Morris do capitão ocupava um pequeno espaço.

— Muito espaço aqui, hein? Acho que o carro de Mr. Pilgrim coube aqui muito bem, não foi?

— Isso mesmo, senhor.

— É um bom carro, não acha?

— Uma beleza, senhor. Mas bebe gasolina que não é brincadeira, sabe?

— Não diga! O que faz você pensar assim?

— Bem, senhor. Eu perguntei a Mr. Pilgrim na manhã de sábado se ele tinha gasolina bastante e ele me disse que sim, pois tinha enchido o tanque em Bossicote. Eu aqui faço o papel de mordomo e motorista, senhor. Então, fui olhar no mostrador e vi que ele tinha consumido quinze litros só para vir até aqui. São só vinte quilômetros, senhor. Eu ainda olhei para ver se havia algum vazamento, senhor, mas não encontrei nada errado. É bem estranho, não acha, senhor?

— Concordo com você que é mesmo. Muito obrigado. Acho que é tudo.

— Muito obrigado, senhor — disse ele. Voltaram para o carro e saíram.

— Guardou o copo, Fox?

— Sim, senhor. O líquido também.

— Mas que sorte, hein, Fox? Você se lembra de que Valmai nos disse que Mrs. Pascoe ia viajar no sábado e tinha dado folga às empregadas?

Deus! Foi sorte mesmo!

— Você acha que o líquido é a aspirina dissolvida que Pilgrim preparou para ela?

— Que homenzinho esperto, hein? É isso mesmo, Bathgate. Deve ser. E se o copo só tiver as impressões de Pilgrim, então teremos certeza.

— Vai mandar analisar?

— Claro que vamos, e o mais depressa possível.

— E depois?

— Acho que estaremos então bem perto de uma prisão.

Capítulo XX

A prisão

Eram nove e trinta da noite quando chegou o resultado da análise do líquido, confirmando que continha o correspondente a três comprimidos de aspirina da Bayer. O copo trazia uma nítida impressão dos dedos de Pilgrim.

Quando recebeu o resultado, Alleyn telefonou para seu chefe, com quem teve uma longa conversa, e depois mandou chamar Fox.

Falou com ar de cansaço.

— Ainda há uma coisa de que precisamos ter certeza, Fox. É a posição da luz na pessoa que estava do lado de fora do estúdio. Aquela nossa brincadeira com o barbante não foi suficiente. Precisamos de alguma coisa muito mais positiva, Fox. Temos que voltar a Tatler's End.

— Agora mesmo?

— Acho que sim. Vamos pegar um carro do serviço. Precisaremos dele de manhã. Vamos lá.

Então, pela última vez, Alleyn e Fox dirigiram-se para Tatler's End noite adentro. O relógio da igreja de Bossicote dava meia-noite quando Fox assumiu a sua antiga posição do lado de fora da janela do estúdio. Caía uma chuva fina e a estrada cheirava a mofo das folhas e do capim molhado. As luzes do estúdio estavam acesas e a janela fechada.

Alleyn disse a Fox que iria colocar-se no lugar escuro onde Ethel tinha ficado com o namorado. Foi até lá e voltou logo.

— Fox, o raio de luz que passa pela fresta dá certinho em seu peito.

Acho que estamos na pista certa.

— Parece que sim. E o que fazemos agora, senhor?

— Vamos passar o resto da noite em casa de mamãe. De lá eu telefono para a Yard para mandar o pessoal apanhar-nos em Danes Lodge, bem cedo.

Vamos indo.

— Muito bem, Mr. Alleyn, mas...

— O que é que há, Fox?

— Bem, senhor. Eu estava pensando em Miss Troy. Vai ser bem desagradável para ela, não acha? Estava pensando se não poderíamos fazer alguma coisa...

— Eu sei, Fox. Eu também estava pensando nisso. Só que é bem tarde para chamá-la agora... Ou não será? Eu telefonarei lá de casa. Vamos.

Chegaram quando já era meia-noite e trinta e foram encontrar Lady Alleyn na sua saleta, lendo D. H. Lawrence na frente de um fogo crepitante.

— Boa noite para vocês. Recebi seu recado, Roderick. É um prazer vê-lo novamente, Mr. Fox. Sentem-se.

— Vou telefonar e não demoro.

— Está bem, querido. Sirva-se de uma bebida, Mr. Fox. Veja ali o que quer e depois venha me contar se já leu alguma coisa deste homem infeliz.

Fox espetou os óculos no nariz e gravemente estudou o aspecto externo de *As cartas de D. H. Lawrence*.

— Acho que nunca li, minha senhora, mas creio que me lembro de havermos feito alguma coisa com uma exposição de quadros desse senhor, uns anos atrás. Parece que era coisa que estava muito na moda...

— Sim, eu sei dos quadros. E o que achou deles?

— Eu já não me lembro bem, sabe. Acho que estavam bem enquadrados na lei, mas as cores eram bem bonitas. Acho que não ia gostar das figuras, minha senhora.

— E por que não? Parece que o pobre coitado nunca chegou a encontrar o seu centro de gravidade. Algumas dessas cartas são sábias, outras são encantadoras, mas há algumas verdadeiramente maçantes. Todas aquelas divindades negróides a pulular no seu interior! A gente chega a ficar com pena da mulher dele, mas ela parecia compreendê-lo bem. Já escolheu o que quer? Está satisfeito com o andamento do caso?

— Já, sim, senhora. Obrigado. O caso está indo bem.

— Então vão prender alguém amanhã pela manhã? Foi o que pensei. Eu sempre sei pelas maneiras de meu filho quando ele vai efetuar a prisão. Vejo logo no seu rosto.

— E a pessoa que ele prende também vê, minha senhora. Fox ficou tão satisfeito com o seu gracejo que se sacudiu todo de riso.

— Roderick! Mr. Fox está fazendo caçoada de sua mãe!

— Tem que ser muito sabido para conseguir isso. Mamãe, convidei Miss Agatha Troy para vir almoçar com a senhora amanhã. Ela disse que vem.

Está bem para a senhora? Eu não estarei aqui.

— Mas é uma alegria para mim, meu filho. Ela será uma companhia encantadora para mim e para Mr. Bathgate.

— Mas que diabo...

— Ele vai amanhã até sua casa para ver sua mulher e perguntou se poderia chegar até aqui.

— Mas está a uns sessenta quilômetros fora do caminho desse velho perdigueiro...

— Está mesmo, querido? Quando eu lhe disse que você estaria aqui, ele disse que viria logo depois do café da manhã.

— Ora, mamãe... Bem, acho que não tem outro jeito. Ele tem bastante educação, mas creio que lhe passou a perna, sabe?

— De qualquer forma é isso mesmo o que ele está pensando. E agora, querido, já que você vai prender alguém logo de manhã, não acha que é melhor deitar-se cedo para dormir bem?

— Fox disse isso?

— Nada disso, meu filho. Mr. Fox foi a descrição em pessoa, Roderick.

— Então como foi que a senhora descobriu que eu ia prender alguém?

— Pois você não está acabando de dizer-me, seu tolinho? Agora vá andando para a cama.

Às dez horas da manhã dois carros da polícia chegaram a Tatler's End acompanhados por Bathgate em seu Austin, e ele reparou, satisfeito, já estarem ali uns rapazes de outros jornais que, evidentemente, tinham sido barrados pelos policiais. Alleyn dera-lhe um cartão de admissão com a única condição de ele se comportar discretamente e não trazer fotografos. Não tinha permissão para entrar na casa, e assim a sua vantagem sobre os outros não era muito grande, afinal de contas.

Os três carros pararam na entrada da casa. Alleyn, Fox e dois detetives subiram pela porta da frente. Nigel, no seu Austin, colocou-se em posição estratégica. Alleyn olhou para ele e depois voltou-se, pois o mordomo de Troy estava abrindo a porta, e parecia bem nervoso.

— Por aqui, por favor — disse ele indicando-lhes a biblioteca. A lareira estava acesa e aquilo emprestava ao ambiente um agradável ar familiar que dava a Alleyn a impressão de estar ali numa outra missão bem diferente.

— Quer fazer o favor de avisar Miss Troy de que nós estamos aqui? Eu acho, Fox, se você me dá licença...

— Certamente, senhor. Nós esperamos no salão. Troy entrou.

— Bom dia. Julguei que seria preferível conversarmos primeiro antes de prosseguirmos. — Alleyn falava com um sorriso nos lábios que contradizia a formalidade de suas palavras.

— Pois não.

— A senhora já percebeu, pelo que eu lhe disse ontem à noite pelo telefone, que este caso pode ser encerrado hoje no que diz respeito à ação da polícia.

— Então vão efetuar uma prisão, não é isto?

— Acho que é bem provável. Tudo depende da entrevista que esperamos ter dentro em pouco. Esta semana foi abominável para a senhora. Sinto muito que tenha sido obrigado a deter todo mundo aqui com guardas na sua porta e toda essa trapalhada. Estava, em parte, cuidando de seus interesses também. A casa teria sido invadida pela imprensa.

— Eu sei.

— Quer que eu lhe diga...

— Eu creio que sei...

— Acha que *sabe?!*

— Isso mesmo. Na noite passada eu estive vendo comigo mesma qual das pessoas poderia ter sido capaz desse crime, considerando tudo o que eu sabia a respeito de cada um. Só encontrei uma pessoa, uma única pessoa, que não me pareceu absurdo ter de considerar culpada. Não compreendo bem por quê, nem mesmo encontro um motivo, mas creio que estou certa. Acho que instinto feminino é uma expressão que eu realmente abomino...

— Mas isso depende um pouco de quem seja a mulher...

— É possível que realmente dependa... — disse Troy corando inesperadamente. — Vou lhe dizer quem é... — E disse-lhe quem era.

— E já posso ver que, desta vez, o instinto feminino não falhou.

— É tão horrível...

— Estou satisfeito de que tenha decidido ir almoçar com minha mãe.

Será mais fácil afastar-se de tudo agora mesmo. Ela me pediu para dizer-lhe que gostaria muito se você chegasse bem cedo. Acho que o melhor é pegar o seu carro e seguir já.

Troy levantou o rosto com ar decidido.

— Muito obrigada, mas não vou desertar...

— Mas isto não é uma questão de deserção...

— Afinal de contas, isto aqui é o *meu* navio...

— Claro que é, mas não está indo ao fundo e, infelizmente, você nada pode fazer nesta miserável trapalhada. Talvez venha a ser bem desagradável.

Eu, no seu lugar, desembarcaria.

— É muita bondade sua pensar em mim, mas, por mais ilógico que pareça, eu teria a impressão de ter fracassado de uma certa forma se saísse antes de... antes de você. Também devo pensar nos meus alunos. Deve compreender isso, não é? E mesmo... mesmo Pilgrim...

— Não pode fazer nada por ele... Ela ficou muito zangada. — Muito bem. Então eu ficarei para não fazer nada por ninguém.

— Por favor, não fique furiosa comigo. Fique então, mas com os seus alunos.

— Eu não vou atrapalhar ninguém.

— Você sabe perfeitamente que desde que a conheci você não tem feito outra coisa senão atrapalhar-me. Tornou a minha obrigação duplamente mais difícil porque se apoderou de meus pensamentos e de meu coração. E agora pode ir para os seus alunos para pensar bem nisto. Eu quero falar com Pilgrim, por favor.

Troy ficou olhando muito tonta para ele. Depois mordeu os lábios e Alleyn viu que seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Oh, meu Deus! Mas que inferno, querida.

— Está bem. Eu vou. Cale-se — murmurou ela saindo. Fox entrou.

— Muito bem, diga-lhe que tragam Pilgrim e venham. Fox falou com alguém lá fora e veio ficar com Alleyn junto à lareira.

— Temos que ir com cuidado, Fox. Ele pode nos causar dificuldades.

— Também acho, senhor. Esperaram em silêncio até que Pilgrim entrou com um dos detetives. O outro vinha atrás e ficou na porta.

— Bom dia, Mr. Alleyn.

— Bom dia, Mr. Pilgrim. Nós queremos esclarecer um ou dois pontos referentes ao seu depoimento anterior e nossas subseqüentes investigações.

— Perfeitamente. Alleyn consultou as anotações.

— Qual é o consumo de gasolina de seu carro?

— Quatro quilômetros por litro.

— Tem certeza?

— Bem, pode fazer um pouco mais em estrada batida.

— Muito bem. Agora, por favor, vamos voltar à noite de sexta-feira durante a sua visita ao Capitão Pascoe. Lembra-se do que houve quando o café foi servido?

— Claro que lembro, pois estava no saguão.

Ele olhava para Alleyn e para Fox com aquele jeito curioso que tinha de virar a cabeça.

— Pode nos contar quem encheu as xícaras e quem distribuiu o café?

— Creio que posso. Mas não vejo o que isso possa ter a ver com Sônia ou com Garcia... Quer se referir ao fato de o café de Vai estar amargo? O meu também estava. Demais.

— Gostaríamos de saber quem serviu o café nas xícaras.

— Foi a mulher do capitão.

— E quem distribuiu a cada um?

— Bem... fui eu.

— Esplêndido. Pode lembrar-se em que ordem foi servido?

— Não tenho bem certeza. Espere, acho que lembro. Levei o meu e o de Vai para onde ela estava sentada e reparei que Pascoe ainda não tinha o seu e levei um para ele. A senhora serviu-se sozinha. Depois voltei para sentar-me junto de Vai e bebemos o café.

— Os dois beberam café simples?

— Sim, senhor.
— Com açúcar?
— Com açúcar.
— E quem pôs o açúcar no café?
— Meu Deus! Não sei. Creio que fui eu.
— Não disse que seu café estava amargo, não é?
— Eu não quis dizer. Olhei para Vai e fiz uma careta e ela compreendeu.

Aí então ela falou "Sybil, querida, seu café está horrível". — Pilgrim deu uma risadinha. — Bem, Sybil ficou assim um pouco encabulada, acho eu.

Vai é sempre terrivelmente direta. Os dois apelaram para mim e eu... bem, eu apenas disse que o café não estava como seria de esperar. Fiquei bem encabulado.

— Deve ter ficado mesmo. Mais tarde, quando Miss Seacliff queixou-se de que não estava bem, o senhor deu-lhe aspirina, não foi?

— Dei, sim. Por quê? — Parecia bem surpreso.
— O vidro de aspirina estava no seu bolso?
— O que pretende dizer com isso? Eu fui lá em cima buscá-lo na minha mala. Olhe aqui, aonde é que quer chegar?

— Por favor, Mr. Pilgrim. Vamos esclarecer bem isso. Quando foi que o senhor realmente deu a aspirina a Miss Seacliff?

— Quando ela foi para a cama. Já disse que fui buscá-la na minha mala e dei-lhe três comprimidos.

— E ela tomou?
— Não tomou logo. Fomos vê-la mais tarde quando já estava deitada e ela disse que não conseguia engolir comprimidos, e eu então os dissolvi em um pouco de água, deixando o copo na mesa-de-cabeceira ao seu lado.

— E viu quando ela bebeu?

— Não. Já lhe disse, inspetor, que deixei na sua mesa-de-cabeceira.

— Bem. Já entendi. Onde está o vidro?

— Que vidro? O da aspirina? Não sei. Creio que está lá em cima no meu quarto.

— Depois que saiu do quarto de Miss Seacliff na noite de sexta-feira, aonde foi o senhor?

— Tomei um drinque com Pascoe e depois fui para a cama.

— Levantou-se durante a noite?

— Não.

— Dormiu um sono só a noite inteira?

— Como uma pedra.

Ele já não estava mais inquieto. Olhava firme para Alleyn e estava muito pálido.

— Estranho que tivesse dormido tão profundamente. Houve uma grande tempestade naquela noite — mentiu Alleyn —, relâmpagos, portas batendo.

Criadas correndo. Não ouviu nada?

Pilgrim pensou um pouco antes de responder.

— Realmente foi estranho, mas eu dormi profundamente naquela noite.

Eu sempre durmo bem, mas naquela noite mergulhei num sono bem mais profundo. Acho que foi devido a ter abusado um pouco do Courvoisier 1875 de Pascoe.

— Muito bem. Agora, Mr. Pilgrim, quero que olhe para isto aqui, por favor.

Fez sinal para um dos homens, que trouxe um embrulho em papel pardo, abriu-o e tirou lá de dentro uma peça bem estragada.

— Ora essa! É a capa velha que tenho no carro. Que diabo está fazendo com ela, Mr. Alleyn?

— Quero que me diga quando fez esse furo que tem aí na manga. Está vendo ali?

— Eu não sei. Por que diabo deveria saber? Já tenho essa porcaria há tantos anos. Ela nunca sai do carro. É para eu enfiar-me embaixo dele. Deve ser uma queimadura de cigarro.

— É uma queimadura de ácido.

— De ácido? Que tolice! Isto é, como poderia ser de ácido?

— É o que nós gostaríamos que o senhor nos explicasse.

— É, mas acho que não posso. Considerando o tempo que isso já tem, é bem possível que tenha sido ácido velho...

— Mas esta mancha é recente.

— É mesmo? Muito bem, e daí?

— Poderia ser ácido nítrico?

— E por quê?

— O senhor trabalha em gravuras, Mr. Pilgrim?

— Trabalho, sim, mas não com esta capa, que é só para o automóvel.

Olhe aqui, Mr. Alleyn...

— Quer ver nos bolsos?

Pilgrim enfiou a mão num dos bolsos e tirou um par de luvas.

— Se olhar nas costas da luva da mão direita, o senhor vai encontrar, entre todas as manchas de óleo, uma marca bem pequenina. Olhe ali, por favor. É muito pequena mesmo, mas também foi feita pelo ácido. Pode explicar como foi?

— Falando com toda a franqueza, não posso, não. As luvas ficam sempre aí no bolso. Tudo poderia lhes acontecer.

— E o senhor alguma vez emprestou esta capa a alguém? Mais alguém já usou estas luvas?

— Eu não sei. É bem possível. — Levantou os olhos rapidamente e tinha uma expressão aterrorizada. — Acho que é bem provável que eu tenha emprestado. Talvez algum empregado de oficina a tenha usado alguma vez.

Seria fácil. Também pode ser ácido de bateria...

— O senhor alguma vez a emprestou a Miss Seacliff, por exemplo?

— Nunca.

— É uma velha capa marca Burberry, não é?

— É, sim.

— Então o senhor não a emprestou para ela talvez andar em casa de seu pai durante o fim de semana, lá em Ankerton?

— Deus do céu! Nada disso. Valmai tem lindas roupas de montar...

— E nem mesmo as luvas? Pilgrim conseguiu dar uma risada.

— Estas luvas? Pois eu acabei de dar-lhe seis pares de luvas de cor que ela diz ser a última moda. Ela ficou tão contente que chegou a almoçar com luvas roxas e jantar com outras escarlate.

— E nem mesmo para montar?

— Ela tem suas luvas de montar. Mas, afinal, o que é isso?

— Ela monta muito bem, não é?

— Tão bem quanto as melhores amazonas.

— E qual foi o cavalo que ela montou?

— Foi um dos que monto para caçar.

— Com crina e rabo aparados?

— Isso mesmo.

— Olhe bem dentro da luva do lado direito. Na base do dedo mínimo.

Está vendo uma mancha de sangue?

— Estou vendo uma manchinha...

— Já foi analisada. É de sangue. Lembra-se de ter cortado recentemente seu dedo mínimo, ou mesmo arranhado?

— Eu... sim... acho que arranhei...

— Como foi que aconteceu?

— Já não me lembro. Acho que foi lá em casa de meu pai. Foi um espinho ou coisa assim...

— Então o senhor estava com estas luvas na ocasião?

— Acho que estava, sim.

— Pensei que o senhor me houvesse dito que as luvas ficavam sempre no carro.

— Acho que é um absurdo continuar com isto. Creio que vou recusar-me a responder...

— O senhor está perfeitamente dentro de seus direitos fazendo isso. Fox, peça a Miss Seacliff que tenha a bondade de vir até aqui. Muito obrigado, Mr. Pilgrim. Queira esperar lá fora, sim?

— Não. Eu vou ficar para ver o que vão dizer a ela. Alleyn hesitou um pouco, mas afinal concordou. Escondeu a capa e as luvas atrás da mesa.

Valmai Seacliff entrou de pantalonas pretas e suéter magenta. Fez, como sempre, uma boa entrada, fechando a porta por onde entrara e encostando-se nela por um momento, enquanto olhava os homens.

— Alô! Mais investigações? O que há com você, Basil? Está parecendo que matou alguém.

Pilgrim não respondeu. Alleyn tomou a palavra.

— Mandei chamá-la, Miss Seacliff, para ver se pode ajudar-nos.

— Mas eu adoraria ajudá-lo, Mr. Alleyn.

— A senhorita bebeu a solução de aspirina que Mr. Pilgrim preparou para você na noite de sexta-feira?

— Não bebi toda. Estava muito amarga.

— Mas a senhorita disse antes que tinha bebido.

— Pois então! Eu bebi um pouquinho. Dormi bem sem ela.

— Como está o corte na sua mão?

— O... Ah, sim, está quase bom.

— Quer me deixar ver?

Ela estendeu a mão com o mesmo gesto que já usara na noite de segunda-feira, mas agora os seus dedos tremiam. Na base do dedo mínimo ainda se via um arranhãozinho vermelho.

— O que é isto? — gritou Pilgrim levantando-se. — Valmai, não responda mais nada. Não responda!

— Mas por que não, Basil?

— A senhorita me disse que o corte tinha sido na crina do cavalo...

— Não, Mr. Alleyn. Foi o senhor quem me disse isso.

— Mas a senhorita aceitou a explicação, não foi?

— Foi mesmo?

— E como explica agora o corte em sua mão?

— Foi nas rédeas...

— Mr. Pilgrim, será que o senhor viu esse corte na noite de sábado?

Devia estar bem aberto, então.

— Eu não vi a mão dela porque estava enluvada.

— Durante todo o jantar?

— Luvas escarlate. Estavam lindas, não estavam, Basil?

— Lembra-se que na noite de segunda-feira a senhorita disse-me que não tinha pretensões a ser uma boa cavaleira?

— Modéstia, Mr. Alleyn...

Alleyn voltou-se, foi até atrás da mesa e abaixou-se para num instante levantar-se com a velha capa e as luvas, que colocou em cima da mesa.

— Já viu isto antes?

— ... Bem, não sei... Ah, "sim. São de Basil, não são?

— Chegue até aqui para ver.

Ela caminhou devagar até a mesa e olhou para a capa e as luvas. Alleyn apanhou a manga da capa e sem falar apontou com o dedo para o furo de ácido no punho. Levantou a gola e apontou para uma mancha esbranquiçada.

Largou a capa, apanhou a luva da mão direita e virou-a do avesso. Apontou para a manchinha na base do dedo mínimo. Tudo isso sem falar. E foi Pilgrim quem quebrou o silêncio.

— Eu não sei o que ele está querendo, Vai, mas você nunca usou isto. Eu sei que nunca usou. Já lhe disse. Posso jurar... posso jurar que você nunca usou isto. Eu *sei* que nunca usou...

— Você, seu idiota! — gritou ela. — Idiota!

— Valmai Seacliff, prendo-a pelo assassinato de Wolf Garcia em...

Capítulo XXI

Epílogo no jardim

Troy estava sentada em cima de um tapete no meio da grama do jardim de rosas de Lady Alleyn, e seu filho, de pé, olhava para ela.

— Como viram, foi um crime nojento e muito mal planejado. Parecia muito complicado, mas pode ser resumido numa simples narrativa. Já não tínhamos dúvidas, depois da noite de segunda-feira, de que Garcia preparara a armadilha para Sônia. Ele deixou suas impressões no pote do ópio, o que mostra que preparou mais uma dose além da que lhe deu Malmsley. Devia estar num estado de recuperação parcial com uma espécie de exaltação quando teve a idéia de espetar a faca no trono. O motivo era que Sônia o estava perseguindo para que se casassem. Ela estava grávida e não lhe dava tréguas. Ele já tinha esgotado todos os encantos dela e também suas possibilidades como instrumento para suas chantagens, e já não agüentava mais a sua persistência. Ela tornou-se um empecilho para seu trabalho.

Provavelmente ameaçou processá-lo para exigir que ele a sustentasse.

Ameaçou-o também com escândalos de toda espécie. O ópio sugeriu-lhe uma saída para tudo aquilo, simples, bela e macabra. Estive com Bobbie O'Dawne, uma corista amiga de Sônia, hoje de manhã depois da prisão, e consegui dela uma história completa das

chantagens. Sônia e Garcia estavam juntos na brincadeira. Sônia atacou Pilgrim, ameaçando ir contar a seu pai metodista que o filho era dele. Não era, mas não fazia diferença. Basil caiu no conto e ela entregou o dinheiro a Garcia. Nós encontramos um bilhete de Garcia para Valmai no qual simplesmente lhe dizia que tinha comprado tintas na casa onde ela comprava e tinha mandado debitar na conta dela. As palavras no bilhete davam a impressão de existir algum domínio dele sobre ela, e quando estive com Bobbie da primeira vez percebi que ela sabia alguma coisa. Ela depois contou a Bathgate que Sônia lhe dissera que Garcia mataria as duas se elas abrissem a boca. Quando Sônia morreu, ela ficou convencida de que tinha sido Garcia e que ela seria a próxima vítima se não andasse direitinho. Agora que ele está morto e Valmai presa, Bobbie só pensa em aparecer em manchetes de primeira página, e disse-me hoje que estava a par de toda a história. Garcia estava chantageando Valmai também.

Estava ameaçando ir contar a Basil que ela já fora sua amante. Dizia que iria contar ao lorde metodista sobre as orgias que tinham lugar no estúdio, e que a fúria do velho liquidaria Seacliff. Garcia planejou tudo com Sônia. Ela tinha que explorar Pilgrim enquanto ele se encarregava de Valmai. Ele entrou logo em campo, mas Valmai não caiu. Ele tinha feito alguns nus dela que ameaçava enviar para o velho, e Sônia estava preparada para chantageá-la também. Finalmente Valmai, apavorada com a idéia de perder Pilgrim, concordou em encontrar-se com Garcia no estúdio, na noite de sexta-feira, quando todos estavam fora, para discutir sobre o pagamento. Tudo isso Garcia contou a Sônia, que transmitiu a Bobbie, fazendo-a jurar segredo.

Bobbie estava apavorada com Garcia, e por isso não me contou nada, e também acho que ela, sinceramente, não queria quebrar seu juramento. Tem lá o seu código de honra e prende-se a ele, mas nós, naturalmente, sem essa prova não encontrávamos motivo algum para Valmai.

— Quando foi que começou a suspeitar dela?

— Eu não tinha certeza até que percebi que o assassino de Garcia o segurara pelos cabelos por trás da cadeira e que ele se debatera muito.

Lembrei-me então do corte na mão dela, o qual me mostrou quando viu que eu estava olhando muito para ele, e contou então que tinha se machucado nas rédeas do cavalo. Mas vamos voltar um pouco. Do momento em que soubemos que fora Valmai quem apertara o modelo, chegamos à conclusão de que seria preciso vigiá-la bem de perto.

— Mas eu não compreendo... você disse que foi Garcia quem preparou a armadilha...

— Foi, sim, mas Valmai ficou olhando do lado de fora por uma fresta que há na janela.

— Valmai!

— Ela mesma. Tinha colocado três aspirinas no café de Pilgrim para que ele dormisse profundamente. Quando percebeu que ele estava achando o café ruim, pela careta que fez para ela, recorreu então ao truque de reclamar também do seu. Fingiu a dor de cabeça para que todos se recolhessem cedo.

Foi então até a garagem, vestindo calças e suéter, enfiou a velha capa de Pilgrim e as luvas e voltou ao estúdio, onde chegou por volta de meia-noite com a intenção de discutir a chantagem com Garcia. Foi aí que Phillida ouviu Garcia discutindo com Sônia. Sônia contou a Bobbie e ela me contou hoje de manhã. Mas é preciso que se lembrem que até esta manhã Bobbie só tinha nos contado o que nós já sabíamos. Eu estou contando tudo da forma mais completa possível. Valmai chegou ao estúdio numa tentativa desesperada para satisfazer Garcia. Deve ter deixado o carro na passagem e foi até lá a pé. Sua empregada e o namorado, que voltavam do cinema, viram a silhueta de um homem pequeno fora da janela do estúdio, aparentemente olhando pela fresta. Estava com uma capa de chuva

com a gola levantada. O raio de luz batia no gorro que lhe ocultava o rosto. Garcia e Pilgrim eram altos demais, e a luz só lhes chegaria até o peito. Malmsley também. Valmai era a única com a altura certa. Quando encontramos a capa de Pilgrim no carro, logo reparamos numas manchas brancas que pareciam talco, e sentimos também o perfume de Valmai. Era uma capa tão suja que não se podia imaginar que ele a abraçasse enfiado nela. Quando olhamos a luva, vimos a mancha de sangue que correspondia ao corte em sua mão. Mas isso só surgiu depois que encontramos Garcia. Nós acreditamos que ela realmente viu pela fresta quando Garcia preparou a armadilha e resolveu ficar calada. Eu creio que ela entrou, encheu-o de uísque e depois ofereceu-se para levá-lo até Londres.

Você me disse que ele também trabalhava em gravura...

— Isso mesmo. Tinha preparado uma chapa alguns dias antes.

— Então talvez ele tenha resolvido levar o ácido para terminar...

Então ela retirou sua camioneta e encostou-a na janela em marcha à ré. Ninguém iria estranhar se ouvisse barulho de carro na estrada. Há uma ligeira descida e ela poderia ter deslizado o carro para dar a partida sem fazer barulho com o arranque. Malmsley já tinha ajudado Garcia a aprontar tudo. Era preciso apenas abrir a janela e empurrar tudo para dentro da camioneta. Na caixa estava o endereço, mas acho que ele já lhe tinha explicado bem onde era, pois ela mesma contou aquela história do mapa. A intenção dele, provavelmente, era que ela fosse procurá-lo lá para os pagamentos da chantagem. Ela cometeu um outro engano interessante a esse respeito.

Lembra-se de quando disse que tinha uma recordação do endereço do armazém por causa de uma observação que alguém fez na hora do café a respeito de Holloway? Ela então contou-nos que, logo ao ouvir a palavra Holloway, lembrara que Garcia dissera que o armazém ficava perto de uma prisão e que ela lhe dissera para ter cuidado, pois poderia acabar lá dentro.

Holloway é uma prisão para mulheres. Aquela piada sem graça não teria sido tão sem graça se o lugar tivesse sido Brixton e não Holloway. Dando-nos esse último endereço ela estava nos enviando para uma área diametralmente oposta, onde iríamos nos perder. Eu imaginei que talvez ela não estivesse enganada e decidi-me por Brixton, e foi mesmo um golpe de sorte. O ferimento de sua mão foi quando segurou Garcia pelos cabelos. Acha que já chega, Troy?

— Não, quero saber de tudo.

— Não há muito mais. Ela levou Garcia até lá, e as chaves já estavam com ele. Matou-o ali porque estava firmemente decidida a casar-se com Pilgrim para tornar-se rica e ter um título, e porque Garcia podia estragar todos os seus planos. É uma egomaníaca. Ela levou a camioneta de volta para a sua garagem e retornou à casa de Pascoe no carro de Pilgrim. Àquela altura, poderia facilmente fazer tudo em uma hora e meia. Mesmo que se enganasse no caminho, ainda assim tinha tempo de sobra para chegar antes de os empregados acordarem.

— E por que não achou que fosse Pilgrim?

— Claro que eu pensei nele. Depois de havermos verificado todos os álibis, parecia-me que os mais prováveis mesmo eram os dois, Valmai e Pilgrim. Cheguei até a pensar que ele a tivesse drogado, até que a peguei nas mentiras do corte na mão, do endereço e de suas qualidades como cavaleira.

Além de tudo, ainda havia o talco e o perfume na capa. Ela disse que tinha tomado as aspirinas e nós sabíamos que não tinha. Descobrimos que ela tinha aspirinas quando fora a Boxover, e por que então iria mentir dizendo que não tinha? Mas, acima de tudo, qual poderia ser a razão para Pilgrim matar Garcia? Garcia estava atrás de Valmai e não dele. Não. Tudo apontava para ela. Ela mentira onde alguém inocente nunca mentiria. E termino como comecei. Não acredito que uma pessoa inocente tivesse continuado a apertar Sônia depois de ela ter dado o primeiro grito. Nunca poderia ter deixado

de notar os primeiros espasmos convulsos. Matou Sônia sabendo que a faca estava ali, e matou também Garcia com o mesmo sangue-frio.

— Acha que vão considerá-la culpada?

— Eu não sei, Troy. Seu comportamento por ocasião da prisão foi bastante comprometedor. Voltou-se contra Pilgrim como uma fera porque ele continuava a dizer que jurava não haver ela jamais vestido aquela capa.

Se ele tivesse dito que ela costumava usá-la, metade de nosso caso teria ido por água abaixo.

Alleyn ficou silencioso algum tempo e depois ajoelhou-se no tapete ao lado dela.

— Será que tudo isso lhe fez muita diferença? Vai ser preciso muito tempo para esquecer toda a tragédia?

— Eu não sei. Foi um choque bem grande para mim, para todos nós.

— Para Pilgrim, sim. Os outros em muito pouco tempo já estarão usando tudo para assunto nas conversas ao jantar. Menos você.

— Acho que ainda estou espantada. Não é que gostasse muito de nenhum deles. É apenas o sentimento de vingança que pairava aqui em casa.

É inquietante lembrarmos quais poderiam ter sido os pensamentos de Valmai na última semana. Quase sinto necessidade de mandar chamar um padre para benzer e insensar a casa toda. E agora fico pensando no julgamento sem saber o que fazer. Eu me sinto... me sinto...

Voltou-se desesperada e caiu nos braços de Alleyn.

— Não, não. Eu não devo... Você não deve pensar que...

— Eu sei.

Alleyn tinha-a em seus braços e sentia o coração dela bater junto com o seu. Tudo em torno dele, as árvores, a terra em que pisava, as nuvens no tranqüilo céu de outono, tudo aquilo se levantava como

brilhantes imagens no seu espírito, para logo desaparecer numa onda de exaltação. Eles dois estavam sós no mundo. E com aquele momento de supremacia diante dele veio-lhe a plena certeza de que não devia aproveitá-lo. Sabia com convicção que teria de deixar passar o seu momento. Ouviu a voz de Troy e inclinou a cabeça.

— ...você não deve pensar que só porque eu me volto para você...

— Está bem. Eu a amo e sei disso. Não se preocupe. Durante algum tempo os dois ficaram silenciosos. Finalmente, foi Alleyn quem falou.

— Quer que eu lhe diga o que penso? Acho que se tivéssemos nos encontrado em condições diferentes, talvez você me tivesse amado. Mas tudo isso que aconteceu prejudicou sua opinião a meu respeito. Existe uma triste associação de intromissão horrível e fria. Bem, talvez não seja tão ruim assim, mas o fato é que minha profissão parece separar-nos. Sabe que logo no princípio cheguei a pensar que você me detestava? Você era tão abespinhada. Depois comecei a ter alguma esperança. Não chore, minha querida Troy. Este é para mim um grande momento. Não creia que eu não esteja compreendendo. Você quase chegou a amar-me, não é? — E pela primeira vez sua voz tremia.

— Quase...

— Então ainda me resta uma esperança...

FIM